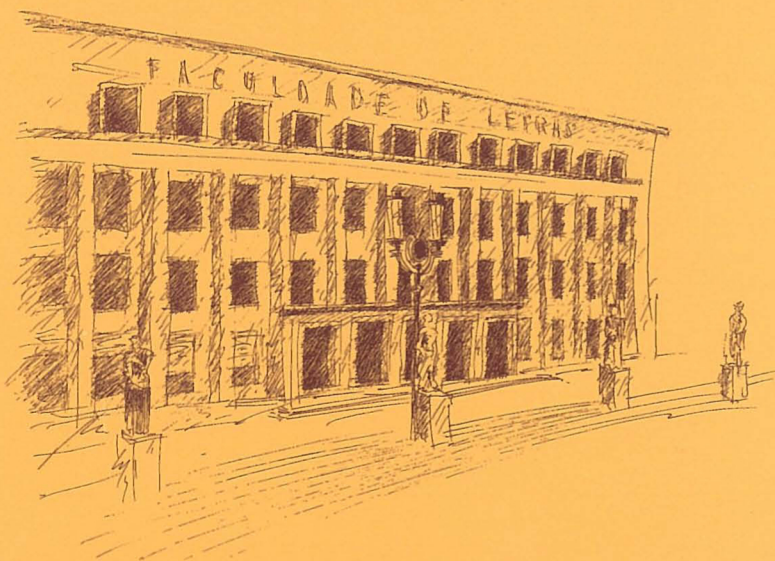


DELFIN F. LEÃO  
Coordenação

# Instituto de Estudos Clássicos

## Um Passado com Futuro

*60 anos de actividade  
científica, pedagógica e cultural*



Coimbra  
Imprensa  
da Universidade  
2005



Fundação Eng. António de Almeida

(Página deixada propositadamente em branco)

DELFIN F. LEÃO  
Coordenação

# Instituto de Estudos Clássicos

## Um Passado com Futuro

*60 anos de actividade  
científica, pedagógica e cultural*



Coimbra  
Imprensa  
da Universidade  
2005



Fundação Eng. António de Almeida

**Coordenação editorial**

Imprensa da Universidade de Coimbra

**Concepção gráfica**

António Barros

**Execução gráfica**

Imprensa de Coimbra, Lda  
Couraça dos Apóstolos, 126  
3000-372 Coimbra

**ISBN**

972-8704-44-5

**ISBN Digital**

978-989-26-0427-5

**DOI**

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0427-5>

**Depósito Legal**

224950/05

© 2005, Imprensa da Universidade de Coimbra

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

## ÍNDICE

A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA .....	5
Delfim F. Leão	
OS SESSENTA ANOS DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS: PAUSA PARA REFLEXÃO .....	9
M. H. da Rocha Pereira	
SESSÃO INAUGURAL DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS .....	23
F. Rebelo Gonçalves	
CORPO DOCENTE DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS (1944- -2004) .....	33
ORAÇÕES DE SAPIÊNCIA POR MEMBROS DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS .....	73
AS HUMANIDADES CLÁSSICAS E A UNIVERSIDADE DE COIMBRA .....	75
Francisco Rebelo Gonçalves	
OS ESTUDOS DE CAMÕES .....	95
Américo da Costa Ramalho	
NOS ALVORES DA CULTURA EUROPEIA: OS POEMAS HOMÉRICOS .....	115
Maria Helena da Rocha Pereira	
O LATIM MEDIEVAL EM PORTUGAL: LÍNGUA E LITERATURA .....	135
José Geraldês Freire	
SESENTA ANOS DE ACTIVIDADE CIENTÍFICA, PEDAGÓGICA E CULTURAL .	187
PUBLICAÇÕES .....	271
ANEXO FOTOBIOGRÁFICO.....	283

(Página deixada propositadamente em branco)

## A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA

No prefácio da sua obra, Heródoto, a quem Cícero haveria de chamar *pater historiae*, usa precisamente a palavra *historia* para caracterizar o relato que se preparava para iniciar. O termo – que tanta fortuna iria conhecer no futuro – designava naquele contexto a “exposição das informações” resultantes de um processo de indagação dos acontecimentos, onde a observação directa dos eventos narrados detinha ainda um papel importante. As razões que lhe justificavam a preocupação em registar feitos pretéritos vêm referidas logo a seguir: zelar pela preservação de acontecimentos passados; tributar a devida homenagem a quem se distinguiu pelas suas empresas; conhecer a causa dos eventos referidos. E tudo isto permeado pela afirmação discreta da imparcialidade no juízo.

Numa altura em que o Instituto de Estudos Clássicos celebra os sessenta anos de existência, as palavras de Heródoto voltam a soar com toda a limpidez e sentido de oportunidade, pela forma como recordam o dever que cada geração tem de garantir a preservação da memória dos acontecimentos que mais a marcaram. No caso concreto do Instituto de Estudos Clássicos, essa memória próxima abarca já três gerações, mas continuamos a ter a fortuna de poder testar quase todas as informações junto de verdadeiros *hombres*, na aceção de testemunhas directas dos acontecimentos narrados. E mesmo que a imparcialidade não seja total (pois todo o registo implica uma triagem da informação com alguma dose de subjectividade), continua a levar-se vantagem sobre a frígida indiferença do mármore partido.

Foi desta consciência que decorreu a ideia de elaborar o presente livro, o qual gostaríamos que constituísse uma evocação das pessoas e dos eventos que ajudaram a dar ânimo a um sector específico da vida universitária, mas

também que foram construindo, com dedicação e empenho, a escola dos Estudos Clássicos em Coimbra. Para os mestres que trilharam todo este longo trajecto, o trabalho foi imenso – e o nosso reconhecimento só pode ser ainda maior, pelas condições que criaram para os que agora iniciam a sua actividade. Mas a estes é lançado um desafio não menor: o de zelar pela manutenção e enriquecimento de um importante legado, numa altura em que o contexto se afigura particularmente desfavorável às Humanidades. Ora houve precisamente dois sentimentos que o subscritor destas linhas foi experimentando com acuidade crescente, à medida que o volume ia ganhando forma. Por um lado, a constatação de que a modéstia não deve andar arredada dos nossos horizontes na altura de imaginar novos projectos e inovadoras estratégias, pois, antes de nós, já outros ensaiaram caminhos idênticos e com empenho nada inferior; por outro, a grata constatação de que a esperança constitui um bem que vale a pena cultivar em situações adversas, pois o tempo sempre acaba por recompensar a dedicação.

O livro que agora se apresenta é, antes de mais, produto do empenho do Instituto de Estudos Clássicos no seu todo – professores, estudantes e funcionários –, pela forma como todas estas forças se conjugaram para tornar possível esta publicação nos moldes em que se dá a conhecer. No entanto, seria também incorrecto não evocar, neste momento, as pessoas que, de maneira mais directa e objectiva, dispuseram do seu tempo durante meses para a tarefa ingrata de reunir e seleccionar material muito disperso, antes de se lograr atingir a versão final. Encontra-se neste caso a Dra. Carla Rosa, responsável, em particular, pelo primeiro e difícil tratamento dos dados relativos às actividades e publicações destes sessenta anos de trabalho; o mesmo acontece com a Dra. Zélia Sampaio Ventura, desde logo entusiasta desta iniciativa que repetidas vezes marcou com a sua reconhecida sensibilidade. À Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira – verdadeiro ícone da persistência da memória – é devido também um agradecimento especial, não só por ter acedido a reflectir sobre os sessenta anos de vida do Instituto, facultando uma inestimável chave de leitura da sua história, mas também pela forma atenta e dedicada como ponderou, numa fase preliminar, vários dos documentos agora publicados, ajudando, assim, a melhorar grandemente a qualidade da informação disponibilizada.

A edição deste livro comemorativo foi acompanhada pela publicação de um catálogo a que demos o nome de *Fundo Especial Bibliográfico do Insti-*



*tuto de Estudos Clássicos*. Trata-se de um fundo aberto, que não cabe totalmente na designação técnica de livro antigo, mas que procura descrever e dar a conhecer ao público em geral duzentos e sessenta títulos que poderão revestir-se de um interesse particular, seja pela sua anciania, raridade ou até mesmo pelas circunstâncias peculiares que acompanharam a sua atribuição à biblioteca do Instituto. A elaboração deste catálogo é o corolário natural de todo o esforço de catalogação desenvolvido pela bibliotecária do Instituto, com o apoio determinante dos auxiliares de investigação disponibilizados pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, os quais permitiram que, em pouco mais de um ano, todo o acervo bibliográfico ficasse registado *on-line*. Neste sentido, o volume resulta igualmente de um empenho colectivo, se bem que a elaboração deste *Fundo Especial Bibliográfico* se fique a dever, em particular, ao trabalho de duas pessoas: à Dra. Zélia Sampaio Ventura, que o sonhou, e ao Dr. Isaías A. Hipólito, que o tratou criticamente.

Conforme atrás dissemos, toda a orgânica do Instituto de Estudos Clássicos se congregou à volta do projecto de editar estes dois volumes comemorativos. No entanto, a sua publicação teria sido impossível se a Fundação Eng<sup>o</sup> António de Almeida e a Imprensa da Universidade se não tivessem disponibilizado para procederem à co-edição dos livros. Além da importância que este apoio concreto representa, possui ainda um poderoso significado simbólico, na medida em que espelha a atenção continuada e determinante que destas instituições o Grupo de Clássicas tem recebido. Por isso apresentamos os nossos sinceros agradecimentos, aos Doutores Fernando Aguiar-Branco e Fernando Regateiro. Ao Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras, Doutor Lúcio Sobral da Cunha, agradecemos igualmente o apoio concedido a esta edição.

Resta-nos formular um último desejo: que o subtítulo dado a este volume comemorativo possa corresponder à realidade vindoura e que o Instituto de Estudos Clássicos continue a honrar o seu valioso passado em róseas manhãs de um futuro promissor.

Coimbra, Março de 2005

O Director do Instituto de Estudos Clássicos,

Delfim Ferreira Leão

(Página deixada propositadamente em branco)

OS SESSENTA ANOS DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS:  
PAUSA PARA REFLEXÃO

Quando foi criado o Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, por iniciativa do Professor de Latim Doutor Rebelo Gonçalves, em 10 de Maio de 1944, já existiam outros institutos similares consagrados às Línguas e Literaturas Modernas que se professavam naquele edifício – Francês, Inglês e Alemão – esses, com a vantagem de receberem apoio bibliográfico dos países a que diziam respeito. Não era esse o caso da área de Grego e de Latim, que dispunha apenas dos livros herdados do Doutor Gonçalves Guimarães e de um fundo retirado da Biblioteca Central, e esse mesmo adquirido graças à insistência do Professor de Grego e de obras doadas ou cedidas pelos outros institutos. Eram estes dois catedráticos que, embora altamente qualificados, regiam as oito disciplinas especializadas do curso. Só a partir de 1947 é contratado um Professor italiano para as disciplinas de Hebraico, o Dr. Vincenzo Cocco, o qual passou a assegurar também as aulas práticas de Latim e Grego.

Deste modo, não obstante os bons augúrios que a colaboração de um distinto Professor como conferente na sessão inaugural, vindo do outro extremo da Romania, parecia oferecer, e não obstante uma tentativa de distribuição de trabalhos de investigação aos alunos de Latim – tentativa essa que não teve condições para se realizar – só três anos depois apareceu o primeiro sinal positivo: a publicação do tomo I da revista *Humanitas*.

Porém, uma revista desta natureza pressupõe a existência de uma equipa, bem como de uma condição ainda mais difícil de obter, que é o espírito de equipa. Tais condições não se verificavam, e os dois volumes duplos que ainda apareceram nesse circunstancialismo são disso testemunho (o último já só tem um quinto de colaboração portuguesa).

Entretanto, em 1951, ocorreram alterações de diversa ordem: o Professor de Latim transfere-se para a Faculdade de Letras de Lisboa, de onde era originário, e o Professor de Grego, Doutor Carlos Simões Ventura, coadjuvado por dois novos elementos, entrados em anos sucessivos, com os quais constitui uma comissão redactora, inicia uma nova série de *Humanitas* em moldes diferentes.

Conforme se lê na advertência subscrita pelo Doutor Carlos Ventura, a revista quer ser uma publicação da escola a que pertence, sem excluir, evidentemente, a colaboração de grandes especialistas estrangeiros. São disso prova os dois artigos de professores muito famosos da Universidade de Oxford, E.R. Dodds e M. Platnauer, conseguidos a pedido dos dois novos docentes que, em anos diferentes, haviam sido seus alunos.

E abro aqui um parêntesis para sublinhar que proporcionar aos seus antigos discípulos uma sólida e vasta preparação, que só em grandes meios científicos podia obter-se, era uma das grandes preocupações do Doutor Carlos Ventura. Essa orientação mantivemo-la ao longo dos anos, à medida que entravam novos elementos para o grupo. Itália, Alemanha, Holanda, França foram alguns dos países escolhidos, conforme a especialidade pretendida por cada um. E perdoe-se-me o orgulho de lembrar que nas últimas décadas do século passado já foi possível que helenistas e latinistas do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte viessem preparar a tese de doutoramento sob a orientação dos que passaram a ser os dois professores mais antigos da nossa secção.

Mas voltemos à revista e à sua nova série. Logo nesse primeiro volume se nota a preocupação de alargar horizontes e proporcionar informação actualizada sobre as iniciativas desenvolvidas noutros países, através da criação de duas novas secções: Notícias e Comentários, e Índice de Revistas. Facto não menos importante é que *Humanitas* se abre a campos de estudos afins, mediante a publicação de um artigo sobre Conimbriga pelo que já então se distinguia como especialista de Arqueologia Romana, o Dr. J.M. Bairrão Oleiro. Essa abertura manter-se-á pelos anos fora e não é por acaso que será na nossa revista que o mesmo arqueólogo apresentará o primeiro estudo sobre as recentes escavações por ele encetadas no criptopórtico de Aeminiun. É no mesmo volume que se publica também o primeiro de uma série de estudos sobre Vasos Gregos em Portugal sob a orientação do mestre oxoniense Sir John Beazley. Mencione-se de passagem que dois desses vasos, que haviam sido encontrados em Alcácer do Sal, vieram anos

depois a ser doados ao Instituto de Arqueologia pelo proprietário do terreno onde haviam aparecido, o Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, Doutor Francisco Gentil. Nesse mesmo volume de 1953-54, outra secção, neste caso a de Paleografia, vem dar um valioso contributo: a revelação de um manuscrito da Biblioteca Pública de Évora, do século XI, com fragmentos do livro III das *Geórgicas* de Virgílio, pelo Doutor Avelino de Jesus Costa.

Todas estas novas orientações frutificaram ao longo dos anos. Em breve se lhes juntou a audição de música contemporânea inspirada em temas clássicos, desde Stravinsky a Erik Satie, Carl Orff, Darius Milhaud e outros, apresentados geralmente pelos Professores de História da Música.

A interdisciplinaridade alarga-se também a convites a especialistas de outras Faculdades: na ocasião em que a Física Atómica começava a ser conhecida em Portugal, um jovem Doutor da Faculdade de Ciências, J. Veiga Simão, vem fazer uma conferência sobre “A Física Atómica e os Gregos”; da Faculdade de Direito – e para citar só mais um exemplo – vem o Doutor Mário Júlio de Almeida e Costa falar de Direito Romano.

É fácil multiplicar os exemplos, como pode verificar-se percorrendo as dezenas de páginas hoje apresentadas neste volume. E também é bom notar que de vários países estrangeiros vêm fazer conferências alguns dos maiores nomes dos Estudos Clássicos. Cito apenas um pequeno número: da Holanda, Van Groningen e Christine Mohrmann; da Inglaterra Kenneth Dover e Oliver Taplin; da Alemanha Dieter Lohmann, Elizabeth Welskopf, Helmut Flashar; da Suíça Walter Burkert; da Espanha Fernández Galiano. Todo este renascimento se deve, naturalmente, à vinda de novos elementos para o Instituto de Estudos Clássicos, consolidada muitos anos depois pelo alargamento dos quadros. E, não menos, à entrada em vigor de uma reforma que, não sendo isenta de defeitos (não há reformas perfeitas), trouxe uma visão inovadora dos Estudos de Letras: Disciplinas propedêuticas, Seminários conducentes à preparação das teses de licenciatura (precursores dos futuros seminários de mestrado criados em 1982), divisão das Línguas, Linguísticas e Literaturas por disciplinas diferentes, criação de cadeiras de História da Cultura. Pelo que toca à nossa área, o ensino de História da Cultura Clássica, obrigatório para toda a Faculdade, excepto Geografia, não só veio alargar os limitados horizontes em que se moviam os alunos de Grego e Latim, como veio revelar aos de Línguas e Literaturas Modernas, de História e de Filosofia, os alicerces sobre os quais se edificaram esses ramos do saber. Dos arranjos subsequentes desta

reforma, que, de um modo geral, não a melhoraram, não nos ocuparemos aqui. Em todo o caso, a semente estava lançada à terra.

Ora, precisamente nesse ano de 1957, apenas uns meses antes, fora criada a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, aberta a professores e estudantes dos diversos graus de ensino, dispersos por todo o país, e destinada a fomentar o progresso e a difusão dos estudos greco-latinos. O êxito obtido com a realização de conferências, a uma média de cinco ou seis por ano, audições musicais, visitas de estudo, foi grande durante anos sucessivos e nele se deve incluir a criação no âmbito do Instituto, em 1984, a pedido de antigos alunos, actuais professores do Ensino Secundário, de uma revista destinada ao ensino e divulgação das línguas e culturas antigas, que teve grande adesão: o *Boletim de Estudos Clássicos*. A própria associação, ao fim de quarenta e oito anos, e já sob a presidência do Doutor Francisco de Oliveira, renovou os seus estatutos e decidiu concentrar-se na realização de congressos e colóquios bienais. E assim, a partir de 1998, tiveram lugar, com grande êxito, e com actas já publicadas, os seguintes: *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa*, *O Espírito Olímpico no Novo Milénio*, *Penélope e Ulisses*. No primeiro e no terceiro esteve já representada a Euroclassica (Federação Europeia da Associação de Professores de Línguas e Civilizações Clássicas). O segundo contou com a adesão do núcleo de Viseu da Universidade Católica e efectuou-se nesse edifício. Actualmente, a Associação portuguesa é filiada na FIEC e na Euroclassica.

É altura de fazer referência à criação do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, em 1967, por proposta dos Doutores Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira. E justo é salientar que foi graças ao empenhamento de dois outros professores da Faculdade, os Doutores A. J. Costa Pimpão e A. Miranda Barbosa, conselheiros do Instituto para a Alta Cultura, que se tornou possível a entrada em funcionamento na Faculdade de Letras dessa unidade de investigação, que a partir de então não mais deixaria de se desenvolver, quer sob a égide daquela organização estatal, quer das que lhe sucederam na tutela (Instituto Nacional de Investigação Científica e Fundação para a Ciência e Tecnologia).

Não podemos deixar de dar um lugar à parte ao convite que, em 1976, a Prof.<sup>a</sup> E. Ch. Welskopf, da Academia das Ciências de Berlim, endereçou ao Centro para elaborar a parte portuguesa de uma publicação monumental, em seis volumes, por ela dirigida, sobre terminologia política grega e sua presença nos mais diversos países de todos os continentes. Logo se constituiu um grupo

de trabalho, dirigido pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira e composto pelos bolsheiros do Centro que se encontravam em actividade, num total de dez (e que na sua maioria são hoje professores catedráticos). A obra viria a ser publicada em 1982 pelo Akademie Verlag de Berlim, com o título *Soziale Typenbegriffe im alten Griechenland*.

De resto, muitos eram os trabalhos de investigação em curso, orientados por áreas. Para além dos de Línguas e Literaturas Latinas, ocupavam já um lugar de destaque os estudos sobre os humanistas portugueses, a que o Doutor Américo da Costa Ramalho dera grande impulso, quer através do Seminário sobre o Latim do Renascimento, dirigido por aquele Professor, a partir de 1963-64, quer das numerosas publicações monográficas, colectâneas de trabalhos e edições, com tradução e notas, daqueles autores, que permitem colher dados muito importantes sobre a História e a Cultura Portuguesas. Entretanto, começaram também a despontar os estudos sobre Latim Medieval, sob a orientação do Doutor José Geraudes Freire.

Para além da investigação realizada pelos seus membros e respectiva publicação, o Centro promoveu, em 1973, juntamente com o Instituto, um Colóquio sobre o Ensino do Latim, destinado à apresentação e discussão dos novos métodos de ensino (com destaque para o então recentíssimo *Cambridge School Classics Project*), bem como a fundamentar o estudo dessas disciplinas no ensino secundário. Ouviram-se, entre outros valiosos contributos, as palavras de conceituados especialistas, que sucessivamente versaram a relação do Latim com o Português, com as outras línguas modernas, com a História, a Filosofia e o Direito. Outras realizações conjuntas foram o Segundo Curso de Actualização de Línguas e Literaturas Clássicas (em 1982), e diversos congressos, como o do “Humanismo Português na Época do Renascimento”, “Medeia no Drama Antigo e Moderno”, “Plutarco Educador da Europa”, “O Teatro Neolatino em Portugal e no Contexto da Europa - 450 Anos de Diogo de Teive”, “Anchieta em Coimbra - 450 Anos do Colégio das Artes da Universidade”, “O Retrato Literário como Estratégia de Teorização Política”.

Ainda relativamente ao Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, cumpre realçar que nos últimos anos, sob a direcção da Doutora Maria do Céu Fialho, as áreas de investigação se diversificaram por quatro linhas, uma dedicada à Antiguidade Grega, outra à Romana, outra ainda ao Latim Medieval e Renascentista, além de uma quarta, mais recente, de Pragmática Teatral, destinada à divulgação do Teatro Antigo, assunto a que voltaremos adiante.

Além disso, e de acordo com a ordenação actual da FCT, o Centro tem fomentado a realização de reuniões científicas de carácter interdisciplinar e internacional. Nessas actividades se enquadram, por exemplo, o colóquio “Éticas: Diálogo com Aristóteles”, organizado em 2004 em conjunto com o Centro de Linguagem Interpretação e Filosofia, também da Faculdade de Letras. De uma parceria semelhante, desta vez situada no âmbito da acção integrada Valladolid-Coimbra, bem como dos mestrados em Poética e Hermenêutica, e em Literaturas Clássicas, decorreu o colóquio “Sob o Signo de Medeia”.

Dos projectos actualmente em curso, adquire especial relevo, pela sua amplitude, e pelo número de investigadores que envolve, o dedicado à Ideia de Europa, e às Raízes da Identidade Cultural Europeia.

Por sua vez, ao longo dos últimos decénios, o Instituto de Estudos Clássicos tem levado a efeito, em conjunto com outros institutos da Faculdade, congressos internacionais que atraíram muitas centenas de participantes. Lembraremos em especial o II Congresso Peninsular de História Antiga, em parceria com o Instituto de Arqueologia, e presidido pelo Doutor José Ribeiro Ferreira (em 1990), e o Congresso Comemorativo do Infante D. Pedro, com o Instituto de História Económica e Social (1992). Outras iniciativas congéneres decorreram com a colaboração de entidades estrangeiras. É o caso do Congresso Internacional “As Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do Universal”, organizado de par com a associação parisiense Archives du XX<sup>ème</sup> Siècle, que teve como presidente de honra o humanista e antigo Chefe de Estado do Senegal, Léopold S. Senghor (1998), e que reuniu especialistas de catorze países.

Foi ainda na sequência deste congresso que no colóquio “La latinité: l’avenir d’un passé”, organizado na Universidade de Cluj pela Fundatia Culturala Romana em 1998, se votou a criação de um Centro Internacional de Latinidade, a ser acolhido, na sua primeira fase, pelo Instituto de Estudos Clássicos de Coimbra.

---

14

Destina-se esse Centro a promover a aproximação entre países, instituições e pessoas interessadas na herança linguística e cultural da Latinidade; favorecer pela sua acção o diálogo de todas as culturas; introduzir nesse diálogo a voz da cultura greco-romana; levar a efeito actividades de extensão cultural, colóquios, conferências, exposições e representações de teatro antigo. Diversos países enviaram delegados à primeira reunião, efectuada em Coimbra (Argentina, Brasil, Espanha, Suíça). Outros manifestaram a sua adesão por escrito (Bélgica, Itália, França, Roménia).



Entre as actividades desenvolvidas por esse Centro, figuram a participação, juntamente com outras entidades, na celebração do Dia da Latinidade, o último dos quais, em 2004, consagrado em especial a Horácio e à sua permanência, com a colaboração, para além de classicistas de Coimbra, dos de Lisboa e de Buenos Aires e de professores de Literaturas Modernas de Coimbra e de Lisboa.

Outros colóquios foram organizados pelo Instituto de Estudos Clássicos, como os consagrados aos “Fragmentos de Plutarco e a Recepção da sua Obra” (este, em colaboração com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e com a Sociedade Portuguesa de Plutarco), “A Ciência: Débitos ao Passado e Perspectivas de Futuro”, e “Som e Imagem” (este, de carácter didáctico), além de sessões culturais, com a participação de diversos professores, como as que foram consagradas ao Mito e a que versou sobre Prometeu.

Outra actividade do Instituto de Estudos Clássicos, e também sob a direcção do Doutor José Ribeiro Ferreira, foi a realização da série de sessões de “Encontros com Escritores”, que, num total de dezassete, e ao longo de vários anos, trouxe a Coimbra poetas e prosadores contemporâneos que retomaram temas clássicos nas suas obras. A respectiva apresentação era sempre feita por conhecidos especialistas.

Um facto que especialmente agrada registar é a sucessiva aproximação que tem vindo a efectuar-se entre o Instituto de Estudos Clássicos de Coimbra e o seu congénere de Lisboa, bem como dos respectivos Centros. Primeiro em convites pessoais, depois em organizações conjuntas, esta colaboração entre as únicas instituições do país exclusivamente consagradas à Antiguidade Greco-Latina é um exemplo enriquecedor. Assim sucedeu já com o congresso comemorativo do Bimilenário de Virgílio, em Lisboa, e se repetiu com a celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte (*Toto notus in orbe Martialis*), este repartido pelas duas cidades.

Quatro anos antes deste último, ou seja, em 2000, a estes mesmos institutos e centros se associou o Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Humanas e Sociais, da Universidade de Évora, para organizar o Congresso Internacional do Humanismo Português: “Cataldo Sículo e André de Resende - 500 anos”. E assim, pelas três cidades que, no século XVI, foram de facto, e não por decreto, capitais nacionais da cultura, se desenrolou esta homenagem a duas grandes figuras do nosso humanismo.

Merece uma referência à parte um Congresso realizado, em 1992, por iniciativa de alunos do 4<sup>a</sup> ano do Curso de Línguas e Literaturas Clássica e

Portuguesa sobre “O Amor deste a Antiguidade Clássica”. Da qualidade excepcional deste curso voltaremos a falar. Aqui notaremos só que um dos seus elementos, o Doutor Delfim Leão, é o actual Director do Instituto de Estudos Clássicos.

Uma vez que para tratar o tema fora escolhida uma perspectiva diacrónica, foram convidados a falar professores, não só de Estudos Clássicos, mas também de Línguas e Literaturas Românicas. Deste último grupo eram também os especialistas que tomaram parte na mesa-redonda subordinada ao tema “A Fortuna do Amor” (Doutores Ofélia Paiva Monteiro, José Carlos Seabra Pereira e José Cardoso Bernardes, além de um estudioso de Psicologia, o Doutor Álvaro Miranda Santos). O debate foi moderado pelo Doutor Aníbal Pinto de Castro, que já fora um dos conferentes da véspera – um mestre que tanto tem colaborado com o grupo de Clássicas em diversas ocasiões, nomeadamente, tomando a seu cargo, desde o começo, dirigir um dos seminários do mestrado, o de Literatura Portuguesa Clássica. Como não podia deixar de ser, realizou-se ainda um debate sobre o futuro das Línguas Clássicas, em que participou também um dos estudantes do curso.

Um caso especial de colaboração do Instituto de Estudos Clássicos com outros países europeus é o da participação, através da Doutora Maria de Fátima Silva, no Centre for Study and Practical Realization of the Ancient Greek Drama, coordenado pela actriz Aspasia Pappathanassiou, de Atenas, e pelo Professor Oliver Taplin, da Universidade de Oxford. Após um primeiro congresso em Komotini, na Trácia, em 1992, sobre “O Coro no Teatro Grego”, delineou-se um programa de informação e documentação sobre o drama grego antigo que se propõe recolher e organizar os dados disponíveis nesse âmbito. Assim se constituiu, sob a orientação daquela Professora, um grupo de trabalho formado por investigadores do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, que publicou já três volumes.

16 ————— Outro campo de actuação que tem conhecido um grande êxito é o da divulgação do teatro grego e latino, através de representações feitas por grupos de jovens estudantes, quer nacionais, quer estrangeiros. Com gloriosos precedentes no tempo em que o Doutor Paulo Quintela encenava no TEUC um drama de cada um dos grandes trágicos gregos, em versões expressamente feitas do original por helenistas que são hoje investigadores do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e uma primeira amostra em 1992, dada pela representação integral, em Latim, dos *Menecmos* de Plauto, pelo grupo de teatro latino da Universidade de Trier, representação essa apoiada por um

engenheiro prólogo em português, composto pelo Dr. Louro da Fonseca, o qual tornou o espectáculo compreensível ao numeroso público escolar presente, começou a tomar forma na nova geração, ou, mais concretamente, no mais distinto curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesas, a que já aludimos, o projecto de criar um grupo de teatro antigo.

Partindo de algumas primeiras tentativas e com o apoio do Dr. Louro da Fonseca, e tendo começado por cenas do *Soldado Fanfarrão* de Plauto, o projecto é retomado, a partir de 1996, com a rodagem de uma versão video, feita em Conimbriga, de *Mulheres no Parlamento* de Aristófanes, e, dois anos depois, com uma representação do *Epídico* de Plauto. Mas é a partir de 1998 que o então director do Instituto de Estudos Clássicos, Doutor José Ribeiro Ferreira, juntamente com o grupo de Assistentes dedicado à pragmática teatral, Delfim F. Leão, José Luís Brandão, Luísa de Nazaré Ferreira, Paulo Sérgio Ferreira e Cláudia Cravo, cria a Associação Cultural *Thíasos*, logo oficializada como entidade jurídica. Nessa conformidade, se organiza um curso breve de Teoria e Prática do Teatro Grego, dirigido por José Luís Navarro (Universidade Complutense de Madrid) e Gemma López y Martínez. Poucos meses depois, Helmut Flashar, da Universidade de Munique, e Oliver Taplin, da de Oxford, fazem cada um duas conferências sobre o tema.

A partir do ano 2000, e sempre sob a orientação do Doutor José Ribeiro Ferreira, sucedem-se os festivais de teatro, ora em Conimbriga, ora em Coimbra, em Viseu, em Braga, em Tomar, e noutros locais, em que desempenham papel importante, além do *Thíasos*, outros grupos nacionais e espanhóis. Estas actividades concentram-se em Festivais Escolares, na Primavera, e Encontros de Verão. Representam-se tragédias de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípides e comédias de Aristófanes e de Menandro, de Plauto e de Terêncio. Também outros textos clássicos são dramatizados com grande êxito, como “O Poeta e o Maçador” (a partir da Sátira 1.9 de Horácio) e “Marcial em Traje de Cena” (com base em epigramas do poeta hispânico). De notar que o *Thíasos* tem participado em festivais internacionais em França e Espanha e que se associou às comemorações dos 2500 anos do nascimento de Sófocles, representando as *Traquínias*.

Finalmente, os vários organismos que asseguravam estas representações - Instituto de Estudos Clássicos, Liga de Amigos de Conimbriga e Grupo *Thíasos* do IEC - acordaram, em 2002, em constituir uma só entidade, Festival de Teatro de Tema Clássico - Associação Promotora, que em 2003 adoptou a sigla FESTEIA - Tema Clássico.

Por último, há que referir a quantidade de publicações que ao longo destes 60 anos se tem produzido e o trabalho assíduo e esforçado que está na sua base. Das revistas já falámos: uma, *Humanitas*, anual, já com 56 volumes; outra, o *Boletim de Estudos Clássicos*, com 42 tomos. Mas existem, além disso, diversas colecções que se iam organizando de acordo com os subsídios e patrocínios disponíveis. Assim, há uma série mais antiga, só do Instituto de Estudos Clássicos, com 12 volumes; outra, só do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, com 9; outra ainda, com o título de *Estudos de Cultura Clássica*, com 7. Duas outras séries são exclusivamente consagradas à publicação de traduções comentadas: uma dirigida pelo Doutor Walter de Sousa Medeiros, chamada *Textos Clássicos*, já com 36 volumes, tem prestado inestimáveis serviços, oferecendo, em muitos casos pela primeira vez, traduções fidedignas, com prefácio e notas, de autores gregos e latinos; outra, orientada pelo Doutor Américo da Costa Ramalho, tem tido idêntico papel em relação aos nossos humanistas, intitula-se *Textos do Humanismo Renascentista em Portugal* e conta já com 11 volumes.

Outras colecções foram publicadas por editores comerciais, embora dirigidas por professores nossos, nas quais destacamos, por ordem cronológica, a Biblioteca Integral Verbo, série Clássicos Gregos e Latinos, de que só chegaram a sair três volumes em 1973; a série Clássicos Gregos e Latinos, das Edições 70, dirigida pelo Doutor José Ribeiro Ferreira, iniciada em 1989, e com 35 volumes; a Colecção Humanitas: Autores Gregos e Latinos, da Relógio d'Água Editores, dirigida pelo mesmo Professor e com três volumes, todos saídos em 1989.

A tudo isto, e também sob a égide do Doutor José Ribeiro Ferreira, se vem juntar a colecção FESTEIA – Tema Clássico, que, com o formato de livro de bolso, o qual faz as vezes de bilhete por ocasião dos espectáculos, oferece traduções, com prefácio, dos grandes autores de teatro gregos e latinos, num total de mais de 20 peças, algumas das quais já em terceira tiragem.

18

Um grosso volume com as sete tragédias conservadas de Sófocles, com tradução e prefácio de três professores da secção, foi o contributo da organização “Coimbra Capital Nacional da Cultura”, em 2003, para comemorar os 25 séculos do dramaturgo.

Sem contar os numerosos tomos de actas de congressos, há que acrescentar ainda os volumes temáticos completados no decurso do ano de 2004: *Fluir Perene. A Cultura Clássica em Escritores Portugueses Contemporâneos*, coordenado por José Ribeiro Ferreira e Paula Barata Dias; *O Retrato e a*

*Biografia como Estratégia de Teorização Política*, organizado por Aurelio Pérez Jiménez, José Ribeiro Ferreira e Maria do Céu Fialho; e *Nomos, Direito e Sociedade na Antiguidade Clássica*, editado por Delfim F. Leão, Livio Rossetti e Maria do Céu Fialho.

Esta enumeração de actividades, que a alguns poderá ter parecido longa – e é bom sinal, porque significa que são numerosas – não é exaustiva e pode até dar-se o caso de eu ter omitido, involuntariamente, factos importantes. Mas o principal, e isso espero tê-lo conseguido, é transmitir a noção de que estamos perante um grupo que, a partir de um pequeno núcleo inicial, se expandiu e desdobrou em múltiplas actividades; que tem mesmo criado doutores para continuarem a sua escola, assegurando o ensino do Latim, não só na Universidade do Porto, mas em várias das chamadas universidades novas – Minho, Aveiro, Évora; que tem estado atento à necessidade de actualização e adaptação permanente, que é comum a todo o ensino, mas em especial ao das Línguas Clássicas; que se tem aberto à colaboração com outros países, e estabeleceu uma relação especial com o Brasil que tem tornado acessível o conhecimento dos autores greco-latinos através de traduções directas, já numerosas. E que tem feito e certamente continuará a fazer os maiores esforços para tornar compreensível à sociedade portuguesa que nem só as técnicas são necessárias ao seu progresso, mas também uma formação cultural transmissora e impulsionadora dos valores em que ela assenta. Gostaria de terminar com uma advertência do meu mestre oxoniense, Prof. E. R. Dodds, feita há algumas dezenas de anos, mas sempre actual, numa alocução à Classical Association, subordinada ao significativo título de “Ensino dos Clássicos num Clima Alterado”. A frase, que traduzo, é esta: “seremos mais sensatos se dissermos francamente que o real valor dos bens que oferecemos deve aquilatar-se, não em termos de técnicas susceptíveis de serem transmitidas ou de informação de utilidade imediata, mas em termos de experiência humana”. Julgo que não será preciso sublinhar que esta afirmação é igualmente aplicável a todas as áreas das Ciências Humanas.

(Página deixada propositadamente em branco)

SESSÃO INAUGURAL  
DO  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

(Página deixada propositadamente em branco)



## SESSÃO INAUGURAL DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

10 de Maio de 1944

«Sob a presidência do Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Maximino Correia, efectuou-se em 10 de Maio de 1944, pelas 16 horas, no edifício da Faculdade de Letras, o acto público de inauguração do Instituto de Estudos Clássicos, um dos mais novos centros culturais integrados nesse estabelecimento de ensino superior.»

[Notícia publicada no volume inaugural da *Humanitas*]

### Alocução do Prof. Francisco Rebelo Gonçalves

Senhor Reitor da Universidade:

Senhor Director da Faculdade de Letras:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Decorrido precisamente um ano e meio após a data da sua fundação, pois foi em 10 de Novembro de 1942 que o Conselho da Faculdade de Letras deliberou criá-lo, mas volvido apenas um semestre sobre o início da sua regular organização, pois foi só no princípio deste ano lectivo que as respectivas bases se fixaram, efectua hoje o Instituto de Estudos Clássicos a sua sessão inaugural. Acto solene, claro está, como não poderia deixar de ser, encontrando-se presentes o digno Reitor e vários ilustres representantes do claustro universitário. Acto sóbrio, porém, apesar da solenidade, como parece convir a um centro de estudos que surge discreta e modestamente, sem alardes nem

ostentações, tão exclusivamente empenhado em cumprir os seus desígnios, que nem terá tempo para se ufanar de ser o primeiro do seu género entre nós criado. E não se estranhará, por isso, que o novo instituto, na falta de sala própria onde pudesse efectuar a cerimónia, tenha preferido à “aula magna” da sua Faculdade o recato da sala de conferências do vizinho Instituto de Estudos Brasileiros, que, diga-se de passagem, oxalá seu vizinho continue a ser, em morada futura, e o seja com os projectados Instituto de Estudos Portugueses e de Estudos Espanhóis, para que juntas floresçam, dentro da mesma Faculdade, a nossa cultura, as duas culturas mais irmãs da nossa e a cultura clássica, mãe de todas três.

Falando aqui pela Direcção do Instituto de Estudos Clássicos (e quanto deploro que não possa também fazê-lo o Sr. Prof. Carlos Simões Ventura, impedido de comparecer!), julgo dever começar por algumas expressões de reconhecimento.

É sabido que o essencial de um instituto de investigação filológica consiste numa biblioteca especializada e tão metodicamente organizada quanto possível: os aparelhos, próprios de outros centros de investigação, cedem aqui o lugar a textos e dicionários, a tratados e dissertações, a revistas e boletins. Pois bem; não se conseguiria tão cedo um núcleo fundamental de livros e publicações periódicas, sem o qual seria prematura e injustificável a cerimónia de hoje, se não fosse a valiosíssima cooperação de muitos estrangeiros e nacionais, em condições bem significativas. É de frisar que a biblioteca do Instituto de Estudos Clássicos se iniciou sem qualquer auxílio material do Estado e que, tendo tido primícias mais que modestas, já agora conta alguns milhares de volumes, graças ao mecenatismo de diversas entidades e instituições.

Merecem especial agradecimento, pela sua extensão e real valia, as contribuições recebidas dos distintos leitores e docentes estrangeiros desta Faculdade. Cito, por este motivo, os nomes Albin Beau, de Horace Cartledge, de Jean Rousé e de Vincenzo Spinelli, lembrando a propósito que neste último teve o novo instituto o seu primeiro contribuinte; e junto-lhes, com viva simpatia, os nomes de Emile Planchard, de Joseph Piel, de Luigi Panarese, de Walter Witcomb. Todos, afinal, igualmente interessados em trazer até aqui a bibliografia clássica dos respectivos países, dando consolador exemplo do que ainda pode a fraternidade universitária, por entre as conturbações de um mundo onde quase todas as fraternidades se vão perdendo.

Mas não são menos para agradecer, além destas contribuições individuais, as que têm vindo ou estão a vir de instituições estrangeiras com sede entre nós, como o Instituto Britânico, o Instituto de Cultura Italiana e o Instituto Francês de Portugal; de agremiações europeias de cultura clássica, como o Instituto de Estudos Romanos, da capital italiana, e o Instituto Romeno de Estudos Latinos, de Bucareste; e até de estabelecimentos universitários bastante afastados de Portugal, como a Faculdade de Letras de Angorá, donde nos virão muito em breve alguns espécimes da produção humanística da Turquia contemporânea. Em boa verdade, porém, ainda nestes casos se trata de contribuições individuais, porque a munificência das instituições científicas é afinal, por via de regra, de quem as governa e orienta. Por isso, eu não saberia, dirigindo agradecimentos aos citados organismos, deixar de referi-los a várias distintas personalidades: aos ilustres Srs. Pierre Hourcade, George West e Gino Saviotti, directores dos Institutos que em Portugal mais alto representam as culturas francesa, inglesa e italiana; ao Prof. Herescu, sábio presidente do Instituto Romeno de Estudos Latinos; ao Dr. Carlo Galassi Paluzzi, infatigável presidente e animador do Instituto de Estudos Romanos, por cuja deliberação iremos receber as monumentais publicações desse grande centro cultural, hoje, sem dúvida, o maior fomentador e propulsor de latinidade; enfim, aos Profs. Sevket Aziz Kansu e Lûtfullah Herdem, respectivamente decano da Universidade e director da Faculdade de Letras da capital turca, com os quais me foi dado travar relações por intermédio do distinto escritor, actual secretário da Legação de Portugal em Angorá, Dr. Luís Norton de Matos. E a outros mais nomes eu aludiria, com certeza, se as presentes dificuldades de comunicação não fossem estorvo a todas as relações culturais; pelo menos, assinalaria algum serviço de benemérito secretário da Sociedade de Estudos Latinos de Paris, Prof. Marouzeau, de cuja boa vontade para com o Instituto de Estudos Clássicos tenho gratíssimo conhecimento.

Por outro lado, também a portugueses devemos gratidão. Não apenas aos directores de bibliotecas públicas, de corporações científicas e de estabelecimentos de ensino que de bom ânimo nos têm remetido publicações diversas; não apenas a vários autores de livros didácticos latinos, a cuja fineza e generosidade nunca recorreremos baldamente; não apenas, ainda, aos mais directos coadjuvantes da nossa actividade, todos eles dedicadíssimos, como tem sido o meu bom amigo Dr. Francisco Moraes, em valiosas funções de conservador; mas também, e muito especial, a individualidades universitárias sem o apoio das quais faltariam condições imprescindíveis para a criação, em

moldes científicos modernos, de uma biblioteca de filologia clássica. Refiro-me, como é óbvio, às autoridades escolares de quem o Instituto de Estudos Clássicos mais tem recebido, até agora, favor e estímulo. E, se entre estas muito me cumpre lembrar o actual director da Faculdade de Letras, Prof. Amorim Girão, por um sem-número de manifestações e penhorantes testemunhos de solidariedade; se entre as mesmas tenho de recordar o director precedente, Prof. Providência Costa, a quem todos os institutos da Faculdade, antigos ou novos, em boa parte devem, com as melhores condições para florescerem, a própria circunstância de existirem; não me importa menos salientar a prestigiosa figura que hoje nos honra com a sua presidência e que, professando embora, como mestre universitário, ciência muito diversa das matérias gregas e latinas, não raras vezes tem patenteado espírito e alma de humanista, espírito, na verdade, profundamente compreendedor das virtudes da cultura clássica e alma sinceramente desejosa de que fados bons a favoreçam. Senhor Reitor: nunca saí do gabinete de V. Ex.<sup>a</sup>, aonde tanto tenho ido pedir para o mais jovem instituto da minha Faculdade, que não me apetecesse vir proclamar aos oficiais do mesmo ofício: «O nosso Reitor tem o nosso credo.»

Ditas estas palavras de agradecimento, poderia seguir-se uma exposição circunstanciada do programa de trabalho a realizar. Como, porém, este programa já foi enunciado noutra altura<sup>1</sup>, com certa soma de pormenores, dispensar-me-ei de o analisar em substância, limitando-me a insistir no espírito que deverá nortear o seu exacto cumprimento. E esse há-de ser um espírito de rigor científico de que por todos os meios se fará constante e aturada observância, para que o novo instituto possa estar à altura da missão que se impôs e ao mesmo tempo continue as normas de meticulosidade crítica e de escrupulo doutrinal que têm tradição no grupo de Filologia Clássica desta Faculdade. Por fortuna, indica-nos este rumo uma sombra permanentemente inspiradora, a sombra indelével do Prof. Gonçalves Guimarães, prolongada no que foi o melhor discípulo de tão notável mestre, o muito sábio professor Dr. Simões Ventura. Ele nos acompanhará, essa veneranda imagem, apontando-nos o caminho da justeza em tudo o que houvermos de fazer pela causa das letras antigas, quer se trate da preparação e orientação de monografias escola-

---

<sup>1</sup> Em 18 de Outubro de 1943, na oração de sapiência proferida na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra.

res, de trabalhos de seminário como alguns que já estão em curso, quer da feitura de obras com maior amplitude, como vai ser a revista *Humanitas* e algum dia será uma coleção de autores latinos e gregos, quer do simples auxílio ou patrocínio de empreendimentos alheios, como a projectada e muito simpática fundação do Centro de Estudos Humanísticos de Estudantes.

Demais a mais, permita-se-me notá-lo, o exemplo do Prof. Gonçalves Guimarães, estando vivo em páginas de obras suas, subsiste e perdura sobretudo, dentro desta casa, em repercussões e reflexos directos do seu ensino catedrático. Ainda há pouco, lendo um relato da sua orientação docente, contido no manifesto de 1919 que a Faculdade de Letras de Coimbra dirigiu ao País, se me representou o que ela devia ter sido em precisão doutrinária e minúcia crítica, - facetas primordiais do mestre que entre nós implantou a leitura restaurada do latim, trouxe para a exegese dos textos os recursos de um espírito eminentemente lógico e por muitas outras formas venceu a rotina no ensino superior das velhas humanidades. Ora é com o espírito tão bem patente nesse relato, com esse claro e metódico espírito de rigor científico, que de todo se conforma e se identifica a Direcção do Instituto de Estudos Clássicos, ansiosa de concorrer com ele para o renascimento da nossa cultura humanística, até aqui impedido por dois males funestos: o vezo da improvisação e o amadorismo, que infelizmente grassam, quais males epidémicos, no nosso campo de estudos gregos e latinos, não menos que na área nacional da filologia portuguesa, a qual ninguém já diria, tão mudada está, ter sido a ciência de Carolina Michaëlis e de José Leite de Vasconcelos.

Depois destas considerações preliminares, que não poderiam ser omitidas, começaremos imediatamente a trabalhar, porque de propósito se quis que esta sessão pública fosse uma sessão de trabalho, e não de simples formalidade proemial. Passaremos, por isso, a ouvir, dentro de momentos, numa exposição sobre tema de incontestável interesse - "Os estudos clássicos na Roménia" -, o prelector especialmente escolhido para este acto, o ilustre e sapiente latinista da Universidade de Bucareste Sr. Doutor Victor Buescu, que tenho a honra e a satisfação de apresentar a VV. Ex.ª.

E será caso para se dizer, minhas Senhoras e meus Senhores, que em boa hora se conseguiu, para a inauguração do Instituto de Estudos Clássicos, uma colaboração científica não apenas valiosa, mas de múltiplo significado. Em primeiro lugar, não pode ser-nos indiferente que Portugal e a Roménia, vergönteas da mesma estirpe latina, concorram nesta hora, por meio de uma palavra erudita, a celebrar o mesmo culto: tocam-se deste modo, com simbó-

lico valor, os dois extremos da latinidade. Além disso, uma síntese do que os romenos têm feito pelas humanidades antigas bem pode ser-nos sugestão e exemplo: filhos de um país pequeno, onde tanto decaíram grego e latim, meditemos no renascimento clássico de um país não muito grande, considerando o vasto saber dos seus helenistas e latinistas, a ciência nova que eles acumulam em revistas especializadas, a operosidade que lhes dá representação numerosa em congressos e reuniões internacionais, enfim o prestígio que incorpora algumas das suas produções, como a *Bibliografia da Literatura Latina*, agora mesmo publicada pelo Prof. Herescu, no número das obras básicas do classicismo contemporâneo. Por outro lado ainda, teremos exemplo e sugestão na própria individualidade de quem nos vai falar: bom padrão, com efeito, para classicistas portugueses, o currículo de um jovem latinista que se doutora antes dos trinta anos, após estudos feitos sob a orientação de Marouzeau, Ernout e Bayet, adquire, desde muito novo, particular autoridade na crítica verbal de textos latinos, e, depois de variadíssimos artigos, recensões bibliográficas, traduções em prosa e em verso, dá a lume a monumental edição dos *Aratea* de Cícero.

Sr. Doutor Victor Buescu: - em nome da Direcção do Instituto de Estudos Clássicos, agradeço a preciosa colaboração que V. Ex.<sup>a</sup> vem trazer a este sector da Faculdade de Letras de Coimbra. Não quero deixar de congratular-me com uma circunstância que sei ter-lhe sido particularmente grata: a coincidência da inauguração deste instituto e da sua participação nos respectivos trabalhos com a data histórica da independência do seu Nobre país.

Duas palavras ainda, antes de terminar.

Tendo solicitado logo para hoje a colaboração de um estrangeiro insigne, a Direcção do Instituto de Estudos Clássicos deseja declarar, muito a propósito, que deliberada e sistematicamente recorrerá ao concurso de estrangeiros, do qual não saberia eximir-se para levar por diante a sua cruzada de classicismo. E é em mestres de outros países - alemães, franceses, ingleses, italianos e quantos mais - que sobretudo haurimos o saber moderno com que podemos ensinar as letras antigas, não faria sentido que, por preconceitos nacionais, nos abalançássemos a desenvolver sozinhos, à margem da experiência alheia, um instituto universitário consagrado a essas letras. Onde cedêssemos a tais preconceitos, começaríamos a violar a pura essência do espírito científico, que não tolera particularismos nacionalistas, além de nos tornarmos menos dignos do nosso próprio passado, de tempos como aqueles

em que Portugal era grande no latim e no grego, e mesmo assim chamava de várias bandas, para a sua Atenas, quem os ensinasse de parceria com alguns dos seus.

Recorreremos, pois, a estrangeiros, sem constrangimento de qualquer sorte. Pedir-lhes-emos conselho, sugestão, auxílio directo em muitos dos trabalhos que empreendermos: nas nossas investigações, nas nossas publicações, nas nossas conferências. E, quando houvermos de recebê-los em actos públicos, não sentiremos desdobra em lhes fazer, ao mesmo tempo por urbanidade e por noção das nossas limitações, o que os Lacedemónios, em suas públicas solenidades, costumavam fazer aos cidadãos de fora: dar-lhes-emos, sem custo, os melhores lugares.

(Página deixada propositadamente em branco)



CORPO DOCENTE  
DO  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS  
(1944-2004)

(Página deixada propositadamente em branco)

## NOTA PRÉVIA

O breve perfil dos docentes do Instituto de Estudos Clássicos que nesta secção se apresenta foi elaborado a partir dos elementos facultados pelos próprios docentes. O coordenador do volume procurou garantir um esforço de uniformização geral, com o intuito de tornar mais clara a consulta do documento. Somente com os docentes já falecidos é que se levou a cabo uma operação diferente, tendo-se optado por reproduzir notas biográficas anteriormente publicadas (Doutor Carlos Simões Ventura, pelo Doutor Américo da Costa Ramalho; Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca, pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira) ou, no caso do Doutor Francisco da Luz Rebelo Gonçalves, por solicitar essa informação a uma das pessoas que lhe foram mais próximas - a sua filha, Doutora Maria Isabel da Silva Rebelo Gonçalves.

A todos agradecemos a disponibilidade e empenho em contribuir para a elaboração desta breve galeria das vontades que se conjugaram para erguer o Instituto de Estudos Clássicos e que continuam a zelar pela sua vitalidade. O leitor que desejar ter uma relação mais completa da actividade das figuras agora evocadas poderá consultar a página WEB no Grupo de Estudos Clássicos ([www.uc.pt/classicos](http://www.uc.pt/classicos)).

(Página deixada propositadamente em branco)

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Almeida, 12 de Outubro de 1921.

Sinopse do percurso académico

Licenciado em 1945; Doutor em 1952; Professor Catedrático, a partir de Dezembro de 1954.

Principais cargos e missões

Director da Faculdade de Letras (1970-74); Director do Instituto de Estudos Clássicos, durante muitos anos; primeiro Director do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, durante alguns anos. Bolseiro do IAC na Universidade de Oxford (1947-49); Visiting Professor da New York University (1959-62); Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975-77); cursos breves dados nas Universidades de Paris, Granada e Salamanca.

Síntese das principais áreas de investigação

Dedicou-se, inicialmente, à comédia aristofânica, sobre que redigiu a sua tese de Doutoramento, *Dipla Onomata no Estilo de Aristófanes*. Depois de ser nomeado Catedrático de Latim, retomou uma linha de investigação, o Latim Renascentista, em que publicara os seus primeiros artigos. Neste campo, iniciou o estudo do Humanismo Renascentista em Portugal directamente sobre os textos, prática que não era corrente entre nós. Foi assim que passou a ocupar-se da obra de Cataldo Parísio Sículo que provou ter sido o introdutor do Humanismo em Portugal. Orientou numerosas teses de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, algumas das quais foram entretanto publicadas. É autor de mais de oito centenas de trabalhos científicos, entre livros, artigos, recensões críticas, notícias e notas de investigação.

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO

Lisboa, 11 de Dezembro de 1961.

Sinopse do percurso académico

No ano lectivo de 1982-83, ingressou no Curso de Humanidades do Centro de Viseu da Universidade Católica Portuguesa. Em 1986, pediu transferência para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde concluiu, em 1987, a Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas na variante de Estudos Clássicos e Portugueses. Em 1993, realizou provas de Mestrado em Literatura Grega sobre o tema *Mito e Culto de Ifigénia Táurica*. Em 2001, realizou provas de Doutoramento em Literatura Latina Medieval sobre o tema *Martyrium et Gesta Infantis Domini Fernandi - Edição crítica, tradução, estudo filológico*.

Principais cargos e missões

Foi membro das Comissões Redactoras de várias revistas estudantis, académicas e culturais; membro do júri nacional das Provas Específicas de Grego e corrector das mesmas provas; representante da Comissão Científica de Estudos Clássicos ao Conselho de Utentes de Informática da Faculdade de Letras, membro da Assembleia de Representantes da Universidade de Coimbra; secretário do IEC; administrador das páginas WWW do IEC e do CECH e das de várias associações científicas; Secretário-Relator da 3ª Comissão de Avaliação Externa do Ensino Universitário Particular; Presidente da Área de Estudos Clássicos do Ramo de Formação Educacional da Faculdade de Letras; Membro do Conselho Pedagógico; secretário da SPEM - Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais; Sócio bibliotecário do Centro Académico de Democracia Cristã; Membro do Conselho Fiscal do Centro Académico de Democracia Cristã (CADC); secretário da APENEL - Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos.

Síntese das principais áreas de investigação

A sua actividade de investigação centrou-se inicialmente na Literatura Grega, no estudo do legado clássico na Literatura Portuguesa, na pedagogia e didáctica das línguas clássicas, designadamente na preparação de materiais didácticos e na exploração das novas tecnologias e respectivo uso em função da especificidade dos estudos clássicos. Dedicou ainda especial atenção a matérias relacionadas com a Teoria da Literatura e a Crítica Textual. No âmbito do Congresso Internacional Damião de Góis e o Humanismo Euro-

peu (1502-2002), foi Coordenador Editorial (conjuntamente com o Doutor Aníbal Pinto de Castro) do CD-Rom *Damião de Góis: As Crónicas*, co-editado pela Fundação Calouste Gulbenkian, pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e pela Comissão Organizadora do Congresso, o primeiro CD-Rom produzido na Universidade de Coimbra na área das Humanidades. Todavia, a maior parte da sua investigação foi consagrada à Literatura Latina Medieval, área em que elaborou a sua dissertação de Doutoramento. Neste momento, dedica-se também ao estudo da terminologia médica, biológica, farmacêutica e jurídica com base latina e integra ainda a equipa do projecto FRAGMED da FCT cujo objectivo fundamental é o levantamento e identificação de fragmentos medievais portugueses.

CARLA SUSANA VIEIRA GONÇALVES

Guarda, 11 de Março de 1976.

#### Sinopse do percurso académico

Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1998); Assistente Estagiária na Faculdade de Letras (1999). Defesa da dissertação de Mestrado, intitulada *Invectiva na Tragédia de Séneca* (2002). É actualmente Assistente do Instituto de Estudos Clássicos.

#### Principais cargos e missões

Secretária do Instituto de Estudos Clássicos (1999-2003); Secretária do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e do *Boletim de Estudos Clássicos* (2000-05). Foi membro da Comissão de Auto-Avaliação dos Cursos de Línguas e Literaturas (2001-02) e do Júri do Exame Extraordinário de Avaliação de Capacidade para o Acesso ao Ensino Superior (2001-05). Ocupou ainda o cargo de Representante dos Assistentes do Grupo de Estudos Clássicos no Conselho Pedagógico da Faculdade de Letras (2002-04).

#### Síntese das principais áreas de investigação

Desenvolveu investigação sobre o teatro antigo, que resultou na publicação de trabalhos como “O motivo épico da *teichoscopia*. Confronto do modelo de *Ilíada*, 166-242 e de *Fenícias*, 88-196”, (*Humanitas*, 53, 2001, 141-169, e uma série de três artigos intitulada “Inovação no tratamento seneciano do mito de Édipo” (*Boletim de Estudos Clássicos*, 35, 36 e 37). Em

2003, publicou a dissertação de Mestrado *Invectiva na Tragédia de Séneca* (Lisboa, Colibri). Actualmente, centra a actividade de investigação na literatura latina, mais precisamente na obra de Tácito. É colaboradora assídua do *Boletim de Estudos Clássicos*, onde tem publicado também artigos direccionados para a didáctica do Latim, como “Sugestão para a primeira aula de Latim” (32, 1999, 99-101) e “Uma aplicação didáctica para as sentenças de Séneca” (38, 2002, 75-80). Nos últimos anos, tem assegurado vários níveis de língua e literatura latinas, não só para o curso de Estudos Clássicos, mas também para outras áreas científicas. É o caso da cadeira de Iniciação ao Latim, que é leccionada para um público muito heterogéneo, proveniente de todas as variantes dos cursos de Línguas e Literaturas Modernas, História, Filosofia e mesmo de áreas como o Direito, a Medicina e a Gestão.

#### CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA

Coimbra, 4 de Maio 1930 - 2 de Maio 1995

Saber comunicar e entusiasmar os alunos pela matéria que se ensina é um dos principais dons do professor. O Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca possuía em alto grau essa dupla capacidade. Exerceu-a primeiro em Dublin, como leitor de Português. Depois, e todo o resto da sua vida, em Coimbra, embora acumulando, muitas vezes, com as funções de professor convidado nas Universidades do Porto, de Aveiro e dos Açores, onde ministrava, também com grande êxito, cursos intensivos de Latim.

Em Coimbra foi primeiro assistente, mas, esgotado o tempo do contrato sem se doutorar, não obstante a sua permanência de dois anos em Oxford, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, teve de se retirar do ensino. A lei a tanto obrigava, apesar de a sua extraordinária capacidade pedagógica apontar na direcção oposta. As circunstâncias fizeram, porém, com que esse afastamento não fosse demorado, porque as suas qualidades não estavam esquecidas. Em Maio de 1974, um abaixo-assinado de professores e alunos de Filologia Clássica era entregue à direcção da Faculdade, pedindo-lhe que providenciasse o seu regresso. Passados largos meses, o que parecia impossível realizou-se, e os esforços para o contratar como professor auxiliar foram coroados de êxito (Março de 1975).



Porém esse foi um tempo em que por toda a parte muitos contratos se fizeram com base em critérios que não os que devem regular o acesso à docência universitária. Houve necessidade de pôr cobro a tanta irregularidade e, felizmente, surgiu um Ministro da Educação que teve a coragem de o fazer: o Doutor Sottomayor Cardia, que publicou um decreto-lei em que nomeava comissões científicas nacionais interuniversitárias para ajuizarem do valor desses docentes. Neste caso concreto, o júri, composto pela totalidade dos professores catedráticos da especialidade então em exercício – os Doutores Walter de Sousa Medeiros, Manuel de Oliveira Pulquério e a subscritora destas linhas, todos da Universidade de Coimbra, e Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto e Raúl Miguel Rosado Fernandes, da de Lisboa – teve o gosto de emitir um parecer inequivocamente favorável à manutenção de Louro Fonseca na categoria de professor auxiliar, parecer esse que obteve a aprovação unânime do Conselho Científico da Faculdade de Letras de Coimbra e foi depois sucessivamente renovado. Trata-se de um caso raro, que muitos não conheceram nunca em pormenor, pelo que aqui se deixa registado para honrar a memória de quem recebeu esta distinção.

Os trabalhos que o Dr. Louro da Fonseca foi publicando estão quase todos ligados à docência, em que era, como dissemos, exímio. Estão neste caso as numerosas versões prefaciadas e comentadas de clássicos latinos: o *Pro Archia* de Cícero, incluído, juntamente com outros discursos do Arpinate, num volume da Biblioteca Integral Verbo (Lisboa, 1974) e três comédias de Plauto (*Amphitruo*, 4.<sup>a</sup> ed., 1993); *Miles Gloriosus*, 3.<sup>a</sup> ed., 1987); *Menaechmi*, 2.<sup>a</sup> ed., 1989). Ocupam um lugar à parte, pelo papel que desempenharam no ensino das Línguas Clássicas, a *Iniciação ao Grego* (2.<sup>a</sup> ed., 1987) e *Sic Itur in Urbem. Iniciação ao Latim* (6.<sup>a</sup> ed., 1992).

Estes dois manuais provam a igual facilidade do autor *in utraque lingua*, através de um dos novos métodos hoje usados para a sua docência – mesmo para os chamados “late beginners” – que consiste na combinação entre textos, exercícios e questionários na própria língua e gravuras. E aqui temos outra das capacidades do Dr. Louro Fonseca, revelada não só nestas obras como em inúmeras capas de livros e revistas que ficaram a dever-se-lhe: a sua invulgar habilidade para o desenho. Quando, para corresponder a um insistente pedido de professores do ensino secundário que tomaram parte num dos vários colóquios didáticos organizados em Coimbra, foi criado, em 1984, o *Boletim de Estudos Clássicos*, nunca, em vinte e dois cadernos publicados, deixou de estar presente a sua colaboração (que geralmente abrangia mais de

metade do volume) com longas e divertidas histórias em banda desenhada ou com exercícios sintácticos.

Este brevíssimo perfil do professor ficaria muito incompleto se omitíssemos uma menção de outros dotes artísticos: o saber musical, a que ficaram a dever-se sessões da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, como a da audição comentada de uma ópera de tema grego (*Os Troianos* de Berlioz); e o gosto pelo teatro, de que derivaram brilhantes encenações de partes de *O Díscolo* de Menandro, de *O Soldado Fanfarrão* de Plauto, de uma apresentação (de sua autoria) de *Os dois Menecmos*, levados à cena, no Teatro da Faculdade de Letras, pelo Grupo da Universidade de Trier, perante uma sala cheia de jovens do ensino secundário, vindos de várias partes do País, que assim puderam seguir com gosto a obra representada no original latino.

A confluência de tantos dotes artísticos e literários com um excepcional domínio do Grego e do Latim (e a sua facilidade em se exprimir em qualquer destas línguas, em prosa e em verso, tornou-se proverbial), conjugados com uma afabilidade e disponibilidade raras, fizeram do Dr. Louro Fonseca uma figura inesquecível no Grupo de Estudos Clássicos, que lhe prestou homenagem num número do *Boletim* a ele dedicado. A revista *Humanitas*, a cuja comissão redactora ele pertenceu e que ostenta, desde há alguns anos, uma capa de sua autoria, não podia deixar de, comovidamente, lembrar as suas excelsas qualidades.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

Leiria, 2 de Janeiro de 1953.

Sinopse do percurso académico

Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas / Estudos Clássicos e Portugueses (1981); Mestrado em Literatura Novilatina em Portugal (1984); Doutoramento em Literatura (1990); Agregação em Letras pela Universidade de Coimbra (2002).

Assistente Estagiário na Universidade de Aveiro (1981-83); Assistente da Faculdade de Letras de Coimbra (1983-90); Professor Auxiliar (1990-92); Professor Associado (1992).

Principais cargos e missões

Universitários: Secretário do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra (1983-88); Vice-Presidente da Associação Internacional

de Lusitanistas (1984-90); Representante dos Assistentes, Assistentes Estagiários e Leitores no Conselho Científico-Cultural da Reitoria da Universidade de Coimbra (1986-88); Presidente da Assembleia de Representantes da Faculdade de Letras de Coimbra (1987/88); Orientador Pedagógico da área de línguas clássicas na Universidade do Algarve (1990-94); Vice-Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras de Coimbra (1994-96); Secretário-Geral da Associação Internacional de Lusitanistas (1990-96); Director de Curso (1992-93) e Coordenador (1995-96; 2002-) do Pólo de Leiria da Universidade Católica Portuguesa; Professor Convidado nas Universidades da Ásia Oriental, em Macau (Agosto e Setembro de 1984), de Hamburgo e de Göttingen (1992-93) e de Poitiers (1994 e 1996).

Outros: Presidente do Conselho Municipal de Vila Nova de Ourém (1979-81); Membro da Assembleia Municipal de Ourém (1983-93); Director da revista *Desafios – Revista de Desenvolvimento Regional* (Leiria, 1996); Governador Civil do Distrito de Leiria (1996-2002); Presidente da Direcção da Liga de Amigos da Casa-Museu João Soares (desde 2002).

#### Síntese das principais áreas de investigação

Dedicou-se especialmente ao estudo do tema do exílio, seja na Literatura Latina, seja na Literatura do Humanismo e Renascimento (em Latim e em Português), seja na Literatura Portuguesa. Além de diversos artigos, destacam-se, neste domínio, dois livros: *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português* (Coimbra, Livraria Minerva, 1992); *Um judeu no desterro: Diogo Pires e a memória de Portugal* (Coimbra, CECH/INIC, 1992).

Outra área de investigação é o Humanismo e o Renascimento. Estudou a obra do português Diogo Pires e vários outros autores do Humanismo Português. Dois títulos assumem especial significado: *Diogo Pires – antologia poética*. Introdução, tradução e notas (Coimbra, CECH/INIC, 1983); Diogo de Teive, *Relação das proezas levadas a efeito pelos Portugueses na Índia, junto de Diu, no ano da nossa salvação de 1546*. (Trad. Ed. fac-similada, Lisboa, Cotovia/CNCDP, 1995).

O trabalho neste domínio tem originado momentos de estreita cooperação com a História, nomeadamente através da tradução de documentos importantes da História dos Descobrimentos Portugueses, entre os quais: *A Santa Sé e o Infante D. Henrique* (tradução do Latim e resumos); II parte de *Documentação henriquina* (introdução e organização de José Manuel Garcia: Maia, Castoliva Editora, Lda, 1995), pp. 123-237.

Os estudos camonianos são outra área de investigação a que se dedica, com vários artigos publicados e diversas conferências e comunicações em congressos; faz parte, aliás, do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. A Literatura Latina é, ainda, uma das áreas de investigação privilegiadas. Recentemente, tem-se dedicado ao estudo do tema do amor e da mulher na poesia latina.

#### CARLOS SIMÕES VENTURA

Nascido em Coimbra, em 29 de Março de 1893, aqui faleceu em 30 de Julho de 1975. Era Professor Catedrático desde 1923. Foi grande helenista, possuidor de rigorosa formação linguística que inculcava nos seus discípulos. A cadeira de Grego Elementar que durante anos funcionou no primeiro ano das licenciaturas em Filologia Clássica, Filologia Românica e Filologia Germânica tornou-se assim uma disciplina de iniciação no rigor científico da análise fonético-morfológica para alunos cujos estudos iam distribuir-se por campos muito variados.

Os que prosseguiram com ele o estudo do Grego, os alunos de Filologia Clássica, iriam adquirir seguidamente, e com o mesmo rigor e espírito crítico, uma formação sintáctica e estilística de cariz não só teórico, mas igualmente prático, que se traduzia num conhecimento aprofundado não apenas do mecanismo da construção da língua grega, mas também da portuguesa. Na verdade, as traduções do Grego, feitas pelo Doutor Ventura, caracterizavam-se por uma busca da simplicidade de processos sintácticos e estilísticos, aliada a uma fidelidade ao original, juntamente com um aticismo na expressão portuguesa, que muitas vezes deixavam deslumbrados os alunos e criavam neles o desejo de imitar o Mestre.

Uma das paixões do Doutor Ventura foi a língua portuguesa que, na sua fase medieval e quinhentista, conheceu como ninguém no seu tempo. A excelente preparação linguística de filólogo greco-latino colocava-o em condições ímpares para o estudo dos períodos mais antigos do português. E também as contínuas horas de leitura, ao longo duma vida de estudioso infatigável, muitas vezes na companhia da mulher inteligente e culta que foi D. Augusta Faria Gersão Ventura, uma professora de matemática, profundamente conhecedora

---

Nota biográfica escrita pelo Doutor Américo da Costa Ramalho e publicada no *Anuário da Universidade de Coimbra* (1975-1976), 597-8.

de Astronomia, de Botânica e de Literatura Portuguesa Antiga que estudara com D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Era a Senhora D. Augusta a leitora, nos períodos em que os olhos não deixavam que o marido lesse.

De catadura severa, algo distante nas aulas, acolhia em sua casa, com uma cordialidade insuspeitada dos que não o conheciam bem, os seus antigos alunos, depois de formados, e sobretudo os seus jovens assistentes. Era então possível ouvir-lhe comentar trabalhos recentes, como edições de textos de português antigo, em que as incongruências das lições propostas pelos editores se desvaneciam e o texto se tornava luminosamente claro, graças ao conhecimento excepcional que o Doutor Simões Ventura possuía da língua, à sua finura interpretativa, à sua penetração crítica.

Infelizmente, não gostava de publicar. Por uma como humildade, não isenta de orgulho, ia acumulando notas e fichas, às centenas, que deixou à Faculdade onde certamente aguardam que alguém as utilize.

A ressurreição do Grego Clássico em Portugal ficou a dever-se às aulas do Professor Carlos Ventura. Bastará lembrar que dos actuais professores do Grupo de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Coimbra, todos os que foram seus alunos se doutoraram com teses sobre Língua ou Cultura Gregas.

A sua bibliografia, pelos motivos já apontados, não é abundante. Salientamos *Tácito. Vida de Júbilo Agrícola. Autenticidade, data de composição, fim e género literário*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1917 (dissertação de doutoramento); *Reflexões sobre o aspecto verbal I*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1920 (dissertação de concurso para assistente); “A mais recente leitura da *Carta de Pêro Vaz de Caminha*”, *Brasília I*, Coimbra, 1942.

O restante pode ler-se na bibliografia com o título de *Publicações dos Professores da Faculdade de Letras* que a sua escola fez editar em 1974.

CARLOTA MARIA LOPES DE MIRANDA URBANO

Coimbra, 12 de Agosto de 1969.

Sinopse do percurso académico

Licenciou-se em Línguas e Literaturas Clássicas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no ano de 1991. Entre 1993 e 1995 foi Assistente Estagiária da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e, desde 1995, é docente do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em 1996, obteve na mesma Universidade o grau de mestre com a dissertação: *A oração de Sapiência do P. Francisco*

*Machado SJ - Coimbra, 1629. Estudo, tradução e comentário.* Em 2004, prestou provas de Doutoramento na mesma Universidade, apresentando a dissertação: *Santos e Heróis. A épica hagiográfica novilatina e o poema Paciecidos (1640) de Bartolomeu Pereira SJ.*

#### Principais cargos e missões

Enquanto Assistente do Instituto de Estudos Clássicos, foi secretária da Comissão Científica do Grupo de Estudos Clássicos e representante dos Assistentes do mesmo Instituto no Conselho Científico da Faculdade. Foi ainda nessa qualidade que integrou a Comissão Coordenadora do Conselho Científico.

#### Síntese das principais áreas de investigação

A sua investigação tem-se centrado na Literatura Novinatina do Humanismo português. No extenso corpus textual deste período da nossa história, os seus interesses têm-se dirigido sobretudo a textos da primeira metade do séc. XVII, de autores jesuítas ou da sua influência. A tradução e o estudo destes textos produzidos nos Colégios da Companhia e na Universidade têm revelado alguns aspectos interessantes, quer numa perspectiva literária quer histórica, sobre o ambiente universitário de Coimbra, desde a evolução de critérios literários no período de transição entre o humanismo Clássico e o Barroco, à resistência autonomista de oposição à união das coroas de Portugal e Castela. Títulos como *A Oração de Sapiência do P. Francisco Machado SJ - Coimbra, 1629. Estudo. Tradução. Comentário* (Lisboa, Colibri, 2001), ou “Poesia épica novilatina no período filipino”, *Humanitas* 53 (2001) 343-346, são disso mesmo reveladores.

Ultimamente, com especial interesse na poesia épica de tema hagiográfico, a sua investigação tem estudado a permanência dos modelos de heroísmo épico clássico nos textos renascentistas, mas também a sua interação com os modelos de heroísmo espiritual de santidade que neste período conheceram especial popularidade. Os seus trabalhos mais recentes exploram as relações entre poesia e apologética no contexto das reformas, ou entre literatura e espiritualidade (particularmente a espiritualidade inaciana e a sua influência na criação literária) e temas como a mística da missão e do martírio associada às missões jesuítas no extremo Oriente. A sua dissertação de Doutoramento é um dos seus trabalhos mais recentes: *Santos e Heróis. A épica hagiográfica novilatina e o poema Paciecidos (1640) de Bartolomeu Pereira*

*S,J* (Coimbra, 2004). Outros títulos como “Heroísmo, santidade e martírio no tempo das reformas”, *Península - Revista de Estudos Ibéricos* 1 (2004) 269-276 ou “O canto do martírio: Espírito agónico no humanismo” in F. Oliveira (coord.), *O Espírito Olímpico no novo milénio* (Coimbra, 2000) 183-195, ilustram o seu interesse por aquelas matérias.

CARMEN ISABEL LEAL SOARES

Coimbra, 9 de Outubro de 1970.

Sinopse do percurso académico

Licenciada em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, pela Universidade de Coimbra (1993); Assistente Estagiária (1994); Mestre em Literaturas Clássicas, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1996), com a dissertação *A descrição do exército em Eurípidés (processos discursivos)*; Assistente (1996); Doutor em Letras, na área de Estudos Clássicos, na especialidade de Literatura Grega, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2001), com a dissertação *A morte em Heródoto. Valores universais e particularismos étnicos*; Professora Auxiliar (2001); Professora Associada (2003).

Principais cargos e missões

Secretária da Direcção do Instituto de Estudos Clássicos (1995-97; 2001-03); Representante (desde 1999) da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos junto de dois departamentos do Ministério da Educação, o DES (Departamento do Ensino Superior) e o GAVE (Gabinete de Avaliação Educativa); Representante do Grupo de Estudos Clássicos na Coordenadora do Conselho Científico da Faculdade (2002-04); Representante da Faculdade no Grupo de Missão criado pela Reitoria para o Espaço Europeu de Ensino Superior (desde Julho de 2004); Vice-Presidente do Conselho Científico da Faculdade (desde Setembro de 2004).

Coordenadora do Curso de Verão “Multiculturalismo: bases de uma consciência europeia” (Faculdade de Letras, 1-18 de Junho, 2004).

Síntese das principais áreas de investigação

Áreas de investigação principais e algumas publicações daí resultantes:

Literatura grega: *O discurso do extracénico. Quadros de guerra em Eurípidés* (Lisboa, Colibri, 1999);

Historiografia grega: *Heródoto. Histórias, livro 8<sup>o</sup>* (Lisboa, Edições 70, 2002), introdução de Carmen Leal Soares, versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira e Carmen Leal Soares; *A morte em Heródoto. Valores universais e particularismos étnicos* (Coimbra, FCG/FCT, 2003).

Recepção contemporânea da herança clássica: “O exílio afectivo de Antígona na *Perdição* de Hélia Correia”, in Carlos Morais (coord.), *Máscaras Portuguesas de Antígona, Ágora*, Suplemento 1 (Aveiro, 2001) 121-39; “A teia de Ulisses: *A Canção de Tróia* de Colleen McCullough”, in F. Oliveira (coord.), *Penélope e Ulisses* (Coimbra, 2003) 371-91.

Outras áreas de interesse: estudos comparatistas; obra de autores clássicos relevantes para outras áreas de estudo, como a filosofia, a história, as literaturas modernas, a biologia (Platão, Aristóteles e Plutarco).

CLÁUDIA RAQUEL CRAVO DA SILVA

Figueira da Foz, 30 de Julho de 1972.

#### Sinopse do percurso académico

Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa (1994); Assistente Estagiária do Instituto de Estudos Clássicos (1995-99); Mestrado em Literatura Grega (1999), com a dissertação intitulada *Os Heraclidas de Eurípidés* (introdução, tradução do grego e notas). Actualmente, é Assistente do Instituto de Estudos Clássicos (desde 1999) e prepara Doutoramento na área de Estudos Clássicos, especialidade de Literatura Grega, com o tema “Magia amorosa e Arte Poética no *Idílio 2* de Teócrito”.

#### Principais cargos e missões

Secretária do *Boletim de Estudos Clássicos* (1995-2001); Secretária da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (1997-2001); Membro da Assembleia de Representantes da Faculdade de Letras (1995-2001); Membro da Comissão Coordenadora do Relatório de Auto-avaliação do Grupo de Estudos Clássicos (1994-95); Membro do Conselho Pedagógico, como representante dos Assistentes do grupo de Estudos Clássicos (desde 2004); Membro do grupo de teatro Thíasos; Membro do projecto de investigação sobre representações de Teatro Clássico em Portugal (coord. Maria de Fátima Silva), que conta já com três volumes publicados (Lisboa, 1998, 2001 e 2004); Membro do Projecto PI (projecto para a infância), cujo objectivo principal é familiarizar as crianças de tenra idade com histórias, poemas, melodias, jogos,



imagens e dramatizações relacionadas com a cultura greco-romana; Membro do projecto “Lexicon: Dicionário de Grego-Português”, coordenado pelo Doutor Manuel Alexandre Júnior (Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), que terá início no ano de 2005.

#### Síntese das principais áreas de investigação

Tem desenvolvido investigação sobre os temas seguintes: representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo; teatro de Eurípides, em geral, e a sua tragédia *Os Heraclidas*, em particular, obra que comentou e traduziu; didáctica das Línguas Clássicas e formação de professores de Latim; Projecto PI (projecto para a infância); a poesia grega do Período Helenístico, mais concretamente a obra de Teócrito, que constitui objecto da sua dissertação de Doutoramento, ainda em curso.

DELFIN FERREIRA LEÃO

Porto, 11 de Março de 1970.

#### Sinopse do percurso académico

Frequentou, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, as cadeiras correspondentes ao curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa (1988-92), passando a integrar o corpo docente dessa mesma Faculdade a partir de 1993; terminou o Mestrado em Literatura Latina, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1995), apresentando a dissertação *As ironias da Fortuna. Sátira e Moralidade no “Satyricon” de Petrónio* (Lisboa e Coimbra, Colibri, 1998); concluiu o Doutoramento em História da Cultura Clássica (2000), com a defesa da dissertação *Sólon. Ética e política* (Lisboa, Gulbenkian, 2001). É, desde 2002, Professor Associado (com Agregação a partir de 2004) do Grupo de Estudos Clássicos.

#### Principais cargos e missões

Em termos administrativos, desempenhou, entre outras funções, as de Presidente da Direcção do Coral de Letras, em cuja refundação colaborou, Tesoureiro da Direcção da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Secretário do Instituto de Estudos Clássicos e do Instituto de Estudos Teatrais, Tesoureiro da Direcção do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Presidente do Conselho Pedagógico, Administrador da página WEB do Grupo de Clássicas, Director do Curso de Pós-graduação em Teatro Clássico e sua Recepção e Director da linha de investigação em Pragmática Teatral no

CECH. Desde Setembro de 2003, passou a desempenhar o cargo de Director do Instituto de Estudos Clássicos e da revista *Humanitas*.

No que se refere a actividades de extensão cultural, tem trabalhado, em particular, no teatro de tema clássico, sendo um dos membros fundadores do Thíasos, cuja direcção integrou em mandatos sucessivos e onde colabora regularmente como encenador e actor, nas várias produções do grupo, vistas já por mais de vinte e cinco mil espectadores, repartidos por Portugal, Espanha, França e Itália.

#### Síntese das principais áreas de investigação

Integra a equipa de investigadores do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra desde 1993: na área de Grego, tem publicado trabalhos sobre teatro (Aristófanes), historiografia (Heródoto), teorização ética e política (Sólon e Aristóteles), história das idcias (Plutarco); na área de Latim, desenvolveu trabalho em romance (Petrónio) e literatura epigramática (Marcial). Publicou, ainda, alguns artigos sobre a perenidade da cultura clássica na literatura contemporânea. Colabora regularmente nas revistas *Humanitas* e *Boletim de Estudos Clássicos*, tendo integrado já a equipa redactorial de ambos estes periódicos.

No conjunto, publicou quinze livros (na íntegra ou em colaboração), além de cerca de seis dezenas de artigos, recensões e notícias críticas saídos em revistas da especialidade (em Portugal e no estrangeiro).

Entre os trabalhos de investigação, tem dedicado uma atenção especial à tradução e comentário de obras de autores clássicos: *Plutarco. Vida de Sólon* (Lisboa, Relógio d'Água, 1999); *Heródoto. Livro 6º das Histórias*, em co-autoria (Lisboa, Edições 70, 2000); *Marcial. Epigramas, vols. I-IV*, em co-autoria (Lisboa, Edições 70, 2000-2004); *Aristóteles. Constituição dos Atenienses* (Lisboa, Gulbenkian, 2003), trabalho que recebeu o Prémio de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa, promovido pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia / União Latina; *Aristóteles. Económicos* (Lisboa, INCM, 2004).

FRANCISCO DA LUZ REBELO GONÇALVES

Santarém, 15 de Novembro de 1907 - Lisboa, 23 de Abril de 1982.

Sinopse do percurso académico

Licenciatura em Filologia Clássica (1928); Doutoramento em Filologia Clássica (1930); Doutor *honoris causa* pela Universidade de Coimbra (1940); Doutor *honoris causa* pela Universidade de Poitiers (1953); Doutor *honoris causa* pela New University of Ulster (1971).

Sócio da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Academia Brasileira de Filologia, da Academia Mundial de Artes e Profissões Liberais (Roma) e da Academia das Ciências do Instituto de Bolonha.

Principais cargos e missões

Docência na Faculdade de Letras de Lisboa, como Assistente e como Professor Auxiliar (1928-34); Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, onde fundou a cadeira de Filologia Portuguesa (1935-37); Professor Catedrático contratado da Faculdade de Letras de Lisboa (1938); Professor Catedrático efectivo da Faculdade de Letras de Coimbra (1939-51); Relator da Conferência Ortográfica Luso-Brasileira (1945); Professor Catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa (1952-70).

Síntese das principais áreas de investigação

Filologia Clássica: fundador das revistas *Humanitas* (Faculdade de Letras de Coimbra, 1947) e *Euphrosyne* (Imprensa Nacional, 1957; Faculdade de Letras de Lisboa, 1967).

Estudos camonianos; lexicologia portuguesa: autor do *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa* (Coimbra, Atlântida, 1947) e do *Vocabulário da Língua Portuguesa* (Coimbra, Coimbra Editora, 1966).

Estudos luso-brasileiros: fundador da revista *Brasília* (Faculdade de Letras de Coimbra, 1942).

*Obra completa*, editada pela Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, 1995-2002), em 3 volumes: I. Filologia Clássica; II. Filologia Portuguesa; III. Estudos Camonianos.

---

Nota biográfica preparada pela Doutora Maria Isabel da Silva Rebelo Gonçalves, professora aposentada da Faculdade de Letras de Lisboa e filha do Doutor F. Rebelo Gonçalves.

FRANCISCO DE SÃO JOSÉ DE OLIVEIRA

Cantanhede, 22 de Dezembro de 1949.

#### Sinopse do percurso académico

Licenciatura em Filologia Clássica (1974); profissionalização no ensino secundário (1975); contrato como Assistente da Faculdade de Letras de Coimbra (1977); Doutoramento em História da Cultura Clássica pela Universidade de Coimbra (1996); aprovação no concurso para Professor Associado (1998); obtenção do título de Agregado (1992); Professor Catedrático de nomeação definitiva (desde 1994).

#### Principais cargos e missões

Para além das missões internacionais, de congressos, conferências, da participação em programas (Alfa, Erasmus, Minerva, Socrates, Tempus), da Presidência do Conselho Directivo da Faculdade de Letras (1998-2002), referam-se os seguintes cargos actuais e distinções: sócio correspondente da Real Acadèmia de Bones Lletres da Catalunya; Vice-Presidente e Tesoureiro da Euroclassica - Fédération Européenne des Associations de Professeurs de Langues et de Civilisations Classiques (desde 1998); Presidente e Tesoureiro da Euroclassica (desde 2003); Tesoureiro do Centro de Investigação Internacional sobre a Latínidade 'Leopold Senghor'; Membro da Comissão Redactorial das revistas *Humanitas*, *Ágora* e *Máthesis*; Assessor Científico de *Logo. Revista de Retórica y Teoría de la Comunicación* da Universidade de Salamanca; Consultor Académico da revista *Letras* da Pontifícia Universidade de Campinas - Brasil (desde 2002); Membro do Conselho Editorial de *Scripta Classica On-Line*, do NEAM (Núcleo de Estudos Antigos e Medievais/UFMG - Brasil (desde 2003); Cidadão Honorário de Quios, Homeropolis e Oinoussae (2002).

#### Síntese das principais áreas de investigação

50

Actualmente, prepara uma tradução anotada dos tratados da *República* e das *Leis*, de Cícero, dedicando-se em especial ao estudo das ideias políticas na Antiguidade Clássica e às relações teatro/sociedade. Tem em fase de conclusão a tradução, com comentário e notas, das *Fenícias* de Séneca e das *Cartas de Plínio a Trajano*.

A nível internacional, prepara a produção de um DVD sobre o Ensino do Latim na União Europeia (liderado por P. Ieven, Bélgica); uma publicação

sobre a situação das línguas clássicas na Europa (liderado por J. Bulwer, Inglaterra); lidera o Projecto Europatria.

#### JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

Ílhavo, 26 de Abril de 1956.

##### Sinopse do percurso académico

Aluno de Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1975-79); Assistente na Faculdade de Letras (1982-91); Professor Auxiliar (1991-93); Professor Associado (1993-95), de onde transitou para a Universidade de Aveiro.

##### Principais cargos e missões

Secretário do Instituto de Estudos Clássicos (durante vários anos); Director do *Boletim de Estudos Clássicos*; Membro do Conselho Pedagógico e da Assembleia de Representantes; Presidente da Comissão de Supervisão do Ramo de Formação Educacional (1993-95); Membro da Comissão Organizadora de alguns congressos de Estudos Clássicos; Presidente da Comissão Organizadora dos Colóquios *As Línguas Clássicas: Investigação e Ensino I e II* e responsável pela edição das respectivas Actas.

##### Síntese das principais áreas de investigação

A actividade de investigação, enquanto docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, esteve centrada em dois vectores:

Humanismo renascentista português, onde se insere a tese de Doutoramento e a participação na organização do Congresso Internacional *Humanismo português na época dos Descobrimentos*.

Didáctica das Línguas Clássicas, onde sobressai a organização dos dois colóquios *As Línguas Clássicas: Investigação e Ensino I e II*, com edição das respectivas actas.

#### JOSÉ GERALDES FREIRE

Idanha-a-Nova, 14 de Maio de 1928.

##### Sinopse do percurso académico

Completo o curso dos Seminários Diocesanos (Alcains, Gavião e Marvão), de 1939 a 1951, após o que foi ordenado presbítero. De 1957 a 1962, foi aluno voluntário da Faculdade de Letras de Coimbra, frequentando o

primeiro curso da Nova Reforma da Faculdade, onde foi aluno de dez disciplinas da Doutora Maria Helena da Rocha Perreira. A 31 de Julho de 1962, defendeu a tese impressa *Obra Poética de Diogo Mendes de Vasconcelos*, humanista do séc. XVI (publicada na *Humanitas* de 1962). Tomou posse do lugar de Assistente de Filologia Clássica a 22 de Novembro de 1962 (curso a que se manteve ligado até à sua jubilação, em 1998). De 1965 a 1967, frequentou a Universidade Católica de Nimega (Países Baixos) para se especializar em Latim e Grego dos autores da Antiguidade Cristã e em Latim Medieval, onde seguiu as lições e a orientação da Prof.<sup>a</sup> Christine Mohrmann. Assim preparou a sua tese de Doutoramento, defendida em Coimbra (6, 8 e 9 de Novembro de 1971), intitulada *A versão latina, por Pascásio de Dume (séc. VI) dos Apophthegmata Patrum*, em dois volumes publicados na *Humanitas* (1971 e 1972). Em ordem ao seu concurso para professor extraordinário, publicou *Commonitiones Sanctorum Patrum. Uma nova colecção de Apotegmas* (1974), a cargo do Instituto de Alta Cultura, provas só realizadas após a Revolução de Abril, a 6 e 8 de Maio de 1978. Por decreto de Maria de Lurdes Pintassilgo, que, em Novembro de 1999, reformou o curriculum universitário (em que foi suprimido o lugar de Professor Extraordinário), foi promovido a Professor Catedrático a 1 de Dezembro de 1999.

#### Principais cargos e missões

Foi redactor principal de «O Distrito de Portalegre» (1951-55). Para complemento do Curso de Latim, organizou uma *Antologã de Latim da Igreja* (ed. polic., 1960) e uma *Antologã de Latim de Autores Portugueses* (1961). Como docente, foram-lhe confiadas, ao longo dos anos, quinze disciplinas diferentes.

#### Síntese das principais áreas de investigação

52 Como professor de Latim I, introduziu os cursos com o livro *Valor e Actualidade dos Estudos Clássicos* (Almedina, 1968). Ao longo dos anos, foi publicando numerosos estudos, nas revistas da Faculdade de Letras e noutras revistas nacionais e estrangeiras. Publicou ainda os seguintes livros: *Processo de Sancamento* (1976), *Sinopses da Literatura Grega e da Literatura Latina* (Verbo, 1977), *Resistência Católica ao Salazarismo-Marcelismo* (1976), *O Segredo de Fátima* (1977), *Guia de História da Língua Latina* (1978), *João Paulo II Peregrino de Fátima* (1983, traduzido em seis línguas), *Segunda Peregrinação de João Paulo II a Fátima* (1992), *Documentação crítica de*

*Fátima* (série por ele orientada) e de que publicou os dois primeiros volumes: I. *Interrogatórias aos Videntes em 1917* (1992), II. *Processo Canónico Diocesano, 1922-1930* (1999).

Ao mesmo tempo, manteve colaboração regular na *Humanitas*, com “Notícias e Comentários” (1972-87) e 13 “Notas de Investigação” (1976-96) e no *Boletim de Estudos Clássicos*, com 7 artigos sob o título geral de “Latim Medieval em Portugal” (1994-98) e entre muitos outros os artigos programáticos “Factores de individualidade do Ocidente Hispânico” (1987) e “Da Filologia Clássica do séc. XIX à filologia cristã (grega e latina) e ao latim tardio (séc. IV-VII)” (1988), em que apresenta o elenco resumido da vida e obra dos autores naturais do Ocidente Hispânico na Antiguidade Tardia. A Oração de Sapiência, proferida a 15 de Outubro de 1995, sob o título de *O Latim Medieval em Portugal: Língua e Literatura*, dá uma ideia dos documentos, obras e autores de que tratou nos 18 cursos que leccionou sobre este tema, de 1978 a 1998.

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO

Miranda do Corvo, 20 de Janeiro de 1967.

Sinopse do percurso académico

Depois de frequentar, durante três anos, o curso filosófico-teológico do Instituto Superior de Estudos Teológicos de Coimbra (ISET), ingressou em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e licenciou-se em 1992; concluiu o Estágio Pedagógico do Ramo de Formação Educacional, 1993; defendeu a dissertação de Mestrado em Literaturas Clássicas em 1996 e a de Doutoramento, na especialidade de Literatura Latina, em 2003.

Leccionou no Ensino secundário até 1995, data a partir da qual ingressou, como Assistente Estagiário, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Passou a Assistente do Instituto de Estudos Clássicos em 1996. Actualmente é Professor Auxiliar.

Principais cargos e missões

Presidente da Direcção da Associação Cultural Thíasos; Tesoureiro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Tesoureiro da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos; Representante dos docentes doutorados do Grupo de Estudos Clássicos no Conselho Pedagógico; interlocutor do projecto Alfa pela Universidade de Coimbra.

### Síntese das principais áreas de investigação

Tem desenvolvido a pesquisa principalmente sobre os Epigramas de Marcial e a biografia suetoniana. Além da publicação de «*Da quod Amem*» *Amor e amargor na poesia de Marcial* (Coimbra, Colibri / Faculdade de Letras, 1998), fez parte da equipa que traduziu para português os Epigramas de Marcial, publicados em quatro volumes pelas Edições 70. Estudou, no âmbito do Doutoramento, as *Vidas dos Césares* de Suetónio e, mais recentemente, as biografias de poetas, particularmente Terêncio. Paralelamente, fez algumas incursões nos romances de Apuleio e Petrónio. Além disso, publica regularmente no *Boletim de Estudos Clássicos* artigos de carácter didáctico, alguns dos quais visando o aproveitamento daqueles autores (Marcial, Petrónio, Suetónio) para o ensino da língua e cultura latinas.

Desenvolve também trabalho teórico e prático na área do teatro clássico. Participa, como membro do CECH, no projecto de traduções do teatro latino, para o qual prepara a tradução do *Poenulus* de Plauto. Integra a equipa de pesquisa sobre representações de teatro clássico em Portugal, da qual já resultaram três publicações, e é membro fundador do Grupo Thíasos. Tem participado como actor ou consultor na maior parte das peças produzidas pelo grupo e encenou o *Auto da Alma* de Gil Vicente. Actualmente dirige a encenação de *As Mulheres no Parlamento* de Aristófanes.

#### JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

Santo Tirso, 23 de Julho de 1941.

##### Sinopse do percurso académico

Matriculado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1966, terminou o curso de Filologia Clássica em 1969. No ano lectivo de 1969-70, concluiu também o curso de Ciências Pedagógicas. Em 1971, apresentou-se ao acto de Licenciatura com a dissertação *Eurípides: Andrómaca* (introdução, tradução e notas). Doutorou-se em História da Cultura Clássica (1984), com a dissertação *Hélade e Helenos. I- Génese e Evolução de um Conceito*. Em 1985, foi aprovado no concurso para Professor Associado. Em 1991, realizou provas para obtenção do título de Agregado. Em 1992, submeteu-se a concurso para Professor Catedrático.

Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1971-84); Professor Auxiliar (1984-86); Professor Associado (1986-92), com



nomeação definitiva desse grau a partir de 1991. Professor Catedrático definitivo desde 1992.

#### Principais cargos e missões

Director do Instituto de Estudos Clássicos (1995-2003); Director da revista *Humanitas* (1995-2003); Presidente do Conselho Pedagógico (1988-90); Membro do Conselho Directivo (1984-85); Director da Biblioteca Central da Faculdade de Letras (1994-2003); Sócio da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa; Membro da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos; Presidente da Sociedade Portuguesa de Plutarco; Membro da Sociedad Española de Estudios Clásicos, e da Hellenic Society.

#### Síntese das principais áreas de investigação

Investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra desde 1971, a sua investigação tem incidido sobre cultura clássica e literatura grega, em especial Poemas Homéricos, poesia arcaica, historiografia, teatro (*Filoctetes* de Sófocles e *Andrómaca* e *Suplicantes* de Eurípidas), poesia helenística; história, teoria política, democracia e o federalismo gregos; arte grega; literatura latina, em especial Catulo; a influência da Grécia e de Roma na Revolução Francesa; a permanência da cultura clássica na literatura portuguesa. No domínio da história e arte gregas, tem colaborado com o Grupo de História e com a Universidade Aberta, para a qual produziu o manual *Civilizações Clássicas I - Grécia* e vários programas de vídeo; colaborou com o Museu da Fundação C. Gulbenkian, proferindo, em conjunto com o numismata Mário de Castro Hipólito, uma série de conferências de enquadramento à colecção de moedas gregas do Museu, de que resultou o livro *A Grécia Antiga. Sociedade e Política*. No âmbito do teatro grego e latino, organizou festivais anuais, um dos finais destinado às Escolas do Ensino Básico e Secundário. Relativamente à recepção da cultura clássica na literatura portuguesa, promoveu encontros com escritores de que resultou o livro *Fluir Perene*, publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

LUÍSA DE NAZARÉ DA SILVA FERREIRA

Fundão, 22 de Junho de 1970.

#### Sinopse do percurso académico

Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1992). Ao abrigo do Programa

Erasmus, obteve o Diplôme D'Études Approfondies, na especialidade “Monde Méditerranéen Antique”, na Universidade de Caen (1993). Concluiu o Mestrado na Universidade de Coimbra (1997), com a dissertação *Sacrifícios de crianças em Eurípides*.

Foi professora de Língua Portuguesa e Latim na Escola Secundária do Fundão (1993-94), Assistente Estagiária no Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora (1995-96), e integra o Grupo de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, primeiro na qualidade de Assistente Estagiária (1996) e agora na de Assistente (desde 1997).

#### Principais cargos e missões

Secretária/Tesoureira do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Secretária do Instituto de Estudos Clássicos.

#### Síntese das principais áreas de investigação

Colabora regularmente no projecto “Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo”, do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, e com o grupo de teatro Thíasos, onde tem sido responsável pela concepção do guarda-roupa de grande parte das produções. Tem desenvolvido a sua investigação principal na área da cultura e literatura gregas (épocas arcaica e clássica), da história social (a vida da criança, vestuário) e da recepção da cultura clássica. Prepara actualmente a tese de doutoramento em Literatura Grega sobre *Itinerários poéticos na Grécia arcaica: uma leitura da obra de Simónides*.

#### MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO

Lisboa, 16 de Dezembro de 1928.

#### Sinopse do percurso académico

56

Licenciatura em Filologia Clássica, na Universidade de Lisboa (1950); Doutoramento na Universidade de Coimbra (1964); concurso para Professor Extraordinário, na Universidade de Coimbra (1969); concurso para Professor Catedrático, na Universidade de Coimbra (1971).

#### Principais cargos e missões

Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras de Coimbra (1979); Vice-Reitor da Universidade de Coimbra (1979-82); Director da

Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa – Viseu (1993-2004); Director da revista *Máthesis* (1992-2004); participação na “Conferência regular sobre problemas universitários” do Conselho da Europa (em representação da Universidade portuguesa), Estrasburgo (1979-82); participação em reuniões conjuntas da “Conferência de Reitores Espanhóis” e “Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas”, Granada (1980) e Sevilha (1981); participação na “Conferência de Reitores Europeus”, Porto (1982).

#### Síntese das principais áreas de investigação

Domínio de investigação: Língua, Literatura e Métrica Gregas (particularmente: tragédia grega).

Principais publicações:

*Estrutura e função do diálogo lírico-epirremático em Ésquilo* (tese de Doutoramento, 1964); *Características métricas das monódias de Eurípides* (tese de concurso para Professor Extraordinário, 1969); *Problemática da tragédia sofoclíana* (2ª ed. 1987). A esta obra foi atribuído o Prémio Nacional de Ensaio.

Escreveu ainda, além de traduções de Ésquilo e Platão, dois livros de poemas: *Tempo de Sempre e Eterno Retorno*.

MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA

Porto, 18 de Agosto de 1950.

#### Sinopse do percurso académico

Licenciatura em Filologia Clássica (1973); apresentação da tese de Licenciatura (1974) subordinada ao tema *O Díscolo de Menandro* (Introdução, tradução e notas), elaborada sob a orientação da Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira; Assistente Eventual da Faculdade de Letras (1974); Assistente de Filologia Clássica (1976). Dispensa de serviço docente com vista à preparação da tese de Doutoramento (1980-83). Durante esse período, foram-lhe concedidas, pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, duas bolsas de curta duração, para deslocação a Paris, onde procedeu à recolha de elementos bibliográficos na Biblioteca Nacional de Paris e na Universidade de Paris-Sorbonne; provas de Doutoramento na área de Literatura Grega (1984), tendo defendido uma tese subordinada ao tema *Crítica Literária na Comédia Grega. Género dramático*. Professora Auxiliar (1984); Profes-

sora Associada do Grupo de Estudos Clássicos (1986), com nomeação definitiva (1991); Provas de Agregação (1992); Professora Catedrática a título definitivo (1992).

#### Principais cargos e missões

Coordenadora de um programa de intercâmbio de estudantes do Instituto de Estudos Clássicos com Caen e Granada, ao abrigo do Projecto ERASMUS, nos anos lectivos de 1989-90 a 1993-94; Vice-Presidente do Conselho Directivo da Faculdade (1992-94); Pró-Reitora para a Cultura (1998-2002); Assessora da linha 2 do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (1986-92); Directora da linha de Grego do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (desde 2003); Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (1995-2002); Membro da Sociedade Espanhola de Estudos Clássicos; Membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos; Membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico (1995-98 e desde 2002); Directora do *Boletim de Estudos Clássicos* (desde 1995); Coordenadora do Mestrado em Literaturas Clássicas (1995-2005); Coordenadora do programa de inventariação de representações de teatro clássico em Portugal - CECH (desde 1997); Membro da comissão internacional de coordenação do Network on Performances on Ancient Greek Drama (desde 1999); Membro do Grupo de Investigação do Departamento de Estudos Gregos da Universidade de Granada (desde 2001); Membro da Comissão de Avaliação Externa das Universidades Portuguesas (de Novembro de 2001 a Julho de 2002); Presidente da APEC (desde 2002); Presidente da Comissão Científica do Grupo de Estudos Clássicos (desde 2002); Directora da Revista *Biblos* (desde 2003); Coordenadora da comissão para a instalação da área de Estudos Orientais na FLUC.

#### Síntese das principais áreas de investigação

58

Traduções: comédias de Aristófanes (*Acarnenses, Cavaleiros, Paz, Aves, Lisístrata, Tesmofórias, Mulheres na assembleia*) e de Menandro (obra completa); *Caracteres* de Teofrasto; *Quéreas e Calíroe* de Cáriton; Livros I, III, IV de Heródoto (em colaboração).

Estudos sobre teatro grego antigo, sobretudo Aristófanes e Eurípides.

Estudos sobre historiografia grega (Heródoto).

Estudos sobre a perenidade do teatro grego antigo na moderna dramaturgia, sobretudo portuguesa.

MARIA DO CÉU GRÁCIO ZAMBUJO FIALHO

Évora, 30 de Março de 1953.

Sinopse do percurso académico

Licenciatura em Filologia Clássica, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1975); Tese de Licenciatura (pós-licenciatura) à Faculdade de Letras, *Rei Édipo: introdução e tradução do grego* (1976); provas de Doutoramento (1988) em Literatura Grega na Faculdade de Letras, com o tema *Luz e Trevas no Teatro de Sófocles* (public. Coimbra, INIC, 1992); concurso para Professora Associada do Grupo de Estudos Clássicos (1992); provas de Agressão em Literatura Grega (1995); Professora Associada de nomeação definitiva do Grupo de Estudos Clássicos (1997); nomeação como Professora Cate-drática do Grupo de Estudos Clássicos da FLUC, na sequência de concurso para preenchimento de vaga (1998).

Bolsas e cursos: Bolseira do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD) no Goethe-Institut de Lüneburg. Exame da Grundstufe (Agosto-Setembro, 1975); Bolseira DAAD no Goethe-Institut de Freiburg. Exame da Mittelstufe (Agosto-Setembro, 1980); Bolseira DAAD (1980-82) e Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (1983), na Ludwigs-Maximilian-Universität, Munique, para preparação de Doutoramento, onde trabalhou sob orientação dos Profs. Hellmut Flashar e Dieter Bremer. Frequentou os seminários: Aristoteles, Poetik (H. Flashar); Aristoteles, Ethik (H. Flashar); Sophokles, König Ödipus (H. Flashar); Doktorandenkolloquium Platon und die Vorsokratiker (U. Hoelscher/D. Bremer); Vico und die Antike (Otto/Bremer). Frequentou cursos teóricos (Vorlesungen): Einführung in den Humanismus (E. Kessler); Griechische Ethik (Spaemann); Hellenistische Zeit (Lauffer); Platon und seine Nachwirkung (Bremer); Plotin (Bremer); Sophokles (Flashar); Thukydidés (Bremer).

Principais cargos e missões

Presidente da Comissão Científica do Grupo de Estudos Clássicos (1998-2002); Coordenadora dos Programas de Intercâmbio SOCRATES com as Univs. Complutense de Madrid, Freiburg, Munique, Perugia, Valladolid, Trento (desde 1999); Coordenadora da parte portuguesa da Acção Integrada Luso-Espanhola com Valladolid “Vivência e expressão de eros na Literatura Grega” (2000-01); Coordenadora Científica do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (desde 2000) e do projecto global da UI&D – Europa. Raízes

de Identidade (com o subprojecto “Génese e consolidação da ideia de Europa”); Coordenadora do IP/SOCRATES Eros e Drama, com participação das Universidades de Freiburg, Lecce, Lisboa, Salamanca, UED-Madrid, Valladolid (2002-03); Membro da Comissão de organização Curricular da Licenciatura em Estudos Europeus (2002-03); Membro do Secretariado da Licenciatura em Estudos Europeus (desde 2003); Coordenadora da parte portuguesa da Acção Integrada Luso-espanhola com Valladolid “Ritos e mitos no teatro grego” (2003-04); Directora da Pós-graduação e Mestrado em Poética e Hermenêutica (desde 2003).

#### Síntese das principais áreas de investigação

Literatura Grega (lírica, teatro – estudo e tradução: “Sobre o tempo em Píndaro”, *Miscelânea de estudos em h. Costa Ramalho* (Coimbra, 1992) 47-62; *A nau da maldição. Estudo sobre Sete contra Tebas* (Coimbra, 1995).

Poética e Retórica (regência de várias cadeiras de licenciatura, de pós-graduação e mestrado); coordenação, juntamente com C. A. Pérez Jiménez e J. R. Ferreira, do volume *O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política* (Coimbra-Málaga, 2004); “A retórica na tragédia grega: horizonte político da sua utilização dramática”, in *Retórica, Política e Ideologia: Desde la Antigüedad hasta nuestros días* (Salamanca, 1998).

Ética aristotélica (trad. em curso de *Ética a Nicómaco*).

Europa: ideia de Europa; cidadania e experiência de identidade (“Hele nos e bárbaros em Ésquilo. Autognose e problematização do Eu na representação do Outro”: in *Máscaras, Vozes e Gestos* (Aveiro, 2001) 51-70; “Cidadania e celebração na Grécia Antiga”, in coord. M. M. Tavares Ribeiro, *Europa em mutação. Cidadania. Identidades. Diversidade cultural* (Coimbra, 2003) 13-30; “Mito, narrativa e memória”, Actas do Colóquio *Que fazer com este património*, (Lisboa, 2004).

Recepção da literatura e do teatro antigo (participação no grupo de trabalho sobre representações de teatro clássico em Portugal; publicação de vários estudos como “A presença da Antiguidade como referência estruturadora no romance de Vergílio Ferreira: Ângela ou a Filologia morta em Na Tua Face”, *Humanitas* 51 (1999) 323-337; “Sob o olhar de Medeia de Fíama Hasse Pais Brandão”: in *Medeas. Versiones de un mito desde Grecia hasta hoy* (Granada, 2003) 1125-1135.

MARIA HELENA MONTEIRO DA ROCHA PEREIRA

Porto, 3 de Setembro de 1925.

Sinopse do percurso académico

Licenciatura em Filologia Clássica, Universidade de Coimbra (1947);  
Doutoramento em Letras, Universidade de Coimbra (1956); especialização na  
Universidade de Oxford (1950-51, 1954, 1959).

Curso de Língua Hebraica, Universidade de Coimbra; Curso de Língua  
e Literatura Espanhola, Instituto de Estudos Espanhóis, Porto; Cambridge  
Lower Certificate in English.

2º Assistente da Faculdade de Letras de Coimbra (1951-56); 1º Assis-  
tente (1956-62); Professora Associada (1962-64); Professora Catedrática  
(1964-95); Jubilação (1995).

Principais cargos e missões

Vice-Reitora da Universidade de Coimbra (1970-71); Presidente do  
Conselho Directivo Provisório da Faculdade de Letras (1976-77); Presidente  
do Conselho Científico da Faculdade de Letras (1977-89); Directora do Insti-  
tuto de Arqueologia (1965-66); Directora da Biblioteca Central da Faculdade de  
Letras (1965-70); Directora do Instituto de Estudos Clássicos (1991-95); Directora  
da revista *Biblos* (1973-94); Directora da revista *Humanitas* (1993-94).

Cursos de pós-graduação nas Universidades Federais de Minas Gerais,  
Belo Horizonte (1984, 1987, 1997) e do Rio de Janeiro (1987, 1996); Curso  
de Literatura Portuguesa, Macau (1985); Membro do Conselho Nacional do  
Ensino Superior (1979-81). Representante de Portugal na Comissão Perma-  
nente de Ciências Humanas da European Science Foundation (1988-98);  
representante de Portugal no Conselho Científico do *Lexicon Iconographi-  
cum Mythologiae Classicae* (Basel); Presidente da Comissão de Avaliação  
Externa das Universidades Portuguesas (Línguas e Literaturas Clássicas e  
Modernas, 1996-2000).

Síntese das principais áreas de investigação

Entre as mais de seis centenas de trabalhos que publicou, poderão desta-  
car-se os seguintes títulos, exemplificativos das principais áreas sobre as quais  
tem investigado:

Literatura Grega (*Sobre a Autenticidade do Frg. 44 Diehl de Ana-  
creonte*, Coimbra, 1961).

Edições críticas (*Pausaniae Graeciae Descriptio*, Bibliotheca Teubneriana, 3 vols., Leipzig, 2ª ed. 1985-1990).

Temas Clássicos na Literatura Portuguesa (*Novos Ensaio sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, Lisboa, 1988).

História da Cultura Clássica (*Estudos de História da Cultura Clássica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, I vol., *Cultura Grega*, 8ª ed., 1998; II vol., *Cultura Romana*, 3ª ed., 2002).

Pedro Hispano (*Obras Médicas de Pedro Hispano*, Coimbra, 1973).

Vasos Gregos (*Greek Vases in Portugal*, Coimbra, 1962).

MARIA MARGARIDA LOPES DE MIRANDA

Coimbra, 9 de Junho de 1966.

#### Sinopse do percurso académico

Depois dos estudos secundários em Cantanhede e em Coimbra, concluiu a licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1988). No mesmo período, fez estudos musicais no Conservatório de Música de Coimbra. Obteve o grau de Mestre em Línguas e Literaturas Clássicas, na área do Latim Renascentista (1992), e prestou provas de Doutoramento (2003), na especialidade de Literatura Neolatina, na mesma Universidade.

Entre 1990 e 1993, exerceu funções de Assistente Estagiária na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, de onde transitou para Coimbra. Foi Assistente e Professora Auxiliar até 2004, e desde aquela data, é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

#### Principais cargos e missões

Foi, durante dois anos, bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian, graças à qual pôde desenvolver estudos em Roma. Foi também secretária da Comissão Científica de Estudos Clássicos, e secretária do *Boletim de Estudos Clássicos*. Actualmente é secretária do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

#### Síntese das principais áreas de investigação

A principal actividade de investigação situa-se na área do Humanismo europeu e da Literatura Neolatina em Portugal, nomeadamente do teatro humanístico e do teatro jesuítico. O estudo deste fenómeno artístico e cultural



passa inevitavelmente pela actividade de crítica textual e de tradução das fontes, e prende-se não apenas com a História da Literatura mas também com a História do Teatro, das Artes e do Espectáculo, bem como a História das Ideias, e ainda a História da Música e a História da Educação, particularmente o ensino da Retórica e da Literatura na Europa. De entre os principais títulos salientam-se:

“Música para o teatro humanístico em Portugal”, *Humanitas* 55 (2003) 315-340.

Tradução de CITRONI, M. [et al.] - *La Letteratura di Roma Antica* (Roma, Bari: Editori Laterza, 1997), p. 900; [em publicação na F. C. Gulbenkian].

*Teatro nos Colégios dos Jesuítas. Miguel Venegas e a Génese da Tragédia Jesuítica* [em publicação na F.C. Gulbenkian].

O interesse específico pela relação entre Humanismo e Polifonia Clássica em Portugal tem tido como resultado natural a execução de diversos programas musicais, ora em recitais ora em edições discográficas, de que se salientam os seguintes trabalhos:

*Damiãna Musica: um scrão em casa de Góis*. [Coimbra] : Public-art, [c. 2002]. Gravação ao vivo na Igreja de S. João de Almedina, no âmbito do Congresso Internacioanal “Damião de Góis e o Humanismo Europeu (1500-2002)”. Execução integral das composições musicais de Damião de Góis.

*Cantus Passionis D.N.J.C. & aliæ Portugaliae sacrae cantiones*. Instituto Português de Santo António em Roma (2002). Gravação ao vivo na Igreja de Santo António dos Portugueses em Roma.

MARIA TERESA NOGUEIRA SCHIAPPA DE AZEVEDO

Sintra, 8 de Outubro de 1947.

Sinopse do percurso académico

Concluiu as cadeiras da licenciatura em Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Coimbra no ano lectivo de 1969-70 e obteve o grau (1972), com a defesa da tese *Platão. Banquete* (introdução, tradução e notas), elaborada no âmbito do Seminário de Grego, sob a orientação da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira. Paralelamente, frequentou o Conservatório Regional de Coimbra, tendo concluído o Curso Geral de Piano (1970).

Iniciou a carreira docente em 1970/71 no antigo Liceu, ingressando como Assistente Eventual da Secção de Filologia Clássica (1973). Entre 1981-

-84, voltou a leccionar no Ensino Secundário. No ano de 1984, regressou à Faculdade de Letras como Assistente Convidada, categoria em que se tem mantido até ao presente. De momento, encontra-se a preparar a tese de Doutoramento sob a orientação da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira.

#### Principais cargos e missões

Tem desempenhado com alguma regularidade os cargos de representante dos Assistentes no Conselho Pedagógico e no Conselho Científico (como Assistente Convidada, dois mandatos em ambos os Conselhos). No aspecto pedagógico, assumiu a docência (por inteiro ou parcialmente) de um variado leque de cadeiras do âmbito quer do Latim quer do Grego (de língua, linguística, literatura e didáctica). Nos últimos anos, tem estado exclusivamente ligada à docência das cadeiras de Latim para as licenciaturas de Línguas e Literaturas Modernas.

#### Síntese das principais áreas de investigação

O principal trabalho de investigação tem sido canalizado para o estudo dos diálogos platónicos, quer em traduções acompanhadas de estudos introdutórios e notas (de que se destacam *Platão. Banquete*, Lisboa, Edições 70, com várias reimpressões da 2ª edição revista de 1991; e *Platão. Fédon*, Coimbra, Minerva, também com várias reimpressões da 2ª edição revista de 1988) e estudos diversos, repartidos pela revista *Humanitas* e por Actas de Colóquios e congressos em que tem participado.

A poesia de Fernando Pessoa tem sido igualmente, desde o início da sua carreira académica, outro dos interesses destacados, estando publicada uma colectânea dos principais estudos entre 1976 e 1994: *Rostos de Pessoa* (Minerva, Coimbra, 2002).

Tem ainda colaborado regularmente no *Boletim de Estudos Clássicos* com artigos vários que procuram descrever e aprofundar algumas metodologias do Ensino das Línguas Clássicas aplicadas a circunstâncias específicas (ensino para adultos), geralmente decorrentes da sua experiência pessoal de docente, que nos últimos anos se tem orientado no sentido do Latim.

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

Arouca, 15 de Novembro de 1948.

#### Sinopse do percurso académico

Conclusão das disciplinas do curso de Filologia Clássica, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1970); em 1974, apresentou-se ao acto de Licenciatura com a dissertação *A Tragédia do Príncipe João* de Diogo de Teive. Completou simultaneamente o Curso de Ciências Pedagógicas. Entrou na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no ano lectivo de 1974-75, onde permaneceu até 1981, data em que foi transferida para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Prestou provas de Doutoramento em Literatura Latina, sob a orientação do Doutor Américo da Costa Ramalho (1990), com a dissertação *O príncipe ideal no séc. XVI e o De regis institutione et disciplina de D. Jerónimo Osório*. É Professora Catedrática com provimento definitivo.

#### Principais cargos e missões

Representante dos Assistentes e dos Doutores do Grupo de Clássicas no Conselho Pedagógico da Faculdade de Letras de Coimbra (1990-2000), sendo nos últimos quatro Vice-Presidente deste órgão e representante eleito da Comissão de Supervisão do Ramo de Formação Educacional; Membro da Direcção do Instituto de Estudos Clássicos (1997-99); Coordenadora da Área Científico-pedagógica das Línguas Clássicas (1998-2001); Membro do Conselho Científico e da Comissão Coordenadora do Conselho Científico (1998-2002); Representante da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra junto do INAFOP (1998-2002); Coordenadora da Pós-graduação em Ensino do Latim (2003-04).

#### Síntese das principais áreas de investigação

Literatura Latina clássica; Literatura Neolatina do século XVI; recepção dos autores clássicos na Literatura Portuguesa.

Integra o projecto do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos “A formação da Ideia de Europa” e o projecto internacional “Aulo Gélío, os gramáticos de Keil e a sua presença nas gramáticas do Renascimento – Estudo lexicográfico, gramatical e literário”. É Consultora Científica do Centro de Estudos de Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, na área de Literatura Portuguesa; Consultora Académica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC) – Revista *Letras*.

É autora de diversas publicações em revistas nacionais e estrangeiras, e de trabalhos interdisciplinates com outros saberes da Faculdade, decorrentes de iniciativas e actividades conjuntas com o Instituto de Estudos Clássicos, ou simplesmente de outros Institutos, designadamente de História, de Estudos Franceses e de Literatura Portuguesa. Refiram-se alguns dos seus estudos sobre teatro neolatino (*Tragédia do Príncipe João* de Diogo de Teive, Coimbra, 1977, 2ª ed. Lisboa, 1999), sobre dramaturgia clássica e sua recepção (*A Castro de António Ferreira. Fontes, originalidade*, Coimbra, Almedina, 1996), sobre pedagogia política (*O Príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, INIC, 1994) e sobre Literatura latina (*Literatura Latina. Teatro. Sátira. Epigrama. Romance - Guia de Estudo*, Coimbra, 1996, 2ª edição, 1998).

#### PAULA BARATA DIAS

Angola, 19 de Dezembro de 1971.

##### Sinopse do percurso académico

Licenciou-se em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1993); obteve o Diplôme d'Études Approfondies (DEA) na Universidade de Caen, França (1994); concluiu o Mestrado (1996), na área de Latim Medieval, com uma tese intitulada "*Regula Monastica Communis* ou *Exhortatio ad Monachos?* (séc. VII, explicit). Problemática. Tradução. Comentário" (Coimbra, Colibri/FLUC, 2001). Foi docente do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores (1994-98), onde leccionou vários níveis de Latim e Técnicas de Expressão do Português. Integra como Assistente o corpo de docentes-investigadores do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (desde 1998), onde tem leccionado Latim, Grego e História da Cultura Clássica. Está dispensada do serviço docente (desde 2002), para preparar a tese de Doutoramento.

##### Principais cargos e missões

Secretária do Instituto de Estudos Clássicos (1998-2001); membro da Comissão para o Planeamento Estratégico da Revisão Curricular da Faculdade de Letras (2000-02).

### Síntese das principais áreas de investigação

Destacam-se, como principais interesses de investigação, os estudos patrísticos, concretamente o tema do monaquismo na antiguidade tardo-medieval, e o tema da influência do cristianismo na modelação da cultura da antiguidade tardia (“A influência do cristianismo no conceito de casamento e de vida privada na Antiguidade Tardia”, *Ágora* 6, 2004; “Deuses Pagãos e demónios no cristianismo: do silêncio de Pã de Sophia de Mello Breyner às andorinhas de Marguerite Yourcenar”, *Otium et negotium. As antúteses na Antiguidade*, IV Congresso da APEC Universidade do Algarve, Outubro de 2004), áreas em que tem a maioria das suas publicações. Tem ainda vários artigos publicados na área da recepção da cultura clássica em autores portugueses, entre os quais “*As Memórias de Agripina* ou como reabilitar uma personagem”, *Raízes greco-latinas da cultura portuguesa*, I Congresso APEC (Coimbra, 1999). Na área do Grego, traduziu, em parceria com Maria do Céu Fialho e Cláudia Teixeira, *A Coragem das Mulheres* de Plutarco. Actualmente, prepara o Doutoramento subordinado ao tema “Os textos monásticos de ambiente frutuossiano (Noroeste Hispânico séc. VII)”.

### PAULO SÉRGIO MARGARIDO FERREIRA

Vagos, 4 de Setembro de 1973.

#### Sinopse do percurso académico

Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1995); defendeu a dissertação de Mestrado em Literaturas Clássicas (1998), intitulada *Os elementos paródicos no Satyricon de Petrónio e o seu significado*. É actualmente Assistente do Instituto de Estudos Clássicos.

#### Principais cargos e missões

Membro da Comissão Coordenadora do Relatório de Auto-avaliação do Grupo de Estudos Clássicos da Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa (1994-95); membro do júri dos exames *Ad hoc* (1995-96); Tesoureiro da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (1996-2002); Secretário do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (2000-02); Presidente do Thíasos do Instituto de Estudos Clássicos (1999-2000).

### Síntese das principais áreas de investigação

Tem desenvolvido a sua investigação em áreas como a teoria da literatura, a literatura e a cultura latinas, e a recepção e actualização dos textos dramáticos greco-latinos. No âmbito da primeira das áreas referidas, estudou a evolução das diversas perspectivas sobre a paródia, ao longo dos tempos (“Paródia ou paródias?”, in C. de Miguel Mora (coord.), *Sátira, paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias* (Aveiro, 2003) 279-300), bem como a sua particular incidência em algumas obras da literatura latina: o *Satyricon* de Petrónio (*Os elementos paródicos no Satyricon de Petrónio e o seu significado*, Lisboa, Edições Colibri / FLUC, 2000) e a *Apocolocyntosis* de Séneca (“O significado da paródia na *Apocolocyntosis* de Séneca”: *De Augusto a Adriano – Actas do Colóquio de Literatura Latina*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2002, 361-369). As potencialidades didácticas da paródia também mereceram a sua atenção. No domínio da literatura e da cultura, tem analisado, com algum pormenor, o modo como os autores latinos encaravam o fenómeno da escravatura. Integrado no projecto sobre representações de teatro clássico no Portugal contemporâneo, coordenado por Maria de Fátima Silva, publicou algumas notícias sobre a actualização, em Portugal, desde o início do século passado até aos nossos dias, de textos dramáticos greco-latinos ou de temas clássicos. Traduziu os Livros III, V, VIII, X e XIV dos *Epigramas* de Marcial e, neste momento, a sua pesquisa centra-se no teatro latino e, mais particularmente, na tragédia senequiana.

### SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

Sever do Vouga, 10 de Junho de 1937.

#### Sinopse do percurso académico

Em 1965, matriculou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e desde o início de 1966 a meados de 1968 terminou o cumprimento do serviço militar em Moçambique. Após o seu regresso, frequentou o curso de Estudos Clássicos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, terminando o bacharelato em 1971. Em 1971-72, frequentou o estágio pedagógico no Liceu D. João III de Coimbra ao mesmo tempo que finalizava a licenciatura, e nesse ano foi contratado como Assistente da mesma Faculdade, onde tem feito toda a sua carreira universitária.

Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, frequentou cursos de pós-graduação na Universidade de Paris-Sorbonne e na Escola Prática de

Altos Estudos, em Paris (1978-81), com vista à preparação do Doutoramento, cujas provas realizou na Universidade de Coimbra (1983). Foi nomeado Professor Auxiliar da Faculdade de Letras em Setembro do mesmo ano; fez concurso para Professor Associado em 1986; prestou provas de Agregação em 1990; foi nomeado Professor Associado com Agregação de nomeação definitiva em 1991; e é Professor Catedrático de nomeação definitiva desde 1992.

#### Principais cargos e missões

Entre os cargos e missões desempenhados, contam-se o de Vice-Reitor da Universidade de Coimbra e membro da Assembleia Geral, membro do Conselho Directivo do Instituto de Estudos Clássicos, Presidente da Comissão Científica do respectivo grupo, e coordenador científico e pedagógico da área de Latim; membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico da Faculdade de Letras, coordenador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, e membro da Comissão Redactorial da revista *Humanitas*. Teve a seu cargo a orientação científica e pedagógica dos cursos de Línguas e Literaturas Clássicas e Modernas da Universidade da Madeira (1995-96), e leccionou as disciplinas de Latim e de Literatura Latina na Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa em Viseu (1985-98). Pertence a várias associações científicas e academias nacionais e estrangeiras, exerceu as funções de membro do Conselho Fiscal e de Secretário-geral e Tesoureiro da Associação Internacional de Lusitanistas, de cuja revista *Veredas* é Director Executivo desde a sua criação, e preside à Direcção da Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos (APENEL), com sede na Faculdade de Letras.

Entre as suas funções incluem-se, ainda, a orientação de quatro teses de Mestrado e três de Doutoramento e a participação em 72 júris de provas de todos os diversos graus académicos. Participou em cerca de 130 colóquios, congressos e outras reuniões científicas com apresentação de comunicações, conferências ou minicursos, em Portugal (mais de metade) e em cerca de 20 universidades e centros culturais estrangeiros distribuídos por diversos países como Alemanha, Austrália, Brasil, Espanha, Estados Unidos da América, França e Inglaterra.

#### Síntese das principais áreas de investigação

A sua actividade docente tem-se centrado na área da língua e literatura latinas clássicas e na do Latim e literatura latina do Renascimento, sobre os quais tem desenvolvido a sua investigação científica em geral. Mas é sobretudo

no campo do Humanismo renascentista que ela tem incidido, bem como no estudo da recepção da cultura e das línguas clássicas nas literaturas de língua portuguesa. Dos cerca de 100 trabalhos, entre livros e artigos publicados em miscelâneas, em actas de congressos e em quinze revistas nacionais e estrangeiras, perto de 65 tratam de matéria relativa ao humanismo renascentista em Portugal, em que se destacam os estudos sobre a vida e obra de figuras como o médico Lopo Serrão, cuja obra estudou e apresentou na sua tese de doutoramento *Lopo Serrão e o seu poema Da Velhice* (958 páginas); o primeiro grande humanista português Aires Barbosa; o maior prosador português de língua latina D. Jerónimo Osório, sobre quem publicou uma dezena de estudos entre os quais sobressai a tradução da famosa Carta à Rainha da Inglaterra, Isabel I; o nosso mais polígrafo humanista André de Resende, o cosmopolita Damião de Góis, o missionário e poeta neolatino José de Anchieta, entre muitos outros como Lourenço de Cáceres, Jorge Coelho, Aquiles Estação, Jerónimo Cardoso, etc.

Na mesma área do Humanismo filológico em Portugal se enquadram os estudos sobre os primórdios deste movimento cultural gerado no âmbito da corte de Avis e da Ínclita Geração, bem como acerca do ensino jesuítico, particularmente no Colégio das Artes em Coimbra, e do acervo de textos literários que estes deixaram em códices manuscritos, e ainda sobre a presença de humanistas estrangeiros na cultura portuguesa como o espanhol Bento Arias Montano e o italiano João Baptista Mantuano.

No âmbito do Latim e da literatura latina clássica, destacam-se os estudos sobre a sintaxe do adjectivo latino de sentido espaço-temporal restritivo e as traduções das *Catilinárias* e do tratado da *Amizade* de Cícero.

No campo da permanência da cultura clássica em autores de língua portuguesa, incluem-se os trabalhos sobre a sua presença na poesia e prosa do escritor brasileiro Manuel Bandeira, e muito especialmente na obra camoniana, à qual dedica uma dezena de ensaios sobre a lírica, a épica e o teatro.

SUSANA MARIA DUARTE DA HORA MARQUES PEREIRA

Vila Nova de Gaia, 10 de Dezembro de 1970.

Sinopse do percurso académico

Concluiu, com estágio, o curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1997). Obteve o grau de Mestre em Literaturas Clássicas, pela Faculdade de Letras da Uni-



versidade de Coimbra (1996), com a dissertação *Manuel da Costa, um jurista cultor das Musas*.

#### Principais cargos e missões

Representante dos Assistentes do Instituto de Estudos Clássicos no Conselho Pedagógico da Faculdade de Letras (1998-2000); Secretária da Assembleia Geral da APEC (1999-2002); Secretária do *Boletim de Estudos Clássicos* (1999-2000); Representante dos Assistentes da Faculdade de Letras na Assembleia da Universidade (desde 2002); Secretária da Área de Formação de Estudos Clássicos (2002-03).

#### Síntese das principais áreas de investigação

Actualmente, encontra-se a preparar a tese de Doutoramento subordinada ao tema “O Sonho na Tragédia Grega”. Para além desta investigação no âmbito da literatura da Grécia antiga, o seu trabalho contempla áreas como Roma e Latim clássico, estudos renascentistas, recepção de temas da cultura clássica e questões didácticas.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

Ponta Delgada (Açores), 12 de Junho de 1923.

#### Sinopse do percurso académico

Curso de Filologia Clássica na Faculdade de Letras de Coimbra, à excepção do último ano, feito na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1945-49; 1951); Licenciatura em Filologia Clássica na Universidade Clássica de Lisboa (1952); Assistente de Filologia Clássica em Lisboa e em Coimbra (1952-56; 1956-59); preparação do Doutoramento em Filologia Clássica nas Universidades de Florença e de Roma (1959-60) e de Coimbra (1960-61); Doutoramento em Filologia Clássica na Universidade de Coimbra (1961); Catedrático da Universidade de Coimbra (1971); jubilado (1993).

Cursos de Língua Portuguesa nos meses de Verão (1961-81). Mestrados de Literatura Latina na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1993-96).

#### Principais cargos e missões

Docência em Filologia Clássica (Lisboa; Coimbra; Lisboa). Incluída a colaboração ocasional (intercalar ou posterior), o serviço prestado na Facul-

dade de Letras de Coimbra rondará meio século. Orientação de vários mes-  
trandos e doutorandos. Director da colecção “Textos Clássicos” do Centro de  
Estudos Clássicos e Humanísticos

#### Síntese das principais áreas de investigação

Publicou várias dezenas de títulos, distribuídos, sobretudo, por temas de  
Literatura Latina: sátira, teatro (comédia, tragédia), epigrama e romance. Tra-  
duziu e comentou, ainda, alguns autores clássicos, em especial os comediógra-  
fos latinos (Plauto e Terêncio).

ORAÇÕES DE SAPIÊNCIA  
POR  
MEMBROS DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

(Página deixada propositadamente em branco)

# AS HUMANIDADES CLÁSSICAS E A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## ORAÇÃO DE SAPIÊNCIA\*

PROFERIDA NA SALA DOS CAPELOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,  
EM 18 DE OUTUBRO DE 1943

PELO  
PROF. REBELO GONÇALVES<sup>1</sup>

Ex.<sup>mo</sup> SENHOR REITOR DA UNIVERSIDADE:

SENHORES PROFESSORES:

SENHORES ESTUDANTES:

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Abriu-se mais uma vez a Sala Grande dos Actos para a solene inauguração de novo ano escolar. Falou primeiro o Governo universitário pela sábia voz do seu Principal. E tem de falar agora, por mando da lei e da tradição, o professor que a Universidade designou para subir à cátedra e dizer, segundo o costume, a oração de sapiência.

Tomando a palavra nesta Aula Magna e na rara magnitude deste dia, poderia eu, e deveria talvez, fazer a apologia da Ciência em sentido amplo e global, como tantas vezes se praticou em dias idênticos. Repetindo esse velho tema, quem sabe se ao menos compensaria a escassez de ideias novas com o

---

\* Texto publicado em *Miscelânea de Estudos*.

<sup>1</sup> O texto é agora anotado pelo autor.

puro fervor encomiástico? Pareceu-me, todavia, que pode cada qual exaltar a Ciência pelo simples louvor e defesa das disciplinas que professe, como quem, ajoelhando ante qualquer altar, não preiteia apenas uma imagem, mas todo um templo e toda uma fé. E assim me decidi pela estrita apologia das humanidades clássicas, matérias de minha obrigação e devoção, sem receio ou escrúpulo de salientá-las do vasto conjunto a que pertencem. Demais, bem podem elas representar aqui a Cultura inteira, graças a uma virtude primacial: porque constituem, no dilatado campo do saber humano, o que este possui de menos mutável e transitório; porque formam, entre todas as erudições, a sabedoria consistente e perdurável, o núcleo de conhecimentos em que os homens terão sempre a fonte da sua mais vivaz informação mental, se quizerem atender àquelas palavras de S. Bernardo um dia repetidas pelo nosso clássico seiscentista: «...há uns que querem saber só para saber, e é curiosidade; e há outros que querem saber para serem conhecidos por sábios, e é vaidade; e há outros que querem saber para venderem o que sabem, e é interesse; e há outros que querem saber para edificar os próximos, e é caridade; e, finalmente, há outros que querem saber para edificar-se a si mesmos, e é prudência<sup>2</sup>.»

Se, porém, estas razões me não justificam, que ao menos sirva a justificar-me a actualidade do problema dos estudos gregos e latinos, na altura em que tanto se apregoa, dentro e fora dos centros universitários, a necessidade de os espíritos se volverem de novo para os esplêndidos luzeiros da antiguidade clássica. Esta é, de facto, a hora em que o latim e o grego mais uma vez são exaltados como pura essência da *humanitas* e como fulcro imprescindível dos estudos literários, desses estudos que Cícero glorificou para sempre no *Pro Archia*, que os homens do Renascimento continuaram a enaltecer ao modo do Orador, como aqui mesmo, em Coimbra, Arnaldo Fabrício e Hilário Moreira em duas famosas orações latinas, e que ainda hoje se torna impossível não amar e admirar segundo o encómio ciceroniano: «...alimentam a juventude, recreiam a velhice; são o ornamento da ventura, o refúgio e consolo da desventura; deleitam-nos em casa e não nos embaraçam fora dela; pernoitam connosco, seguem-nos em viagem, acompanham-nos no campo<sup>3</sup>.»

<sup>2</sup> Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, título III (p. 17 do 3.º tomo, ed. de 1711).

<sup>3</sup> «... adulescentiam alunt (*alia lectio*: agunt), senectutem oblectant, secundas res ornant, aduersis perflugium ac solacium praebent, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, rusticantur.» *Pro Archia*, VII.

Farei, pois, a apologia das humanidades clássicas, ou seja, a um tempo, a sua defesa e o seu louvor. E fá-la-ei não só apontando os valimentos essenciais, todos eles razão de glória e de nobreza, com que essas matérias se apresentam perante a nossa Universidade, senão também considerando, com animado empenho, o que elas são no presente e podem ser no futuro deste grémio científico.

\*  
\*       \*  
\*

### MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Letras sábias, como outras o mundo jamais conheceu, as humanidades clássicas servem por excelência, e nunca é ocioso repeti-lo, de sólida cultura fundamental. É esse o papel maior que lhes reconhecem na esfera do saber e o primeiro, portanto, que hão-de ostentar em presença de um instituto superior.

Disse Rabelais que ninguém poderia, sem o grego, intitular-se erudito. Os séculos, porém, ensinaram que não há verdadeira cultura geral sem o grego e sem o latim, quer dizer, sem a frequência das literaturas a que uma e outra dessas línguas deram expressões imorredouras. Aí se encontra, forte e esplendente, aquela massa de conhecimentos básicos, substanciais, de que nenhuma formação intelectual pode prescindir, quaisquer que sejam os fins especiais a que se pretenda encaminhá-la.

---

Lembrado destas palavras, dizia Arnaldo Fabrício na lição inaugural do Colégio das Artes, proferida em 21 de Fevereiro de 1548: «Eadem [litterarum studia] prosperas res ornant, aduersas solantur, in otio delectant, in negotiis prosunt, denique quocumque nos conuerterimus, praesto adsunt omni loco omnique tempore ita opportunae, ut non aqua, non igni, non aere (quod dicitur) pluribus in locis quam litteris utamur.» Por seu turno, em oração proferida na Universidade a 1 de Outubro de 1552 afirmava Hilário Moreira: «...haec [litterae] ad beate uiuendum adolescentiam commonent, hae senectutem suo uiatico delectant, suntque omnium aerumnarum leuamentum. Secundas res ornant, aduersis perflugium ac solacium praebent, domi delectant non impediunt foris, pernociant nobiscum, peregrinantur et otio amoenissimo rusticantur.»

Os passos de Fabrício e Moreira vêm, respectivamente, a págs. 19 e 72-73 de *Quatro Orações Latinas*, publ. e pref. de Luis de Matos, Coimbra, 1937. Não os reproduzimos, todavia, com a escrita que aí têm, mas com grafia actualizada.

Deixa-nos fruir deste largo préstimo todo o conjunto das leiras gregas e latinas, que o curso dos séculos fez depositárias de valores eternos e insubstituíveis. Mas, por maravilha, cada um dos seus géneros, de per si, nos concede a graça de desfrutá-lo; e antes de tudo a poesia, mercê daquele destino que desde cedo irmanou a erudição com o verso e que dir-se-ia confirmar a lenda segundo a qual as Musas descendiam da Memória. É o caso de Homero, primeiro e insuperável harmonizador do saber e da arte. Como tal o viram antigos e modernos. Não menos os modernos que os antigos. E tanto assim que, quando um célebre humanista, o italiano António Urceu, rematava um dia o seu elogio das artes liberais e se dirigia a um príncipe seu aluno, «...fica de bom ânimo – exclamava –, que eu te exporei as letras gregas e sobretudo o divino Homero, o qual, segundo escreve Nasão, banha das piérias águas os lábios dos poetas. Em Homero poderás tu aprender a gramática, em Homero a retórica, em Homero a medicina, em Homero a astrologia, em Homero as fábulas, em Homero as histórias, em Homero os costumes, em Homero os preceitos dos filósofos, em Homero a arte militar, ...em Homero o governo das cidades; numa palavra: tudo o que de bom, tudo o que de honesto ambicione, desejoso de aprender, o espírito do homem, facilmente em Homero o poderás achar»<sup>4</sup>.

Por outro lado, a crescer a este e a tantos outros modelos de arte sábia, fruímos daqueles clássicos e noviclássicos que intencionalmente divulgaram todo o saber antigo e se constituíram por si sós, ao divulgá-lo, mananciais perpétuos de erudição. E em Roma o letrado maior, o Cícero das *Tusculanas* e do *Orator*, a quem tão grande parte coube na formação da cultura geral e a quem, por isso, os Jerónimos ainda amaram e até os Agostinhos veneraram, confessando dever-lhe a sabedoria imortal, fonte da Revelação suprema<sup>5</sup>. E

---

<sup>4</sup> «...bono animo esto, ego Graecas litteras tibi exponam et praecipue diuinum Homerum, a quo ceu fonte perenni, ut scribit Naso, uatum Pieriis ora rigantur aquis. Ab Homero grammaticam discere poteris, ab Homero rhetoricam, ab Homero medicinam, ab Homero astrologiam, ab Homero fabulas, ab Homero historias, ab Homero mores, ab Homero philosophorum dogmata. ab Homero artem militarem, ...ab Homero regendarum urbium modum percipies, et in summa quicquid boni, quicquid honesti animus hominis discendi cupidus optare potest, in Homero facile poteris inuenire.» *Antonii Codri Vrcei ...opera, quae extant, omnia...*, «Sermo XIII, habitus in laudem liberalium artium»; pp. 249-250 da ed. de 1540 («Basileae per Henricum Petrum»), cuja grafia aqui actualizamos. – Trecho vertido em francês, mas um pouco livremente, por Frantz Funck-Brentano, *La Renaissance*, p. 97.

<sup>5</sup> V. P. de Labriolle, *Histoire de la littérature latine chrétienne*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 37 e 530.



nos tempos modernos o novo Cícero, Erasmo, «aquela trombeta que se ouviu pelo vasto mundo», no dizer de André de Resende<sup>6</sup>, e se ouviria mesmo que só vibrasse na hora magnífica dos *Adágios*: «armazém de Minerva» a que os do tempo recorriam como os de outro tempo aos livros das Sibilas<sup>7</sup>; espelho extraordinário que reflectiu e reanimou, pelo simples comentário de provérbios, a vida antiga, e de reflecti-la espalhou a jorros as luzes clássicas no universo, e de reanimá-la fez renascer, como nenhuma outra obra antes ou depois, o verdadeiro espírito cultural da Grécia e Roma.

Andam os contemporâneos por vezes desviados da cultura clássica. Esquecem-se do que lhe devem como larga propedêutica intelectual, donde saem as grandes noções gerais que a todas as carreiras aproveitam, e chegam a renegá-la, de caso pensado, contrapondo-lhe as excelências de outras formações. Agora preferem-lhe as técnicas, as modernas ciências experimentais, e polemizam a favor destas, - como se o que importasse fosse estabelecer uma oposição entre dois saberes, e não antes dar a cada um o seu legítimo lugar, conciliando-os, em vez de dissociá-los, para benefício da unidade do espírito humano; depois intentam substituí-la por um classicismo novo e dizem que as humanidades antigas poderão ceder o campo às modernas, em virtude das fontes de humanismo susceptíveis de brotarem das literaturas actuais, - como se o homem de hoje não fosse o descendente e legatário do homem de ontem, e essas mesmas humanidades o prolongamento, a amplificação ou o vário desdobramento das outras. Apesar de tudo, as oposições assim feitas à cultura greco-latina não cessam de malograr-se; e nem mesmo o que pudesse haver de lisonjeiro, para grandes países novos, em fixar humanidades próprias e sobrepô-las às antigas, logrou ainda subverter ou secundarizar a importância dessa cultura, onde os homens continuarão a encontrar, queiram bem ou não a Gregos e Romanos, «as raízes de suas ideias actuais e de suas futuras ambições», todas elas fundamentalmente «contemporâneas desses dois grandes povos da Terra»<sup>8</sup>. Uma prova, entre outras, está em que os países europeus de mais extensos impérios ultramarinos, longe de pretenderem tudo conseguir com os seus recursos linguísticos, reforçam e prolongam com o grego e o latim a vasta obra civilizadora das suas grandes línguas de colonização.

---

<sup>6</sup> «Tuba illa, uastum audita per mundum...» Numa elegia a Clenardo.

<sup>7</sup> V. Funck-Brentano, *op. cit.*, p. 119.

<sup>8</sup> Afrânio Peixoto, segundo Fernando de Azevedo, «O ensino das línguas clássicas - Problemas metodológicos: I», em *O Estado de S. Paulo*, n.º de 25-VIII-1936.

Não se julgue que exagero. Para aqueles que sorriam de se lhes falar no grego e no latim propiciamente levados além dos mares, aí está, como resposta, a soberba realidade do uso não só erudito, mas até artístico, e requintadamente artístico, de uma ou outra dessas línguas por homens de cor. É verdade! O nosso tempo, que produziu a restauração de tantas formas de arte clássica, que pôde criar as condições necessárias para de novo se ouvirem peças latinas ou gregas (há poucos anos ainda a representação da *Medeia* de Séneca nas ruínas do teatro romano de Mérida, não muito antes a reposição da *Ilgénia em Áulide* de Eurípides no teatro grego de Siracusa), tornou já possível, entre outros eventos, que estudantes de cor representassem tragédias da Atenas áurea, como foi o caso da *Antígona* de Sófocles levada à cena, com os coros em grego, numa escola inglesa da Costa do Ouro<sup>9</sup>. Caso realmente admirável e que até nos lembra velhos exemplos, não menos enternecedores, da transmissão do latim a jovens negros, tal aquele dos escravozitos de Cleonardo, a quem o humanista só falava na língua de Roma, para que um dia lhe servissem de secretários, como Tirão a Cícero ou como Dífilo a Crasso<sup>10</sup>. Assim, pois, as línguas clássicas, tomadas instrumentos civilizadores, se constituem novamente línguas imperiais, pela força imortal do espírito. E, ao vermos-las ganhar esse novo império, muito mais duradouro que a soberania material dos povos que as falaram, não sei como não haveremos, latinos que somos, de experimentar emoção idêntica à do grande João de Barros, quando imaginava os jovens etíopes, persas e indos de aquém e de além do Ganges, «em suas próprias terras», a «aprenderem a nossa linguagem» e a serem com ela «doutrinados em os preceitos da nossa fé»<sup>11</sup>.

Meditem nisto quantos não amem o saber antigo como instrução primordial, – mal-agraçados às letras que, mil vezes tendo vencido a aspereza dos séculos, mil vezes repetiram, no mundo do espírito, a vitória dos deuses sobre os Gigantes. E aqueles ainda, lamentavelmente muitos, que, sob color de civilização, mas encobrindo afinal a sua barbárie, preferam deixar-se fascinar por culturas estranhas e aberrantes, lembrem-se de que podem alcançar, com o perfume exótico dessas culturas, o próprio abismo onde soçobrem, tal como Prosérpina colhendo o narciso atraente e raro e vendo-se levada subitamente ao reino das sombras.

<sup>9</sup> V. a. revista *Sphere*, n.º de 20-1-1934.

<sup>10</sup> V. M. Gonçalves Cerejeira, *Cleonardo*, nova ed., pp. 67-68, 309 e 396.

<sup>11</sup> *Diálogo em louvor da Nossa Linguagem*, in *Compilação de Várias Obras do Insigne Português João de Barros*, ed. de 1785, p. 230.

Mas, valendo tanto como saber fundamental, as letras clássicas não valem menos por outro elevado préstimo que desse resulta e que também de direito podem ostentar diante desta comunidade universitária. E que, basicamente instruindo, também educam normativamente, pelo muito que logram concorrer para a formação do espírito e do carácter.

Formadoras do espírito? Sem dúvida. Pela sua admirável lição de clareza e de equilíbrio; pela sua lição, não menos admirável, de precisão, de medida, de lógico rigor, com a qual o pensamento se aviva e clarifica; enfim, pela sua função incontestável de ginástica mental, que prepara a inteligência para toda a laboração vindoura, e se produz não só com as associações e combinações intelectivas determinadas pela leitura e penetração dos textos, como um dia frisou Manuel da Silva Gaio<sup>12</sup>, mas ainda, bem o notou Charles Bally, com o exercício peculiar a que obriga a estrutura *sui generis* das línguas clássicas, tão diversas das modernas e por isso mesmo tão apropriadas a fazer-nos pensar de outro modo, fora das simples correspondências mecânicas de língua para língua que roubam ao estudo dos idiomas actuais uma grande parte de valor formal<sup>13</sup>. Daí a sua poderosa contribuição para o desenvolvimento dos meios do raciocínio, do senso crítico, da aptidão comentadora, da faculdade de estabelecer as relações entre as coisas. E eu pergunto a mim mesmo, por exemplo, se a capacidade de generalização e de síntese que acompanha e favorece tantos triunfadores da vida pública (lembremo-nos de muitos que um dia passaram por Oxónia e Cambrígia e depois ascenderam aos mais altos mandos da Inglaterra) precisamente se não explicará pelo seu trato com as letras antigas, das quais terão sabido aproveitar, para o exercício intelectual, toda a potencialidade normativa<sup>14</sup>.

Formadoras do carácter? Igualmente. Antes do mais nada, pela admiração do belo que nos oferecem a literatura grega e a latina (não há verdadeira e pura beleza que não edifique, do mesmo passo que subjugue e alicie); mas, mais em particular, pela análise da matéria moral que as obras helénicas e romanas nos legaram, em contingente prodigioso. Não é só o pecúlio enorme de ideias morais que se acumula na poesia, mormente no lirismo, em grande

---

<sup>12</sup> Na *Revista da Universidade de Coimbra*, V, p. 480 (artigo «Da poesia na educação dos Gregos»).

<sup>13</sup> *Le langage et la vie*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 222.

<sup>14</sup> Muito sugestivo a este respeito o artigo «Lojistas ou humanistas?», publicado por Gilbert Murray em *A Grã-Bretanha de hoje*, n.º 60 (Nov.º de 1942).

parte reflexivo e gnómico: é todo o complexo de salutareos exemplos que prosa e verso importaram à história ou à tradição oral, no espírito daquela sentença que vinha nos livros dos Efésios: «ter sempre presente a lembrança de algum antigo que praticasse a virtude»<sup>15</sup>. E, se há quem deseje ainda mais que simples exemplos ou ideias, quem busque também sugestões morais amplamente inspiradoras, basta-nos apontar-lhe as fábulas poéticas, com profusão disseminadas pelo verso grego e romano, e dizer-lhe: – Lê com atenção as histórias dos deuses; lê as histórias surpreendentes dos heróis mitológicos; lê até as histórias dos seres extravagantes que a sensibilidade grega humanizou, como o centauro dos doces costumes que ensinou Jasão e formou o carácter de Aquiles.

Vemos assim o valor normativo das letras clássicas juntar-se ao seu valor propriamente instrutivo. A ambos, porém, acresce, rematando um conjunto de privilégios, o valor imenso que elas possuem como cultura subsidiária, ou seja como alimento e adjutório de variadíssimos sectores da vida mental.

Não preciso de salientar, por assaz conhecido, o que o latim e o grego representam para o direito, para a filosofia, para a história e ciências auxiliares. Não careço de frisar, por assaz ensinado, que sem um e sem outro ninguém pode ir até às nascentes das disciplinas que cultive ou remontar às alturas, raro atingidas, donde em globo se abranja toda a cultura humana. Basta-me avultar o subsídio linguístico-literário por eles oferecido a cada passo, direi melhor – o que eles são como fontes permanentemente enriquecedoras das línguas e das literaturas.

Em primeiro lugar, quanto não têm válido latim e grego aos idiomas nacionais do nosso tempo, renovando quase sem parança os seus léxicos literários! O português, sabêmo-lo bem, falaria por todos; orgulhoso de ter aproveitado, ao longo dos séculos e por entre todas as variações do gosto, esse puro ouro verbal decantado por Filinto :

82

Se queremos adiar abertas veias  
Do custoso metal que as falas doura,  
Visitemos as minas encetadas  
Pelos nossos antigos escritores  
No Lácio e Acaia<sup>16</sup> ...

<sup>15</sup> Cf. Marco Aurélio, XI, 26.

<sup>16</sup> Da carta «Ao Senhor F. J. M. de B.», parte X. V. Filinto Elísio, *Poesias*, ed. de José Pereira Tavares, p. 30.

Em segundo lugar, quantos serviços o grego não tem prestado, sobretudo o grego, à linguagem científica internacional, com o imenso vocabulário tecnológico! Nem sempre há acordo (*grammatici certant...*) sobre a estrutura, sobre o poder expressivo e até sobre a razão de ser dessas palavras, que certos filólogos queriam ver substituídas, em alguns domínios, por elementos adrede procurados em recônditas minas nacionais. Chega-se a acompanhar Remy de Gourmont, que se carpia de ver as linguagens técnicas francesas cada vez usarem menos do francês<sup>17</sup> e via no *Jardim das Raízes Gregas*, de Lancelot e Sacy, um dos livros mais nefastos aos idiomas novilatinos<sup>18</sup>. Não obstante, cresce o caudal dessas palavras, cujo curso se deve regular, e não deter; e, porque sempre vai crescendo, é caso para se dizer que em tal sentido ainda o mundo fala e escreve grego.

Neste particular das tecnologias, fica e ficará o latim, por óbvios motivos de estrutura – plasticidade menor, recursos menos dúcteis para a formação de compostos e derivados –, largamente desfavorecido em relação ao seu par. Entretanto, é-lhe dado compensar-se dessa posição inferior pelas condições, que ainda tem, para ser instrumento de expressão.

Quero eu afirmar que o latim tornará a ser um idioma comum internacional? Pode presumir-se que ele encontre de novo a salão propícia à sua difusão oral e escrita? E, encontrando-a, voltará a constituir, como em Quinhentos e Seiscentos, além de meio de relações políticas, instrumento de fraternidade cultural, a ligar em elos infrangíveis todos os membros da estirpe de Júpiter? Não digo tanto. Mas, mesmo que não vinguem os esforços dos que têm promovido, na Europa e na América, uma acção em prol desse idioma, para torná-lo auxiliar das línguas vernáculas nas relações internacionais<sup>19</sup>; mesmo que ele nunca chegue a ser o que já alguém sonhou quanto ao francês, – língua de um «estado federal universal», fundado na «sindicalização das soberanias»<sup>20</sup>; mesmo que não frutifique entre as nações, para fins de política ou de cooperação mental, o exemplo que já frutificou entre comunidades nacionais, quando a Hungria fez da língua de Roma a língua oficial do seu Congresso, onde se representavam diversas raças<sup>21</sup>; a verdade é que o latim,

<sup>17</sup> *Esthétique de la langue française*, cap. III.

<sup>18</sup> *Ibid.*, cap. I.

<sup>19</sup> V. A. Piccarolo, *Entre a Ciência e a Arte*, pp. 45-46.

<sup>20</sup> Concepção de H. G. Wells. V., a propósito, Júlio Dantas, *Política Internacional do Espírito*, pp. 21-22.

<sup>21</sup> V. A. Piccarolo, *op. cit.*, p. 47.

quando não venha a ser, como já foi, linguagem científica internacional, segundo os desígnios do Instituto de Estudos Romanos, que para tal ideou vocabulários especiais<sup>22</sup>, ou segundo as práticas por vezes adoptadas em reuniões de sábios, a exemplo do italiano Guido Baccelli, a deslumbrar, com suas admiráveis orações latinas, os congressos médicos do Berlim e de Paris<sup>23</sup>, o certo é que o latim, dizia eu, bem pode ser, bem deve, pelo menos, vir a ser (e eis aqui um voto que ousou formular desta cátedra) linguagem internacional dos classicistas, o grande meio de eles deixarem de se isolar, fazendo do que é essência da sua cultura o próprio veículo do seu humanismo: língua da sua correspondência epistolar, do seu comércio erudito, da sua expressão filológica, da sua elocução artística,

E não se pode esquecer o que há sido feito neste domínio, e é muito; revistas escritas em latim por mestres e estudantes de humanidades - em Espanha a *Palaestra Latina*, na Inglaterra as *Alaudae*, nos Estados Unidos o *Praeco Latinus*, na Itália a *Vox Urbis* e a *Alma Roma* -; correspondência latina entre professores; obras didáticas, teses universitárias, dissertações inteiramente compostas na mesma linguagem; e até o que menos poderia esperar-se, o uso poético da palavra romana com os mais altos requintes expressionais: humanistas de todo o mundo disputando, com fêrvido zelo, o *certamen poeticum* de Amsterdão; latinistas de vários países renovando os melhores metros horacianos para celebrarem, ainda há pouco, o bimilenário do Venusino<sup>24</sup>; catedráticos e académicos de Itália exercitando novamente o plectro latino e prolongando assim a grande tradição de poesia latino-italiana que vem de Petrarca e Policiano a Leão III e Giovanni Pascoli.

Venha, porém, a ser maior ou menor o futuro do latim como língua escrita e oral, o que nada pode abalar é a grande acção por ele exercida, ao lado do grego, como elemento opulentador dos idiomas modernos; e é ainda

<sup>22</sup> V. Galassi Palluzzi, *Per lo studio e l'uso del latino*, ano I, n.º I, pp. 7-8 (artigo «La lingua di Roma nel mondo e l'opera dell'Istituto di Studi Romani»).

<sup>23</sup> V. A. Piccarolo, *op. cit.*, p. 48.

<sup>24</sup> A este facto se refere o Prof. P. U. González de la Calle na revista *Emerita*, t. V, p. 118 e n. (artigo «De re metrica Horatiana»), citando, a propósito, uma das mais curiosas poesias comemorativas do bimilenário horaciano, que temos o gosto de conhecer desde 1936, por amável oferta do A.: a ode alcaica *Ad bis millesimos Horati natales*, escrita por St. Bezdechi, professor da Universidade de Cluj (Roménia).

o papel extraordinário que ele desempenha, de envolta com a língua irmã, na revitalização das modernas literaturas. Não há quem não saiba o que têm sido grego e latim, sob múltiplos aspectos, como recursos inexauríveis de imitação literária. E, sem precisarmos de ir mais longe, que abundante, que variada que maravilhosa série de clássicas imitações a literatura portuguesa nos não apresenta, sobretudo na poesia, do *Cancioneiro Geral* aos *Poemas Lusitanos*, de Sá de Miranda aos épicos seiscentistas, de Rodrigues Lobo a Cruz e Silva, de Garção a Filinto Elísio, de Castilho a Eugénio de Castro, numa sucessão ininterrupta que tantíssimos vultos abrilhantam e que até um só, o maior de todos, eloquentemente resumiria com o classicismo imortal d'*Os Lusíadas* e da *Lírica*!

Por outro lado, nem só à imitação se apresentam propícias as literaturas antigas, porque também se prestam, convém observá-lo, a servir de estímulo à criação literária. É que, formando ambas, quer a latina quer a grega, como escreveu Silva Gaio, «uma atmosfera de viva estesia suscitadora», «concorrendo para nos elevar toda a tonalidade psíquica», à semelhança do que aconteça com «um artista de determinada arte, cujo espírito e cuja sensibilidade sejam despertados e movidos pela audição ou visão de uma obra artística de outro ramo», ambas estabelecem, na verdade, o que podemos chamar, com o mesmo escritor, «um *ambiente de alma* favorável à elaboração original»<sup>25</sup>.

E é diante deste quadro, vendo as letras clássicas não apenas ser fontes de imitação mas incentivos de criação, que nós sorrimos do curioso apelido de *línguas mortas* que tantos dão, sem restrições, ao grego e ao latim. Línguas mortas, como se as suas emanações não passassem de fogos-fátuos! Línguas mortas, como se fossem luzes bruxuleantes de um passado exausto, e não fogos vivos de beleza, a mudarem-se em força criadora! Afinal, grandes línguas redivivas, graças à Arte de vários séculos, ou, mais ainda, línguas que sempre foram, que sempre haverão de ser literariamente vivas!

E como não, se as literaturas antigas, dando-nos uma lição de escultural beleza, nos ensinam também as virtudes que mais importam às criações do espírito humano? Se delas nos vem uma lição de limpidez, de sobriedade, de força, de abundância, de equilíbrio, de harmonia, - limpidez e sobriedade em que primaram os Gregos, força e abundância em que sobrelevaram os Latinos, equilíbrio e harmonia que irmanaram Latinos e Gregos, para que uns e outros ensinassem o mundo a escrever? E se, para além destas lições, nos

---

<sup>25</sup> *Revista da Universidade de Coimbra*, V, p. 481 (artigo já cit.).

deram ainda uma suprema lição de unidade na diversidade, patente nesse facto incomparável que foi a persistência, por toda a história grega e romana, do espírito vital da poesia homérica? Sim. O modelo dessa poesia, a que Alcídamante, discípulo de Górgias, chamava «espelho da vida humana», mostrou-se, por entre todas as modalidades de concepção e de fábrica, no meio de todas as luzes e pompas e riquezas e esplendores dos variadíssimos géneros literários – poesia cosmogónica de Hesíodo, tragédia e comédia, epopeia de Apolónio ou de Virgílio, formas várias de lirismo, história épica de Heródoto e de Tito Lívio, eloquência, retórica, filosofia de Platão e de quantos hauriram o seu mel divino, poesia e prosa didácticas, como as de Horácio e Aristóteles, os legisladores do Parnaso –, mostrou-se, deixai-mê dizê-lo, qual mercê outorgada pelos deuses, a grande e pródiga mina onde se reservava para cada autor um filão opulento. De tal sorte que Homero, cantando para a Grécia e para Roma e fazendo-se admirar de escritores sem conto, foi como Orfeu cantando para Eurídice e reunindo à sua volta inumeráveis seres da natureza; arrebatados pela sua música de ideal brandura.

\*

\*            \*

Eis aí ficam, Senhoras e Senhores, os valores essenciais com que as letras clássicas se podem apresentar a este claustro académico. Irei agora acrescentar-lhes, para reforço da apologia, um quadro da vida dessas letras dentro da nossa Universidade, considerando-as em relação ao seu presente e às possibilidades do seu futuro.

Mau grado vicissitudes transitórias, as humanidades antigas apresentam-nos hoje, no seio desta *mater studiorum*, recursos avultados e pujantes. São aqueles que as universidades por toda a parte aproveitam e se fundam no progresso em tantos países alcançado pelas linguísticas latina e grega, pela gramática comparativa do grego e do latim, pela história, especial ou comparativa, das literaturas clássicas, e ainda pelas diversas, disciplinas ou subdisciplinas que a essas servem de tributárias. Volvidos três decénios sobre a fundação da Faculdade de Letras, não se pode, realmente, dizer que o velho *Studium* conimbricense, embora com reduzidos quadros magistrais, não esteja fazendo, pelas suas aulas clássicas, o mais possível por assimilar quanto lhe vem de fora e por colher nos próprios elementos assimilados as condições indispensáveis à produção científica original.



Para que esses recursos, todavia, venham a ser condignamente aproveitados, há a necessidade imperiosa, e cada vez mais urgente, de que obtenham instrução humanística solidamente preparatória aqueles todos que para aqui se encaminhem, com destino a estudos clássicos superiores. O problema é, em parte, o ingresso da língua grega no ensino liceal, já mais de uma vez defendido, sugerido e reclamado<sup>26</sup>; e é, por outra parte, no mesmo grau de ensino, a renovação dos métodos, que tem contado os malogros pelo número dos ensaios, mas para cuja execução e eficiência se encontram abertos os caminhos. Deixe-se de banda, e de uma vez para sempre, o comentário «descarnado» dos textos<sup>27</sup>, o abuso do formalismo na sua análise; ponha-se ao serviço da explicação dos autores toda a espécie de noções complementares que de algum modo possam valer para a sua melhor inteligência<sup>28</sup>; faça-se em perfeita conjunção com a leitura das obras o estudo, convenientemente regulado, da civilização de Gregos e Romanos, para que de uns e outros, segundo o voto de Bréal, se aprenda mais do que a simples «sombra: das coisas»<sup>29</sup>; não se tenha pejo de levar para as aulas um pouco do método histórico-linguístico, no intuito de esclarecer e não raro fecundar com ele a doutrina gramatical<sup>30</sup>; dê-se o maior lugar possível a observações lexicais e gramaticais feitas em comparação com o português; dê-se lugar, também, à leitura seleccionada de versões portuguesas (com paradigmas imortais nos traslados castilhanos das *Geórgicas*, das *Metamorfoses*, dos *Fastos* e da *Lírica de Anacreonte*), – versões essas que não chegariam, apesar das ilusões de alguns, para suprir a leitura dos originais, mas servirão para avivar em estudantes moços o interesse despertado pelas letras clássicas, do mesmo modo que terão força e atractivo bastante para fazer retornar à *domus* grega e romana muitos filhos pródigos do classicismo. E então, sim, poderão os estudos clássicos universitários, já

---

<sup>26</sup> Digna de nota, a respeito, uma conferência sobre «A cultura humanística nos liceus», proferida por Felisberto Martins, em Março de 1934, como professor estagiário do 1.º Grupo do Ensino Liceal. V. *Boletim do Liceu Normal de Lisboa*, ano III, n.º 7, pp. 369-390, e especialmente pp. 385-388.

<sup>27</sup> Leia-se na versão espanhola da *História da Filologia Clássica* de Wilhelm Kroll («Collección Labor») o início do parágrafo intitulado “El movimiento filológico español» (pp. 177-180), da autoria do tradutor, o Prof. Pascual Galindo Romeo.

<sup>28</sup> Fernando de Azevedo, artigo cit.

<sup>29</sup> Michel Bréal, *Quelques mots sur l'instruction publique en France*.

<sup>30</sup> J. Marouzeau, *La Linguistique et l'enseignement du latin*.

com seguros alicerces, cumprir sem entraves, em Coimbra ou allures, os seus verdadeiros e amplos fins.

Com respeito ao ensino superior das letras antigas, há quem impugne, por lhe parecer um cavar em ruínas que mais valera substituir por noções práticas, a moderna orientação filológica, isto é, tudo quanto seja doutrinar sobre a gramática científica, a lexicologia, a etimologia, a história do grego e do latim. Está bem, se essa orientação for absorvente e exclusivista, impeditiva ou inibitória de tudo o mais. Mas como recusar às Faculdades de Letras o ensino Filológico, em especial o ensino histórico-linguístico das letras clássicas, se ele for feito a par e em fecunda harmonia com o ensino histórico-literário das mesmas, e se um e outro coincidirem com a exegese metódica e superiormente construtiva dos textos? Não é também a Filologia, desde que identicamente acompanhada, um dos objectos irrecusáveis do ensino superior das letras modernas? Lá porque a escola secundária não dá hoje do latim, e nunca deu do grego, suficiente domínio prático, hão-de as cátedras latinas e gregas das Faculdades de Letras, para lhe compensar a deficiência, sacrificar aquela doutrina e enjeitar assim uma parte do seu programa característico, universalmente consagrado? Cumpra cada grau docente a sua missão peculiar. E consinta-se que ao sol da Grécia e de Roma continue a haver, na Universidade de Coimbra como nas outras, lugar para os lexicógrafos, para os etimologistas, para os dialectólogos, para os linguistas historiadores; lugar ainda para os gramáticos, cuja estirpe não deverá já agora sucumbir a críticas, depois de ter sobrevivido à que lhe fez Erasmo<sup>31</sup>, aliás gramático de génio...

O que é preciso é que o ensino Filológico, praticado a par com o literário, seja sempre, e com intensidade progressiva, um ensino em que se conjugue a robustez do saber com a mais viva e fecunda espiritualidade. Poder-se-á fazê-lo por tal forma, que até a explicação da origem de uma palavra, a explanação de um torneio frásico, a descrição de uma história vocabular, a discussão de um sentido, tudo isso constitua, em vez de simples jogo ou curiosidade erudita, funda penetração na essência do idioma respectivo e, portanto, na alma do povo que o falou. E assim o magistério das cátedras gregas e latinas, formando os graduados *in utraque lingua*, formará, cada vez mais, humanistas que o não sejam apenas pela letra, mas pelo espírito também, ressalvada, contudo, a plena igualdade destas duas condições, pois não se compreenderiam humanistas que o fossem tão-sómente pelo espírito, que da letra carece para

<sup>31</sup> No *Elogio da Loucura*, cap. XLIX.

se aviventar. O que tudo servirá para se fazer de novo guerra à barbárie, segundo a missão tradicional das letras antigas, tornando Coimbra, a velha *sedes sapientiae*, novamente foco de saber humanístico, e neste sentido não apenas miradouro espiritual voltado sobre o mundo, mas remontada acrópole mental que outras urbes universitárias visionem de longe.

Para reforço e ampliação deste magistério, há-de por certo contribuir, a começar de futuro próximo, o Instituto de Estudos Clássicos recentemente criado na Faculdade de letras. Sei bem o que de esforços vai exigir um instituto científico deste género, o primeiro que surge entre portugueses; mas por tanto tempo o andei sonhando, que não resisto a imaginá-lo, deste lugar, na plenitude vindoura da sua existência. Vejo-o, desde já, no seu labor fundamental de promover trabalhos escolares e publicações académicas, tornado centro de investigações onde se construam monografias e ensaios de alunos, dissertações de licenciatura, teses doutorais. Estou a vê-lo, ainda, na tarefa de expandir-se por intermédio da sua revista, a *Humanitas*, e por meio de empresas mais ou menos vultosas a que há-de conduzi-lo, pouco a pouco, o incremento da devoção humanística: algumas delas bem nacionais, como a história do ensino clássico entre nós, a história da fortuna portuguesa de cada um dos clássicos maiores (no género da que Menéndez y Pelayo conjecturou para a Espanha), o estudo sistemático das fontes antigas dos nossos velhos poetas e prosadores, enfim a versão e o comentário, só dispersamente feitos até agora, das composições latinas dos nossos humanistas; outras tão nacionais como essas, mas de alcance mais que nacional, entre as quais sobretudo idealizo (perdoe-se a visão ambiciosa!) uma colecção cientificamente organizada de autores latinos e gregos, com textos e versões, obra que já vai sendo tempo de começarmos a executar e por meio da qual poderemos fazer a mais construtiva defesa das letras antigas, servindo amplamente a sua causa por nós e pelo mundo.

Se é necessário alegar exemplos de fora para justificar estes desígnios, não se carece de ir muito longe. Além da Alemanha, da França, da Inglaterra, da Itália e até de países em menor evidência, que nos apresentam a actividade múltipla de vários institutos ou associações de estudos clássicos, dá-nos a vizinha Espanha, agora operosíssima no campo do humanismo, nada menos de três instituições frutuosamente consagradas às letras gregas e latinas: o «Seminario de Lenguas Clásicas» da Universidade de Salamanca, zelador e acrescentador da herança de um sem-número de catedráticos eminentes,

como foi, há pouco ainda, o Prof, González de la Calle; a «Fundació Bernat Metge», de Barcelona, justamente afamada pela sua colecção de textos e versões, com a qual se propôs restaurar os estudos humanísticos numa província espanhola e ao mesmo tempo dar pergaminhos novos ao idioma catalão; e o «Instituto Antonio de Nebrija», de Madrid, ainda jovem, mas já enobrecido com o notável boletim *Emerita*<sup>32</sup> e com as várias séries de publicações que por este se nomeiam<sup>33</sup>: textos, manuais filológicos, documentos para a história do humanismo espanhol. Creio, porém, que o Instituto de Estudos Clássicos se justifica por si próprio, em relação à respectiva Faculdade, ansiosa de ver o progresso da cultura humanística portuguesa, e que, em vez de se remirar nos exemplos de fora, deverá antes esforçar-se por servir de exemplo a novas iniciativas, sejam elas locais ou nacionais, que visem fomentar o classicismo. Dou-me até a imaginar, aqui ao seu lado, a receber a instigação da sua vizinhança, um Centro Humanístico de Estudantes, - ao mesmo tempo cenáculo erudito, dentro das possibilidades e disposições de moços, e lugar de franca devoção, na larga medida do entusiasmo de que ânimos juvenis seriam capazes. Casa de jovens, é natural que as aspirações dos seus membros nem sempre se traduzissem em perfeita simultaneidade; mas haveria de irmaná-las, e isso bastaria, igual pureza e fervor de culto. Que importa afinal, como diria Marco Aurélio<sup>34</sup>, que, de vários grãos de incenso deitados no mesmo altar, tenha um caído primeiro e outro depois?

Não será pouco, nestas circunstâncias, o que do novo Instituto se deve esperar. Assim possam todos que o constituam servi-lo sem hesitações ou desfalecimentos, guardadas ao longo dos dias vindouros a esperança e a confiança, das horas primeiras! E possa eu (consinta-se este voto), na parte modestíssima que nele venha a ter, continuar fielmente o espírito do humanismo de Coimbra, do qual, valha a verdade, sempre me julguei prosélito, mesmo quando estudava ou ensinava noutra escola, por ter tido a ventura de me contar entre os que ainda aprenderam com José Maria Rodrigues; o latinista e helenista aqui feito doutor e professor, e que nunca depois, embora ausente, deixou de se orgulhar do seu imaculado capelo branco; mestre bem-amado cujas lições inesquecíveis são hoje, para íntimo culto, a saudade maior

---

<sup>32</sup> Começou a publicar-se em 1924, sob o patrocínio do «Centro de Estudios Históricos» da «Junta para Ampliación de Estudios».

<sup>33</sup> «Publicaciones Emerita».

<sup>34</sup> V. IV, 1.5.

da minha carreira universitária e eram ontem, quando ouvidas, maravilhosa sabedoria que me parecia replantar-se nestes lugares, como directa prolongadora do velho classicismo conimbricense.

É óbvio que uma obra como essa não se condiciona apenas ao simples esforço individual, porque de estímulos também carece. Mas para o Instituto de Estudos Clássicos, como para as cátedras afins, que melhores estímulos que os do passado humanístico de Coimbra, todo ele refluindo vivo à lembrança de mestres e estudantes?

Ai das cidades sem tradição humanística, obrigadas, pobres delas, se de humanidades precisam, a copiar modelos alheios ou a viver na expectativa de benefícios transitórios! Esta, porém, teve outra fortuna. É a Coimbra do Mosteiro de Santa Cruz e do Colégio Real, enriquecidos ambos com as humanidades de que os ornaram os seus principais; a Coimbra dos sábios lusíadas que ao longo do século XVI leram grego e latim, na Universidade ou à sombra dela: Diogo de Teive, Inácio de Moraes, Belchior Beleago, André de Resende. É a cidade que no mesmo século, qual nova Atenas e nova Roma, ouviu maravilhada Vicente Fabrício, viu passar Clenardo, admirou os sábios bordaleses e, por vontade de um rei, teria recebido o próprio Erasmo, *nulli secundus* que se enobreceu e celebrizou com a musa latina, equiparando-se aos lugares onde ela refloria no lirismo ou disputava às línguas modernas a celebração das histórias pátrias; que chegou a ter um humanista em cada graduado e até um humanista em cada estudante, mansão admirável onde os próprios escolares, capazes de imitarem na escrita a frase de Bembo ou de Lourenço Valla, só em latim deviam falar, sob pena de opróbrio<sup>35</sup>; e que largamente propiciou o recolhimento daqueles monges para quem as leituras clássicas, mau grado a clausura da cela, constituíam sempre libertação do espírito. É a Coimbra que entrou, com docentes e discentes, no grande contubérnio europeu dos humanistas, na mesma altura em que portugueses brilhavam lá fora, ávidos de aprender ou ensinar; que competiu, aqui na Península, com Salamanca e Alcalá, levando-lhes por vezes a palma no comércio da erudição antiga; e a que não faltou, para esse grande simpósio do espírito, a activa colaboração dos tipógrafos letrados, os Álvares e os Barreiras que a seu modo sacrificavam às Musas, como os Manúcios, os Frobénios ou os Plantinos, num tempo em que elas mesmas por aqui andavam, como alguém escreveu,

---

<sup>35</sup> V. M. Gonçalves Cerejeira, *Clenardo*, nova ed., p. 103, e Mário Brandão, *Documentos de D. João III*, I, p. 38.

esquecidas das castálias fontes e das límpidas águas do Permessó<sup>36</sup>. É a Coimbra ainda famosa no século XVII, se não já com luminares do latim e do grego, ao menos com a glória de escritores a quem fez beber a primeira seiva do humanismo; afamada também no século XVIII, quando a cultura greco-latina de um Jerónimo Barbosa, professor de Eloquência e de Poesia, deu réplica à erudição de Custódio José de Oliveira, o detentor do facho helénico no Real Colégio dos Nobres; e de novo gloriosa em nossos dias, quando enfim, após declínios manifestados no passado século, a clássica instrução floriu em três mestres da Faculdade de Letras, qual deles mais admirado pela vastidão e pelo polimorfismo do saber: os Drs. Gonçalves Guimarães, António de Vasconcelos e Manuel Gonçalves Cerejeira.

Nestas memórias se podem animar, de ora avante, quantos em Coimbra se votarem à causa do grego e do latim. Mas felizes deles, que ainda aqui poderão achar, sem terem de ir buscá-los longe, outros incentivos reconfortantes, como quem devesse ao materno seio, afora os impulsos do coração, os próprios alentos do espírito! Andará com eles, a animá-los, a memória daqueles reis que favoreceram o humanismo conimbricense, – sombras, é verdade, mas sombras que ainda hoje, avultando em painéis da Sala dos Capelos, dir-se-ia irradiarem vida e caminharem para nós, quais outras estátuas de Dédalo. Andará com eles, igualmente, a lembrança de todos os reitores, de todos os visitantes, de todos os reformadores universitários para os quais o lustre dos estudos clássicos tenha um dia resumido ou simbolizado o geral dos prestígios culturais. E há-de ainda acompanhá-los (esperemos que os acompanhe!) V. Ex.<sup>a</sup> mesmo, Senhor Reitor<sup>37</sup>, em quem se vê, por múltiplos títulos, um herdeiro das glórias da cadeira prelatícia – a cadeira de Garcia de Almeida e Diogo de Murça, de Carneiro de Figueiroa e Francisco de Lemos –, em cujo labor se pode admirar o medico humanista, da estirpe de Ricardo Jorge e Afrânio Peixoto, e de quem, por virtudes tais, é lícito esperar

<sup>36</sup> Inácio de Morais, *Conimbricæ encomium*:

Aurifer irriguis late diffunditur agris,  
inque suas flexus Monda recurrit aquas,  
Monda sacros potant cuius de flumine rores  
cum Phoebo doctae, turba nouena, deae.  
Oblitaeque suas liquidi Permessidos undas,  
Castalios gaudent deseruisse lacus.

<sup>37</sup> Dr. Maximino José de Morais Correia, professor catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra.

vigilante zelo das humanidades clássicas, decerto renascidas e florentes em todo o curso do seu reitorado, que o destino faça longo e glorioso.

\*

\*           \*

#### MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Deixo-vos tecida, conforme pude e soube, uma apologia de valores das letras antigas, prolongada num quadro, igualmente apologético, da sua vida universitária coimbrã. Singela como foi, não vai, com certeza, modificar o que tais disciplinas para vós representem. Se, todavia, meditardes em alguns dos factos sobre elas aduzidos – aplicações que as ilustram, devoções que as amparam, cultivo que as fortalece –, passareis ao menos a reconhecer, com mais seguro ânimo, toda a sua vitalidade e consistência.

Entretanto, a deusa protectora da Universidade, a pura deusa dos olhos glaucos e da expressão serena e radiosa, aquela que sempre ostentou majestosamente os sinais divinos, *diuini signa decoris*, e, como a outra deusa antiga, invariavelmente impressionou pela calma imponência do seu andar, continuará, tenhamos fé, a caminhar por estes sítios e a velar, como é natural, pela parte mais nobre do seu Saber. Não a deixará entregue às auras fortuitas, nem à mercê de patrocínio alheio. E, se algum dia, por maravilha, as letras clássicas tivessem neste paço uma hora qualquer de glorificação, ela mesma aqui viria, em imaterial figura, para a envolver em esplendor e fausto: transporia o magno portal que merecidamente lhe consagraram, sorriria ao largo terreiro, às amplas galerias, às escadas vetustas a que deu o nome, e seria feliz de aqui entrar, com a alma de Roma e da Grécia, – pela Via Latina.

(Página deixada propositadamente em branco)



## OS ESTUDOS DE CAMÕES\*

### ORAÇÃO DE SAPIÊNCIA

PELO

PROF. DOUTOR AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(1980)

Dos vários assuntos que podia abordar nesta lição inaugural, relacionados com a cultura greco-latina em que me formei e conquistei graus académicos e com o mundo cultural do século XVI em que têm decorrido as minhas pesquisas de investigador, pareceu-me que era neste último domínio que devia situar-se a lição de hoje. Celebramos em 1980 os quatrocentos anos da morte do maior poeta de língua portuguesa, falecido em Lisboa, em 10 de Junho de 1580.

Aos que andam menos informados das razões por que a efeméride se encontra fixada com tanta precisão, lembrarei que numa *ementa* ou registo abreviado, existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, e com data de 13 de Novembro de 1582, se manda pagar, à mãe de Luís de Camões, uma quantia devida ao filho, «do primeiro de Janeiro do anno de LXXX ate dez de Junho delle em que faleceo».

95

Oxalá estivéssemos informados com igual segurança de outros factos da existência do poeta!

Mas se as vicissitudes do homem, numa «vida em pedaços pelo mundo repartida», como ele mesmo escreveu, nos escapam, e nos não permitem a

---

\* Texto publicado em *Miscelânea de Estudos*.

segurança necessária para fazer uma biografia crítica, há aspectos do seu mundo espiritual que podemos colher dos versos e das cartas, com relativa segurança.

Uma questão prévia a levantar, entretanto, é a de saber se um poeta deve ser julgado pela sua cultura.

Que há no poeta – e refiro-me em especial àquele capaz de marcar uma época –, que há no poeta de diferente dos outros artistas da palavra? É pela cultura que ele se distingue dos restantes escritores?

Não, necessariamente. Acima da cultura está aquele *quid* inexplicável, inexprimível, – usarei um latinismo –, inefável (*ineffabile*) da poesia, que os antigos qualificavam de divino e que prende e arrasta sentidos e pensamento, sem que se saiba muito bem porquê.

Os latinos diziam poeta *nascitur*, orator *fit*: «o poeta nasce, o orador faz-se». Este «faz-se» significa por extensão, «torna-se, devém». Entretanto, será talvez conforme com a realidade dizer que o poeta nasce e se faz.

Mas a poesia, seja qual for, reflecte sempre uma cultura, ainda quando não possa chamar-se-lhe culta e ela se proclame até avessa à cultura, o que não é o caso presente.

Em Camões, esta verdade óbvia verifica-se em toda a sua obra, na lírica tanto como na épica ou na dramática. E a cultura do seu tempo e do seu meio que espontaneamente se nos revela, mesmo quando o poeta parece não ter esse propósito. Mas há também a voluntária expressão de um saber complexo, na sequência de uma tradição que vinha de longe e nele se mantém viva. Assim procedendo, Camões não faz mais do que continuar os alexandrinistas romanos, os *poetae docti*, poetas doutos do final da República e do começo do Império e subsequentes, de Catulo e Lucrécio a Virgílio, Horácio, Ovídio e os épicos tardios da literatura latina.

Para esses poetas, o verso era um meio de transmissão, em ritmo e harmonia sonora e interior, do saber do seu tempo, numa época da história em que ainda era possível ao homem cultivado abranger o conjunto da tradição literária, da reflexão desinteressada e dos conhecimentos úteis, então disponíveis. Era isso que aos olhos dos contemporâneos fazia do poeta *humanissimus*, um homem civilizado, noção que virá a tomar-se, no tempo de Camões, uma das componentes do conceito de *humanista*.

Falando do *Parnaso*, a colectânea dos versos que roubaram ao poeta, escreveu Diogo do Couto, no capítulo 28, da *Década VIII*: «Em Moçambique achámos aquele Príncipe dos Poetas do seu tempo, meu matalote e amigo

Luís de Camões (...) e aquele Inverno que esteve em Moçambique acabou e aperfeiçoou as suas *Lusíadas* para as imprimir, e foi escrevendo muito em um livro que ia fazendo, que se intitulava *Parnasso* de *Luiz de Camões*, livro de muita erudição, doutrina e filosofia, o qual lhe furtaram e nunca pude saber no Reino dele, por muito que o inquiri, e foi furto notável; (...)».

E há outros testemunhos coincidentes, alguns inéditos, do século XVII.

Portanto, aos olhos dos contemporâneos, era Camões um homem de grande cultura.

A investigação moderna confirma essa opinião, pela leitura das suas obras. E neste capítulo alguns dos mais entusiastas são os estrangeiros que escreveram sobre Camões.

O alemão Wilhelm Storck, traduzido para português pela sua compatriota Doutora Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que foi uma das glórias da Universidade de Coimbra, escrevia em 1898: «a quantidade e variedade de saber científico manifestado nas obras de Camões causa admiração, principalmente se considerarmos a raridade de bibliotecas volumosas, e o alto valor dos códices impressos e manuscritos que naquelas eras dificultava aos estudiosos as aquisições e até mesmo o uso dos livros. Mas admiração muito mais intensa desperta a fidelidade e segurança da memória do Poeta. Quer esteja em Coimbra, quer em Lisboa, em Ceuta, Goa, Malaca, Banda, Macau ou Moçambique, quer ande na terra ou vogue no alto mar, em toda a parte dispõe de múltiplos e vastíssimos conhecimentos em História Universal, Geografia, Astronomia, Mitologia Clássica, Literaturas Antigas e Modernas, poesias culta e popular, tanto da Itália como das Espanhas, aproveitando-as com a mais perfeita exactidão, como filho legítimo do período do Renascimento e humanista dos mais doutos e distintos do seu tempo».

O inglês K. G. Jayne que em 1910 publicou *Vasco da Gama and his successors*, reimpresso seis décadas mais tarde, em 1970, na prestigiosa colecção Methuen Library Reprints, escreveu: «Na sua maior parte, os poemas escritos numa fase tardia da vida foram compostos longe de bibliotecas, numa época em que os livros eram objectos de luxo. Todavia, Camões revela um conhecimento íntimo da Literatura e da Mitologia Clássicas, de História, Geografia, Astronomia e das Literaturas de Portugal, Espanha e Itália. A sua familiaridade com, pelo menos, dezanove autores gregos e latinos foi demonstrada e alguns deles devem ter sido lidos no original, visto que nunca tinham sido traduzidos. Estes conhecimentos devem ter sido adquiridos em Coimbra e constituem o testemunho não só da sua aplicação ao estudo e memória tenaz,

mas igualmente da plenitude com que Coimbra havia realizado os ideais do Humanismo».

Finalmente, e para não exceder o clássico número de três testemunhos, citarei o americano Leonard Bacon que em 1950 publicou em Nova Iorque uma tradução inglesa em verso de *Os Lusíadas*, louvada pelos conhecedores de poesia naquela língua. O livro contém uma introdução sobre Camões, Portugal e a Europa contemporânea do poeta; um estudo sobre «Camões e a História de Portugal»; e ainda notas finais aos versos de *Os Lusíadas*, escritas com competência e, ocasionalmente, sentido de humor.

Numa dessas notas, ao comentar a precisão com que o poeta na estância 14 do canto X, versos 1 a 4, indica os inimigos de Duarte Pacheco, depois do combate do «passo Cambalão», não resiste a comentar: «Camões is almost as pedantically meticulous as a German Ph.D.» - «Camões é quase tão petulantemente meticuloso como um doutor alemão em Filosofia». Aliás, o trecho de *Os Lusíadas* comentado tem a ligeireza de toque do descritivo camoniano:

*Chamará o Samorim mais gente nova;  
Virão Reis de Bipur e de Tanor  
Das serras de Narsinga, que alta prova  
Estarão prometendo a seu senhor.*

O que mais impressionou Leonard Bacon foi que Camões se não afastou um ápice da informação dos historiadores João de Barros e Danião de Góis, utilizando-os com um rigor quase científico.

As três opiniões citadas, a saber, de um alemão, um inglês e um americano, são, como vimos, unânimes em afirmar a grande cultura do poeta.

As duas primeiras, a de Storck e a de Jayne, insistem ambas na dificuldade em conseguir livros fora da Europa, nos lugares por onde Camões andou, portanto, em Ceuta e no Oriente.

Em nota publicada em Janeiro de 1979 na revista *Colóquio/Letras*, mostrei com vários exemplos como a situação não era exactamente essa. A cultura europeia chegava ao Oriente com maior facilidade do que se pensava nos finais do século passado ou no princípio do actual. Os livros eram mais portáteis do que se julgava em 1898 ou em 1910, e circulavam na bagagem dos soldados. Também não eram a raridade nem a preciosidade de que o inglês Jayne falava.

De entre os exemplos citados em *Colóquio*, e outros podiam ser apresentados, reterei neste momento aquele que me parece o mais significativo. Trata-se de um passo da famosa crónica dos tempos do rei D. Manuel, publicada em 1571 pelo bispo do Algarve, D. Jerónimo Osório, um dos mais célebres prosadores em latim na Europa do seu tempo. Foi de 1537 a 1540 professor da Universidade de Coimbra e faleceu em 1580, passando, portanto, este ano o IV Centenário da sua morte. O livro a que me refiro chama-se abreviadamente *De Rebus Emmanuelis gestis* e teve, à data da publicação, grande eco no estrangeiro, por exemplo, em Inglaterra e na França. Foi traduzido para as línguas destes dois países, muito antes de o ter sido para português. Os *Essais* de Montaigne, para citar um caso apenas, reflectem um conhecimento da História de Portugal, pouco provável sem a *Crónica de D. Manuel*, escrita em latim por Jerónimo Osório.

É aí que, referindo-se à batalha naval em frente a Diu, ganha em 2 de Fevereiro de 1509 por D. Francisco de Almeida contra uma esquadra internacional, escreve o bispo Osório: «Compunha-se o exército inimigo de tão variadas nações, que nos despojos das naus se encontraram livros escritos em latim, italiano, línguas eslavas, francês e espanhol». Cinco anos antes, em 1566, na sua *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, Damião de Góis tinha dito que os livros eram «muitos» e acrescentara à lista dos idiomas o alemão e o português.

Isto passava-se no Oceano Índico, em 1509, portanto no começo do século XVI, e a produção bibliográfica aumentou muitíssimo nos meados do século, quando Camões andava pelo Oriente.

Todavia, bibliotecas particulares abundantes seriam uma raridade, e as públicas não eram numerosas. Ainda a mais acessível, e a mais rica, me parece a do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a avaliar pelo que ainda resta, guardado por Alexandre Herculano na Biblioteca Municipal do Porto.

Mas os livros de Santa Cruz só terão sido usados pelo poeta, nos anos da juventude, e a recordação de tantas e tão variadas leituras, nomeadamente de certas crónicas como as de Fernão Lopes, que estavam ainda manuscritas, supõe a posse de uma memória excepcional. Também este é mais um dado da educação humanística. Os mestres do século XVI treinavam os seus alunos na aquisição e conservação de uma retentiva poderosa e duradoura. Ainda recentemente, ao comparar as reminiscências camonianas dos poetas latinos Virgílio e Horácio, que aparecem em certos trechos da lírica do nosso Quinhentista, me dei conta da forma precisa como Camões conserva a lembrança

de belos versos aprendidos certamente na infância e primeiros anos da juventude. Pois não quero crer que, para recordar o Mantuano ou o Venusino, tivesse Camões de ir consultar à pressa as edições destes famosos poetas.

Camões na Índia faz-me lembrar José de Anchieta, aluno de Coimbra, em terras do Brasil. De Anchieta, que chegou a Coimbra em 1548, estamos mais bem informados. Foi discípulo de Diogo de Teive, o que supõe ter ele atingido o curso mais adiantado de Latimidade. Mas não concluiu o seu bacharelato em Artes, não foi documentalmente um bacharel latino, embora o tenha sido pela cultura que possuía. Entretanto, a memória excepcional, cultivada desde a infância, ajudou-o a compor, decerto com menor bibliografia do que Camões, porque também menos necessária, duas longas obras em verso dactílico latino, o *Poema da Virgem Maria* e o *Poema dos Feitos de Mem de Sá (De Gestis Mendi Saa)*, este último anónimo mas muito provavelmente escrito pelo então chamado «canário de Coimbra», futuro P.<sup>r</sup> José de Anchieta, mais tarde conhecido por Apóstolo do Brasil. E a propósito de Mem de Sá, recordemos que tanto ele como seu irmão, o poeta Sá de Miranda, eram naturais de Coimbra.

Voltando à questão das leituras de Camões e retomando a citação do inglês Jayne: «His familiarity with at least nineteen Greek and Latin authors has been demonstrated, and some of them must have been read in the original, as they had never been translated». Não sei bem o que este admirador britânico de Camões quer dizer com «alguns deles (dos autores gregos e latinos) devem ter sido lidos no original». Os latinos foram com certeza lidos no original. Quanto aos gregos, veremos mais adiante.

Hoje, possuímos informações sobre o movimento humanístico em Portugal, no começo do século XVI, que não estavam ao alcance das fontes bibliográficas de Jayne, nomeadamente de Teófilo Braga ou mesmo de D. Carolina Michaëlis, em 1910.

---

100

Não eram então conhecidos textos como a carta de Cataldo Parisio Sículo ao 2.<sup>o</sup> Marquês de Vila Real sobre os méritos e vantagens culturais do latim clássico, carta escrita antes de 21 de Fevereiro de 1500; não era conhecida a oração de sapiência do filho do Marquês o conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses, pronunciada perante o rei D. Manuel que presidiu à abertura solene do ano lectivo na Universidade de Lisboa, em 18 de Outubro de 1504; e para me não alongar mais, era desconhecido o prólogo, fundamental e interessantíssimo, da *Virginis Mariae Ars*, a gramática latina de Estêvão

Cavaleiro, saída dos prelos do alemão Valentim Fernandes, em Lisboa, no ano de 1516.

Ignoravam-se estes e outros documentos culturais importantes. E também se não conhecia a formação intelectual dos leigos do começo do século XVI que se imaginavam imersos na ignorância dos filhos d'algo e rudes barões da mais longínqua Idade Média. Não se imaginava, sequer, a educação literária recebida por homens como D. Jaime, duque de Bragança, aluno durante o exílio em Castela do humanista italiano Pedro Mártir d'Anghiera; como D. Jorge, duque de Coimbra e mestre das Ordens de Santiago e Avis, discípulo de Cataldo Parisio, também humanista e italiano; como D. Pedro de Meneses, 2.<sup>o</sup> conde de Alcoutim e futuro 3.<sup>o</sup> marquês de Vila Real, aluno igualmente de Cataldo. De D. Pedro de Meneses, deixou-nos o seu mestre italiano um retrato em versos latinos na *Visio Tertia* ou *Terceira Visão*, poema em dísticos elegíacos.

O jovem conde de Alcoutim, por volta de 1510, segundo o seu panegirista, possui todos os dotes de um homem moderno, um homem do Renascimento: toca bem harpa, canta e dança na perfeição; compõe versos latinos e discursa em latim com a mesma facilidade com que derruba os adversários no jogo das canas, e toureia a cavalo, matando o touro de uma estocada. É prudente como Catão, eloquente como Cícero. Ter-se-iam apaixonado por ele, se o conhecessem, todas as heroínas da Antiguidade grega e romana.

Quatro séculos mais tarde, em 1910, e por muitos anos ainda, pensava-se que as Humanidades Greco-Latinas haviam entrado em Portugal com os professores de Bordéus, portugueses e estrangeiros que vieram com André de Gouveia, chamados por D. João III para fundar o Colégio das Artes em Coimbra, em 1548.

Ora, a correspondência e os poemas de Cataldo, confirmados por outra documentação contemporânea, permitem antedatar a entrada do Humanismo em Portugal, de cerca de cinquenta anos, isto é, colocar o seu aparecimento entre nós, no final do século XV.

E desta cultura nova, os mais ávidos alunos não eram os da nobreza, de que citei três grandes expoentes e podia citar outros ainda, como João Rodrigues de Sá de Meneses. Desejosos de valorizar-se pela aquisição do novo saber mostraram-se principalmente os elementos das classes situadas abaixo da nobreza. Desta avidez cultural que devorava os portugueses do começo do século XVI, tive ocasião de falar no meu livro *Estudos sobre a Época do Renascimento* e num artigo recente «Alguns aspectos da Introdução

do Humanismo em Portugal», publicado no *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, em 1979.

Era o tempo em que el-Rei D. João, «Segundo em nome e a ninguém segundo», falecido em 1495, mandava ensinar Latim aos meninos pretos da sua corte; e em que Martim de Sousa chamava de Sevilha um professor de Latinidade, para instruir os rapazes que combatiam sob as suas ordens no Norte de África. A carta em que Cataldo o felicita pela iniciativa é anterior a 1500. E tenho razões para crer que o mestre, ido de Sevilha, era um português e se chamava Estêvão Cavaleiro, como mostrei recentemente num artigo publicado no *Festschrift für Harri Meier*, Bonn, 1980.

Portanto, quando Camões nasceu, possivelmente em 1524, o latim clássico, veículo linguístico do Humanismo, não era uma raridade nestas plagas da antiga Lusitânia. A posse da língua latina era essencial à aquisição da cultura do Renascimento, pois todos os livros importantes de todas as ciências estavam escritos em latim e os intelectuais de um país distante como Portugal, onde se falava uma língua ignorada na Europa, os estudiosos Portugueses estavam então em condições de andar em dia com a cultura contemporânea mais facilmente do que hoje.

Na verdade, um conhecimento em primeira mão do que se publica lá fora, em nossos dias, exige o domínio de duas ou três línguas, além da própria, enquanto no Renascimento, o latim, como idioma universal da cultura, servia para todas as necessidades do intercâmbio científico.

Portanto, para possuir a cultura, não apenas literária, mas também científica que *Os Lusíadas* revelam, precisava Camões de conhecer bem a língua latina. E todos os indícios confirmam a opinião de que assim acontecia de facto.

A abundância e variedade da sua informação levaram mesmo a admitir a hipótese de que o poeta não tivera um convívio directo com todos os autores de que mostra ter conhecimento. Houve quem supusesse que lhe teriam servido de guia enciclopédias então existentes, como a *Officina* de Ravisius Textor, nome latino do francês Jean Tixier de Ravisy, ou os *Antiquarum Lectionum Libri Sedecim* do italiano Caelius Rhodiginus. Mas até esses estão escritos na língua sábia do tempo.

Pessoalmente, estou convencido de que o imenso conhecimento da Literatura Latina que o Poeta revela, foi adquirido directamente. Autores como Cícero e os poetas da época de Augusto, Camões devia sabê-los de cor. E a juntar a estes um conhecimento de poetas modernos, quer italianos como



Petrarca e Ariosto, quer espanhóis, como Garcilaso e Boscán, quer novilatinos, como Pontano e Sannazaro. As obras de humanistas nacionais, por exemplo, André de Resende e Jorge Coelho, ou estrangeiros como Boccaccio e Marcantonio Sabelico, dos historiadores e cronistas Portugueses, Fernão Lopes, Rui de Pina, João de Barros, Castanheda e Duarte Galvão foram arroladas pelo Prof. José Maria Rodrigues nas suas *Fontes dos Lusíadas*, livro de mais de seiscentas páginas que a Academia das Ciências acaba de reeditar.

A espantosa cultura literária do poeta não lhe fechava os olhos para outras disciplinas do saber. Aliás, a curiosidade pela ciência e pela vida era muito maior no século XVI do que geralmente se julga. Não tendo as ciências atingido o desenvolvimento e a especialização actuais, não era difícil a um jurista e médico, alcançarem uma apreciável informação da rainha das ciências do tempo, mesmo em pleno Renascimento europeu, a Teologia. E médicos, juristas e teólogos haviam feito preparatórios mais ou menos extensos, conforme os casos, em cursos de Artes. Por outro lado, era normal num graduado em Artes que ele possuísse uma informação apreciável de todas estas disciplinas.

Admitindo que Camões fez estudos de Humanidades, não parece fora de propósito aceitar que por esta via tenha lançado os fundamentos para uma cultura que irá desenvolver ao longo de toda uma vida de estudo, apenas ocasionalmente interrompida por actividades militares. Já vimos que os livros circulavam mais facilmente do que se julgava no princípio do século vinte.

Acresce que o humanismo não era só culto da Antiguidade. O latim, como já tive ocasião de dizer, abria as portas para a universalidade de uma cultura que ia muito além do mundo de gregos e romanos e das tradições locais, pois englobava toda a ciência que a Europa produzia.

É bem sintomático que um dos livros que ao longo do século XVI os humanistas mais se esforçam por reconstituir no seu texto original seja a *Historia Naturalis* de Plínio-o-Velho, o mais completo repositório de observações sobre a Natureza que a Antiguidade nos legou. Na vizinha Universidade de Salamanca, funcionava uma cadeira de Plínio, e em Lisboa, quando a Universidade aí se encontrava, na segunda década de Quinhentos, leccionou sobre Plínio, com grande audiência de pessoas interessadas, universitárias e da corte, o jurista Martim Figueiredo, que fora aluno de Ângelo Poliziano em Florença, antes de 1494. Do êxito das suas aulas em Lisboa, informa-nos o Doutor Figueiredo no *Comentário ao Prólogo da História Natural de Plínio*, livro escrito em latim que publicou em Lisboa, em 1529.

Mas há outros testemunhos da curiosidade científica dos humanistas:

Diogo de Teive foi uma das estrelas do Colégio das Artes de Coimbra, para onde veio do Collège de Guyenne de Bordéus. Fora um dos bolsheiros, cujos estudos em França a coroa Portuguesa subsidiara, durante muitos anos. Hoje, é mais conhecido pela sua *História do Segundo Cerco de Diu*, em 1546, livro que na época tornou este feito dos Portugueses célebre em toda a Europa, graças à língua comum em que foi escrito. É uma obra ainda actual, traduzida para inglês, há meia dúzia de anos, mas inexistente em língua portuguesa.

Teive era também poeta. Entre outros poemas, deixou-nos uma *Tragédia do Príncipe João* sobre a morte, trágica para a independência de Portugal, do filho de D. João III e pai de D. Sebastião, ocorrida em 1554. Traduziu-a do latim a Dr.<sup>a</sup> Nair Soares, em 1977.

Pois bem, historiador, poeta e dramaturgo, Teive, na sua infinita curiosidade de homem da Renascença, ocupava os poucos lazeres de um professor do século XVI, percorrendo os campos de Coimbra, com colegas e alunos, para recolher e estudar as plantas. Isto mesmo declarou ele, em Outubro de 1550, num depoimento autobiográfico em latim que se encontra apenso ao seu processo na Inquisição. Como se vê, as pesquisas botânicas de Garcia de Orta na Índia, não eram um caso isolado nem exclusivas da profissão médica.

Há nos *Lusíadas* sinais numerosos deste gosto pela observação da Natureza, desde o mar bonançoso com a brisa suave a enfunar as velas dos navios até aos momentos dramáticos do encontro com o desconhecido, como nas estâncias célebres do canto V, em que o poeta descreve a tromba de água.

A educação livresca não prejudicou em nada a espontaneidade do poeta. A posse da cultura do seu tempo, adquirida na escola, não esmoreceu nele o surto da criatividade.

Sim, porque estou convencido de que Camões fez estudos regulares, embora, à semelhança do que aconteceu com tantos outros, não tenha a sua escolaridade ficado registada em livros de matrículas ou de actos que chegassem até nós. Esses estudos foram provavelmente os dos cursos de Artes do Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra. Tê-los-á concluído? Terá sido bacharel em Artes ou bacharel latino, como se dizia no seu tempo? Não há documentos que o provem. Aliás, a designação de «bacharel latino» era provavelmente usada para caracterizar uma pessoa culta, versada na língua latina, sem que o título implicasse necessariamente a posse de um diploma.

De vez em quando, levanta-se também a questão de saber se Camões conhecia ou não a língua grega. Ultimamente, a ignorância do Grego, assacada a Camões, serviu ao autor de certa *Vida* do poeta para provar que este não frequentara estudos regulares e muito menos em Coimbra.

Ora a obrigatoriedade de falar grego antigo, ou mesmo de estudar grego, não existia em qualquer das constituições quinhentistas ou planos escolares conhecidos. Por outro lado, parece-me de todo contrária ao espírito curioso e indagador do poeta, a falta nele dos rudimentos duma língua que, então, outros estudantes não ignoravam.

Em todo o caso, os argumentos que tenho lido, destinados a provar que Camões não sabia Grego, são demasiado frágeis para lograrem convencer-me. E uma coisa é certa: se me parece difícil provar a ignorância helénica de Camões, tal ignorância, em compensação, é para mim evidente no mais conspícuo defensor actual dessa tese. Mas prossigamos!

A cultura grega, os oradores poetas, historiadores e filósofos da Grécia Antiga, cujo conhecimento era indispensável ao homem culto da Renascença, estavam então traduzidos para latim. Acresce que a substância da cultura grega fora absorvida pelos melhores espíritos de Roma e transmitida à posteridade nessa simbiose cultural greco-latina que constitui o cerne mesmo da civilização ocidental.

Em relação a Camões, vários membros da nossa Universidade discutiram no decorrer deste século o platonismo de certos poemas, como as redondilhas «Sôbolos rios».

Nelas, o conhecimento da Filosofia de Platão é inegável. Trouxeram contributos valiosos e reflectidas sugestões, mestres da craveira de Joaquim de Carvalho e Costa Pimpão. Mas parece-me que a visão mais construtiva e original do problema das fontes do Platonismo de Camões se deve a um jovem licenciado em Filologia Clássica que, em 1942, retomou o assunto no volume XVIII da revista *Biblos* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com um artigo intitulado «Teria Camões lido Platão?». Chamava-se o novel estudioso Vergílio António Ferreira e é hoje o consagrado romancista Vergílio Ferreira.

Mostrou ele como algumas das ideias básicas de cariz platónico que informam o poema «Sôbolos rios» se podem encontrar nas «Tusculanae Disputationes», as «Discussões em Túsculo» ou «Tusculanas», diálogo filosófico de Cícero que foi um dos livros mais divulgados no fim da Idade Média e no Renascimento.

Numa altura em que o latim se começava a estudar aos seis anos de idade, quando não dois ou três anos antes, as *Tusculanas* eram leitura já feita, aos catorze anos. Estes comentários sobre idades são meus. De Vergílio Ferreira é a sugestão das semelhanças entre *Tusc. Disputationes* I, XXIV, 56-57, e os passos mais platonizantes de «Sôbolos rios». Aliás, Cícero menciona nesse trecho repetidamente Platão e os diálogos em que o filósofo grego se ocupa de «memória» e «reminiscência».

Eis uma via de pesquisa ainda não explorada pelos nossos investigadores, esta dos intermediários latinos da divulgação da filosofia grega em Camões. Aliás, não admira que esta linha tenha sido descorada, quando tantas outras podem *a priori* ser aceites: a leitura dos poetas, italianos e espanhóis, em que ideias semelhantes podem encontrar-se, o conhecimento dos platonistas do Renascimento, enfim, todo o mundo de conceitos que então andava no ar e o latim dos humanistas tornava acessível por essa Europa fora.

Mas em que ficamos, quanto à escolaridade do poeta? Por falta de documentos, não podemos ir além de impressões. Impressões com fundamento, todavia. A cultura de Camões é séria, sólida, sedimentada. Nada denuncia nela o autodidacta, mas o homem que na altura própria adquiriu os fundamentos do saber do seu tempo e depois não deixou de cultivar-se pela vida adiante. Como já disse, lembra-me Anchieta que teve uma formação escolar igualmente cuidada, embora não tenha concluído o Curso de Artes.

Hoje, Anchieta é um dos mais famosos antigos alunos de Coimbra, do outro lado do Atlântico, por estar em marcha o seu processo de canonização no qual estão profundamente interessados os brasileiros.

Sabe-se que José de Anchieta foi aluno do humanista Diogo de Teive que regia a classe mais adiantada de Latínidade, e aluno brilhante, como provam ainda hoje os dois longos poemas latinos que nos deixou. Mas não existe nem a matrícula nem qualquer documento do Colégio das Artes a seu respeito.

---

106 Em nota publicada na revista *Humanitas*, XXIX-XXX, mostrei que se pode concluir a sua presença em Coimbra, a partir de 1548, através de um documento relativo a seu irmão mais velho Pedro, com quem o moço José de Anchieta veio para Coimbra.

Ora a respeito de Pedro, que foi aluno da Faculdade de Cânones, também não existe qualquer registo de matrícula. Mas acontece que, seis anos depois de ter chegado a Coimbra, apresentou em 1554 duas testemunhas que declararam haver ele frequentado cursos de Cânones, a partir de Outubro do 1548.

Os processos de matrícula eram tão incertos, tão irregulares que, geralmente, só quando o aluno estava para concluir o curso, concorrendo aos exames finais, provava com testemunhas ter frequentado o número de cursos necessários para se apresentar aos actos. O mesmo aconteceu com André Falcão de Resende, a quem adiante me referirei.

Existe um «livro da Matrícula dos Estudantes» dos Colégios do Mosteiro de Santa Cruz, entre 1534 e 1540, que se encontra na Torre do Tombo e foi publicado pelo Doutor Cândido dos Santos. Todavia, admitindo que essas listas estão completas (e nada nos garante que assim seja!), apenas provam que Luís de Camões não frequentou os Colégios de Santa Cruz, entre 1534 e 1540.

Além dessa série de nomes, há outras no Arquivo da Universidade de Coimbra, por exemplo a dos alunos de Lopo Galego em 1537. Mas tudo isso é fragmentário e incompleto.

A situação dos registos escolares era tão aventureira, já no tempo de Camões, que lembro só mais um caso. Certo dia, em 1558, o professor de Grego, o bem conhecido Vicente Fabrício, precisou de uma certidão do seu grau de Mestre em Artes que obtivera em Coimbra. Pois teve de recorrer ao processo das testemunhas. Afirmaram os professores Afonso do Prado e Diogo de Gouveia «que haveria vinte anos que tomara o dito grau nesta Universidade».

A propósito dos estudos de Camões, um texto muitas vezes citado é a «Sátira II - A Luís de Camões» de um poeta, bacharel em Artes pela Universidade de Évora e licenciado em Cânones pela Universidade de Coimbra, chamado André Falcão de Resende.

Note-se que André Falcão, nome por que era mais conhecido no tempo, começou a frequentar Cânones em Coimbra, em 1548, e terá ficado na Universidade até 1550, interrompendo então o curso que só veio a retomar em 1567. Nesse ano não havia qualquer registo da sua presença na Universidade, dezanove anos antes, e a prova foi feita pelo próprio André Falcão, «pelo juramento dos avangelhos», apresentando como testemunhá Bartolomeu Rodrigues Monteiro que termina assim a sua confirmação: «& sabe ele t<sup>a</sup> q̃ hia as escolas & tinha Iyuros & era estudãte & nõ se afirma ele t<sup>a</sup> se esteue todos os Anos Jnt<sup>os</sup> mas sabe q̃ esteue A mayor parte deles & q̃ jsto ser tã Antigo & de tãtos Anos nõ se firma nas cousas miudam<sup>te</sup> porẽ sabe q̃ era estudãte he hia as escoJas cursar & tinha Liuros he casa & era m<sup>o</sup> amigo de seus jrmãos he tjo & asjuna

Bertolameu roiz mõt<sup>o</sup>.»

O tio assim tão inopinadamente lembrado era o mais conhecido André de Resende e o seu nome deve ter sido aduzido para dar alguma autoridade a um testemunho, de si bastante precário.

Feito este parêntese, detenhamo-nos um pouco em alguns versos da «Sátira a Luís de Camões», composta por André Falcão de Resende que lhe juntou o subtítulo: «Reprende aos que, desprezando os doutos, gastam o seu com truhães».

O grave juiz-poeta Falcão de Resende enumera os inconvenientes a que se sujeita quem faz versos:

*Logo algum vil esp'rito o nota e acusa:*

*«Vedes o triste» - diz aos do seu bando -*

*«Que é bacharel latino, e nada presta,*

*«É poeta o coitado, é monstro nefando.*

15

*«Na noite, que mal dorme, ou ardente sesta*

*«Compõe sonetos por seu passatempo,*

*«E sua pequice em versos manifesta.*

*«Melhor lhe fora aproveitar o tempo*

*«Em chatinar fazenda, em conta, em caixa,*

20

*«Andar trás o dinheiro, andar c'ó tempo,*

*«Gastar mil iguarias, vestir raxa,*

*«Cheirar, jogar, folgar, seguir pagodes,*

*«Que mal comer, vestir sempre por taxa.*

E mais adiante;

*«Ande o pobre poeta um doudo feito,*

40

*«Medicando o comer e os consoantes,*

*«Compondo seus poemas sem proveito.*

*«Bem tenho eu» - diz o vil - «por mais galantes*

*«os truhães chocarreiros com guitarras,*

*«Que aplazem aos reis, aos príncipes e infantes.*

45

*«Estes alegres com c'roas de parras*

*«Festejam Baco e Ceres todo o ano,*

*«E o prazer tem seguro a quatro amarras.*

*«Nunca lhes falta o pão, calçado e o pano,*

*«Seja um doudo, é Dom Félix, Dom Briando,*

50

*«E bem que parvo, é ciceroniano.*

Tem-se discutido quem é o bacharel latino, se Camões, se Falcão de Resende. Este último sabemos nós que tinha alcançado esse grau na Universidade de Évora, sua terra natal, enquanto estivera ausente de Coimbra. Mas nada indica que, no trecho citado, o título de bacharel pertença apenas a Falcão de Resende.

Wilhelm Storck, o minucioso biógrafo alemão de Camões pensava que o bacharel latino só se aplicava a Falcão de Resende, porque nenhum documento atribui a Camões uma formatura em Direito. Mas a verdade é que bacharel latino era uma designação de graduado em Artes, curso que, aliás, também nenhum documento atribui a Camões, e que André Falcão se licenciara em Direito Canónico. Penso ser provável – como atrás disse – que o qualificativo de «bacharel latino» se aplicasse à qualquer homem que tinha feito estudos, era cultivado e sabia o seu latim, independentemente da posse do pergaminho. E é deste modo que creio ter sido Luís de Camões estudante de Artes ou até de outra Faculdade, embora provavelmente não tenha concluído o curso. Mas a solidez e segurança da sua cultura denunciam estudos regulares, feitos cedo, como era costume então.

Onde estudou Camões? Em Coimbra? Parece mais provável do que em Lisboa. Com efeito, as próprias cartas que lhe são atribuídas, e se me afiguram autênticas, testemunham mais uma vida dissipada do que uma existência de estudioso, para o período de permanência na capital. Aliás, os estudos Superiores estavam então em Coimbra.

Se nos *Lusiadas* invoca as ninfas do Tejo, é porque este rio simboliza a grandeza histórica e política e convém à majestade da epopeia, como berço das naus do Oriente. O rio que banha Coimbra, mais modesto, sugeria então a quietude dos costumes pastoris e o ambiente da bucólica, «nos saudosos campos do Mondego» (III, 120).

Além disso, para as divindades do Tejo, segundo a tradição poética greco-latina, Camões encontrou já uma palavra feita, corrente na poesia dos humanistas portugueses. As ninfas do Tejo eram as Tágides, de *Tagus*, nome latino do rio. O criador da palavra «Tágides» foi, como é sabido, André de Resende, o mesmo a quem Camões deve a palavra *Lusiadas*.

A partir de Mondego, não era possível formar uma palavra com tanta facilidade, ou o bom gosto do poeta, habilíssimo em introduzir latinismos em português, não achou conveniente formá-lo do latim *Munda*, nome romano do rio. Daí que existam, por um lado as Tágides, e por outro as «ninfas do Mondego», também chamadas «filhas do Mondego» numa das mais formosas

estâncias de *Os Lusíadas*, com que termina o episódio de Inês de Castro e que muitos dos que me ouvem recordarão neste momento:

*As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram,  
E por memória eterna em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram;  
O nome lhe puseram, que inda dura,  
Dos amores de Inês que ali passaram.  
Vede que fresca fonte rega as flores  
Que lágrimas são a água, e o nome amores.*

Mas no canto VII, a abrir uma série de considerações sobre a sua vida que constituem, ao mesmo tempo, um trecho de sentida e vibrante crítica social, Camões coloca as ninfas dos dois rios, par a par:

*Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,  
Eu, que cometo insano e temerário,  
Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,  
Por caminho tão árduo, longo e vário!  
Vosso lavor invoco, que navego  
Por alto mar, com vento tão contrário,  
Que se não me ajudais, hei grande medo,  
Que o meu fraco batel se alague cedo.*

As ninfas do Tejo, as Tágides, tinham sido invocadas no começo do poema, quando a tarefa do poeta se antolhava mais fácil e era iniciada com um belo entusiasmo. Mas num momento de cansaço, quando a desilusão com os homens e a indignação pelas suas injustiças faz soar uma nota de desalento, Camões recorre não apenas às Tágides, mas também às Ninfas do Mondego, deusas tutelares que o protejam e defendam do seu próprio desânimo: «Ninfas do Tejo e do Mondego!».

As do Tejo, sabemos nós ao que vêm, são as Tágides da lírica e da épica que o poeta refere com gosto nas estâncias 4 e 5 do canto I. E as do Mondego? Não serão as que recordam a «Alma Mater Conimbricensis», os dias distantes em que o poeta lia o seu Virgílio, modelo do Bucolismo e da Epo-



peia, e sonhava imitá-lo? Elas estão presentes nas memórias do tempo passado:

*Vão as serenas águas  
do Mondego descendo  
mansamente, que até o mar não param;  
por onde minhas máguas,  
pouco a pouco crescendo,  
para nunca acabar se começaram.*

(Canção IV)

Em 1607, um mercador de livros de Coimbra, chamado Domingos Fernandes, resolveu homenagear a Universidade que lhe dera o encargo, como ele diz, de «feitorizar a sua Liuraria Publica». E na portada de uma edição da lírica fez imprimir este título: *Rimas de Luis de Camões. Acrescentadas nesta Terceyra impressão. Dirigidas à inclyta Universidade de Coimbra, (...) A custa de Domingos Fernandez mercador de libros.*

A dedicatória um tanto empolada, de que lerei uma frase, exprime o alto conceito em que o poeta era lido, cerca de três décadas após a sua morte: «Não sabemos, que ao mais alto lugar da humana Poesia, tenha dado o Mundo mais que um Homero, Grego: um Virgílio, Latino: hum Tasso, Italiano; & hum Camões, Portuguez: como quatro immortaes columnas de tão soberano templo. Como podem logo ser defendidas columnas tão altas, & tão fortes, que ellas mesmas não sejam? sendo ellas continuamente combatidas pelos furiosos ventos dos invejosos».

Por outras palavras, Domingos Fernandes quer dizer que para defender e exaltar Camões só uma instituição cujo prestígio intelectual se compare com o do grande poeta.

E daí parte para um elaborado elogio da Universidade em que o motivo central é a comparação da *alma Mater* com a figura feminina, cujo busto se ergue sobre o cálice no brasão da cidade de Coimbra. Ouçamo-lo;

«Pois se vós (verdadeira exposição da coroada Princesa das misteriosas armas de Coimbra) sois esta que dizíamos, para as mais propinquas e remotas partes do Universo: e per nascimento e criação, per officio e per obrigação, fostes também a mesma, para com o vosso grande Luís de Camões: pois

nacendo elle nessa vossa cidade de Coimbra, la vosso peyto, como Mãy natural o criastes tantos annos: com vossa doutrina, como Mestra, o ensinastes algunos: e com vossos louvores, como fiel Amiga, o louvastes tantas vezes. A quem, senão a vós, se deve encomendar esta Proteição, de um vosso Filho, Discípulo & Amigo: e mais, sendo ele ja morto para se não poder defender: e ainda vivo, para poder ser ofendido.»

Até aqui a retórica sonora e fácil, e quiçá também calculista, do livreiro Fernandes. Ela sugere, todavia, a existência de uma tradição universitária de Camões em Coimbra, menos de trinta annos depois do desaparecimento do poeta.

A naturalidade conimbricense é, a seguir, substituída pela de Lisboa na edição dos *Lusíadas*, comentada pelo Lic.<sup>o</sup> Manuel Correia e publicada em 1613. Aí vem a primeira biografia do poeta, da autoria de Pedro de Mariz, que copia a informação de Manuel Correia sobre o nascimento em Lisboa, mas se não refere aos estudos do poeta, nem em Coimbra, nem em qualquer outra parte. Mariz, aliás, era muito mais jovem que Camões, pois nascera pela mesma altura em que se pensa residir o poeta em Ceuta.

O editor é igualmente Domingos Fernandes que passa agora a dedicar o livro a D. Rodrigo da Cunha, «Inquisidor Apostólico do Santo Offício de Lisboa». Sabe-se que Fernandes esteve preso nos cárceres da Inquisição.

É possível que as relações do livreiro com a Universidade tenham sofrido mudança, pois num outro livro camonianiano, uma nova edição das *Rimas*, em 1616, também dedicada a D. Rodrigo da Cunha, já então «bispo de Portalegre e do Conselho de Sua Majestade», Fernandes diz em louvor do célebre prelado: «foy servido appadriñar a restauração da minha honra e vida, que eu tinha tão perdida, & acabada, que para desesperar de todo remédio dellas, me via algũas vezes em o último termo».

Se nos lembramos de que D. Rodrigo da Cunha fora «inquisidor» e de que a Inquisição tinha que ver com a censura e aprovação dos livros, talvez o livreiro-editor que era Domingo Fernandes, alguma razão encontrasse para preferir um patrono concreto a uma entidade relativamente vaga e impessoal como a Universidade.

A próxima vida, quarenta e quatro annos após a morte de Camões, é a de Manuel Severim de Faria, publicada em Évora, em 1624. Aí se diz que

Camões nasceu «na cidade de Lisboa, como o testifica Manoel Correia seu comentador, que o conheceu, & foi seu familiar amigo e não em Coimbra, como alguns cuidaram, pela vivenda antiga que seus Avôs ali tiveram». E acrescenta: «Sendo moço, foi estudar a Coimbra, que então começava a florescer em todas as sciencias por beneficio d'El Rey Dom João III...».

A tradição da escolaridade coimbrã continua posteriormente. A sua refutação aparece como um fenómeno tardio, baseada na ausência de documentos que confirmem a presença do poeta nas escolas conimbricenses. Razão de peso, porque a História faz-se sobre documentos, mas, depois do que para trás ficou sobre as vicissitudes do acaso na conservação das memórias académicas do século XVI, razão, afinal, menos convincente do que *a priori* podia parecer.

A verdade é que, se existe subjectivismo em admitir que Camões estudou em Coimbra, não são menos subjectivas certas opiniões em contrário, como a mais recente que vou apresentar.

Ainda há pouco, num livro muito falado, e talvez menos lido do que falado, se declarava a propósito da estância 97 do canto III de *Os Lusíadas*, dedicada ao rei D. Dinis e à Universidade que ele fundou: «E naquela única referência à cidade universitária e às insígnias académicas não se encontra qualquer inflexão de ternura, saudade ou orgulho, sentimentos que nunca faltam em quem estudou em Coimbra».

O autor destas palavras não foi, evidentemente, estudante de Coimbra. Para opor à sua opinião, citarei outra de um categorizado filho da «alma Mater Conimbrigensis». Será ele D. Francisco Alexandre Lobo que em 1787 aqui se doutorou em Teologia e foi professor entre 1808 e 1819, ano em que deixou o magistério universitário para ir ocupar a Sé de Viseu.

A sua «Memoria Historica e Crítica ácerca de Luiz de Camões e das suas Obras», publicada em 1821 pela Academia das Ciências, e reimpressa em 1848, é um trabalho, cuidadosamente elaborado e bem escrito, que ainda hoje se lê com proveito. Tratando dessa mesma estância, escreveu D. Francisco Alexandre Lobo: «... (Camões) bem parece fallar com a paixão e fogo de hum alumno, que se recorda saudosamente agredido, da escola em que tomou lições e formou seu espirito na mocidade». E, em nota, comentava: «Se destes argumentos não resulta inteira certeza, a crítica mais difficultosa em se dar por satisfeita, não pode ao menos negar, que resulta muito alto grau de probabilidade».

Seja-me permitido, Magnífico Reitor, fazer minha tão sensata observação, e terminar estas palavras com a leitura da mesma estância 97 do canto III de *Os Lusíadas*:

*Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
O valeroso ofício de Minerva  
E de Helicon a Musas fez passar-se  
A pisar do Mondego a fértil erva.  
Quanto pode de Atenas desejar-se,  
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva,  
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,  
Do bácaro e do sempre verde louro.*

Tenho dito.

NOS ALVORES DA CULTURA EUROPEIA: OS POEMAS HOMÉRICOS

ORAÇÃO DE SAPIÊNCIA \*

PELA

PROF. DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA  
(1987)

MAGNÍFICO REITOR  
SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA  
SENHOR MINISTRO DA EDUCAÇÃO  
SENHOR MINISTRO DA PRESIDÊNCIA E DA JUSTIÇA  
SENHOR SECRETÁRIO DE ESTADO DO ENSINO SUPERIOR  
SENHOR SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO DO MINISTRO ADJUNTO  
E DA JUVENTUDE  
SENHOR SUBDIRECTOR-GERAL DO ENSINO SUPERIOR  
EXCELENTÍSSIMAS AUTORIDADES  
SENHORES REITORES E VICE-REITORES  
SENHORES DOUTORES  
SENHORES ASSISTENTES E INVESTIGADORES  
SENHOR PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA  
CAROS ESTUDANTES  
PREZADOS FUNCIONÁRIOS  
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

---

115

Era da praxe, no século XVI, que o professor encarregado de fazer a oração de sapientia na abertura solene das aulas dissertasse sobre o estudo de todas as disciplinas (*De disciplinarum omnium studiis*). Era possível fazê-lo

---

\* Texto publicado em *Humanitas*, vol. XLVII.

nesse tempo, sem perigo de causar enfado ou cometer omissões: depois de elogiar a filosofia, procedia ao encómio das sete artes liberais, preparatórias das matérias versadas nas Faculdades maiores, que recebiam, cada uma, os devidos louvores.

Tal esquema, ainda que teoricamente correcto, seria hoje impraticável, e a rotatividade das Faculdades no assumir deste encargo é disso prova. Seria estulto que alguém pretendesse falar de todas as ciências que se professam em Coimbra, ou, sequer mesmo, das que se ensinam na escola a que pertence, tal o grau de especialização por elas adquirido. Este último facto é, mesmo, uma das características e um dos perigos que espreitam a ciência moderna: o estreitamento do campo de estudos, se é garantia de rigor e profundidade, também pode tornar-se impeditivo de uma visão de conjunto do universo cognoscível, tal como, por outro lado, o progresso acelerado no caminho do tecnicismo corre o risco de atentar contra o seu próprio criador. Por isso se vem falando com insistência crescente nas vantagens da interdisciplinaridade e na urgência de revalorizar as ciências humanas,

É nestas que me situo e delas falarei hoje, escolhendo, de entre os muitos temas possíveis, o mais antigo documento da Cultura Grega – que o mesmo é dizer que da cultura europeia – os Poemas Homéricos. Tratarei assim, não digo do que conheço, mas do que tenho tentado conhecer ao longo de uma vida de estudo. Aos meus colegas da especialidade, peço vénia por lhes fazer ouvir o que já sabem. Aos outros, espero fazer sentir o fascínio do enigma que envolve as duas mais antigas obras de génio da humanidade, bem como a perenidade dos seus valores éticos e estéticos.

Os antigos falavam simplesmente de Homero como o príncipe dos poetas e mestre de toda a sabedoria. Um passo de *A República* de Platão dá como voz corrente na sua época que ele era «o educador da Grécia», e o jovem Nicérato dos *Memoráveis* de Xenofonte gabava-se de poder ensinar toda a gente, porque sabia os Poemas de cor.

116

Mas, aos poucos, o que havia sido conhecido como «o homem de Quios» era já «aquele sobre quem tem contenda peregrina, /entre si, Rodas, Smirna, e Colofónia, / Atenas, Ios, Argos, e Salamina», como viria a dizer Camões, vertendo um dístico grego no meio de *Os Lusíadas*, e a sua personalidade diluía-se sob as investidas de uma erudição crescente. A época helenística procurou distinguir versos ou passos inteiros interpolados. Houve mesmo vozes isoladas, as dos *chorizontes*, que atribuíam uma autoria à *Ilíada* e outra à *Odisseia*.

A questão, porém, só havia de reacender-se nos últimos anos do século XVIII, com os famosos *Prolegomena ad Homenun* de Wolf. Se a escrita era desconhecida, perguntava o estudioso de Halle, como era possível compor poemas tão extensos? E, se a recitação era oral - prosseguia - o poema não podia deixar de ser curto, pois um longo poema implica um leitor.

Ambas as teses principais de Wolf estão hoje eliminadas pela comparação com epopeias de outros povos e épocas, mas nem por isso deixaram de abrir, bem largas, as comportas da dúvida. Iniciara-se a Questão Homérica, que continua em curso, não obstante as surpreendentes descobertas que se vêm fazendo desde o último quartel do século passado. E, desde então, três perguntas fundamentais continuam sem resposta para a maior parte dos estudiosos: Quem compôs a *Ilíada* e a *Odisseia*? Onde? Quando?

As soluções propostas têm sido muitas, e não tentaremos seriá-las sequer. Em parte alguma o autor fala de si, e nada nos autoriza a supor que o aedo cego do palácio dos Feaces, cujo canto assume um papel de relevo no canto VIII da *Odisseia*, seja um auto-retrato. E, se em certas comparações da *Ilíada*, como a dos gansos, groues e cisnes de colo alongado que se reúnem e batem as asas na planura junto das margens do Caístrio (II. 459-463), e a do mar encapelado pelo sopro de Bóreas e do Zéfiro, vindos de Trácia (IX. 4-7), sugerem fugazmente um observador situado nas costas da Ásia Menor, tais dados não são mais decisivos do que a por vezes pormenorizada descrição de Tróia.

Precisamente a descrição de Tróia sugeriu ao alemão Schliemann o desejo ardente de descobrir os sítios homéricos. A história é demasiado conhecida para que seja preciso recordá-la em pormenor: a partir de 1870, Schliemann, primeiro por conta própria, depois coadjuvado pelo arqueólogo Dörpfeld, descobre na localidade turca de Hissarlik, a Noroeste da Ásia Menor, não apenas uma, mas nove cidades sobrepostas, das quais a segunda lhe parecia encerrar os tesouros de Príamo. As escavações, interrompidas por vicissitudes inúmeras, completaram-se em 1938, sob a mão experiente do americano Blegen. Este concluiu que a sexta camada correspondia à força e esplendor do reino de Príamo, mas terminara com um tremor de terra; a VIIA, que se lhe segue, não apresenta solução de continuidade cultural e, essa sim, acaba num violento incêndio, depois de ter tomado providências de abastecimento de víveres, como que para resistir a um longo cerco. Pormenor curioso, os habitantes da Tróia VI trouxeram consigo a domesticação do

cavalo, e os Troianos recebem na *Ilíada* o epíteto distintivo de «domadores de cavalos».

Pela mesma altura, fizeram-se também escavações em Micenas, e noutros lugares da Grécia, que revelaram a opulência da antiga capital de Agamémnon, em perfeita consonância com o epíteto homérico de «rica em ouro», e também a existência de objectos singulares muito semelhantes aos descritos na *Ilíada*, como a Taça de Nestor, o elmo enfeitado com presas de javali, a espada cravejada de prata. Os palácios que, ao longo dos anos, vieram a ser postos a descoberto em diversos lugares do Peloponeso ostentavam um traçado semelhante aos que se descrevem na *Odisseia*, nomeadamente quanto à presença de um aposento central, de entrada única, com quatro colunas ao centro e uma lareira no meio, o mégaron.

Entre o final da década de 50 e a de 60, muitos outros dados, estes provenientes da epigrafia, tinham vindo juntar-se a estes. A decifração do Hitita, principiada em 1925, aos poucos permitira saber que aquele povo da Ásia Menor se referia, nos seus registos, a um ataque dos Ahhiyawa, que foram identificados com os Aqueus dos Poemas Homéricos, a Millawanda, que se supôs ser Mileto, a Wilusa e a Tarwisa que se afiguraram ser Ílion e Tróia. E tudo isso referenciável ao século XIII a.C., precisamente a época do grande poderio de Micenas, a capital de Agamémnon, e anterior à queda de Pilos, a capital de Nestor.

Também a decifração de uma das escritas cretenses, o Linear B ou Micénico, feita em 1953, ao demonstrar que já nos séculos XV a XIII a.C. se falava em todo o sul da Península Balcânica, embora com possíveis variantes dialectais, uma forma muito antiga de Grego, permitiu recompor os traços de uma sociedade bem hierarquizada, em cujo topo se encontrava o *anax*, não o *basileus* - reflectindo assim o que se passa nos Poemas Homéricos, onde a Agamémnon, o chefe supremo da expedição, pertence o título de ἄναξ ἀνδρῶν («príncipe dos homens») e aos monarcas seus aliados o de βασιλεύς («rei»).

Os dados pareciam convergir todos no mesmo sentido para provar a historicidade da *Ilíada* e, portanto, da Guerra de Tróia. Mas a verdade é que a «Questão de Tróia» também estava latente. Em 1964, a mesma conceituada revista inglesa que teve a honra de publicar o artigo de Ventris e Chadwick com a decifração do Linear B, o *Journal of Hellenic Studies*, dava à estampa uma discussão entre quatro grandes especialistas sobre esse tema. Desses quatro, Finley, o historiador, coloca os acontecimentos nos séculos XI-X a.C.,



ao passo que Caskey, Kirk e Page mantêm a data posterior de dois séculos. Um deles, porém, Caskey, escreve esta frase quase profética: «Se o saque de Tróia VIIA vier a ser colocado depois da queda de Micenas e Pilos, ou ao mesmo tempo, teremos de rejeitar a maior parte da tradição homérica.»

Ora esta alteração na cronologia relativa de tais sucessos tem estado a verificar-se nos últimos anos. Uma pequena quantidade de peças de cerâmica encontradas em Tróia VIIA parece apontar para outra relação sequencial dos acontecimentos. O facto, a comprovar-se devidamente, virá alterar o que se julgava saber acerca dos destruidores da Tróia homérica.

Essas e outras dúvidas, como a da identificação dos Ahhiyawa com os Aqueus e a citada equivalência dos topónimos, bem como a diferente reconstituição da geografia política do império hitita e sua cronologia, vêm abalar consideravelmente a frágil construção de hipóteses que há pouco referimos. Todo este novo cepticismo é a dominante do colóquio efectuado em Liverpool em 1981 sobre a Guerra de Tróia, sua historicidade e contexto. A própria relação entre a sociedade micénica e a homérica é novamente posta em causa. Vão neste sentido três artigos recentes publicados o ano passado em revistas provenientes de alguns dos países mais avançados na literatura e na arqueologia clássica: a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos. Deve sublinhar-se, contudo, que se contam entre os melhores arqueólogos aqueles, como Luce e Plommer, que não vêm razão suficiente para abandonar a tese da existência de tal relação.

Aqui intervém, no entanto, uma das mais espectaculares descobertas dos últimos anos, a do *heroon* de Lefkandi, na costa ocidental da Eubeia. Nesse *heroon* encontrou-se um túmulo do século X a.C., que continha as cinzas de um guerreiro envolto num manto (cujos restos, pacientemente reconstituídos, podiam admirar-se este ano, numa exposição do centenário da Escola Britânica de Arqueologia, no Museu Nacional de Atenas), e, perto dele, o esqueleto da mulher, adornada com jóias de ouro, e os cavalos. Este surpreendente achado mostra que os dois rituais funerários opostos, o da inumação e o da cremação, podiam afinal coexistir; e que a pobreza atribuída à chamada Idade das Trevas tinha, pelo menos, esta brilhante excepção.

Enquanto estas controvérsias lavram nos arraiais da arqueologia e da história, outras de não menor alcance se têm desenvolvido na área da língua e da literatura. A presença de um tipo de linguagem especial, por isso mesmo chamada homérica, formada por elementos de quatro dialectos diferentes, embora com maior incidência no iónico e no eólico, e não coincidente com

nenhum dos falares gregos da época histórica, é um facto conhecido de qualquer principiante. Por outro lado, a já mencionada decifração do Linear B vem comprovar que, sob o ponto de vista morfológico e lexical, devem dar-se como micénicas algumas das mais salientes características dessa linguagem. Há, portanto, uma estratificação de elementos muito antigos, comparável à que se verifica no mundo dos *realia*, mas não sobreponível. Para dar um só e célebre exemplo desta discordância, lembrarei apenas que a descrição do elmo de presas de javali, que Ulisses põe na cabeça no canto X da *Iliada*, figura num trecho do poema que, sob o ponto de vista linguístico, apresenta grande número de formas recentes, e, sob o ponto de vista estrutural, nem os mais fervorosos unitários conseguem dar como autêntico.

Do lado literário, um grande passo em frente é dado nos finais da década de 20 e começos da de 30, com a teoria da improvisação oral, proposta pelo americano Milman Parry. Com base, primeiro no uso repetido de epítetos a acompanhar o nome das principais figuras, depois na sua observação *in loco* do modo como os bardos da Jugoslávia do seu tempo cantavam, acompanhando-se de um instrumento musical simples, os feitos gloriosos de uma guerra ocorrida no século XVI, mediante o recurso a fórmulas ou maneiras estereotipadas de dizer, Milman Parry concluiu que era esse também o modo como se formaram os Poemas Homéricos. Só ele explicava que se repetissem frases ou versos inteiros quando se verificava uma situação semelhante, que houvesse pequenas incongruências entre alguns pontos da narrativa, que a um compositor oral e a um auditório passavam facilmente despercebidas. Esta teoria viria a explicar também o conhecimento de factos muito antigos, preservado por uma transmissão oral contínua.

Exemplificando - tanto quanto é possível fazê-lo através de traduções, onde irremediavelmente se perde o ritmo do hexâmetro dactílico, peça essencial do processo - procuremos um verso que descreve o amanhecer (*Iliada* I. 477):

O poeta pode repeti-lo quando se trate de referir o fenómeno. Mas, se dispusesse apenas desta fórmula, o processo em breve se tornaria monótono. Porém ele tem mais, já prontas, que pode aplicar quando quiser. Pode, por exemplo, substituir a fórmula «a Aurora de dedos róseos» por outra, igualmente sugestiva das tonalidades do nascer do dia, «a Aurora vestida de cor de açafraão» (*Iliada* VIII. 1).

Também para o fenómeno inverso, ou seja, o anoitecer, existe mais do que uma fórmula. Assim, pode dizer-se (*Ilíada* I. 475):

*Então o Sol mergulhou e desapareceu nas trevas.*

Ou, numa fórmula em que coalescem hábitos de paz só possíveis na *Odisseia*, e certamente por isso exclusiva deste poema (XV. 85):

*O Sol mergulhou e todas as ruas ficaram na sombra.*

O mesmo sucede quanto se repetem cenas típicas, como a realização de um festim religioso ou a recepção a um hóspede. Esta comportava toda uma etiqueta própria, pois se tratava de criar por essa via laços de amizade que em todos os tempos tiveram um papel preponderante na ética grega. Voltaremos a este ponto. Entretanto, vejamos um exemplo da *Odisseia*, quando Telémaco, acompanhado pelo filho de Nestor, chega, incógnito, ao palácio de Menelau em Esparta, e aí é tratado com todas as honras (IV. 52-56):

*Uma aia trouxe a água, em belo gomit de ouro,  
sobre bacia de prata, para lavarem as mãos.  
Junto deles colocou uma mesa polida.  
A venerável dispenseira trouxe pão para os servir,  
pôs na mesa manjares inúmeros, regalando-os com o que havia.*

Cinco versos com aquela riqueza de pormenores e poder de visualização característicos de Homero. Eles reaparecerão tal e qual, quando, em VII. 172-176, o destinatário de tais atenções passar a ser Ulisses, também desconhecido, a quem Alcínoo, rei dos Feaces, agasalha no seu palácio.

Se este tipo de fórmulas pode atingir uma certa extensão, há outro muito mais breve e não menos curioso, pois se presta a múltiplas combinações. Referimo-nos às fórmulas usadas para introduzir o discurso directo, as quais são muito frequentes, porquanto, como se sabe, cerca de dois terços da *Ilíada* e de 55% na totalidade dos poemas revestem essa forma, em que, para falar em termos platónicos, da diegese se passa à mimese.

Aqui observa-se um esquema estreitamente relacionado com a métrica, em que a primeira metade do verso descreve a acção ou emoção, e a segunda contém o sujeito, acompanhado de um ou mais epítetos, como nestes exemplos:

*Em resposta declarou-lhe // o poderoso Agamémnon*

(*Ilíada* I. 130)

*Em resposta declarou-lhe // Aquiles de pés velozes*

*(Ilíada I. 84)*

É possível variar o primeiro hemistíquio:

*Em seguida respondeu-lhe // o divino Aquiles, ágil de pés*

*(Ilíada I. 121)*

*Em seguida respondeu-lhe // Agamémnon, príncipe dos homens*

*(Ilíada I. 172)*

Estas e muitas outras fórmulas introduzem, como dissemos, o discurso directo, mas de uma forma emocionalmente neutra, que nada diz quanto ao estado de espírito do interlocutor. Porém o poeta tem à sua disposição fórmulas que lhe permitem exprimir toda a espécie de conotações afectivas, como o desagrado misto de desconfiança:

*Olhando-o de sobrolho franzido, declarou-lhe // Aquiles de pés velozes*

*(Ilíada I. 148)*

*Muito irritado declarou-lhe // Zeus que amontoa as nuvens*

*(Ilíada I. 517)*

ou desgosto:

*Suspirando fundo, declarou-lhe // Aquiles de pés velozes*

*(Ilíada I. 364)*

ou a complacência:

*Assim falou, e sorriu-se // Hera, a deusa de alvos braços*

*(Ilíada I. 593)*

Muitas combinações se podem obter variando o primeiro ou o segundo hemistíquio. Mas talvez valha a pena determo-nos um pouco na questão dos epítetos, porque muitos deles são ricos de implicações éticas, históricas, histórico-religiosas, ou mesmo reveladoras de um pendor racionalizante que prenuncia a futura evolução do espírito grego.

Assim, vimos a reminiscência que provavelmente subjaz aos Troianos «domadores de cavalos»; outro tanto poderia dizer-se dos Aqueus «de brôn-

zeas tónicas», a encontrar confirmação na armadura descoberta há poucos anos em Dendra.

Quando se diz «Zeus que amontoa as nuvens» ou «Zeus tonitruante», é fácil discernir nestes atributos o deus do tempo atmosférico, que, perante o homem primitivo aparecia como o árbitro da sua sorte imediata, entidade de quem dependia em absoluto. Levará tempo a que esta divindade, assim naturalmente alçada a deus supremo, adquira as conotações de ordem moral que a conduzirão a ser também, para os Gregos, o garante da justiça. A via para essa atribuição começa, porém, a delinear-se nos próprios Poemas Homéricos, onde Zeus é já o protector dos que necessitam de auxílio - hóspedes e suplicantes. É interessante que seja possível encontrar os dois epítetos congregados num só verso, como este (*Odisseia* VII. 165):

*Zeus tonitruante, que acompanha os suplicantes com respeito.*

Não menos revelador é o caso de dois dos epítetos mais correntes de Aquiles. Ele é «de pés velozes» ou «ágil de pés». Num estudo recente, Griffin pôs em relevo a existência de uma versão primitiva da lenda, segundo a qual ele era tão veloz na corrida que apanhava os veados, lenda essa que ainda se pode discernir num passo de Píndaro (*Nemeias* III. 51). Mas Homero racionaliza e, como nota o mesmo helenista, quando o herói persegue Heitor no canto XXII da *Ilíada*, não tem uma velocidade miraculosa que lhe permita alcançá-lo. Pelo contrário, a perseguição alonga-se por três voltas à muralha de Tróia e dilui-se finalmente neste bem observado símile (*Ilíada* XXII. 199-201):

*Tal como num sonho não se pode perseguir um fugitivo,  
nem um pode escapar, nem o outro atingi-lo:  
assim Aquiles não podia apanhar Heitor na corrida, nem este podia  
[esquivá-lo.*

Do mesmo modo também já Kakridis tinha demonstrado que a *Ilíada* conhecia a tradição segundo a qual a armadura de Aquiles era impenetrável, mas não a utiliza; vestígio dessa lenda é que Pátroclo, quando vai para o combate envergando as armas de Aquiles, só é mortalmente atingido depois de ter sido sucessivamente despojado delas todas. A morte do herói máximo, essa, não o esqueçamos, não ocorre na *Ilíada*.

É ocasião de notarmos que, se Aquiles tivesse poderes sobrenaturais, não teria condições para ser o paradigma indesmentido de uma concepção heróica da vida.

É certo que é filho de uma deusa – Tétis –, mas desde cedo se afirma claramente que o seu destino vai decorrer no plano humano. É a própria mãe que lho diz, angustiada (*Ilíada* I. 414-418):

*Em seguida respondeu-lhe Tétis, banhada em lágrimas:  
«Ai, meu filho, para que te criei eu, que terrível geração!  
Quem dera que tu ficasses ao pé das naus, sem lágrimas e sem penas,  
pois que breve é o teu destino, e de curta duração!  
E agora segues caminho para uma morte pronta, desgraçado,  
mais que todos. Para este triste destino te dei à luz no palácio.*

Um privilégio parece ser-lhe concedido, o da escolha. É assim, pelo menos, que Aquiles mostra saber que poderá optar entre uma vida longa, mas apagada, e a existência curta, mas gloriosa, quando responde nestes termos ao discurso com que Ulisses tenta abrandar a sua cólera contra Agamémnon e convencê-lo a regressar ao combate (*Ilíada* IX. 410-416):

*Minha mãe mo disse muitas vezes, Tétis de pés argênteos:  
duplo é o destino que me leva ao termo da morte;  
se fico aqui a lutar em volta da cidade de Tróia,  
perdido está o meu regresso, mas a glória será inorredoura;  
mas se regressar a casa, à amada terra pátria,  
perdida estará a minha nobre glória, mas a minha vida  
será de longa duração, e tardará a atingir-me o termo da morte.*

Mais tarde, no canto XVIII (121-126), a escolha está feita: Aquiles, regressará ao combate para vingar o seu grande amigo, Pátroclo, embora saiba que à morte de Heitor se seguirá em breve a sua. A previsão de que não tardará a sucumbir ressoa, como uma nota trágica, cada vez com maior intensidade, ao longo dos últimos cantos do poema.

Para entender todo o significado e peso desta atitude, é preciso conhecer o pensamento escatológico grego nesse tempo. Do morto, por mais ilustre ou notável que fosse, não restava mais do que uma sombra no além, a *psychê*, sem espírito nem consistência; e, mesmo esse precário estado, só se alcançava mediante os rituais fúnebres da cremação.

Quando, no canto XI da *Odisséia*, Ulisses desce ao Hades, encontra lá a *psychê* de Aquiles, que continua a ocupar, entre as sombras, a posição régia que lhe coubera em vida. O herói dos mil artifícios felicita-a, mas Aquiles responde-lhe dolorosamente (XI. 488-491):

*Não me elogies a morte, ó glorioso Ulisses!  
Antes queria ser servo da gleba, em casa  
de um homem pobre, que não tivesse recursos,  
do que ser agora rei de quantos mortos pereceram!*

Posteriormente, o pensamento religioso grego não se conformaria com este aniquilamento total do grande herói, e havia de diversificar de vários modos a crença num destino póstumo especial.

Voltemos, porém, a Homero. Se Aquiles é o paradigma por excelência da coragem e daquele código de valores a que Marrou chamou expressivamente «a moral heróica da honra», também o herói da *Odisséia* representa a capacidade de resistência do homem através de todos os escolhos da vida.

«Homem» é precisamente a palavra com que abre o poema. Homem de mil artifícios, capaz de superar as mais difíceis situações graças ao seu engenho, manifestado na palavra e na acção. Pouco importa que muitas das suas aventuras tenham raízes numa tradição muito antiga, que aflora em diversos povos e épocas, e mesmo que se coloquem além do horizonte de experiência do ser humano. Conforme já tem sido notado – sobretudo por Page –, os contos populares que convergem sobre a sua figura aparecem em larga medida depurados de elementos fantásticos: assim, os Lestrígonos são gigantes, mas o seu rei tem um nome grego e delibera na ágora. Observe-se ainda que a única figura vinda inequivocamente da esfera da magia, Circe, é susceptível de se humanizar. Quando, recuperada a forma humana, os companheiros de Ulisses cercam o herói, dominados pela emoção, a feiticeira partilha dos sentimentos deles (X. 395-399):

*Tornam-se de novo homens, mais jovens do que antes,  
e muito mais belos e maiores de aspecto.  
Reconheceram-me, e cada um me aperta a mão.  
A ânsia de soluçar invade-os a todos;  
ecoa pela casa um clamor espantoso. A própria deusa se compadece.*

Este sentimento de camaradagem que liga Ulisses aos seus homens é um dos valores a reter no poema. Está logo expresso na proposição, quando se lê que

*.... padeceu, sobre as ondas, muitas dores no seu coração  
em luta pela vida e pelo regresso dos companheiros.  
Mas a estes não pôde salvá-los, a despeito dos seus esforços.*

(*Odisseia* I. 4-6)

e culmina no momento dramático em que Cila, o monstro marinho, engole seis dos companheiros, e eles «elevados às alturas, agitando pés e mãos, gritavam, chamando por mim» (*Odisseia* XII. 248-249).

Era dele que esperavam ainda salvação, porque ele era o «dos mil artifícios». Mas era também – e este é outro dos seus epítetos mais constantes – «o que muito sofreu». É-o no decurso das suas aventuras, ao longo das quais vai perdendo sucessivamente os seus doze navios e todos os companheiros, até ao naufrágio da jangada que, na ilha de Calipso, construíra por suas mãos. É-o na segunda metade do poema, quando suporta humilhações contínuas no seu próprio palácio, onde entra com o aspecto de mendigo, ao fim de vinte anos de ausência, sem que o reconheçam. E sê-lo-á até ao momento famoso em que termina a prova do arco: Penélope, desconhecadora (pelo menos, na versão que chegou até nós) da identidade daquele homem andrajoso e marcado pelo sofrimento, decidira-se a escolher aquele dos seus pretendentes que conseguisse fazer passar, de uma só vez, uma única seta pelos buracos de doze machados em fila; um após outro, eles haviam fallado, até que Ulisses, autorizado a experimentar, efectua a difícil proeza logo à primeira. É nesse momento que se abre aos nossos olhos um quadro famoso (XXII. 1-8):

*Então despojou-se dos farrapos Ulisses dos mil expedientes,  
saltou sobre o magno limiar, de arco na mão e aljava  
cheia de setas. Esvaziou-a dos dardos velozes  
a seus próprios pés, e exclamou para os pretendentes:  
«Acabaram-se estes jogos que não saciam ninguém!  
Sei agora de outro alvo, que nenhum homem nunca atingiu.  
Vejam os se acerto nele, se Apolo satisfizer a minha prece.»  
Disse, e sobre Antínoo desfechou uma seta amarga.*



Começa então a vingança de Ulisses, coadjuvado por seu filho Telémaco e pelos dois guardadores de gado que lhe tinham ficado fiéis. É uma vingança implacável, que não poupa nenhum dos culpados. Apenas o arauto e o acdo recebem a clemência do herói. Nesta longa cena de morticínio, tem-se perguntado até que ponto a fúria da revindicta não ultrapassou as exigências de recuperação dos direitos do senhor da casa.

O assunto tem sido muito debatido ultimamente, com acertada insistência nas culpas que os pretendentes haviam acumulado sobre as suas cabeças. Eles não eram apenas os dilapidadores dos bens de Ulisses, que devastavam havia anos a sua imensa riqueza em gado. Eles haviam planejado a morte de Telémaco, quando o jovem príncipe regressasse da sua viagem a Pilos e a Esparta, em busca de notícias do pai, e, depois de defraudados dessa expectativa, de novo haviam concebido idêntico projecto.

Ora, precisamente na *Odisseia*, a ideia de justiça divina e a concomitante noção de crime e castigo começa a esboçar-se. Ela está na entrada do poema, no trecho que Jaeger chamou com propriedade «a mais antiga teodiceia grega», quando, em concílio divino, Zeus refere o caso de Egisto, que acabava de sucumbir às mãos de Orestes, vítima dos crimes em que persistira, não obstante as advertências dos deuses (I. 26-43). Está novamente expressa nas reflexões do porqueiro Eumeu sobre o estado de coisas no palácio de Ítaca (XIV. 83-88):

*Os deuses bem-aventurados não apreciam o mal,  
mas prestam honra à justiça e às acções sensatas dos homens.  
Podem inimigos malvados saquear a terra alheia,  
os bois de outrem, dar-lhes Zeus essa rapina,  
e regressarem a casa com os navios repletos.  
Mas um receio violento do castigo descera sobre o seu coração.*

A vingança de Ulisses está, por conseguinte, referenciada a um princípio universal, não se confina à desforra pessoal. Merece atenção, neste contexto, aquela cena em que, ante o júbilo da sua velha ama, ao ver reduzidos a cadáveres os inimigos e usurpadores de tantos anos, Ulisses a adverte severamente (XII. 412-413):

*Não é piedoso tripudiar sobre homens mortos.  
Aos que aqui estão, derrubou-os o destino dos deuses e as suas obras  
/perversas.*

«O destino dos deuses» - μοῖρα θεῶν - lê-se neste passo, diferentemente do que sucede na maior parte das ocorrências de μοῖρα, isto é, da parte ou porção de cada um, e, por extensão, da parte que lhe cabe no decurso da vida. Essa *moira* assim entendida é, naturalmente, independente da vontade de cada um, e parece sê-lo também da dos deuses, embora, pelo menos em dois passos da *Ilíada* (VI, 440-443 e XXI, 179-181), possa pôr-se a questão da transcendência de Zeus em relação a ela. No trecho da *Odisséia* que referimos há pouco, porém, esboça-se já uma noção de determinismo de origem divina, tal como surgirá depois em Sólon. Mais importante do que isso, no contexto em que de momento nos situamos, é a presença da dupla causalidade - a do plano divino e a do humano -, noção essa que aponta já para a da responsabilidade do homem pelos seus actos, a qual, como se sabe, virá a adquirir todo o seu relevo e acuidade na tragédia grega.

Nesta altura, perguntar-se-á o ouvinte que ainda está lembrado da teoria da improvisação oral, das fórmulas e dos epítetos, como será possível exprimir num estilo tão rígido pensamentos tão elevados? Teremos então de acentuar que as fórmulas e epítetos eram auxiliares da memória, prontos a serem empregados no momento oportuno. Feitas as contas - e dificilmente se encontrará uma estatística que não tenha sido já aplicada aos Poemas Homéricos - há cerca de um décimo dos versos que não tem elemento formulaico seguro nenhum. A habilidade do Poeta está em saber usá-lo na ocasião adequada, e distanciar-se dele quando deve. De resto, as próprias fórmulas são flexíveis, no sentido exacto do termo, ou seja, são sujeitas a flexão, dentro do espaço métrico disponível, conforme pôs em evidência Hainsworth, um dos mais recentes e autorizados continuadores da doutrina de Parry.

Esta direcção dos estudos, que desloca o problema da autoria em favor do da forma, não é, contudo, a única. No final da mesma década de 30 que viu aparecer as teorias do helenista americano, publicavam-se na Alemanha os *Iliasstudien* de Schadewaldt, que marcam, eles também, mas noutro sentido, uma nova era. Estes analisam a maneira de contar e de construir alguns passos, chegando assim a uma concepção unitária da autoria. Situando-se nos antípodas de teorias do século passado, como a dos núcleos (que explicava a *Ilíada* como uma série de expansões a partir de um pequeno poema nuclear, só sobre a cólera de Aquiles) ou a dos lais (que dividia a epopeia em dezoito rapsódias distintas) ou ainda a da compilação (que faz de Homero o redactor final), as análises de Schadewaldt e seus sucessores procuram determinar as

linhas mestras da narrativa e demonstrar que a harmonia do seu desenvolvimento e desfecho postula forçosamente um único autor para arquitectar tão grandiosa construção. Num livro que fez época, publicado em 1970, Dieter Lohmann, um dos continuadores desta teoria, centrada sobretudo na *Iliada*, pôs em evidência a articulação dos cantos axiais do poema: o primeiro, com a causa e explosão da cólera de Aquiles, que abandona a coligação, por ter sido publicamente desconsiderado pelo chefe supremo da expedição, Agamémnon; o nono, com a tentativa infrutífera de o fazer regressar ao combate, em troca de esplêndidas ofertas; o décimo primeiro, com a sugestão de Nestor a Pátroclo de que peça a Aquiles que o deixe ir, a ele, com os Mirmidões para o campo de batalha; o décimo sexto, em que Pátroclo consegue ser ouvido (preces frutíferas), executa feitos do mais alto preço, mas sucumbe às mãos do Heitor; depois, a segunda fase da cólera, agora radicada no campo afectivo da amizade e da lealdade, novamente com o esquema preces infrutíferas – preces frutíferas.

Este esquema, ao ser aplicado pela segunda vez, conduz-nos a um dos episódios mais significativos da *Iliada*. No duelo titânico que trava com Aquiles, Heitor, prestes a ser dominado, roga-lhe que aceite um último pedido; que não deixe os cães devorar o seu cadáver, mas o entregue, mediante o resgate que quiser, a seus pais, para que lhe prestem os rituais fúnebres (XXII. 337-343). Aquiles responde, com a mais cruel dureza, e com a fúria do desespero, que ninguém afastará os cães da cabeça dele, ainda que lhe dessem dez ou vinte ou mais vezes o preço do resgate (XXII. 345-354).

Já sabemos que a gravidade do pedido não resulta só do natural horror à dilaceração futura do próprio corpo, mas da impossibilidade de a *psyché* transpor sequer os portões do Hades, para aquele a quem não couberam em sorte as chamas da pira.

A hora é de glória para Aquiles, que abandona, triunfante, o campo de batalha, levando atrelado ao seu carro o mais precioso troféu, o cadáver do inimigo. É essa a consumação da vitória do guerreiro primitivo, uma vitória que não conhece mercê nem complacência, e que se prolonga no além-túmulo.

No canto seguinte, o cadáver de Pátroclo é cremado com todas as honras, incluindo a da realização de jogos fúnebres em que participam os maiores guerreiros aqueus, momento de alacridade e entusiasmo que contrasta com a tensão dramática que tem vindo a acumular-se desde o início do poema.

Uma vez terminada esta manifestação de destreza, vigor e cavalheirismo, o espírito de vingança volta a pairar sobre a epopeia. Aquiles passa a noite agitado, sem dormir, e, logo ao amanhecer (*Ilíada* XXXV. 12-18):

*.... Não lhe passava despercebido  
o romper da Aurora sobre o mar e as arribas.  
Atrela ao seu carro os cavalos velozes,  
amarra Heitor à parte de trás, para o puxar.  
Depois de o arrastar por três vezes em volta do túmulo  
do filho morto de Menécio, de novo repousa na tenda, deixando-o  
estendido no pó, com o rosto voltado para baixo.*

Eram os direitos de vencedor, que o costume consagrara, e que o auditório do poeta certamente bem conhecia.

Mas não será nessa nota negativa que a epopeia termina. Os deuses indignam-se perante tão selvagem procedimento para com aquele que fora sempre tão cumpridor para com eles e era para Zeus «o mais caro dos mortais que existem em Ílion» (XXIV. 67). Zeus manda chamar Tétis para que advirta o seu filho de que ele mesmo deverá querer a glória de devolver o corpo de Heitor (XXIV. 110-116):

*Vai célere ao acampamento e dá esta ordem ao teu filho:  
diz-lhe que os deuses estão indignados, e eu mais que todos  
os imortais me irrito, porque com o seu coração tresloucado  
retém Heitor junto das naus recurvas, em vez de o entregar:  
vejamos se, por temor para comigo, devolverá Heitor.*

Por seu lado, Íris, a mensageira dos deuses, incita Príamo a ousar a diligência de ir de noite, sozinho com o seu arauto, e levando um avultado resgate, à tenda de Aquiles. A ajuda dos deuses não afrouxa. Hermes, disfarçado de um dos Mirmidões, ajuda Príamo na arriscada travessia e abre-lhe a porta da tenda do herói que, sozinho, punha e tirava a tranca da entrada, coisa que só três homens juntos conseguiam fazer (XXIV. 453-456). O velho e majestoso rei de Tróia apresenta-se agora na atitude consagrada do suplicante: abraça os joelhos e beija as mãos de Aquiles «terríveis assassinas,

que lhe mataram tantos dos seus filhos» (XXIV. 479), para implorar que lhe restituia o cadáver de Heitor, em troca de um avultado resgate, lembrando-se de seu próprio pai, pois, mais do que ele, merece piedade.

Aquiles comove-se e afasta as mãos do ancião. Por um tempo, choram ambos: um, aos pés do guerreiro indómito, pensando em Heitor, o outro, recordando-se do pai, e também do amigo que perdera. Então levanta-se o herói da sua cadeira de espaldar e ergue o velho, pegando-lhe pela mão, «condoído dos seus cabelos brancos e da sua branca barba» (XXIV. 516). Manda que lhe entreguem o cadáver do filho, depois de arranjado à distância, oferece-lhe de comer e de beber, segundo preceituavam as regras da hospitalidade, e vai ao ponto de lhe conceder uma trégua de doze dias, para celebrar condignamente os funerais de Heitor. Com este acto termina o poema.

Esta passagem da crueza primitiva a uma compreensão magnânima foi vista pela primeira vez por Schadewaldt, que encontrou nela uma das mais significativas lições da *Ilíada*. Às preces infrutíferas de Heitor prestes a sucumbir sobrepõem-se as preces frutíferas da velhice desamparada de Príamo, inerte, dentro da tenda de Aquiles. É um sinal de abrandamento de costumes que vem encerrar a epopeia, não como uma adição tardia, conforme pensaram muitos, mas como o coroamento exemplar de uma grave e profunda mensagem de humanismo.

Grande como é, não fora a única. Outro dos altos valores éticos é a amizade, de que o sentimento de dedicação sem limites entre Aquiles e Pátroclo fornece o mais belo exemplo. Completamente livre das impurezas com que uma época de padrões morais menos exigentes havia de maculá-la, ela aparece-nos como uma superação do ser individual, como um elo inquebrável de união numa sociedade em que os interesses de diversas forças coexistem num equilíbrio precário. E por isso, quando Aquiles, após a morte de Pátroclo, declara a sua mãe que a escolha de uma vida curta, mas gloriosa, está feita (*Ilíada* XVIII. 121-126), a resposta de Tétis aceita os mesmos valores (XVIII. 128-129), dando-lhe, portanto, a sanção divina.

Nas relações humanas, ocupa um lugar à parte o amor conjugal. Os modelos erguem-se, em toda a sua grandeza, num e noutro poema. Na *Odisseia*, é a espera paciente de Penélope, contra todas as aparências, ao longo de vinte anos. A rainha faz ouvir a sua voz perante todos, quando, no canto I, o aedo escolhe para tema do seu recital o regresso dos Aqueus, vindos de

Tróia. É a sua primeira aparição no poema, que a caracteriza definitivamente (I. 328-344):

*Do andar de cima, ouviu o canto inspirado  
a filha de Ícaro, a sensata Penélope.  
Desceu pela alta escadaria do seu palácio,  
porém não sozinha: seguiam-na duas aias suas.  
Quando a mais divina das mulheres se acercou  
dos pretendentes, deteve-se junto ao pilar do bem construído tecto,  
com os véus brilhantes sobre as faces.  
De cada lado, assistia-a uma aia dedicada.  
Então dirigiu-se, com lágrimas, ao divino aedo:  
«Fémio, muitos são os feitos de homens e deuses  
que sabes, para deleite dos mortais, e que celebram os aedos.  
Canta-lhes aqui um desses! E eles que bebam  
em silêncio. Mas cessa esse canto doloroso,  
que sempre me dilacera o coração no peito,  
já que sobre mim desceu uma dor sem tréguas.  
Tais as saudades que tenho do homem que sempre me lembra  
e cuja glória é vasta na Hélade no meio da Argólida.»*

Também Ulisses, quando Calipso lhe promete a imortalidade, se ficar sempre junto dela, acentuando que não é inferior a Penélope, responde à deusa com desassombro (V. 218-219):

*Ela é mortal, ao passo que tu não conheces a velhice nem a morte.  
Mesmo assim, o meu querer e o meu anseio de todos os dias  
é chegar a casa e contemplar o dia do regresso.*

Na *Ilíada*, uma das cenas mais célebres de todos os tempos gravita em volta do mesmo tema: a despedida de Heitor e Andrómaca. O herói máximo dos Troianos vai à cidade, pedir à mãe que tente aplacar com oferendas a deusa Atena. Procura depois a esposa em casa, mas não a encontra aí, pois ela subiu à muralha, seguida da aia com o filho de tenra idade, na ânsia de ver o que se passava no campo de batalha. É aí, junto das Portas Ceias, que Andrómaca vem ao seu encontro, implorar-lhe com lágrimas que se lembre daqueles a quem deve protecção, pois o pai, os sete irmãos que tinha, foram já todos abatidos pela mão de Aquiles; para ela, Heitor fazia as vezes de todos

e era o seu esposo florescente. E a sua prece desesperada culmina nestes versos (VI. 431-432):

*Mas vamos, amerceia-te de mim e fica aqui na torre,  
não faças órfão teu filho, viúva a tua mulher.*

Heitor responde que também isso o aflige, mas se envergonharia perante o seu povo, se ficasse, como um covarde, afastado da refrega, porque – diz ele – «aprendi a ser sempre valente e a combater entre os primeiros Troianos» (VI. 444-445). Porém não o preocupa tanto a dor que há-de vir, nem por Hécuba, nem por Príamo, nem pelos seus muitos irmãos que tombarão na liça, como o futuro de Andrômaca, se a levarem em cativo. Depois de uma evocação dessa perspectiva sombria, conclui com estes versos pungentes (VI. 464-465):

*Mas que um monte de terra encubra o meu cadáver,  
antes de eu ouvir o teu grito, ao seres arrastada à força.*

Outro princípio importante, a que já aludimos de passagem, governa esta sociedade: o vínculo moral que se contrai quando se é recebido em casa de alguém, alguém para quem se é geralmente um desconhecido, que clama por socorro. Essa relação especial faz parte das normas observadas por este povo que ainda não conhece a lei positiva. Quando Nestor recebe Telémaco e Mentor, nem sequer sabe se eles são do número dos piratas que andam pelos mares (*Odisseia* III. 72-74). Menelau fica indignado quando um vassalo seu lhe vem perguntar se há-de receber dois estrangeiros que pedem pousada, e adverte-o (*Odisseia* IV. 33-36):

*Acaso não chegámos nós aqui, depois de termos comido  
muita vez à mesa dos outros? Que Zeus doravante  
nos livre dessa desgraça! Desatreia os cavalos  
dos hóspedes, e, a eles, trá-los aqui para a festa.*

Este vínculo era tão respeitado que se sobrepunha ao dever militar e atravessava gerações. É assim que Glauco, príncipe aliado dos Troianos, e Diomedes, rei de Tirinto, quando se encontram frente a frente e vêm a saber que um antepassado de um fora hóspede do de outro, se abstêm de combater

e vão até ao ponto de trocarem as armas. Diomedes proclama então (*Ilíada* VI, 226-231):

*Afastemos as lanças um do outro no ardor da refrega.  
Há muitos Troianos ilustres para eu matar,  
se o deus mo conceder e eu os atingir na corrida,  
e muitos são os Aqueus para tu aniquilares, se poderes; troquemos,  
pois, as armas, a fim de que estes saibam  
que nos sentimos honrados com a hospitalidade dos nossos maiores.*

Este é, a traços largos, o universo moral do homem homérico. Um homem que é feito para a luta, e parece sentir-se feliz em medir forças contra todos os obstáculos, mas que ao mesmo tempo tem a consciência de que é um ser débil e caduco. Nenhum passo dos Poemas exprime tão bem esta noção como o breve símile com que Glauco responde a Diomedes, no princípio do recontro há pouco evocado, quando este lhe pergunta pela sua ascendência (*Ilíada* VI, 145-149):

*Tidida magnânimo, porque me perguntas pela minha linhagem?  
Tal como a geração das folhas, assim é também a dos homens.  
As folhas, umas deita-as o vento ao chão, e logo  
a floresta viçosa cria outras, quando surge a primavera.  
Assim nasce uma raça de homens, e outra cessa de existir.*

O homem, ser efémero (literalmente: «que dura um dia»), será um tópico largamente glosado em todo o decurso da época arcaica, e também posteriormente. A sequência narrativa da *Ilíada*, desenrolada numa tensão crescente, leva o herói principal pelo caminho de consumir numa morte gloriosa o seu ideal de superioridade. Não assim a da *Odisséia*, em que o protagonista acaba sempre por vencer os mais intransponíveis obstáculos, graças à sua argúcia e à sua capacidade de resistência («o que muito suportou» é, como já vimos, um dos seus epítetos distintivos). Um e outro, contudo, se completam na procura, que é de todos os tempos, de uma realização plena das suas mais altas esperanças.



O LATIM MEDIEVAL EM PORTUGAL:  
LÍNGUA E LITERATURA

ORAÇÃO DE SAPIÊNCIA\*

PELO

PROFESSOR DOUTOR MONS. CÓN. JOSÉ GERALDES FREIRE

(1999)

MAGNÍFICO REITOR

SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

SENHOR PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

SENHOR PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA

EXCELENTÍSSIMAS AUTORIDADES: ACADÉMICAS, CIVIS, MILITARES  
E RELIGIOSAS

SAPIENTÍSSIMOS MESTRES

SENHORA PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA

SENHORAS E SENHORES ESTUDANTES

SENHORAS E SENHORES FUNCIONÁRIOS

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

*Incipiet patrinus inuocare nomen Dei et COMMENDARE SCIENTIAS  
et iniungere lectionem doctorando.*

135

Estas palavras encontram-se nos primeiros Estatutos, redigidos pela própria Universidade e promulgados, em Lisboa, a 16 de Julho de 1431: *O padrinho começará por invocar o nome de Deus e por fazer um discurso de elogio das ciências e por indicar o tema da lição a que o doutorando é obrigado.*

\* Texto publicado em *Humanitas*, vol. L.

A tradição universitária foi evoluindo ao longo dos séculos. O esquema geral da *Oração de Sapiência*, proferida na abertura solene das aulas, compreendia, no século XVI, de facto, o elogio de todas as ciências professadas na Universidade. Variavam os oradores e os argumentos, mas o tema era aproximadamente o mesmo.

A vastidão do saber era uma característica dos professores de há bem poucos séculos atrás. Como observa Hervé Carrier, «os mestres intelectuais do passado tinham o hábito de se interessar pela totalidade do saber relativo ao universo, aos deuses, ao sagrado, às tradições, às escrituras, às regras e aos códigos do comportamento humano. (...) Aristóteles escrevia que "a ciência interessa-se pelo necessário e pelo eterno": *Eth. Nicom.* VI, 3».

### As especializações

Porém, com a proclamação da independência das ciências, com sábios notáveis como Galileu e Newton, desde o século das Luzes os saberes foram-se diversificando e aprofundando cada vez mais. A par das ciências da Natureza, igualmente as Humanidades se foram especializando. O século XIX constituiu, também no campo da Filologia Clássica - o Grego e o Latim - uma *era nova*, em que foi cientificamente provado o parentesco das línguas indo-europeias, se criaram as Gramáticas Históricas de cada uma delas, se apurou a evolução das línguas ao longo dos tempos e o seu uso diversificado consoante as camadas sociais e as circunstâncias o exigiam, numa palavra, criaram-se múltiplas especializações para o estudo de cada Língua e respectiva Literatura.

Estamos assim chegados à compreensão de que, mesmo dentro de uma só língua - e pensemos já no Latim - existem hoje muitas especializações. Podemos ocupar-nos das suas origens, e teremos de estudar as línguas da Itália primitiva, com as quais o Latim conviveu e que depois dominou; pesquisar as primeiras manifestações escritas, tanto epigráficas como literárias, e teremos o Latim Arcaico; deleitar-nos com os grandes autores em prosa e em verso do Período Clássico, e conviver com nomes cimeiros da Literatura Mundial, como Cícero e Tito Lívio, Virgílio e Horácio e tantos outros; não poderemos esquecer também escritores que tanto marcaram a Cultura Medieval e Moderna, como Séneca, Quintiliano ou Tácito, sem omitir o hoje tão em voga Petrónio, autor do *Satiricon*, a par de poetas que se distinguiram no Período Imperial: Fedro, Marcial e Juvenal. Seria ilusão muito perigosa,

porém, pensar que, com os autores do século II, entre os quais Apuleio, Suetónio e Aulo Gélio, se esgotou a Literatura Latina. O estudo do Latim Vulgar, tal como o falavam, e escreviam, as camadas mais baixas da população, tornou-se uma especialidade que se vem impondo há mais de um século - e que se ocupa de textos de todos os períodos da Língua Latina.

### O Latim Tardio

Neste breve apontar para especializações dentro do Latim, queremos chamar a atenção, em particular, para o Período do Latim Tardio, que nós consideramos desde a morte do imperador Marco Aurélio (180), pensador e combatente contra a pressão dos Bárbaros sobre as fronteiras do Império Romano - ano de 180 que, ao mesmo tempo, coincide com o primeiro relato de Latim dos Cristãos, os *Acta Martyrum Scillitanorum* (Scilli, perto de Carthago, Tunísia). Se é certo que, neste período, a Literatura Romana Tradicional nos apresenta, como últimos autores dignos de consideração, os gramáticos Donato e Sérvio (séc. IV) e os transmissores da cultura Macróbio e Marciano Capela (séc. V) é precisamente então que novas gerações de escritores latinos surgem, inspirados pela força renovadora do cristianismo e detentores das melhores técnicas literárias, desde os prosadores, como Tertuliano, Ambrósio, Agostinho de Hipona, Jerónimo e Gregório Magno, aos poetas mais requintados, como Prudêncio, Paulino de Nola, Sidónio Apolináris, Sedúlio e Venâncio Fortunato.

É certo que todos estes autores pertencem, incontestavelmente, à Antiguidade Tardia, período que tem actualmente famosos cultores no campo da História e das Letras. Não cultivaram eles outra língua literária senão o Latim e viveram imbuídos da Cultura Clássica, não podendo alguns deles sequer admitir que a Civilização Romana estava a chegar ao fim.

Entre os historiadores, cai bem chamar a Boécio e Cassiodoro (séc. V-VI) «os últimos romanos». Porém, noutra perspectiva, já pensadores que os precederam, como S. Jerónimo, Santo Agostinho, Paulo Orósio e outros, que viveram entre Teodósio (379-395) e Carlos Magno (768-814) são também designados de «os primeiros medievais». Estes epítetos são ambos exactos do ponto de vista da transmissão da Cultura.

Porém, tomando em conta sobretudo factores linguísticos e literários, devemos dizer que a Antiguidade Latina Tardia se manteve enquanto o Latim continuou a ser falado pelo povo, suportado pela organização escolar tradi-

cional, reconhecido e adoptado pelos governantes dos Reinos saídos das grandes invasões bárbaras dos séculos III, IV e V. Aplica-se aqui algo semelhante ao que aconteceu com a conquista do mundo helenístico pelos romanos, lapidarmente expresso por Horácio nestes versos: *Graecia capta ferum uictorem cepit et artes / intulit agresti Latio* (*Epístolas*, Livro II, 1, 155-156): *A Grécia, uma vez conquistada, conquistou o seu feroz vencedor e introduziu as artes no Lácio agreste*. De facto, também Paulo Orósio nos conta nas suas *Historiae* (Livro VII, cap. 43, 4-6) que o rei visigodo Ataúlfo (410-415), quando sucedeu a Alarico (o conquistador de Roma, em 410) concebeu o projecto de apagar o nome romano e transformar tudo o que até aí era a *România* num novo império, a *Gótia*, de modo a que *fieret nunc Athaulfus quod quondam Caesar Augustus*. Ataúlfo queria ser um outro Augusto. Porém, depressa reconheceu que faltava aos Godos a organização romana, e sobretudo a força disciplinadora do Direito Romano. Por isso (conclui Paulo Orósio) preferiu Ataúlfo restaurar e engrandecer o império romano, guardando para si a honra de ser considerado, pelos vindouros, como *Romanae restitutionis auctor*, isto é, *o criador da restauração de Roma*. Assim a Itália, a Gália e a Hispânia se adaptaram, sob os ostrogodos e lombardos, os francos e os visigodos, ao Catolicismo e mantiveram a Língua e Literatura Latinas, por vezes com certo brilho, até ao momento em que os seus reinos foram destruídos: os visigodos, pela invasão árabe (711); os merovíngios pelos carolíngios, especialmente após a ascensão de Carlos Magno ao poder como único senhor (768); e os lombardos com a conquista que Carlos Magno lhes impôs, em 774.

### O Latim Medieval

Do ponto de vista linguístico, devemos, pois, dizer que o Latim Medieval nasce quando o Latim Vulgar, no final do Período Tardio, caminha para o desmantelamento das estruturas características do Latim: – evolução fonética de vogais e consoantes; simplificação morfológica, com a confusão dos casos e das formas verbais; perda das funções sintácticas, das regências, e a tendência para o desenvolvimento da descrição analítica e da ordem directa das palavras. Estas transformações da Língua Latina, iniciadas em séculos passados, aceleraram-se com a perda de normas ortográficas, o quase desaparecimento das escolas e a falta de autoridade e de estímulo da Administração Central. Os séculos VII, VIII e IX foram os tempos das grandes transições.

Que é então o Latim Medieval? *Forçosamente*, uma língua de cultura, a língua oficial dos documentos, do ensino, das relações internacionais, dos diversos géneros literários. E dizemos *forçosamente*, porque as múltiplas línguas regionais, evoluídas do Latim, não possuíam estatuto próprio, mal tinham consciência da sua existência, não se sentiam com «dignidade» para ascender à diplomática, à história, à oratória sacra ou profana e à poesia na sua forma artística. Esta situação manteve-se ao longo de séculos em quase todas as Línguas Românicas. Entre os séculos VIII-IX e os séculos XII-XIII, os romanistas procuram documentar a existência de cada uma delas: - o italiano, o provençal, o francês, o catalão, o castelhano, o português, etc. - a partir de vocábulos romances encontrados no meio de textos latinos, de glossas colocadas à margem de documentos gramaticais ou públicos, de pequenas composições que se encontram dispersas em manuscritos latinos, enfim, um longo período de gestação, até cada uma das Línguas Românicas adquirir um rosto bem definido e marcar a sua independência.

Sendo assim, o Latim Medieval manteve-se, por toda a parte, como um superestrato em qualquer dos níveis linguísticos por que se foi apresentando ao longo de séculos, até ao Renascimento.

Referindo-se ao latim literário da Idade Média, a Prof.<sup>a</sup> Christine Mohrmann, cujos cursos tivemos a honra de seguir na Universidade de Nimega (Holanda), gostava de salientar o dualismo de forças que sempre procuraram elevar o nível linguístico e artístico dos escritores; em primeiro lugar, a norma clássica, recebida através dos gramáticos e da leitura dos principais autores, pois os Clássicos nunca foram abandonados durante a Idade Média; em segundo lugar, os grandes Doutores da Igreja, e sobretudo o texto da Vulgata Latina, que serviam de alimento cotidiano na Liturgia, nos ofícios das Horas, na exegese, na pregação, nos tratados espirituais.

Foi assim possível, em todos os períodos da *História da Literatura Latina na Idade Média*, o aparecimento de autores de boa formação humanística e de bom recorte de estilo. Na época carolíngia foi notável a acção de Alcuíno e Paulo Diácono (séc. VIII); mesmo no séc. X, o chamado "século de ferro", florescem as peças de teatro de Roswitha de Gandersheim; temos, no "renascimento Otoniano", Pedro Damião e Santo Anselmo (séc. XI); desenvolve-se então um tipo de poesia baseada no ritmo da intensidade do acento e na rima, de que são testemunhos os *Carmina Cantabrigensia*; é famosa a «renascença do século XII», também conhecida por *aetas ovidiana* (tal a influência de Ovídio), em que se distinguiram Pedro Abelardo e S. Bernardo de Claraval, a

par da pujança da lírica profana, expressa nos *Carmina Burana* (por terem sido encontrados num manuscrito da abadia bávara de Sanktbenediktbeuern); o séc. XIII é o período áureo da Escolástica, com Santo Alberto Magno e S. Tomás de Aquino, os quais não eram secos redactores de pensamentos filosóficos, mas também místicos e até poetas inspirados; desenvolvendo um género poético típico da Idade Média, já antes cultivado na Escola de S. Vítor de Paris – a *sequência* – elevam-se, como modelos para os séculos vindouros, os líricos Franciscanos Jacopone da Todì e Tomás de Celano; na viragem para o séc. XIV surge a mística alemã que tem em Eckhart o seu mais alto expoente.

## I PARTE

### O LATIM NOTARIAL NO ACTUAL TERRITÓRIO PORTUGUÊS

É tempo de voltarmos o nosso olhar para o Ocidente Hispânico, onde a romanização e o cristianismo trouxeram também as sementes da cultura, que já no Período do Latim Tardio produziram frutos abundantes. – *Egéria*, mulher curiosa que viajou pelo Médio Oriente entre 381 e 384, deixou-nos um *Itinerário* ou *Peregrinatio Egeriae* que está continuamente a ser reeditado; *Paulo Orósio*, historiador, geógrafo e filósofo (séc. IV-V), com os seus *Sete Livros de História*, serviu de mestre a toda a Idade Média e continua hoje a ser estudado e traduzido; *Hidácio de Chaves*, com o seu *Chronicon* terminado por 469, coloca-se na linha de autores universais como Eusébio de Cesareia e S. Jerónimo; *Martinho de Braga*, falecido em 572, é objecto do estudo dos pesquisadores de Séneca (autor que seguiu de perto) bem como dos canonistas, dos historiadores do monaquismo e até dos etnógrafos e romanistas que analisam em pormenor o seu *De Correctione Rusticorum*; *Fruoso de Braga*, um século depois, tornou-se, com as suas cartas, a sua *Regula Monachorum* e os seus versos, uma das figuras cuja projecção se manteve viva mesmo nos séculos da dominação árabe.

Estamos de novo a falar dos séculos VII, VIII e IX, aquele período crítico da história do Latim em que, na língua do povo do Ocidente Hispânico, se processou a evolução para uma língua regional, que poderemos designar por galego-português.

## Documentos notariais

A pesquisa das origens do romance do Noroeste Hispânico tem que se fazer sobre aqueles documentos de Latim que na maioria dos casos nos foram transmitidos através das cópias dos cartulários. Temos, de facto, apenas dois originais do séc. IX, como adiante referiremos. A base da investigação continua a ser os *Diplomata et Chartae*, apesar dos seus erros de transcrição, editados por Alexandre Herculano, em 1867.

O método de trabalho consiste em ler o documento notarial com a máxima atenção e sentido crítico, a fim de perscrutar se, no meio daquele «latim bárbaro», em que se misturam formulismos herdados da tradição jurídica romana e visigótica, aparecem palavras que já não são latinas, mas documentam que o notário, apesar de todo o seu desejo de escrever em Latim, deixa passar e vir ao de cima elementos vocabulares que denunciam a fala do povo. A estes elementos não latinos chamamos *alforamentos do português*, porque eles emergem, no nível geral de uma redacção convencional, como algo de estranho ao Latim, algo de novo que o notário não conseguiu passar para Latim e que, por isso, escreveu tal como ouvia dizer aos intervenientes directos do diploma. A transcrição conservada no Cartulário (e nos *Diplomata et Chartae*) não garante absolutamente a pronúncia do outorgante ou das testemunhas, mas é antes uma tentativa de fazer corresponder os fonemas ouvidos ou pronunciados aos grafemas de que o notário dispõe.

Vamos citar breves exemplos de *alforamentos do português*, encontrados em documentos da segunda metade do século IX, depois de os termos examinado criticamente e discutido a sua autenticidade. As indicações remetem para os *Diplomata et Chartae* (designado por DC), com indicação do ano e da linha onde se encontram as palavras em causa. Além da edição de Herculano, procurámos também verificar o Cartulário respectivo e, para os documentos DC IX (882) e DC XII (897), conferimos atentamente fotocópias do original.

1.º - O ditongo - *ei* - não existia no latim clássico. Em português tornou-se frequente. Não se encontra no castelhano. É raro no catalão, provençal e italiano. Pois está claramente documentado em *leiga* (a primeira palavra tipicamente portuguesa documentada) em DC VIII (875) 22; no antropónimo *Balteiro*, DC X (883) 1 e em *inleigato*, DC XII (897) 5 (leia-se *inleijato*).

2.º - O ditongo - *ai* -, que no Latim Vulgar evoluíra para - *e* - encontra-se já reconstituído no topónimo *Quiaios* no DC XII (897) 28.

3.º - O ditongo - *au* - que em latim evoluíra para - *u* - encontra-se a caminho da sua reconstituição. O caso mais característico é o do nome do rio que em latim se chama *Vacua*. No DC XII (897) aparece com as formas *Vauga* (linhas 7 e 29) e *Voaga* (10 e 17), esta última bem próxima das pronúncias actuais do Vouga!

Aliás - *au* - apresenta-se também evoluído para - *o* - na palavra *fóce de Paviola*: a *foz* do Paivó, DC X (883) 6.

4.º - A sonorização das oclusivas surdas em posição intervocálica é um fenómeno constante no documento original DC IX (882): *migacli* (2), *judigado* (21), *abriles* (22), *Rodorigus* (27). E no DC XII (897) a simples evolução de *t* para *d* faz surgir a palavra *vida* (20).

5.º - Os topónimos mantêm-se muitas vezes inalterados, desde muito provavelmente um substrato latino, até aos nossos dias. Eis alguns exemplos: o rio *Have* (V (870) 5); e no DC X (883): *Bailar* (5), *Pavia* (5), *Canas* (5), *Parrellas* (6); mais frequentes ainda no DC XII (897): *Mondego* (28), *Quiaios* (28), *Bigas* (30), *Gondomar* (36), *Valongo* (37) - e em terras da actual Galiza: *Carnota* (15) e *Nemancos* (16).

6.º - Os antropónimos apresentam-se evoluídos desde 870: *Cartemiro* (DC VI (870) 2); *Arguiro* (3) e *Vistremiro* (3); são também frequentes no DC VIII (875): *Sancio* (4 e 29) - que tem sido lido como o nome do presbítero *Santom* ou *Santo*, quando afinal é apenas a grafia então possível de *Sancho!* -, *Astufó* (30), *Belza* (31), *Moabar* (31), *Ramiro* (32), *Ubeco* (32).

7.º - Não queremos deixar de registar expressões evoluídas que provam (pela sua repetição) uma forma "romance" constante: *isto que* (DC V (870) 30), *de que isto* (VII (874) 5), *de isto que* (XII (897) 42, 44, 45); em 870: *-fonte de Salmegia* (VI (870) 12), *per casal de Lovegildo et inde per rego qui decorret a casa de Trasmondo* (16-17).

Esta breve amostra basta para demonstrar que, quando lidos criticamente e com demorada atenção, os nossos mais antigos documentos datados e autênticos, após a invasão árabe, apresentam, desde 870 até ao fim do século IX, provas suficientes de que então o povo do actual território português falava já uma língua bem diferenciada do Latim. Estes *alloramentos do Português* são como que os primeiros vagidos de uma nova língua em formação que se encontrava então ainda no seio da madre latina. Desde a



primeira hora se pode aplicar o dito de Camões quanto ao Português (*Lusíadas*, I, 33):

*E na língua, na qual, quando imagina,  
Com pouca corrupção crê que é a Latina.*

## Os Forais

Em pólo cronológico quase oposto se encontra o *Latim dos Forais*. Estes, como cartas de alforria, direitos e privilégios concedidos às povoações disseminadas por todo o território, difundiram-se com uma redacção latina peculiar, desde o século XI ao século XIV.

O latim dos forais, diplomas que foram largamente emitidos sobretudo em Espanha e Portugal, merece também o atento estudo dos medievalistas latinos. Por isso, não podemos nós deixar de lado os seus textos, a principal fonte dos quais continua a ser o volume das *Leges et Consuetudines*, editado por Alexandre Herculano, em Lisboa, em 1856, integrado na famosa colecção dos *Portugaliae Monumenta Historica*.

Faz muita falta um Dicionário Latino com o Vocabulário dos Forais. De facto, mesmo os Dicionários de Latim Medieval deixam de lado inúmeras palavras que se encontram nos forais em latim. Os melhores instrumentos de trabalho de que para este efeito dispomos, ainda são os Dicionários Etimológicos das Línguas Românicas, os Dicionários de Português e do Castellhano Arcaicos, sendo imprescindível ter sempre à mão o substancial *Elucidário* de Frei Joaquim de Santa Rosa Viterbo.

É certo que muitos estudos de forais latinos, tanto de Espanha como de Portugal, têm, por vezes, em apêndice, um *índice de vocábulos*. Trata-se, no entanto, compreensivelmente, só das palavras que se encontram naquele foral em causa. O mesmo método tem de adoptar-se e intensificar-se entre nós, ampliando-o, quanto possível - para o estudo etimológico e histórico.

O *Latim dos Forais*, para além de um breve formulismo notarial, tem muito interesse para a compreensão do vocabulário usado nos séculos XI a XIV na administração pública; entre as autoridades militares, judiciais e eclesiásticas; na demarcação dos estratos sociais das populações; nos usos e costumes; na vida agrícola e comercial do tempo; nas profissões e funcionalismo; na aplicação da justiça; nos pesos, medidas e moedas em uso, etc. etc.

De modo particular, os Forais, mesmo com o seu latim tantas vezes estropiado, são um auxiliar precioso da prosopografia – contribuindo para identificar e acompanhar a vida de muitas personagens – e para a geografia. Pode dizer-se que, como quase todo o território está coberto por forais emitidos pelos reis, pelas autoridades eclesiásticas, pelas ordens religiosas e militares ou por simples particulares, a toponímia de cada região se encontra abundantemente documentada em vocábulos latinos, alatinados e, frequentemente, inteiramente portugueses. Um Dicionário de Português Arcaico, que está ainda por fazer pelos linguistas modernos, não poderá prescindir dos documentos notariais e dos cartulários, bem como do exame aprofundado dos forais latinos onde, por vezes, os nomes próprios e comuns estão registados em autêntico Português ou escondidos sob formas pretensamente latinas, muito antes de o Português ser utilizado, como língua oficial. O primeiro documento em Português é o testamento de D. Afonso II, datado de 27-VI-1214, como provou o Cónego Doutor Avelino de Jesus da Costa.

Em nossa opinião, enquanto os primeiros escrivães dos documentos notariais dos séculos IX e X, quando pegavam na pena pensavam ainda em latim como língua oficial e de cultura e só ocasionalmente deixavam emergir os *alforamentos do português*, mais tarde os chanceleres e notários dos forais dos séculos XI a XIV encontravam-se perante uma situação mental pensada em português e que era redigida num latim oficial, mas sem preocupações de maior quanto ao registo de palavras portuguesas que não sabiam traduzir para latim, dando-lhes por isso formas alatinadas ou escrevendo-as mesmo em português.

Para não deixarmos este ponto sem qualquer exemplo, consideremos alguns nomes comuns do *Foral da Egitania* (actual Idanha-a-Velha), de 1229 (*Leges et Consuetudines*, p. 613-616): *apelidus*, *cabalarío*, *deitatus* (no sentido de "deitado fora!"), *fossatum*, *infãnciones*, *mentirosus*, *porras*, *portagium*, *scancianus*, *tenda* – os quais, como tantos outros, quase não precisam de tradução, mas apenas da compreensão do conceito.

Do mesmo modo, quem conhecer a região entre Monsanto, Alpedrinha e Castelo Branco, não terá dificuldade em localizar estes topónimos: *Almortom*, *Alpreada*, *Aravil*, *Calçada de Alcantara*, *fonte de Caniza*, *Mata*, *Ribeyro Mourisco*, *Ponsul*, *Proencia*, *Taaveyrol*, *rio Tortel*, *Vallongum*. Devemos prevenir, todavia, que nem todos os vocábulos são tão fáceis como estes! Surgem autênticos «bicos de obra» e casos sem solução...

## Livro Verde da Universidade de Coimbra

Não queremos abandonar a referência ao Latim Medieval dos documentos notariais sem breves considerações sobre o *Chartularium Vniuersitatis Portugalensis*, obra monumental compilada pelo Prof. Artur Moreira de Sá, de que já saíram 11 volumes, abrangendo documentos desde 1288 até 1520. Um dos núcleos importantes do *Chartularium* é constituído pelo *Livro Verde da Universidade de Coimbra*, de que possuímos hoje duas transcrições completas, a de Rocha Madahil e a de Maria Teresa Nobre Veloso. Temos aqui uma fonte preciosa não só para a História da Universidade, mas também para a História da Cultura Medieval em Portugal.

A qualidade do seu Latim é muito variável. É certo que, no geral, os documentos são redigidos por notários oficiais – do Rei, do Papa, das Congregações Religiosas – e por pessoas de formação académica regular. Nos seus textos não faltam linhas de halo literário, sobretudo na arenga, colocada no princípio da narrativa para fundamentar com fontes bíblicas ou canónicas, ou da simples filosofia do bom-senso, a necessidade das decisões a tomar. Porém, a força dos hábitos tabeliônicos e, forçosamente, as falhas dos copistas e editores dão lugar a passos vulgares e por vezes incompreensíveis.

Apresentamos apenas alguns exemplos comprovativos da necessidade de uma análise filológica e do estabelecimento de um texto crítico de cada documento, citando a *Súplica de 12 de Novembro de 1288*, pela qual 27 eclesiásticos se queriam dirigir ao Papa para lhe pedir licença de aplicar parte das rendas das suas igrejas no pagamento dos salários dos professores da Universidade, instituição que eles próprios já haviam tomado a iniciativa de pedir ao Rei D. Dinis para a fundar, baseados em razões que a ambos expuseram.

Pois este documento, cujo original se perdeu, de que existe só a cópia manuscrita do *Livro Verde* e que já foi muitas vezes editado, a partir de uma leitura paleográfica por vezes apressada, nunca foi examinado com o rigor da crítica textual latina. A partir das comemorações do VII Centenário da Universidade (1290-1990), nós demos a *Súplica de 1288* em três cursos de Latim Medieval. E sempre pudemos melhorar a compreensão do seu texto...

A forma do livro Verde *Lauriã* chega a aparecer sob a grafia *Louredô* (em Leitão Ferreira), quando o sinal de abreviatura sobre os dois grafemas *ĩã* permite perfeitamente a transcrição *Lauriniãna*, única que corresponde à já então notável vila da *Lourinhã*. Mais surpreendente é que entre os subscritores das rendas da Universidade se encontre uma igreja que Frei Francisco

Brandão transcreveu por *Saucta* que outros editores desdobraram em *Scavem* (T. Veloso) e *Sacavém* (*Chartularium*). Afinal, um exame atento do modo como o copista do Livro Verde escreve o *S* e o *O* maiúsculos obriga antes a transcrever *Orã* e a desdobrar para *Orana* ou mesmo *Oriana*. Sendo assim, a honra de subsidiar as cátedras da primitiva Universidade em Portugal não pertence, entre outras, a Sacavém, mas antes à igreja de Santa Maria do Castelo de *Ourém!*

Todos nós sabemos que as cópias (e até os nossos originais!) estão sujeitas ao «salto» de uma palavra. Os subscritores da Petição de 1288 argumentam que a Universidade é necessária em Portugal para a formação de clérigos, os quais, até então, ou tinham de ir para o estrangeiro ou eram «forçados» (*inuiti*; e não *invicti*, como escreve o Livro Verde!) a ficar leigos. Neste contexto a conclusão só pode ser: «e convém que eles *não* se afastem do seu bom propósito». Pois o copista «saltou» a negativa *non* e deixou passar, como todos têm transcrito até agora; *et oportet eos recedere a ssuo bono proposito*. É evidente que o original teria de ter: *eos <non> recedere*.

Outras correcções se impõem ao manuscrito do Livro Verde, algumas das quais já foram judiciosamente feitas por alguns editores deste documento. Entre elas encontra-se *seriatim*, em vez da cópia do LV: *sireatim!* Num outro erro nenhum dos editores reparou até ao presente: a despropositada forma *precium*, que, morfologicamente, só pode ser um neutro, donde proveio o português *preço*. Ora a Súplica diz que todas as razões que urgiam a fundação da Universidade já os peticionários as tinham transmitido ao Rei *cum nimia precium instantia*, circunstância de «modo», que só pode significar *com grande insistência de pedidos*. Nestas condições, *precium* (singular neutro) tem forçosamente de ser corrigido para *precum*, o genitivo do plural de *prex*, *precis*: prece, súplica, pedido.

E o que se passa com este primeiro documento que nos fala da fundação da Universidade em Portugal, acontece com quase todos os outros. Nós experimentámos a necessidade de estabelecer previamente um texto crítico quando, para o VII Centenário da Universidade, tivemos de traduzir, pela primeira vez, a Carta de Privilégios de D. Dinis e de transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra, datada de 15 de Fevereiro de 1309, e os Estatutos iniciados em Lisboa a 16 de Julho de 1431.

## II PARTE

### HISTÓRIA DA LITERATURA EM LATIM NA IDADE MÉDIA EM PORTUGAL

O *início* do latim literário escrito em Portugal pode dizer-se que coincide com o século XII, desde os tempos do Condado Portucalense, fundado em 1096.

Mais difícil é marcar um limite para o *fim do Latim Medieval*. Aliás, o *final da Idade Média* é objecto de larga controvérsia entre os historiadores. M. D. Chenu chamou a Abelardo (1079-1142) «o primeiro homem moderno» pela força da sua individualidade e do seu sentimento. De igual modo, há quem considere o movimento espiritual organizado contra o Papa João XXII por Miguel de Cesena, Guilherme de Ockham e Bonagratia de Bérghamo, que culminou com a sua fuga de Avinhão, a 26 de Maio de 1328, como o princípio da Idade Moderna. Dante (1265-1321) tem sido chamado «o último poeta da Idade Média e o primeiro poeta moderno». A Petrarca (1304-1374) e Boccaccio (1313-1375) ninguém hesita em os colocar entre os primeiros humanistas. Na História Geral, o fim da Idade Média ora é assinalado pelo ano de 1453, com a queda de Constantinopla nas mãos dos Turcos, ora é marcado pela descoberta da América por Cristóvão Colombo, em 1492. Os grandes comentadores da Escola de Bolonha, Cino de Pistoia (1270-1336), Bártolo de Sassoferrato (1314-1357), Baldo de Ubaldis (1327-1400) e Jason de Mayno (1435-1519), por saberem conciliar o *ius romanum* com o *ius proprium*, foram chamados «arquitectos da modernidade europeia». O *Lexikon des Mittelalters* propõe-se estudar temas e autores até 1500, mas ultrapassa esta data em muitos casos. E. B. Schmeidler, no seu livro *Das spätere Mittelalter von den Mitte des 13.<sup>o</sup> Jhrh. Bis zum Reformation*, alarga a Idade Média Tardia desde 1250 até 1550.

Não é mais fácil saber *quando termina a Idade Média entre nós* e principia o Renascimento. António José Saraiva, em *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*, estuda em pormenor o período desde D. Afonso III (1245-1279) ao Infante D. Pedro (1437-1449). Já o Cón. Prof. José Marques alarga a nossa Baixa Idade Média desde D. Dinis (1279-1325) até ao Tratado de Tordesilhas (1494). Dagoberto Markl considera como Primeiro Renascimento Português os reinados de D. João I (1385-1433) a D. João II (1481-1495). Maria Amélia Machado Santos, bem como António Domingues de

Sousa Costa, dizem que desde os primeiros anos do século XV vivemos a primeira renascença portuguesa. Já Albrecht Haupt entende ligar as origens do Renascimento em Portugal ao Infante D. Henrique e suas façanhas.

A opinião mais generalizada radica em Oliveira Martins que apresenta os «filhos de D. João I» e concretamente a Corte de D. Duarte (1433-1437) como «já uma corte da Renascença». J. V. de Pina Martins alarga para as Cortes de D. Duarte e de D. Afonso V (1449-1481). Manuel Rodrigues Lapa, A. J. da Costa Pimpão e J. Veríssimo Serrão insistem em que Afonso V é ainda um «rei medieval pelas tendências do seu espírito», mas também «o primeiro rei imbuído do espírito do Renascimento». Tem-se procurado mesmo um «introdutor do Renascimento em Portugal» e D. Markl dá este título ao pintor Nuno Gonçalves, cuja actividade se estende de 1450 a 1491.

Alexandre Herculano dizia que o *Renascimento em Portugal* é o período que vai da segunda metade do século XV à segunda metade do século XVI; mas Luís Filipe Barreto prolonga o nosso Renascimento entre meados do século XV e as décadas 20 e 30 do século XVII. Mais restrito é o âmbito marcado pelos Segréis de Lisboa que estabelecem como limite entre a Música do Renascimento e do Maneirismo os anos de 1480 e 1600. Não anda longe destas datas Pedro Dias, quer quando estuda a transição do Gótico para a Renascença entre 1490 e 1540, quer quando diz que «com a subida ao trono de D. Manuel, uma nova era se inicia na vida do povo português» e que «o ano de 1500 não pertence mais à Idade Média». Baseado também em critérios de arte, Guido Batelli definiu Andrea Nicolò Sansovino como «o introdutor do Renascimento em Portugal» - artista italiano que viveu entre nós de 1492 a 1504. Mas, como já foi observado, a maioria dos «primitivos portugueses» foi pintada até 1520, sendo só na quarta época da sua obra (1535-1542) que Vasco Fernandes latiniza o seu nome para *Valascus*.

Restringindo-se ao Humanismo literário e, mais ainda, ao Humanismo Latino do Renascimento, o *Prof. Dr. Américo da Costa Ramalho* tem procurado demonstrar, com pleno êxito, que o Humanismo não chegou só a Portugal com os professores estrangeiros do Colégio das Artes (1548), nem com a vinda dos mestres Clenardo e Vaseu (1533), nem com o regresso de Sá de Miranda, da Itália (1524), mas que linha sido implantado entre nós na geração anterior. Repetidamente tem escrito e provado que «o início do Humanismo em Portugal data da chegada de Cataldo Parísio Sículo ao nosso País», onde já estava em 1485. A sua antologia de *Latim Renascentista em Portugal* inicia-se com o discurso proferido, em Roma, pelo Bispo de Évora

D. Garcia de Meneses, a 31 de Agosto de 1481. E nesta mesma obra afirma que, na carta escrita no fim de 1499 ou em Janeiro de 1500 a D. Fernando de Meneses, o italiano Cataldo «faz a primeira defesa, entre nós, do latim literário, o latim dos humanistas».

Resumindo as posições actuais, Luís de Sousa Rebelo escreve: «Os primeiros indícios do Humanismo em Portugal encontram-se nos livros: *Opera* (1500) de Cataldo Sículo; *Noua Grammatices Ars* de Estêvão Cavaleiro [1516] e na *Epistola Plinii* (Lisboa, 1529) de Martinho de Figueiredo. Todos eles escritos em latim, de acordo com o signo do tempo, trazem um leve grão de modernidade que contrasta com a tradição medieval. Os dois últimos sobretudo, porque de autoria portuguesa se trata, merecem especial atenção».

Em consequência de toda esta diversidade de opiniões, nos nossos cursos de Latim Medieval temos estudado também com especial cuidado os escritos latinos do século XV. Na primeira metade do século XV é muito difícil poder provar-se que um português escrevia habitualmente Latim com estilo, ideias e espírito do Humanismo Renascentista. A partir de 1460, com a obra de Mateus de Pisano, *De Bello Septensi*, principia uma *época de transição*, que inclui os reinados de D. João II (1481-1495) e de D. Manuel (1495-1521). Nestas décadas, à medida que o tempo avança, diminuem os medievais e vão aumentando os renascentistas. É a geração dos introdutores do Humanismo Renascentista. Com a subida ao trono de D. João III (1521-1557) dá-se o triunfo geral do Humanismo em Portugal. O novo Rei teve o cuidado de contratar para professores dos Infantes seus irmãos (D. Henrique, D. Afonso e D. Duarte) apenas humanistas - todos de muito bom nível: Lourenço de Cáceres, Aires Barbosa, André de Resende e Nicolau Clenardo. O Latim Medieval não aparecerá mais senão em algum tratadista (filósofo, teólogo ou liturgista). Era o triunfo do Humanismo Latino.

## GÉNEROS LITERÁRIOS E MATÉRIAS VERSADAS EM LATIM

149

Para podermos dar uma ideia da enorme quantidade de textos e autores em Latim na Idade Média em Portugal, parece-nos vantajoso agrupá-los por géneros literários e pelos principais temas. Incluímos os autores de origem portuguesa e também os estrangeiros que escreveram ou estiveram em Portugal. Vamos, pois, apresentá-los pela seguinte ordem: - historiografia, hagiografia, relatos de viagens, oratória, epistolografia, direito, filosofia, medicina, con-

trovêrsia religiosa, liturgia, gramática, longos epitáfios em prosa, poesia em métrica quantitativa e em métrica intensiva, epitáfios em verso.

## I - PROSA

### I - Historiografia

- A par das brevíssimas *Crônicas* escritas após a invasão árabe em Espanha, existem também crônicas paralelas redigidas em Portugal e conservadas em diversos manuscritos, donde lhes provieram os títulos de *Chronicon Conimbrigense*, *Chronicon Gothorum*, *Chronicon Laurbanense*, etc. Pierre David fez um estudo crítico e editou todos estes *Cronicões* sob o nome de *Annales Portugalenses Veteres*. José Matoso pensa que um *I grupo*, com notícias desde 987 até 1079 foi escrito em Santo Tirso; que um *II Grupo*, com notícias até 1111 foi redigido em Grijó; e que um *III Grupo*, até 1168, terá sido escrito em Santa Cruz de Coimbra.

- Especial interesse merece o chamado *Livro da Noa* ou *Livro das Eras* de Santa Cruz porque, além dos textos latinos paralelos aos anteriores, contém notícias até ao tempo de D. João I, sendo já em português a maior parte das referentes a D. Dinis e posteriores.

- O primeiro relato literário de valor histórico é o *De Expugnatione Scalabis (A Conquista de Santarém)*, escrito provavelmente pouco depois de 15 de Março de 1147, em Santa Cruz de Coimbra, tomando, como modelo fictício, o estilo de uma acta de uma reunião na Sala do Capítulo (segundo a nossa opinião). António José Saraiva e L. F. Lindley Cintra procuraram aqui vestígios da existência de uma poesia épica em Portugal.

- Temos seis relatos latinos da Conquista de Lisboa, em 1147, escritos por cruzados. Os mais longos são o *De Expugnatione Lisbonensi*, dirigido pelo inglês Ranulfo de Granville a Osberto de Bawdsley; e a *Epistola Arnulfi ad Milonem episcopum Morinensem*, em que o capelão Arnulfo conta ao seu bispo, o de Artois (Pas de Calais) a conquista de Lisboa.

- Da autoria de um cónego regrante de Lisboa é o *Indiculum Fundationis Monasterii Sancti Vincentii*. Foi escrito em 1188, quando já só havia duas testemunhas da conquista de Lisboa e da fundação do mosteiro de S. Vicente de Fora, por D. Afonso Henriques. O autor possuía boas técnicas literárias.



- Há uma *narração latina da conquista de Silves*, em 1189, a qual foi redigida por um cruzado, sacerdote de origem germânica, talvez em 1191.

- Também ao séc. XII é atribuído um *Exordium Monasterii Sancti Johannis de Tarouca*. Porém, a correspondência transcrita entre S. Bernardo e Frei João Cirita e o abuso do maravilhoso fazem suspeitar à crítica moderna de que se trate de uma falsificação redigida por Frei Bernardo de Brito. Apenas será autêntico o último documento da doação e fundação, sob a autoridade de D. Afonso Henriques.

- Se alguém quiser apreciar o género da falsificação literária indubitável, leia também, atribuída a esta época, a *correspondência entre D. Afonso Henriques e S. Bernardo*, a propósito da fundação do mosteiro de Alcobaça. O falsificador foi, provavelmente, Gaspar Álvares de Lousada Machado.

Outras falsificações existem relacionadas com as origens de Ordens Religiosas. Se apontámos as duas anteriores foi porque a sua verosimilhança conseguiu ludibriar muitos leitores menos informados. Só a crítica histórico-filológica moderna alcançou distinguir o verdadeiro do falso.

- Muito interesse tem, do ponto de vista histórico e literário, o relato *De Victoria Christianorum apud Salado*, escrito em latim muito provavelmente pouco depois de 1340, por uma testemunha presencial, talvez Frei Francisco, capelão de D. Afonso IV de Portugal. O documento fora publicado por D. Frei Fortunato de S. Boaventura, que afirma tê-lo tirado do manuscrito Alcobacence CCCCLVII/actual 124 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Esta remissão está errada. Após persistentes buscas, viemos a encontrar o manuscrito num conjunto de livros vindos de Alcobaça e que se encontram muito deficientemente catalogados. O *De Victoria Christianorum* encontra-se, de facto, no Alcob CDXLVII/BNL Alc. 114, ff. 354r-364v. O seu estudo aprofundado foi por nós confiado, como tese de Mestrado, ao Dr. Manuel Francisco Ramos.

- *Mateus de Pisano* veio da Itália para Portugal para ser mestre de D. Afonso V e passar para latim os feitos dos portugueses. Dele chegou até nós apenas o *De Bello Septensi* em que, em 1460, descreveu a conquista de Ceuta, consumada a 21 de Agosto de 1415. O seu estilo é de boa latinidade. Procura imitar Salústio, construindo muitos discursos na linguagem directa. É este o primeiro tratado em que é constante a qualidade do latim humanístico. Temos da obra uma edição publicada em 1790 pelo abade Correia da Serra e um manuscrito revelado por D. Manuel II, agora guardado na biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa. O exame a que sujeitámos todo o texto revela que

este manuscrito, que é do final do século XV, não é o mesmo que pertenceu ao Marquês de Penalva e que serviu de base à edição de 1790. É, por isso, hoje possível fazer uma edição latina melhor.

- Existe na Biblioteca do Vaticano o manuscrito Vat. Lat. 3634 com o *Martyrium et Gesta Domini Infantis Fernandi, Portugaliae regis filii* que descreve a vida e feitos do Infante Santo, sobretudo desde que, perante o desastre militar de Tânger, se entregou como refém, a 16 de Outubro de 1437. É muito variada a problemática levantada por esta obra. Em nosso entender, o seu autor nem é Frei João Álvares nem Mateus de Pisano (como se tem suposto), mas antes Frei Justo Baldino, dominicano, muito ligado aos príncipes de Avis. O escrito terá sido elaborado por 1469, a pedido da Duquesa de Borgonha, D. Isabel de Portugal, a fim de servir como introdução, em Roma, à causa da beatificação de seu irmão D. Fernando. Distinguimos na redacção dois estilos: o latim hagiográfico, nas partes inicial e final da biografia, com muitas citações da Escritura e tratando já D. Fernando por *Servus Dei*; e um estilo próprio da historiografia humanística, na parte central, em que se descrevem a armada e os combates para a tomada de Tânger (desde 22 de Agosto a 16 de Outubro de 1437). São muito frequentes os discursos em estilo directo. A nosso pedido encontra-se a estudar o *Martyrium et Gesta* o Mestre António Manuel Ribeiro Rebelo, em ordem à sua tese de doutoramento.

## 2 - Hagiografia

- A *Vila Beati Geraldii*, arcebispo de Braga desde 1095 a 1108, foi escrita pelo seu discípulo e colaborador, o arcebispo da Sé de Braga, D. Bernardo, provavelmente pouco tempo após a morte do Santo. O estilo é marcadamente hagiográfico, com os tópicos comuns deste género, em que se distinguem visões e milagres. O latim representa a renovação das letras, operada com o chamado renascimento do século XII. Tal como S. Geraldo, também o seu biógrafo D. Bernardo era de origem francesa, vindo a ser Bispo de Coimbra de 1128 a 1146. Faz falta uma edição crítica que compare o texto de D. Bernardo com as 9 «lições» do Breviário de Braga.

- *Vita Sancti Martini Sauriensis* é o título dado a um Fragmento do Livro Santo de Santa Cruz de Coimbra. Martinho exercia a sua função pastoral em Soure, em nome da Sé de Coimbra, quando, em combate, foi levado como refém pelos Mouros, acabando por morrer, vítima dos sofrimentos, em Cór-

dova, a 31 de Maio de 1145. O autor da *Vita* é Salvato, que fora seu coadjutor. A obra é dedicada a D. Mendo, irmão e sucessor de Martinho, em Soure. É surpreendente o domínio do latim e do estilo hagiográfico revelado por Salvato, certamente formado na escola da Catedral de Coimbra. O conteúdo tem sido muito utilizado pelos historiadores da Reconquista cristã «in extrematuris».

- *Vita Telonis notitiaque foundationis monasterii Sanctae Crucis Conimbrigensis* é obra de Pedro Alfardo, um erudito que entrou no mosteiro de Santa Cruz e que, em 1155, começou a escrever a sua história. E por isso teve de principiar pela acção de D. Telo, que, sendo cónego da Sé de Coimbra, aspirava à vida contemplativa. Pedro Alfardo escreve um elegante prólogo, onde revela boa formação literária. Não faltam citações da Bíblia. A documentação anexa à *Vita Telonis* tem sido objecto de discussão dos críticos da História.

- *Vita Sancti Theotonii* é o mais perfeito exemplo da hagiografia latina em Portugal. Teotónio é o primeiro Santo português (c. 1080-1162). Formou-se na Sé de Coimbra, foi Prior na Sé de Viseu, peregrinou duas vezes à Terra Santa e foi eleito primeiro Prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em 1131. A sua vida foi escrita por um discípulo cujo nome ainda ninguém descortinou. Quanto ao mais, sabe-se que acompanhou o Santo ao longo de muitos anos e, pelo modo como escreve, revela boa formação literária. Cita os Padres da Igreja, a Liturgia e a Bíblia (esta 53 vezes). Domina perfeitamente a linguagem teológica, monástica e as técnicas hagiográficas. Formado sem dúvida ou na Catedral de Viseu ou em Santa Cruz, o seu latim revela o bom nível das escolas que frequentou.

- S. Rosendo nasceu em Sá, Monte Córdova, actual freguesia de S. Miguel do Couto, concelho de Santo Tirso, em 907, e depois de ter exercido o episcopado, de ter governado temporariamente parte da Galiza e de ter fundado o mosteiro de Celanova (perto da fronteira do Minho) aí foi abade e faleceu a 1 de Março de 977. Pouco antes da sua canonização, em 1172, foram escritos por Frei Estêvão os *Facta et Miracula Sancti Rudesindi*, de que subsistem actualmente apenas o breve prólogo e os capítulos 1-6. Esta biografia foi utilizada, com novos materiais, por Frei Ordonho, entre 1172 e 1189, na *Vita Sancti Rudesindi Episcopi*, a qual, na sua versão presente, contém anexos os relatos de 42 milagres. É opinião corrente que apenas os primeiros 20 milagres fazem parte da redacção original. Os 10 seguintes são da pena de outro autor; e os restantes 12 foram sendo acrescentados, pelos anos fora, em

nossa opinião, por mais três redactores, os quais ainda deixaram o livro em aberto. O estilo de Frei Estêvão é bem distinto do de Frei Ordonho. Ambos, bem como os restantes redactores dos últimos milagres, se adaptam perfeitamente ao estilo hagiográfico.

- A freguesia de Santa Senhorinha de Basto, bem como todo o Concelho de Cabeceiras de Basto, celebram todos os anos, a 22 de Abril, a sua padroeira. Conhecemos a sua vida através de três relatos: I - *Vita Beatae Seniorinae Virginis*, escrita depois de 1130, provavelmente por um monge do vizinho mosteiro de Refojos de Basto. II - *Alia Sanctae Seniorinae Vita* é mais breve, mas acrescenta novos elementos. Foi escrita por volta de 1200, pois conta um milagre realizado no príncipe D. Afonso II de Portugal. III - Da *Legenda Sanctae Seniorinae* não conhecemos senão o princípio e o fim. Foi seu autor Frei Vasco Martins. Possuímos, no entanto, uma *Vida e Milagres de Santa Senhorinha em português antigo* que é, em boa parte, uma tradução da *I Vita*, mas lhe acrescenta elementos próprios e 10 novos milagres. Contemporânea e parente de S. Rosendo, teve Santa Senhorinha biógrafos que se deixaram enredar mais pelo domínio da fantasia do que os anteriormente citados. Além disso, pensamos que os textos latinos actuais foram copiados e levemente retocados já na época renascentista, como o deixam supor certos vocábulos latinos e até gregos.

- S. Vicente, mártir em Saragoça no ano de 304, viu as suas relíquias transferidas de Sagres para Lisboa no ano de 1173. Pouco depois dessa data escreveu Mestre Estêvão, cónego da Sé de Lisboa, a *Translatio et Miracula Sancti Vincentii*, onde o autor revela boa cultura e narra 24 milagres. Tempos depois, um outro escritor, cujo nome se desconhece, utiliza, em parte, o prólogo de Mestre Estêvão, copia os milagres por ele narrados e acrescenta-lhes mais 9 novos milagres, os quais são situáveis entre 1203 e 1248. Esta nova colecção de *Miracula Sancti Vincentii*, embora se encontre num manuscrito do séc. XIV, tinha-se perdido, até que, por 1983, foi descoberta e depois estudada pelo P.<sup>o</sup> Doutor Aires Nascimento e pelo Dr. Saul António G.C. da Silva. Devemos ter ainda presente uma outra trasladação de parte das relíquias de S. Vicente para Braga, por ordem de D. Afonso Henriques, em 1176, cujo relato se encontra inserido no chamado Breviário de Soeiro, ff. 217v-218.

- A *Legenda Quinque Martyrum Morochii*, embora trate de cinco franciscanos italianos, não pode deixair de nos interessar, porque as suas relíquias foram trazidas pelo Infante D. Pedro para Coimbra, após o seu martírio em

Marrocos, em 1220. E em Coimbra permanecem, no mosteiro de Santa Cruz. A autoria do texto mais longo tem sido atribuída a D. Mateus, bispo de Lisboa (1258-1282). Há um outro texto breve adaptado a «9 lições» no mesmo manuscrito de Santa Cruz (n.º 29), agora com o n.º 52 da Biblioteca Municipal do Porto.

- Não podem deixar de nos interessar as *Vitae Sancti Antonii Olisiponensis*, nascido por 1191 a 1195 e falecido a 13 de Junho de 1231. A chamada *Vita Prima* ou *Assidua* (por principiar por esta palavra) é obra de um franciscano italiano, anónimo, o qual, para os elementos relativos a Portugal, teve como informadores o Bispo de Lisboa, D. Sociro, e outros portugueses. A *Assidua* foi escrita, provavelmente, por ocasião da canonização de Santo António, em Maio de 1232. Pouco depois, por 1235, foi escrita, também por autor italiano desconhecido, a *Legenda Secunda* ou *Versificata*.

- Existiu no século XIII uma *Vita Beati Gili Sanctarenensis*, que no convento dominicano de Santarém se conservou pelo menos até ao século XVI e depois se perdeu. Desconhece-se ao certo o nome do seu autor, o qual Frei Luís de Sousa trata por *Pedro Pais*. Também Frei Baltasar de S. João, em 1537, escreveu outra *Vita Beati Gili Sanctarenensis*. Há, porém, ainda outra, contemporânea de Frei Gil: é a que se encontra nas *Vitae Fratrum de Humberte de Ramans* (Parte IV, capp. 3, 5, 16), publicadas por Gerardo de Frachet. Não é sistemática, mas caracteriza bem Frei Gil.

- Frei Gil de Santarém, onde faleceu em 1265, nascera em Vouzela cerca de 1185-1190. Colaborou activamente, escrevendo *Narrationes nannulae de fratribus Ordinis sui Hispanis et Lusitanis pietate et miraculis claris in librum De Vitis Fratrum*. Estes relatos e minibiografias encontram-se nas partes IV, cap. V, 6; XXV, 5; Parte V, cap. III, 6 (8 relatos); cap. V, 6 e 7 (2 relatos); e Parte V, cap. IX, § 1 (sobre *Frei Paio de Coimbra*) e § 2 (sobre *Frei Pedro Gonçalves*, isto é, s. Telmo). São pelo menos 12 relatos atribuídos a Frei Gil de Santarém, que era o Provincial dos Dominicanos em Portugal e Espanha; e por isso foi solicitado a enviá-los ao Geral da Ordem, Frei Humberto de Romans.

- *Passio Sanctorum Verissimi, Maximae et Iuliae* é um relato feito sobre tradições anteriores, que se encontra na Biblioteca Pública de Évora, cod. CV/1-23 d., parte em latim e parte em português, feito no século XIV. Estes três Santos, naturais de Lisboa, segundo a tradição, sofreram o martírio sob Diocleciano, em 302.

- *Lições históricas dos Breviários medievais.* Não obstante a falta de sentido crítico de algumas das «lições» ou leituras de carácter histórico do ofício de Matinas, valerá a pena percorrer os Próprios das Dioceses Portuguesas e investigar quais remontam à Idade Média: vidas de Santos, trasladações de relíquias, consagração da catedral, etc. Os nossos Breviários mais antigos são os de Braga, de Santa Cruz, de Alcobaça, de Évora e Lisboa.

### 3 - Relatos de Viagens

- Na vida de *D. Telo*, bem como na de *S. Teotónio* fazem-se largas referências às suas viagens à Terra Santa.

- Do mesmo modo, a implantação dos Dominicanos em Portugal, a partir de 1220, dá lugar a referências às passagens de *Frei Sueiro Gomes* por vários países da Europa e por diversas localidades portuguesas, com a protecção da família real.

- Tem o nome *De Ministerio Armorum* e também de *Livro de Arautos*, bem como (em nosso entender) lhe seria apropriado o de *De insigniis et Armis* (cf. o texto de 2 a 16), um volume escrito por um leigo, natural de Lamego e cujo nome é desconhecido, o qual pretendeu servir de orientação aos delegados portugueses ao Concílio de Constança, onde chegaram a 1 de Junho de 1416. O Anónimo de Lamego viajou largamente pela Europa e descreve também todas as províncias de Portugal. O seu latim é chão e raramente tem interesse literário. É nítido que o mestre de arautos pensa em português, mas pretende continuar a escrever em latim.

- Para o casamento de D. Leonor, filha de D. Duarte, que se realizou em Lisboa em 1452, com o imperador Frederico III da Alemanha, veio uma luzida embaixada a representar o imperador. O capelão *Nicolau Lanckmann de Valckenstein* escreveu, a esse propósito, um *Diário de Viagem*, onde tudo descreve em pormenor, inclusive as terras de Portugal por onde passou e os prolongados festejos populares realizados em Lisboa. A qualidade do latim é puramente descritiva, sem preocupações literárias.

- É também alemão o autor do *Itinerarium sive peregrinatio Hieronimi Monetarii de Feltkirchen*, o qual, sendo médico, resolveu, por ocasião de uma epidemia em Nuremberga, fazer uma viagem a Espanha e Portugal, em 1494. Vinha bem recomendado pelo Imperador Maximiliano I, filho de D. Leonor de Portugal. Por isso, foi bem recebido por D. João II. Além das suas impressões das terras e das pessoas, obteve conhecimentos sobre as conquistas e as

armas usadas pelos portugueses. O seu interesse pelos descobrimentos levou-o a escrever também o *De Inventione Gence per Infansem Henricum Portugalliae*. Não obstante a sua graduação académica e o alto nível das suas relações sociais, o latim de Jerónimo Münzer é «fraco», no dizer do Prof. Costa Ramalho.

#### 4 - Oratória

- *Santo António de Lisboa*, de Coimbra ou de Pádua, onde é simplesmente *Il Santo*, nasceu em Lisboa por 1191 a 1195, estudou em Lisboa e no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde se ordenou sacerdote em 1220, como Cónego Regrante de Santo Agostinho. Levado pela paixão missionária, entrou na Ordem dos Franciscanos, recebendo de S. Francisco a missão de ensinar os «irmãos». A sua oratória arrebatava as multidões, sobretudo no Norte da Itália e Sul da França. Possuímos actualmente uma edição crítica dos seus 77 *Sermones Dominicales et Festivi* e também uma cuidada tradução portuguesa. Sendo essencialmente um orador sagrado, muitíssimo versado nas Sagradas Escrituras - o papa Gregório IX chamou-lhe *Arca Testamenti* e também *Scriniium Scripturarum* - os seus sermões são objecto das mais atentas análises de teólogos, filósofos, naturalistas e linguistas. O seu latim é sempre cuidado. Falecido a 13 de Junho de 1231 e canonizado logo a 30 de Maio de 1232, decorreu neste ano de 1995 a comemoração oficial do 8.º Centenário do seu nascimento. As actas deste Congresso e de outros anteriores mostram a actualidade dos escritos de Santo António e a variedade de interesses especializados que sempre tem despertado.

- S. *Frei Paio de Coimbra* aqui nasceu e aqui entrou na Ordem Dominicana, de cujo convento foi eleito Prior por 1229. Esteve em Bolonha e em Inglaterra e participou activamente na vida pública do seu tempo, inclusive na causa favorável à deposição de D. Sancho II (1245). Um manuscrito de Alcobça, copiado em 1250, fornece-nos ora o título, ora o sumário ora o texto completo de 406 Sermões, sob a rubrica de *Summa Sermonum de Festiuitatibus*. É um pregador de índole mais acessível que Santo António de Lisboa, o qual já constituiu o tema de dois dos sermões de Frei Paio. O seu culto e a sua efígie está ainda hoje bastante divulgada em toda a região do Mondego. Em Coimbra, na fachada do antigo Colégio dominicano, agora adossada ao Museu Machado de Castro, do lado do Largo de São Salvador, lá se vê, a par

de S. Tomás e de S. Gonçalo de Amarante, a sua imagem com a legenda *Diuus Pelagius Conimbricensis*.

- *D. João de Cardillac* foi arcebispo de Braga de 1361 a 1371. Nessa qualidade proferiu quatro sermões de que possuímos o texto latino: 1.º - no Sínodo Diocesano celebrado no mosteiro de Pombeiro, na segunda-feira depois da sexagésima do ano de 1364; 2.º - no Sínodo Diocesano celebrado no Couto de Cambezes, na segunda-feira depois do Domingo *in albis* de 1366; 3.º - em Astorga durante a visita ao seu sufragâneo, na festa da Natividade de Maria, a 8 de Setembro; 4.º - sermão proferido em Alcobaça, durante as exéquias oficiais de D. Inês de Castro, talvez a 2 de Abril de 1362. Usando de uma retórica acessível, baseia-se na interpretação alegórica da Bíblia.

- *Frei Afonso de Alprão*, natural de Santarém, foi franciscano e frequentou a Universidade de Bolonha, onde já «lia» como bacharel em 1397. Nesse ano publicou a sua *Ars Praedicandi*, um género didáctico auxiliar da oratória sacra, muito divulgado na Idade Média. É a mais interessante obra do género publicada em toda a Península Ibérica. Frei Afonso de Alprão veio a desempenhar altas funções na sua Ordem, em Portugal e em Roma, e exerceu em Portugal, a partir de 1413, o cargo de Inquisidor e, desde 1417, o de confessor de D. João I. O latim da sua *Ars Praedicandi* corresponde aos modelos didácticos da Escolástica.

- Em nome de D. João I, apresentou a *embaixada portuguesa ao Concílio de Constança*, no dia 5 de Junho de 1416, o Dr. Gil Martins. No seu discurso, justificou o atraso da chegada dos portugueses com o empenhamento do rei na conquista de Ceuta (a 15 de Agosto de 1415). Tomando um passo bíblico como tema (*Ben Sirá* 27, 12) tece à volta dele o elogio de Portugal e a importância da conquista, em África, para afastar o perigo que os turcos constituíam para a Cristandade.

- D. Duarte enviou também uma *embaixada ao Concílio de Basileia* nos anos de 1436-1437. Dela faziam parte os oradores latinos Vasco Fernandes de Lucena e Diogo Afonso de Mangancha. A representação portuguesa teve um desempenho atribulado. D. Luís do Amaral ficou sempre em Basileia e apoiou, em 1439, o antipapa Félix V. Pelo contrário, D. Antão Martins de Chaves foi sempre fiel ao Papa Eugénio IV e acompanhou a mudança do Concílio para Ferrara (1437). Fez parte da embaixada pontifícia a Constantinopla, para conseguir a união com os Gregos; foi depois nomeado Cardeal e fixou-se em Roma, onde faleceu em 1447. A acção diplomática e os discursos proferidos nestas circunstâncias encontram-se ainda por estudar.



- *Vasco Fernandes de Lucena* é um erudito espanhol que trabalhou para a corte portuguesa, como tradutor e orador, durante quase 50 anos. A 28 de Julho de 1436 pronunciou uma oração latina perante Eugénio IV, em nome de D. Duarte; em 1450 fazia parte da delegação portuguesa junto de Nicolau V, tendo discursado em nome de D. Afonso V; e em 1485 voltou a Roma para, em nome de D. João II, proferir a *Oratio de Oboedientia*. Só esta é conhecida e está publicada. É, sem dúvida, a melhor peça literária de Lucena.

- Nas missões diplomáticas os discursos pronunciavam-se em latim. Foi assim quando do pedido de casamento da Infanta D. Isabel com o Duque de Borgonha, Filipe-o-Bom: - a 13 de Janeiro de 1429, *Gil de Tournai* (Gilles de Escornay), preboste de Harelbeke, expôs a razão da embaixada, em latim; e logo um doutor português lhe respondeu na mesma língua. Mas destes discursos não possuímos texto latino. Maior projecção adquiriram os 4 discursos em latim que, perante o Rei D. Afonso V, pronunciou, em Dezembro de 1449 e Janeiro de 1450 o *Deão de Vergey, João Jouffroy*, que mais tarde veio a ser bispo de Arras e Cardeal. Em nome dos Duques de Borgonha (e a Duquesa D. Isabel era irmã de D. Pedro e tia de D. Afonso V) vinha pedir insistentemente a reabilitação da memória do Infante-Regente D. Pedro e a magnanimidade para com os seus filhos. Os ânimos estavam ainda muito exaltados com os acontecimentos que culminaram em Alfarrobeira (20-V-1449) e por então nada se conseguiu. Ficaram 4 peças de grande oratória e humanidade.

- Incluímos aqui *Frei Amadeu da Silva Meneses* (c. 1422-1482) que nasceu provavelmente em Ceuta, de que seu pai era o l.<sup>o</sup> Governador. Pertenceu ao número dos derrotados de Alfarrobeira, em 1449. Depois fez-se monge jerónimo em Guadalupe, donde passou para os franciscanos, em 1452. Ordenado sacerdote em 1459, concebeu um ideal de maior observância. Fundou vários conventos com regra própria. Foi chamado para Roma, como confessor do Papa Sixto IV (1471-1484). Em Roma escreveu os *Sermones et exhortationes*, a *Apocalypsis Nova sensum habens apertum* e as *Reuelationes speciales Sancti Ioannis Baptistae ad milites et homines*. Parte da sua obra, essencialmente espiritual, continua manuscrita.

- Pelo seu carácter oficial e elevação do estilo têm sido estudadas pelos cultores do Humanismo renascentista as *Orationes* de D. *Garcia de Meneses* (1481) perante o papa Sixto IV; de D. *Fernando Coutinho*, após a eleição do Papa Alexandre VI (1493), *Oratio Oboedientiae* que não chegou a ser proferida porque a armada em que o orador seguia não alcançou Roma; e a do

bispo D. *Fernando de Almeida* que, no segundo semestre de 1493, saudou finalmente o novo Papa, em nome de D. João II.

- Orador sagrado de grande prestígio em Roma foi o capelão do Cardeal D. Jorge da Costa, o professor de teologia *Martinho de Viana*. Em 1494 proferiu os sermões *De Ascensione* e *De Trinitate*; e em 1496 outros dois: *In die Cinerum* e *In resto diui Thomae de Aquino*, todos impressos em incunábulo que não voltaram a ser reeditados. Martinho de Viana vai ser estudado, pela primeira vez como orador e estilista, pelo Mestrando António Barbosa de Amorim.

## 5 - Epistolografia

Este género literário, apesar de bem definido, apresenta dificuldades de sistematização. De facto, 4 dos relatos da *Conquista de Lisboa* foram redigidos em forma de longas cartas.

Há muitos documentos oficiais que tomam a forma de carta. O *Livro Santo*, após a *Vita Telonis*, inclui cartas várias do papa Inocência II a D. Afonso Henriques e ao Bispo de Coimbra; e outras de Lúcio II e Adriano IV. Por vezes tem-se até contestado a autenticidade destes documentos, sobretudo os referentes a privilégios concedidos a Santa Cruz sobre o «eclesiástico» de Leiria.

Do mesmo modo, são suspeitas as cartas atribuídas a D. Afonso Henriques, quer dirigidas ao Papa quer a S. Bernardo, estas a propósito dos mosteiros de *Tarouca* e *Alcobaça*.

O *Livro Santo* inclui também uma carta de S. Teotónio para o mosteiro de S. Rufo, no sul da França.

Temos como inteiramente forjadas as cartas dirigidas ao abade João Cirita, tido como o fundador dos mosteiros de *Tarouca* e de *Lafões*.

160

Um outro aspecto deve ainda ser considerado. É frequente, no princípio dos tratados e discursos, o Autor escrever uma carta dedicatória a uma personalidade que admira ou que tem como sua protectora. É difícil saber até que ponto estas cartas foram, de facto, enviadas ou são um mero artifício literário.

Damos, por isso, especial importância às cartas de carácter pessoal e que têm todo o aspecto de terem sido intencionalmente escritas para transmitir uma mensagem.

- *De S. Frei Gil de Santarém* (c. 1190-1265) temos apenas uma pequena carta que se encontra no censual do Cabido da Sé do Porto, omitida na edição de João Grave, mas referida por João Pedro Ribeiro.

- *A Summa de Conservanda Sanitate* de *Pedro Hispano* aparece num manuscrito de Londres precedida de uma epistola ao Imperador Frederico II. Se esta carta não merece crédito, já o mesmo não acontece com uma outra dirigida de Roma, a 16 de Maio de 1276, pelo Cardeal *Pedro (Hispano)*, ao *Arcebispo de Braga*, recomendando-lhe que apoie a restituição à Câmara Apostólica da herança do Deão Fernando, falecido sem testamento.

- *Gonçalo Gomes* é também conhecido por *Frei Gonçalo de Portugal* ou *Gonçalo Hispano* ou *Gonçalo de Valbom* (que alguns relacionam com o Porto) ou mais comumente por *Frei Gonçalo de Balboa y Valcarcel*. Viveu cerca de 1250 a 1313. Em 1290 foi provincial dos franciscanos de Santiago, o que incluía Portugal. Foi também ministro geral da Ordem e interveio no Concílio de Viena (1311-1312). Escreveu várias *Epistolae ad ministros provinciales*. Em 1302 regia Teologia em Paris. Escreveu também vários tratados filosóficos e sobre a questão franciscana, a propósito das discussões sobre a Regra. Não o mencionaremos mais, atendendo às dúvidas sobre a sua nacionalidade.

- *D. Frei Álvaro Pais* escreveu várias cartas a personagens da Itália, publicadas por Vittorino Meneghin. Tratam de problemas sobre a discussão do ideal franciscano e da autoridade do Papa. Também o Doutor A. D. de Sousa Costa publicou duas cartas de Frei Álvaro Pais a D. Afonso IV.

- *André Dias de Escobar* (1348-1450), autor de numerosas obras e pessoa de larga convivência na Itália, tem também, no elenco das suas obras, *Epistolae*, a que não tivemos acesso.

- *D. Gomes Aliés* (1383-1459) deixou um volumoso *Epistolário* em grande parte inédito, mas de que conhecemos já alguns fragmentos, graças aos estudos do Prof. Eduardo Borges Nunes.

- *Vasco Rodrigues Garcia de Portugal* (1393-1463) manteve correspondência durante a sua estadia na Itália com círculos humanísticos, entre os quais se contam Gaspar de Bonaoris, Gaspar de Perusa, D. António de Albergatis e Nicodemos Tranquedino. Há neste autor já uma redacção muito cuidada, que o aproxima do latim humanístico.

- *Frei Amadeu da Silva Meneses* (1422-1482) escreveu também várias cartas, algumas das quais já publicadas.

- *D. Jorge de Almeida*, que foi bispo de Coimbra (1483-1543) deixou uma carta latina a Lourenço de Médicis, datada de 3 de Janeiro de 1474.

- *Duarte de Galvão* (1445?-1517), figura de relevo nas letras portuguesas, enquanto viveu na Flandres escreveu, em 1488, uma *Epistola ad Status Brabantiae* e outra *Epistola ad Petrum Damas*, que era conselheiro de Filipe de Kleef.

- *Frei Gomes de Lisboa* já era bacharel em Paris em 1478. Além de uma carta dedicatória a Bartolomeu Bellato, deixou uma carta a Frei Tiago de Marchepallu, datada de 2 de Junho de 1508; e mais duas, sem data conhecida, a Paulo Ricci e a Tomás Radini-Tedeschi.

## 6 - Direito

Um panorama sobre o Direito, cujos tratados e pareceres foram todos escritos em Latim, foi-nos dado pelo Professor de Salamanca Antonio García y García nos seus *Estudios sobre la Canonística Portuguesa Medieval* (Fundación Universitaria Española, Madrid, 1976). Mencionamos aqui os principais autores e textos.

- *Mestre Silvestre Godinho* ensinou em Bolonha, de 1212 a 1217, onde foi professor do célebre Tancredo. Foi o jurista e defensor de D. Afonso II, na causa contra suas irmãs, Santas Teresa, Sandia e Mafalda. Foi arcebispo de Braga de 1231 a 1244. Escreveu sobre a Decretal *Pastoralis* do papa Inocêncio III; glosas às *Compilationes Antiquae*; e glosas ao *Decreto* de Graciano.

- *Mestre Vicente Hispano* ensinou em Bolonha de 1210 a 1215 e defendeu também D. Afonso II contra suas Irmãs. D. Sancho II nomeou-o chanceler do Reino, cargo que exerceu desde 1224 a 1238. Foi Bispo da Guarda de 1235 a 1248. Escreveu comentários ao *Apparatus ad Compilationes Antiquas I, II, et III*; *Comentários aos Cânones do IV Concílio de Latrão* (1215); *Apparatus et casus Decretalium Gregorii IX*, escritos já depois de Bispo da Guarda. Sobre temas mais particulares escreveu o *De iurciurando* e o *De regularibus et transeuntibus ad religionem*.

- *Mestre João de Deus* foi natural de Silves, onde nasceu por 1190, e foi cónego da Sé de Lisboa, cidade em que faleceu em 1267. Passou, porém, grande parte da sua vida em Bolonha, em cuja Universidade ensinou desde 1229 até 1260. A. D. de Sousa Costa referencia 22 obras autênticas de Mestre João de Deus. Anotamos apenas as seguintes: *Epistulae canonicae De Decimis Soluendis*, *Liber Dispensationum*, *Liber Pastoralis*, *Liber Iudicum* e

*Liber Poenitentialis*, este integrado numa longa tradição medieval de *Penitenciais*, em latim e nas línguas modernas, entre os quais o de Martín Pérez ou *Livro das Confissões*, e também o *Tratado de Confissom*, sendo esta a primeira obra em português a ser impressa entre nós, em Chaves, a 9 de Agosto de 1489.

- *D. Egas* foi cónego e depois Bispo de Viseu, de 1288 a 1313. Teve boa formação jurídica e manteve boas relações com D. Dinis. Na sua obra *Summa de Libertate Ecclesiastica*, escrita talvez em 1311, defendeu a propriedade e os direitos da Igreja contra as intromissões do poder secular.

- *D. Frei Álvaro Pais* nasceu em Salnés (Pontevedra) por 1275. Estudou e ensinou depois em Bolonha, entre 1296 e 1304. Fez-se franciscano e trabalhou na Cúria Pontifícia de Avinhão. Foi Bispo de Silves de 1333 a 1349. É um polígrafo multifacetado. A sua obra divide-se entre o Direito e Filosofia Política, a Teologia, a Apologética e as Cartas. É da situação jurídica e espiritual da Igreja que trata nas suas obras *De Statu et Planctu Ecclesiae*, *De Potestate Ecclesiae* e *Tractatus de Sacrilegio*.

- *D. João de Cardaillac*, quando Arcebispo de Braga, escreveu, em 1367, um *Liber Regalis* em defesa dos direitos de Henrique de Trastâmara à coroa de Castela. Aí se intitula explicitamente «legum professorem» e «Hispaniarum Primas».

- *Os Sínodos Diocesanos de Portugal*, entre 1240 e 1360, contêm muitos textos em Latim, língua que vai cedendo progressivamente o lugar ao Português. São bons textos para reconstituir a vida espiritual e social da época.

- *André Dias Escobar* (1348-1450) viveu longamente nas Cúrias Pontifícias, pelo que muito escreveu sobre o Direito Eclesiástico. Em 1425 redigiu o *De Decimis* e, em 1436, o *De Ciuitate Ecclesiastica*. Além disso, ocupou-se largamente do problema conciliar no *Gubernaculum Conciliorum* e nos *Avi-samenta Sacrorum Conciliorum*.

- *Bonifácio Peres Garcia* era natural de Lisboa, onde se tornou célebre jurisconsulto, pelo que foi convidado para conselheiro de Dona Joana, rainha de Castela (que era filha póstuma de D. Duarte). Entre 1455 e 1467 escreveu obra, a que deu o nome de *Peregrina* e que é um índice de leis e conclusões. Os compiladores conheciam-na pelo nome de *Glosa Bonifaciana*. Foi impressa em Sevilha em 1498.

- *Estêvão da Costa* era português ou pelo menos filho de portugueses. Ensinou Direito Canónico, na Universidade de Pavia, em 1444-1445, e a cadeira de *Instituta*, em 1446-47. Mais tarde, foi também professor de *Sexto* e

de *Clementinas*. Desde 1453 pertencia ao colégio dos «Nobili Giurisperiti». Compôs, em 1477, uma obra sobre o jogo (*De Ludo*), logo impressa em 1478, a que se seguiram várias edições. É-lhe atribuído também um tratado *Super II et III Decretalium*. Os *De Sententia excommunicationis Libri VI* foram editados em 1483; e o tratado *De Consanguinitate et affinitate*, em Pavia, em 1489. Na opinião de Gesnero foi um autor e comentador notável.

- *João Sobrinho*, natural de Lisboa, entrou na Ordem Carmelita, que o mandou para Oxford, onde se formou em Teologia. Trabalhou para D. Duarte e foi pregador de D. Afonso V. Faleceu em 1486. A sua obra principal é o tratado *De Iustitia Commutativa*, impresso em Paris em 1488. Como se diz no título completo, a obra trata também da «arte dos câmbios» e dos «jogos de azar». Deixou várias outras obras em manuscrito sobre filosofia, teologia, sermões e genealogia. A obra principal foi traduzida pelo Prof. Moses Bensabat Amzalak.

## 7 - Filosofia

- *Pedro Hispano Portugallense*, apesar da sua celebridade, tem parte da sua vida sem suficiente documentação histórica. Nasceu em Lisboa, entre 1205 e 1210. Foi estudar para Paris, onde, depois de se formar, ensinou na Universidade, desde 1220 a cerca de 1229. Por 1230 escreveu o *Tractatus*, conhecido por *Summulae Logicales*, talvez no reino de Leão. Seguiu depois o curso de Medicina, porventura em Salerno, vindo a ensinar em Siena. A esse período devem pertencer os seus numerosos escritos médicos. Há indícios de que viveu em Portugal entre 1250 e 1264. Em 1272 estava na Itália como médico do papa Gregório X, que o criou Cardeal. Em 1273 foi eleito arcebispo de Braga, de que não chegou a tomar posse. Após o falecimento de Gregório X, a 10 de Janeiro de 1276, sucederam-se dois efêmeros pontificados (o de Inocêncio V, falecido a 22 de Junho; e o de Adriano V, a 18 de Agosto). No consistório seguinte foi Pedro Hispano eleito papa com o nome de João XXI, cargo que exerceu de 8 de Setembro de 1276 a 20 de Maio de 1277, em virtude de ter sido vítima da derrocada, a 14 de Maio, do tecto do palácio de Viterbo. É singular a sua obra de psicologia *Scientia Libri de Anima*. Pertencem-lhe também umas *Quaestiones* sobre o *De Anima* de Aristóteles. Outros tratados psicológicos são de autoria duvidosa, tal como se discute a atribuição, que por vezes se lhe faz, da *Expositio librorum beati Dionysii*. Enquanto Papa, tentou melhorar as relações da Santa Sé com

D. Afonso III de Portugal. Procurou também intervir na Universidade de Paris, para pôr cobro a erros de raiz aristotélico-averroísta.

- *D. Durando Pais* estudou em Santa Cruz de Coimbra, foi Bispo de Évora (de 1267 a 1283) e depois Prior de Santa Cruz, de 1284 a 1293. Escreveu, em latim, um *Comentário ao tratado «Da Ciência Económica»*, falsamente atribuído a Aristóteles. Estudado pelos economistas, este comentário foi traduzido pelo P.º Dr. Raul Machado, em 1955.

- *D. Frei Estêvão* era de Lisboa, fez-se franciscano e em 1311 foi nomeado Bispo do Porto, donde foi transferido para Lisboa, em 1313. Inamistado com D. Dinis, veio o Papa em seu socorro e transferiu-o, em 1322, para Cuenca, onde morreu em 1326. Participou, em 1322, em Avinhão, na assembleia sobre a pobreza evangélica, onde proferiu um discurso, cujo pensamento está resumido na *Compendiosa resumptio dictorum episcopi Vlix-bonensis De Paupertate Euangelica*.

- *D. Frei Álvaro Pais* (1275?-1349) passou do estudo do Direito para a Filosofia política. São, de facto, hoje os filósofos que mais estudam o seu *Speculum Regum*, concluído em Tavira em 1344. É este um dos muitos tratados de "espelhos de príncipes", de grande tradição, desde a Antiguidade Clássica aos tempos modernos.

- *Afonso Dinis de Portugal* é um dos muitos casos de actividades diversificadas: - foi pároco, depois cónego e ainda Bispo da Guarda (1346-1347) e de Évora (1348-1352); foi também secretário e médico de D. Afonso IV, pois licenciou-se em Medicina, em Paris, em 1331. Voltou a Paris para estudar Teologia. É nesta segunda fase parisiense que profere as suas lições (de 1335 a 1345). Comentou as *Sentenças* de Pedro Lombardo e traduziu o *Tractatus de Averrois de separatione primi principii*. É-lhe também atribuído um *Quodlibetalium fragmentum*, que outros pensam ser antes de Guilherme de Ockham.

- No tempo de D. Pedro I (1357-1367) foi professor da Universidade de Lisboa *Frei Agostinho Belo*, o qual deixou em manuscrito os *Volumina quatuor diuersorum argumentorum*.

- Também se encontram ainda inéditas as obras de *Frei Diogo de Portugal*, Franciscano que ensinou filosofia e teologia em Cambridge, em meados do séc. XV. Escreveu as *Quaestiones super Ethicam* e as *Quaestiones moralis philosophiae*.

- *Frei André do Prado* (c. 1380-1450), além de expositor e controversista, foi também professor de filosofia, tendo-nos deixado, em manuscrito,

um compêndio inspirado em diversos autores, conhecido por *Spiraculum Francisci Mayronis* ou *Liber Distinctionum*. O franciscano Francisco de Maironis nasceu nos Baixos Alpes, por 1288, e faleceu em Piacenza em 1327. Foi discípulo de Duns Escoto em Paris, dedicou-se ao género das *Disputationes* e seguiu o ramo rigorista na interpretação da pobreza. Veio a ser comentado por vários outros mestres de filosofia.

- *João Sobrinho*, eminente jurista da segunda metade do século XV, deixou também um *Compendium operis conflatile magistri Francisci de Mayronis Ord. Min., Tratados filosóficos sobre Aristóteles* e também estudos teológicos, entre os quais, segundo a tradição franciscana, um *Tractatus de Conceptione Deiparae*.

- *Diogo Lopes Rebelo*, depois de capelão e mestre de gramática de D. Manuel, frequentou Paris, onde se formou em Artes e Teologia. Em 1497 entrou no Colégio de Navarra, onde morreu em 1498. A sua obra mais notável é o *De Republica gubernanda per Regem*, impresso em 1496. Segue, pois, a tradição dos «espelhos de príncipes». É também dele um *Tractatus de productionibus personarum*. No género dos «penitenciais» escreveu o *Fructus sacramenti poenitentiae*. A D. Fernando de Almeida, Bispo de Ceuta, dedicou o *Liber de assertionibus catholicis apostoli Pauli*, editado em Paris, em 1497.

- *Frei Pedro da Cruz* ensinava filosofia em Veneza em 1488. Neste ramo do saber escreveu duas obras de comentário: as *Summulae Ioannis de Monte minoritae (...) super Petrum Hispanum ad mentem Ioannis Scoti*, Veneza, 1490; e a *Quaestio de ratione subiecti primi scientiae secundum Ioannem Scotum, an ad entia rationis extendatur*, editada, em 1500, em Veneza.

- Temos notícia de um tratado publicado por um filósofo *Afonso de Albuquerque*, em Lisboa, em 1498, intitulado *Commentarii in Parua Naturalia Aristotelis*.

166

- *Frei Gomes de Lisboa*, franciscano que estudou em Paris e foi amigo dos Papas Júlio II e Leão X, dedicou-se à teologia moral e à filosofia. Faleceu em 1513. Escreveu uma *Quaestio perutilis de cuiuscumque scientiae subiecto principaliter tamen Naturalis Philophiae*; e interpretou longamente Duns Escoto na *Lectura in librum primum Oxoniensis Scoti* e nas *Quaestiones quodlibeticae in uia Scoti*, estas em manuscrito. Note-se também o seu interesse pelos Montepios: a sua *Apologia Montium Pietatis* foi escrita, em Veneza, no fim do século XV.



## 8 - Medicina

- Embora a legislação canónica, nomeadamente as *Decretais de Gregário IX* (Lib. III, tit. 50, cap. 10), proibisse os clérigos de exercer a Medicina, muitos foram os que a estudaram e exerceram - ou antes de serem clérigos ou por terem pedido dispensa dessa proibição à Santa Sé. Bastará procurar no *Chartularium Vniuersitatis Portugalensis* as dezenas de médicos que foram párocos, cónegos e bispos.

Entre eles se conta Frei *Gil de Santarém* (c. 1190-1265) que traduziu para latim o tratado do árabe Rhazes (ou Razi), falecido em Bagdad em 925, intitulado *De secretis in medicina*, impresso em Veneza, em 1497. Igualmente se deve a Frei Gil de Santarém um tratado *Remedi di diverse malatie*, que existe num manuscrito italiano do século XV, para onde foi traduzido do catalão, sendo já este uma tradução do latim de S. Frei Gil.

- *Pedro Hispano Portugallense* (c. 1205-1277), além de filósofo e papa, foi igualmente notável como médico. Parte da sua produção foi examinada, discutida criticamente, editada e traduzida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena da Rocha Pereira, nas *Obras Médicas de Pedro Hispano* (Coimbra, 1973). Nelas, são-lhe atribuídos um longo tratado prático conhecido pelo nome significativo de *Thesaurus Pauperum*, um pequeno tratado *De Regimine Sanitatis* e um outro também extenso, *Liber de Conseruanda Sanitate*. Em excelente artigo anterior havia já a Doutora M. H. da Rocha Pereira estudado os aspectos linguísticos do *Thesaurus Pauperum*.

A Pedro Hispano pertencem ainda: um *Liber de Oculo* e os seguintes comentários às obras do médico judeu Isaac Israel, que foi médico no Cairo e faleceu em 955: *Super librum dietarum uniuersalium Isaac; Apolineac artis monarchae Isaac (...)* *dietae particulares cum (...)* *Petri Hispani commentariis*; e o *Liber urinarum eiusdem cum (...)* *Petri Hispani commentariis*, editados em 1515 em Lião.

- *Valesco de Taranta*, depois de ter estudado em Lisboa, formou-se em Montpellier em 1387. Escreveu em 1401 o pequeno tratado *De Epidemia et Peste*, que anda no geral anexo à obra do seu mestre Jean de Tournemire. A sua fama levou-o a médico de Carlos VI de França (rei de 1380 a 1422). Publicou, em 1418, um grande tratado com o título de *Practica, alias Philonium*, isto é, o "amigo do farmacêutico e do cirurgião". Do ponto de vista literário, o que mais nos interessa são os prefácios, sobretudo do *Philonium*,

bastante longo e recheado de citações. Nós pensamos que Valesco de Taranta era médico e sacerdote.

## 9 - Controvérsia religiosa

- Entre os diversos géneros a que se dedicou D. *Frei Álvaro Pais* (c. 1275-1349) - e já considerámos o Direito e as Cartas - ocupa lugar de relevo a luta contra as heresias, os mouros e os judeus. O seu *Collyrium fidei aduersus haereses*, terminado em 1334, diz já que pretende purificar a vista do crente para saber rebater todos os erros. Mais claro ainda é o título, que com muito fundamento lhe pertence: *Contra Ismahelitas, Mauros et Arabes*.

- De *Frei João de Alcobça* temos um manuscrito longo, terminado em 1345, em que se contém um *Speculum Hebraeorum* (Alc. 239/ BNL 236). Um outro, com o mesmo título, é um resumo do anterior: Alc. 240/ BNL 270.

Como diz no prefácio, o Autor pretende que os judeus, assim como vêem num *espelho* as manchas do seu rosto, também aqui, através desta discussão, possam ver os seus erros e converter-se. Para validar os seus argumentos, cita só o Antigo Testamento, servindo-se abundantemente do hebraico. Serve-se também das deduções da razão. Entre as marcas de erudição está uma citação de Horácio, *Arte Poética*, 365.

- O estudo das *fontes latinas* e a comparação com a tradução portuguesa do fim do século XIV dão particular interesse à longa obra, de grande valor apologético, que é a *Corte Imperial*, conservada na Biblioteca Municipal do Porto, ms. 803, vindo de Santa Cruz de Coimbra. A edição de J. P. Sampaio (Bruno), de 1910, está a ser refeita e o texto criticamente estabelecido pelo Prof. Dr. J. M. da Cruz Pontes.

- *Frei André do Prado* nasceu em Évora por 1380 e faleceu, provavelmente em Lisboa, depois de 1450. Foi franciscano, trabalhou na Cúria Pontifícia e foi professor de teologia. Regressou a Portugal depois de 1434 e aqui, a pedido do Infante D. Henrique, ao qual tomou como interlocutor e a quem dedicou o tratado, escreveu, cerca de 1450, o *Horologium Fidei*, isto é, uma exposição para «acertar o ponto» sobre os artigos do Credo. O cariz apologético é evidente. A cada passo o autor se pergunta: «Que hereges impugnaram esta verdade?». Trata-se de um subgénero literário muito cultivado na Idade Média, que tem como maior expoente o *Horologium aeternae sapientiae* de Henrique de Suso (c. 1295-1366).

- *Frei Pedro da Cruz*, natural do Porto, onde nasceu por meados do século XV, abraçou ardentemente a causa dos franciscanos claustrais. Doutorou-se em Veneza, e aí foi professor de filosofia e teologia. Em 1491 ensinava em Milão. Participou nos capítulos gerais de 1488 e 1491. No ano seguinte, foi agregado ao convento franciscano de Génova. Na polémica que durante séculos envolveu os discípulos de S. Francisco, tomou parte activa escrevendo o *Praeclarissimum opus Antimiorica uocatum, aduersus Minoricam fratrum dictorum de obseruantia*, editado em 1505, pela primeira vez, em Veneza. Tomou abertamente o partido dos claustrais contra os observantes.

## 10 - Liturgia

A Liturgia é caracterizada por um grande conservadorismo de ritos e formulários e pelo hieratismo da linguagem. Além disso, sendo a liturgia usada, em Portugal, na Idade Média, em grande parte, de importação romana, toma-se difícil encontrar os elementos originais que foram introduzidos em Portugal.

Presumimos que serão de redacção feita em Portugal os textos originais compostos para as celebrações próprias das Dioceses e das Ordens Religiosas do nosso País.

Após estudo pormenorizado, elaborámos o seguinte *calendário de celebrações próprias de Portugal*.

- 10 ou 19-I - S. Gonçalo de Amarante;
- 22-I - S. Vicente, mártir;
- 18-II - S. Teotónio;
- 1-III - S. Rosendo;
- 13-III - Beatas Sancha e Mafalda;
- 20-III - S. Martinho de Dume;
- 12-IV - S. Vítor de Braga;
- 16-IV - S. Frutuoso de Braga;
- 22-IV - Santa Senhorinha de Basto;
- 1-V - S. Torcato e Companheiros;
- 12-V - Santa Joana, Princesa;
- 15 ou 21-V - S. Manços de Évora;
- 22-V - Trasladação de S. Tiago Interciso em Braga;
- 13-VI - Santo António de Lisboa;
- 17-VI - Santa Teresa de Lorvão;

26-VI - S. Paio, mártir;  
4 ou 8 - VII - Santa Isabel de Portugal;  
16-VII - S. Sisenando de Beja;  
3.º Domingo de Julho - Santo Anjo Custódio de Portugal;  
1-X - S. Veríssimo e Santas Máxima e Júlia de Lisboa;  
20-X - Santa Iria;  
27-X - S. Vicente e Santas Sabina e Cristeta;  
30-X - Vitória dos Cristãos no Salado;  
6-XI - Beato Nuno de Santa Maria;  
5-XII - S. Geraldo de Braga.

É bastante maior o número de Santos referidos pelo povo. Apesar de termos reduzido o Calendário, é certo que de boa parte dos Santos mencionados não se encontrará referência nos livros litúrgicos da Idade Média, tanto manuscritos, como nas edições do final do século XV e primeiros decénios do século XVI. A partir de meados do século XVI os livros litúrgicos impressos poderão conter já elementos renascentistas.

Os *livros litúrgicos* principais, onde se poderão encontrar elementos compostos na Idade Média, em Portugal, são *os Missais e os Breviários*. Para essa época deve ter-se em conta o próprio das Dioceses de Braga, Coimbra, Évora e Lisboa; e o próprio das Ordens Religiosas de Cister, Santa Cruz de Coimbra, Beneditinos, Carmelitas, Franciscanos, Dominicanos e da Capela Real.

Tratando-se aqui de prosa, dificilmente poderão ser encontrados outros textos além das orações, *leituras de Matinas e algumas rubricas*. Guardamos para outro capítulo os textos poéticos.

Outros livros litúrgicos, sobretudo em manuscrito ou de edição agora recente, poderão ser procurados: Santoral, Calendários, Ritual, Pontifical, Processional e livros de Horas. Os elementos de redacção em Portugal serão, porém, raros.

- Caso raríssimo é o *Cerimonial da sagração e da coroação dos reis*. Temos a descrição desta cerimónia realizada pelo Bispo de Coimbra, a 9 de Dezembro de 1185, nas pessoas de D. Sancho I e da rainha D. Aldonça, mas ignoramos qual o texto latino seguido.

Possuímos, porém, o cerimonial equivalente composto por *D. Raimundo Ébrard*, quando ainda cónego da Sé de Coimbra, a fim de servir na

coroação de Afonso XI de Castela (1318-1350). A parte litúrgica está toda em latim. Sendo provável que a base seja o *Ordo romanus ad benedicendum imperatorem*, D. Raimundo deve ter-lhe introduzido a ida do Rei ao altar de S. Tiago para ser armado cavaleiro e o texto latino da recepção e sagração da Rainha.

## II - Gramática

- *Frei Martinho de Alcoçaba*, mestre de noviços e mestre-escola dedicado à filosofia, escreveu, por 1410, uma *Ars Accentualis*. É uma espécie de prosódia, com normas de acentuação, baseando-se sobretudo nos gramáticos medievais recentes, principalmente em Alexandre de Villadei (1160-1250?). No *prólogo* revela-se um filósofo com tendências metafísicas, citando Aristóteles, Temos dele um outro pequeno escrito: *um diálogo* entre ele próprio e o seu «pai» espiritual, S. Bernardo.

- O espanhol João de Pastrana escreveu na primeira metade do século XV uma gramática que foi adoptada em Portugal: era o *Compendium Grammaticale* ou *Thesaurus Pauperum* ou *Speculum Puerorum* ou *Baculum Caecorum*. Em 1497 publicou, em Lisboa, Valentim Fernandes, resumos desta célebre gramática; Mestre António Martins resumiu a terceira parte sob o título de *Materiarum editio a Baculo Caecorum breuiter collecta*; e o seu discípulo Pedro Rombo resumiu a segunda parte de Pastrana sob a epígrafe *Materiarum editio ex Baculo Caecorum*. Cada uma destas duas partes vem precedida de uma carta latina de Pedro Rombo a Valentim Fernandes. Nestas cartas Pedro Rombo mostra ter já absorvido as novas ideias do Renascimento.

- São conhecidos outros gramáticos do período de transição por nós adoptado (1481-1521): Pedro de Alcáçova, João Fernandes, João Vasques e Estêvão Cavaleiro, este autor da *Noua Gramatices Ars* (1516). Estes autores têm sido considerados pelos estudiosos da introdução do Humanismo em Portugal.

## 12 - Epitáfios em prosa

No geral, os epitáfios em prosa são breves. Os elementos essenciais do género haviam-se fixado desde a Antiguidade: nome, filiação, idade, cargos, data do falecimento.

- Pela sua grandeza e estilo altamente encomiástico, mencionamos aqui o epitáfio de D. *João I*, na Batalha. Falecido a 14 de Agosto de 1433, foi tumulado na Capela do Fundador a 25 de Outubro. A inscrição de cerca de 2 m. x 1,20 m. tem 27 linhas de texto. Faz falta uma edição crítica do texto latino e uma boa tradução.

- D. *Filipa de Lencastre* faleceu em Odivelas a 18 de Julho de 1415. Em Outubro de 1416 foi trasladada para a capela-mor da Batalha. Só depois da morte de D. João I, foi o seu corpo transferido para o sepulcro próprio da Capela do Fundador, a 14 de Agosto de 1434. A inscrição sepulcral tem 21 linhas de texto latino e remete, no fim, para cerimonial igual ao descrito no epitáfio de D. João I. O estilo usa muitos superlativos, fazendo rasgado elogio moral da Rainha. O final é mesmo de índole litúrgica. Não há ainda hoje uma transcrição latina e tradução de confiança.

- Menos literário e muito menos extenso que os anteriores é o epitáfio, em prosa, que em 1520 foi gravado no então inaugurado túmulo monumental de D. *Afonso Henriques*, na capela-mor da igreja de Santa Cruz de Coimbra. A inscrição primitiva tinha oito linhas. O espaço epigráfico é de 2 m. x 0,52 m. Por 1935, a pretexto de corrigir os erros dos anos de reinado e dos anos de vida do Rei Conquistador, foi o primitivo epitáfio todo picado, e gravado o actual, em letra neogótica, que tem apenas seis linhas, conservando partes do texto primitivo, suprimindo alguns elementos e acrescentando outros. É preciso verificar bem qual dos textos os livros hoje nos apresentam.

## II - POESIA

Uma das grandes maravilhas da Literatura Latina Medieval, na Europa, é a abundância, variedade e beleza da sua poesia. Prodigaliza-se em poesia épica, didáctica, lírica, hinos, sequências e tropos de carácter religioso, tal como se excede em canções profanas, consagradas nos *Carmina Cantabrigensis* e nos *Carmina Burana*.

Em Portugal, embora em menor grau, também a poesia teve representação suficiente. Para sistematizar, vamos dividir as composições segundo as técnicas métricas e os géneros poéticos.

## 1 - Métrica quantitativa

Seguindo as normas da prosódia tradicional, baseada na alternância de sílabas longas e breves, anotamos as seguintes composições;

- *De Expugnatione Salaciae* é um poema sobre a Conquista de Alcácer do Sal, em 1217. O seu autor é o cruzado francês Suerius Gostuinus, que o dedica ao bispo de Lisboa, D. Soeiro Viegas. São 230 versos, constituídos por 115 dísticos elegíacos.

- As façanhas de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I contra os Mouros, são contadas num *Miraculum Sancti Iacobi*, em 5 dísticos elegíacos, em forma de *Lectio I*, a 3 de Outubro, festa dos milagres de S. Tiago, em Santiago de Compostela.

- *S. Tiago de Matosinhos*, coberto com as suas vieiras, é o tema de um *hino* composto por 12 quadras, à maneira dos dímeters iâmbicos.

- No meio dos manuscritos medievais encontram-se *dísticos elegíacos*, aqui e acolá isolados, que são um voto, por vezes risonho, do copista. É o caso de uma *prece do copista* de um livro do Tombo da freguesia de Areias, Santo Tirso, em que recorda que «o vinho sustenta o corpo», mas pede logo orações por si e pelos seus.

- Em diversos locais gravam-se pequenos *epigramas*, como na Livraria de Alcobaça.

- O jurista João de Deus (c. 1189-1267), no final dos seus livros, usa com frequência composições de curta extensão, em *hexâmetros dactílicos*, sendo nestes frequente (mas nem sempre) a rima emparelhada.

- Mais característico ainda é o *explicit*, em 4 *hexâmetros leoninos*, com que fecha o manuscrito dos Sermões de Frei Paio de Coimbra; e também, quase perdidos no meio dos Quatro Livros de Milagres de S. Rosendo, os 3 *hexâmetros leoninos* que caracterizam o final do livro III.

Não faltarão outras composições em métrica quantitativa, dispersas pelos manuscritos medievais e pelos edifícios religiosos. Pela sua importância, vamos dar especial relevo aos epitáfios e aos hinos.

## 2 - Epitáfios em verso

A - Registamos em primeiro lugar, por ordem cronológica, os epitáfios em hexâmetros ou em dísticos elegíacos, puramente quantitativos.

- Na *Alia Sanctae Seniorinae Vita* encontra-se, a terminar, um epitáfio, constituído por 8 hexâmetros dactílicos, composto, em 1130, pelo arcebispo de Braga, D. Paio.

- D. Cosme, monge de S. Vicente de Fora, compôs, em honra dos *Cavaleiros Alemães* que morreram na conquista de Lisboa, em 1147, um epitáfio em 2 dísticos elegíacos.

- O mesmo D. Cosme, em louvor do *Cavaleiro Alemão Henrique*, tido como Santo, compôs para o seu especial sepulcro um outro epitáfio de 6 dísticos elegíacos.

- D. *Teresa Afonso*, segunda mulher de Egas Moniz, faleceu em Salzedas, em 1171, onde foi gravado o seu epitáfio, constituído por 3 octonários trocaicos catalécticos seguidos de 3 dísticos elegíacos.

- No mosteiro de Santo Tirso ainda se encontra a inscrição sepulcral das irmãs *Aldara Vasques e Urraca Ermiges*, a última das quais faleceu em 1248. O poema é constituído por 13 versos hexâmetros dactílicos (e não leoninos), dos quais apenas estão imperfeitos, no fim, os dois que marcam a data da morte de cada uma das irmãs.

- Faleceu em 1336 a *Rainha Santa Isabel*. No seu túmulo do convento antigo, depois levado para Santa Clara-a-Nova em Coimbra, está gravado um epitáfio, em 3 dísticos elegíacos. Se bem que alguns epitáfios anteriores tenham boa qualidade literária, este apresenta no final do quinto verso uma expressão de clara inspiração clássica: *diua haec selecta Tonaute*: esta *santa* eleita pelo *Altíssimo*, equivalente ao epíteto de Júpiter, o *Trovejante*.

- No túmulo de *D. Nuno Álvares Pereira*, falecido em 1431, no convento do Carmo, em Lisboa, encontra-se gravado um epitáfio constituído por 6 hexâmetros. Os elogios vão mais para o Santo que para o guerreiro.

- Pela sua ligação à família de Avis, mencionemos ainda o epitáfio do *Cardeal D. Jaime de Portugal*, filho do Infante D. Pedro, e que morreu, com 26 anos de idade, em Florença, a 27 de Agosto de 1459. A inscrição métrica é da autoria do humanista italiano Bartolomeu Platina. São apenas dois dísticos elegíacos. O sepulcro é todo ele uma obra de arte, «trabalho precioso da renascença toscana», colocado na igreja fronteira à cidade, em S. Miniato al Monte.

B - Há uma outra técnica, que encontramos mais raramente: os hexâmetros ou os dísticos são quantitativos, mas estão munidos de rima só no final dos versos.



- *D. Afonso de Portugal*, filho de D. Afonso Henriques, foi Mestre da Ordem Militar do Hospital e foi sepultado em S. João de Santarém em 1207. O seu epitáfio consta apenas de dois hexâmetros que rimam entre si: *plora / ora*.

- *D. João I*, que faleceu em 1433, tem na Batalha, além da grande inscrição encomiástica em prosa, um outro pequeno epitáfio, colocado à cabeceira do mausoléu, e que é constituído por 5 hexâmetros dactílicos. O 2.º e 3.º versos rimam entre si: *regum / legum*; tal como têm rima emparelhada o 4.º e o 5.º: *fregit / subegit*. Apesar de breve, a inscrição louva as qualidades morais do Rei e menciona a sua vitória sobre Castela e a Conquista de Ceuta.

C - *Epitáfio Medieval de D. Afonso Henriques* - Tem, do ponto de vista artístico, um especial interesse o epitáfio primitivo de D. Afonso Henriques, falecido em 1185. Junto ao seu primeiro sepulcro, ao fundo da igreja antiga de Santa Cruz de Coimbra, foi colocado um epitáfio em verso. Consta de 6 dísticos elegíacos. A prosódia e métrica são clássicas. Porém, no 5.º, 7.º e 8.º versos, o final do primeiro hemistíquio rima com o fim do verso: 5 - *Christi / isti*; 7 - *fastus / pastus*; 8 - *inopes / opes*. Como diremos a seguir, esta rima interna dá aos versos o nome de hexâmetros leoninos. O poeta esmerou-se ainda mais; -recorreu à figura etimológica nos versos 9 e 10: *tutor / tutus* e *clypeo / clypeata*. Não tendo rima no final dos versos, nem sendo leoninos todos os versos, este epitáfio ocupa, na nossa exposição, um lugar especial.

Escrever latim em métrica clássica, acrescentar-lhe por duas vezes a rima e utilizar a figura etimológica são artifícios bem reveladores do alto domínio do latim, em Santa Cruz de Coimbra, durante a Idade Média. Esta inscrição métrica foi também transferida para a capela-mor da igreja, em 1520, quando da inauguração do mausoléu, e mais tarde retirada.

#### D - *Epitáfios em versos leoninos*

- Dá-se o nome de *versos leoninos* ou *leonianos* àqueles hexâmetros ou «pentâmetros» que, sem prescindirem da prosódia clássica, fazem rimar o meio do verso com o seu final. O nome dado a esta técnica é antigo. Uns fazem-no ascender ao tempo do Papa Leão Magno (440-461); outros dizem que a designação deriva de um poeta de S. Vítor de Paris, do século XII, que utilizou muito este tipo de verso. O seu nome era, segundo uns, Leão (donde «leonino»); segundo outros, Leónio (de que deriva antes «leoniano»). O certo

é que o artifício rimático é antigo, caiu bem e espalhou-se por toda a Europa. O nome mais vulgarizado é «versos leoninos».

- Os versos leoninos usavam-se em diversos tipos de composição. Por exemplo, em *Alcobaça*, quando, em 1223, foi inaugurada a nova igreja do mosteiro, foi inscrito numa parede um epigrama em 5 dísticos elegíacos, todos leoninos, em louvor da Padroeira. O primeiro dizia: *Nos trahe, uirgo pia, trahe nos, rogo, uirgo Maria*.

- Todavia, um dos subgéneros literários em que os versos leoninos são mais utilizados, verifica-se serem os *epitáfios*. O uso desta técnica já era conhecido no Ocidente Hispânico antes da independência de Portugal. Vamos, porém, registar aqui apenas os epitáfios em versos leoninos de que temos conhecimento, descrevendo-os sumariamente e fazendo no fim uma remissão bibliográfica geral. Atendendo a que o verso latino exige perícia no domínio da língua, a persistência desta arte e a sua dispersão por vastas áreas do território nacional mostram como o Latim sempre teve, entre nós, cultores de bom nível. Data, personagem, local e versos dos epitáfios:

- 1155 - Rodrigo, Santa Justa, Coimbra, 8 versos;

- 1198 - Pedro Garcia, mosteiro de Landim, V. N. de Famalicão: um só verso, o estereotipado - *Vir bonus et rectus, iacet hic sub marmore tectus*;

- meados do séc. XIII - Madre Justa Rabaldes da Cruz, mosteiro de Chelas, Lisboa, 4 versos;

- 1236 - Mendo Afonso, igreja da Alcáçova;

- 1245 - D. Rodrigo Sanches, mosteiro de Grijó, 15 versos;

- 1256 - Santa Mafalda, mosteiro de Arouca, 20 versos;

- 1268 - D. Egas Fafes, Sé de Coimbra, 10 versos;

- 1269 - D. Constança Sanches, Santa Cruz, Coimbra, 12 versos;

- 1282 - D. Durando Pais, Sé de Évora;

- 1285 - Madre Elvira Lopes, mosteiro de Celas, Coimbra, 14 versos;

- 1290 - João Pires Brochado, S. Francisco, Santarém, 24 versos;

- 1291 - Pedro Durães, Sé do Porto, 6 versos;

- 1315 - Madre Teresa Raimondo, mosteiro de Celas, Coimbra, 10 versos;

- 1319 - Pedro, mestre-escola, Sé de Coimbra, 10 versos;

- 1336 - Frei Estêvão Vasques Pimentel, mosteiro de Leça do Balio, 26 versos.

Estamos certos de que, percorrendo as Crónicas das Ordens Religiosas e as descrições das igrejas, mais alguns epitáfios em verso se poderão encontrar.

- Nota sobre Hinos em métrica quantitativa

Quem estuda a poesia em métrica clássica na Idade Média, não pode deixar de investigar os *hinos litúrgicos*. Em Portugal, as fontes de consulta de mais confiança são, necessariamente, os Breviários. Ora querendo confinarmos à Idade Média, só poderemos ter como seguramente medievais (se não pertencerem à Antiguidade Cristã) os hinos que se encontrarem em Breviários anteriores à introdução do humanismo renascentista na Liturgia cristã. No caso dos Breviários impressos em Portugal (os únicos que trazem solenidades próprias do nosso território) só poderemos, por isso, utilizar, com segurança, dois Breviários:

o *Breviarium Bracharense*, Braga, 1494;

e o *Breviarium secundum Ordinem Diui Augustini*, 1514, que, embora não diga o local da edição, é de Santa Cruz de Coimbra.

Examinando atentamente estes dois exemplares, verifica-se que não há hinos quantitativos próprios dos Santos do Calendário Português. S. Teotónio, o primeiro Prior de Santa Cruz, nem sequer vem no Santoral! Se ele era comemorado (e não hesitamos em pensar que sim), o Ofício que se cantava era o do Comum dos Confessores. Aliás, é o que, para nós estranhamente, acontece com os grandes Bispos de Braga, S. Martinho de Dume e S. Frutuoso. O seu Breviário remete simplesmente para o Comum dos Confessores Pontífices.

Temos, é certo, em todos os Breviários, muitos hinos quantitativos, sobretudo estrofes em dímetros iâmbicos (hinos «ambrosianos») e estrofes sáficas, mas todos eles são importados do *Breviarium Romanum*, há muitos séculos adoptado em Portugal. Vêm no Ordinário, no Próprio da Semana e do Tempo e no Santoral.

Quando estudamos o Breviário de Braga de 1549; o de Santa Cruz de 1531 e 1583; o de Évora de 1528, 1536 e 1548; o de Lisboa de 1536 e 1598; o da Ordem de Cister de 1544 e 1568; e o de Coimbra de 1555 - então encontramos já vários hinos quantitativos, mas tudo nos leva a crer que são de construção poética recente. Não podem, pois, fazer parte do nosso estudo.

Citamos apenas um exemplo curioso. O P.<sup>o</sup> Doutor Mário Martins estudou *A legenda dos santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia do cód. C V/1-23-d, da Biblioteca de Évora*. Segundo este grande medievalista, a versão latina e portuguesa que ele nos transmite é do final do século XIV. Acontece, porém, que junto à *legenda* vem um hino, original, em 13 estrofes asclepiádeias (III esquema) que, todavia, não pertence à legenda medieval. É em letra

humanística «da segunda metade de quinhentos». Ignoramos quem é o seu autor. Após o Renascimento, em épocas diferentes, novos hinos, em estilo clássico, foram introduzidos por toda a Europa.

### 3 - Métrica intensiva

A par da prosódia latina baseada na quantidade métrica das sílabas, uma nova técnica rítmica foi introduzida, desde os séculos IV e V da nossa era. Em vez das sílabas longas, valorizaram-se as tónicas; e em lugar das breves começaram a contar-se as átonas. Assim passou a dominar, no verso, o acento de intensidade. Criaram-se novas regras para a métrica intensiva, a qual vigorou na poesia latina durante toda a Idade Média e veio a servir de modelo à métrica das línguas românicas.

Em vez de poesia ou métrica intensiva, usa-se muitas vezes, até em bons autores, a designação de *poesia ou métrica rítmica*. E algumas destas novas composições chegam a ser denominadas «prosas»! Em nosso entender, estas designações são inexactas e prestam-se a confusões. De facto, a poesia e métrica clássicas baseiam-se num *ritmo quantitativo* - alternância procurada de longas e breves; e a métrica nova, medieval e moderna, tem como suporte o número de sílabas, procurando um *ritmo intensivo*, baseado numa rebuscada alternância de sílabas tónicas e átonas (acentuadas e não acentuadas), muitas vezes acompanhadas por outro elemento de bom efeito eufónico - a *rima*. Ser «rítmica» é, pois, comum a ambos!

A poesia latina medieval em métrica intensiva atingiu a maior riqueza e variedade em ritmos e rimas. Estendeu-se tanto à poesia sacra como profana.

São célebres os cantos dos goliardos, representados nas colecções dos *Carmina Cantabrigensia* e nos *Carmina Burana*; como não há quem ignore a beleza de novos hinos, sequências, tropos e ofícios rimados.

*Em Portugal* também foi conhecida a nova técnica poética. Devemos reconhecer, no entanto, que a nossa produção original foi escassa. Antes devemos dizer que a maior parte das composições adoptadas e copiadas nos nossos manuscritos foram importadas de Além-Pirenéus.

A - *Hinos litúrgicos* - Como observámos ao concluir o percurso pela poesia quantitativa em Portugal, os hinos cantados nestes ritmos clássicos eram, entre nós, todos de proveniência romana. E mesmo para os Santos originários do nosso território, só encontramos nos Breviários de Braga

(1494) e de Santa Cruz de Coimbra (1514) os seguintes *hinos* em *métrica intensiva*:

1.<sup>o</sup> *A S. Geraldo*, arcebispo de Braga, cuja festa se celebra a 5 de Dezembro. Para *Vésperas; Adest dies laetitiae*. São 4 quadras, com versos de 8 sílabas, acentuadas na 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> sílaba. Cada quadra é monorrima. Para *Matinas; Geraldus gemma praesulum*. São também 4 quadras, com versos de 8 sílabas e acentos na 4.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> sílabas, mas com rimas emparelhadas no 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> versos, e no 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> versos. Para *Laudes: Odor Geraldi tumulo*. São 4 quadras, incluindo sempre a doxologia, com o mesmo esquema métrico e rimático de Matinas.

2.<sup>o</sup> - *A Santa Iria*, virgem e mártir, celebrada a 20 de Outubro. Para *Vésperas: Collaudantes ueneremur / Herene solempnia*. São 5 sextilhas com versos alternadamente de 8 e 7 sílabas. Os versos ímpares rimam entre si, tal como os pares têm rimas próprias. Os versos de 8 sílabas são acentuados na 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> sílaba e na 7.<sup>a</sup>; os de 7 sílabas acentuados na 3.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> sílaba. Para *Matinas: Collaudantes studeamus / Herenam cum cantibus*. São também 5 sextilhas, obedecendo o número de sílabas, a acentuação e as rimas ao esquema anterior. Para *Laudes* (e também *Completas*, em Santa Cruz): *In hac die recolatur / Virgo cum laetitia*. Número de estrofes, versos e rimas tudo como nos hinos precedentes.

3.<sup>o</sup> - *Aos Santos Mártires de Marrocos*. A festa dos 5 protomártires franciscanos, sacrificados em Marrocos, celebrava-se em Santa Cruz de Coimbra a 16 de Janeiro, pois aí se conservam ainda hoje as suas relíquias. Os hinos são todos do Comum de muitos mártires, excepto um hino original para *Completas: Romana gaude natio*. São 6 quadras com versos de 8 sílabas, com acentos na 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> sílaba e esquema rimático a b a' b'.

4.<sup>o</sup> - *Ao Santo Anjo Custódio de Portugal*. Foi o rei D. Manuel quem instituiu esta festa, para ser celebrada no 3.<sup>o</sup> Domingo do mês de Julho de cada ano. Os hinos eram: Para *Vésperas: Pange lingua gloriosi / Proelium certaminis*. São 6 sextilhas com versos de 8 e 7 sílabas, alternadamente. Os versos de 8 sílabas têm os acentos na 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> - sílabas; e os de 7, na 3.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> sílabas. O esquema rimático é a b a' b' a" b". Exige, portanto, maior constância de rimas. Para *Matinas: Sacris solemnibus / Iuncta sint gaudia*. São 7 estrofes de 7 versos cada uma. Os versos são todos de 6 sílabas com acentos na 4.<sup>a</sup> sílaba apenas. Os esquemas rimáticos são variáveis: I estrofe - a b a' b' b" b" b"; II estrofe - a b a' b' a" b" a"; III estrofe - a b a' b' b" a" b"; IV estrofe - a b

a' b' c b" c'; V estrofe - a b a' b' b" a" b"; VI estrofe - a b a' b' a" b" a"; VII estrofe - a b a' b' a" b" a". Para *Laudes: Verbum supernum prodiens*. São 6 quadras com versos todos de 8 sílabas com acentos na 4.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> sílaba. Os esquemas rimáticos não são uniformes: I, II e III estrofes - a a' b b'; IV e V estrofes - a a' a" a"; VI estrofe - a b a' b'. No Breviário Cisterciense de 1544 os hinos são os mesmos, mas colocados em Horas diferentes. Observamos ainda que estes hinos, sendo exclusivos do Anjo Custódio do Reino, aparecem nos Breviários de Outros Reinos... Não podemos, por isso, garantir que estes três hinos tivessem sido produzidos em Portugal.

B - *Sequências* - A «sequência» é um outro tipo de composição muito usado na Idade Média, sobretudo nos séculos XIII, XIV e XV, para ser cantada após a leitura da Epístola, a que dava «sequência», onde então se usava o Gradual ou o Tracto ou (após o Vaticano II) o Salmo Responsorial. O grande mestre foi Jacopone da Todi; mas muitos outros cultivaram o género.

Nos Missais de Santa Cruz de Coimbra mantêm-se constantes as seguintes *sequências*: a 14 de Janeiro, ao Santíssimo Nome de Jesus; a 4 de Agosto, a S. Domingos; a 28 de Agosto, a Santo Agostinho; a 4 de Outubro, a S. Francisco. Assinalamos estas sequências pela sua raridade em Portugal. Atendendo, porém, a que estas festas se celebravam noutros países e no próprio rito romano, nada nos garante que elas sejam originárias de Portugal.

O género é tão belo que não há quem não admire o *Veni Sancte Spiritus*, *Lauda Sion Salvatorem*, *Dies irae dies illa*, *Stabat mater dolorosa* e uma das mais antigas, *Victimae paschali laudes* - todas importadas do *Missale Romanum*.

Só um estudo muito extenso e comparativo dos Missais dos diversos países e ordens religiosas nos poderia levar mais longe na identificação da originalidade deste género literário, um dos mais ricos e belos da poesia medieval.

C - *Ofícios rimados* - Uma outra maravilha da arte medieval é o cultivo da poesia ao longo de espaços intermitentes. O *ofício da Imaculada Conceição* do Breviário de Braga de 1494, que se encontra pouco após a abertura do Santoral, a *8 de Dezembro*, é um prodígio de arte poética. São em verso de ritmo intensivo e com rima: nas *I Vésperas*, as *5 antífonas*, o *responsório* da Capítula, e a *antífona ad Magnificat*; igualmente, em *Matinas*, as *9 antífonas* dos 3 nocturnos e os *9 responsórios* depois das 9 lições; em *Laudes*, as *5 antífonas* têm, cada uma, 2 versos de 15 sílabas e 2 de 8 sílabas, bem como é em

5 versos desiguais a *antífona ad Benedictus*, tal como o *responsório* para a Capítula, este em dois versos de 14 sílabas de rima emparelhada; e nas *II Vésperas* é própria a *antífona ad Magnificat*, com 6 rimas emparelhadas de versos de 16 sílabas, de 10 sílabas e de 8 sílabas.

Parece nunca ter sido notado que o *ofício de Santa Senhorinha*, a 22 de Abril, no Breviário de Braga de 1494, também é, em parte, rimado. São em prosa rimada, por vezes com membros com igual número de sílabas (semelhantes a versos) a segunda parte dos *responsórios* de *Matinas* após a 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> lições. Em *Laudes* é em rima emparelhada (de versos desiguais) só a 1.<sup>a</sup> *antífona*. Em *Vésperas* é em prosa rimada a *antífona ad Magnificat*, constituída por 10 membros, dos quais rimam entre si com o 2.<sup>o</sup> (*Virgo beata Senorina*), o 4.<sup>o</sup>, 6.<sup>o</sup> e 10.<sup>o</sup>.

D - *Livros de Horas* - É certo que a maior parte dos nossos «Livros de Horas» dos séculos XV e XVI ou foram importados do estrangeiro, sobretudo da Flandres, ou foram copiados de modelos exteriores. Todavia, nas cópias, podia intervir a inspiração do copista. Repare-se numa invocação a S. Jorge, «protector de Portugal» que se encontra no *Livro de Horas de El-Rei D. Duarte* e que principia assim:

*Miles Christi gloriose,  
Laus, spes, tutor Portugalíae.*

e continua até 8 versos, de rimas alternadas.

E - *Outras poesias de métrica intensiva* - Em vários manuscritos medievais portugueses encontram-se outras poesias de ritmo intensivo. Não podemos, porém, provar que são de autores portugueses. A sua frequência é maior nos manuscritos de Alcobça. O Prof. P.<sup>o</sup> Aires Augusto Nascimento publicou *Um «Mariale» Alcobacense* com 22 poemas, dos quais de 10 foi identificado o Autor e 5 foram referenciados noutras colecções, embora de autor desconhecido. Conclui-se, pois, pela dificuldade em atribuir estas composições, mesmo quando soltas, a poetas portugueses.

F - *Poesias latinas de Frei João Claro* - Foi este religioso noviço em Alcobça no final do século XV e, depois de ter cursado e ensinado em Paris, veio a morrer por 1520. Entre as suas muitas poesias encontram-se fragmen-

tos, por vezes longos, em latim rimado. Assinalamos aqui uma paráfrase do *Pater Noster* em 45 versos latinos. Muito frequentes são também as suas composições latinas em honra da Virgem Maria. Juntando 4 pequenas *poesias marianas* contámos 31 versos. Temos assim, embora tardio, o único poeta português, perfeitamente identificado, que escreveu poesias latinas em métrica intensiva.

### MAGNÍFICO REITOR

A exposição acabada de esboçar deixou entrever muitos milhares de documentos notariais e mais de uma centena de obras literárias escritas em Latim, só na Idade Média e só em Portugal. Em 1973, o Prof. Dr. Cónego Avelino de Jesus da Costa, fundamentando a necessidade do Latim para o estudo da História de Portugal, citou colecções, apêndices documentais, inscrições, tratados, etc. e contou, então, cerca de 30.000 documentos em Latim com que se depara o historiador português.

Permita-se-me citar apenas mais o historiador da cultura, Prof. Dr. Luís Filipe Barreto: «A ausência de uma aprendizagem (mesmo que de iniciação) da língua latina e da cultura clássica nos e para os cursos de História é um absurdo pedagógico que está a matar a mera possibilidade de existência de investigação em História Cultural Portuguesa».

O que da História disseram estes dois professores aplicaram-no já também, *a pari*, para a Filosofia o Doutor Cruz Pontes, para as Línguas Românicas o Doutor Manuel de Paiva Boléo, e para o Direito o Doutor Guilherme Braga da Cruz.

Toda e qualquer reforma do ensino que venha a ser feita, longe de diminuir a já escassa docência das línguas clássicas no Ensino Secundário e Superior, deverá antes favorecê-la e ampliá-la. Aliás, o Latim não é necessário só para quem cursa estudos superiores. Em Congresso recente, dizia Philippe Rossillon, secretário-geral da União Latina: «Um pouco de Latim faria bem a esta sociedade de comunicação a-gramatical que se arrisca, por fim, a perder o instrumento do pensamento organizado». Não conheço ninguém que se tenha declarado arrependido de ter estudado Latim!

E como o Latim e o estudo da documentação latina da Idade Média em Portugal têm uma forte tradição entre nós! Bem se pode dizer que nos últimos decénios existiu uma verdadeira Escola de Coimbra de Estudos Medie-



vais. Bastará recordar, para o Direito Medieval, os Professores Manuel Paulo Merêa, Luís Cabral de Moncada, Guilherme Braga da Cruz, Mário Júlio de Almeida e Costa e Sebastião da Costa Cruz. E para a Faculdade de Letras - na História Medieval, os Professores António Ribeiro de Vasconcelos, Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, Joaquim de Carvalho, Damião Peres, Pierre David, Torcato de Sousa Soares, Avelino de Jesus da Costa e Salvador Dias Arnaut; na Literatura Portuguesa, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Joaquim Mendes dos Remédios e Álvaro Júlio da Costa Pimpão; na Arte, Reis Santos e Nogueira Gonçalves; na Filosofia, José Maria da Cruz Pontes; no Latim Medieval, Maria Helena da Rocha Pereira. Limitei-me a mencionar alguns dos que já nos deixaram ou se encontram jubilados.

Grande responsabilidade recai, pois, sobre a actual geração de professores e assistentes que se dedicam à Idade Média, em qualquer das suas vertentes. Conviria - é tempo! - juntar esforços, cultivar a interdisciplinaridade e criar um *Instituto de Estudos Medievais*.

Fixemos, finalmente, apenas o Latim. Quem irá reler, editar criticamente, traduzir e interpretar os milhares dos nossos documentos notariais, nomeadamente os do *Chartularium Vniuersitatis Portugalensis*? Quem irá reeditar as obras literárias, tirar dos manuscritos tantas que nunca viram a luz da imprensa e situá-las no âmbito da arte, da estilística e da cultura do seu tempo? Não basta que haja uma disciplina de Latim Medieval que, embora de opção para toda a Universidade, não atinge mais que um pequeno número de alunos em cada ano. Impõe-se criar ambiente e meios de trabalho para os Mestrados e Doutoramentos em Latim Medieval. Sente-se a necessidade de um *Instituto de Latim Medieval*.

Concluimos pois: *Viuant, crescant, floreat studia Latinitatis in hac alma nostra matre Vniuersitate Conimbrigensi!*

(Página deixada propositadamente em branco)

SESSENTA ANOS DE ACTIVIDADE CIENTÍFICA,  
PEDAGÓGICA E CULTURAL

(Página deixada propositadamente em branco)

1944

10 de Maio

SESSÃO INAUGURAL DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Sob a presidência do Reitor da Universidade de Coimbra, Doutor Maximino Correia, efectuou-se a 10 de Maio de 1944, pelas 16 horas, no edifício da Faculdade de Letras, o acto público de inauguração do Instituto de Estudos Clássicos, um dos mais novos centros culturais integrados naquele estabelecimento de ensino superior.

Estando presentes o Director da Faculdade, Doutor A. de Amorim Girão, o Governador Civil do Distrito e o Presidente da Câmara Municipal, professores universitários, muitos estudantes e ainda outras entidades, usaram da palavra: o Doutor Francisco Rebelo Gonçalves, que falou da organização do Instituto de Estudos Clássicos e da sua actividade científica; Victor Buescu (Universidade de Bucareste), que, tendo sido especialmente convidado para fazer a conferência inaugural, dissertou sobre “Os estudos clássicos na Roménia”; e o Reitor da Universidade de Coimbra, que fez considerações várias sobre o novo instituto.

---

187

1947

LANÇAMENTO DA REVISTA *HUMANITAS*

«O aparecimento desta revista do Instituto de Estudos Clássicos é a pública demonstração da actividade científica e cultural que tem vindo a

desenvolver-se no mais recente dos institutos de investigação e ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Revista fundamentalmente consagrada ao estudo do grego e do latim antigos, *Humanitas* dedicará também especial atenção a quanto ateste a sobrevivência ou perdurabilidade dessas duas línguas e respectivas literaturas: interessar-lhe-á a história do humanismo, sobretudo do humanismo português, a influência das literaturas clássicas nas modernas, especialmente na portuguesa, — tudo enfim que, remontando à antiguidade greco-latina, possa dizer respeito mais de perto ao nosso país.

\*

Com tal programa, creio que ninguém deixará de reconhecer a necessidade e a oportunidade desta publicação. Ninguém ignora, por certo, quanto as humanidades clássicas podem e devem constituir a base de toda a educação verdadeiramente digna deste nome. O estudo do grego e do latim e a convivência espiritual com os autores clássicos têm para a juventude um alto valor formativo, dando uma disciplina intelectual, um sentido de equilíbrio e de bom gosto absolutamente necessários às gerações que sobem para a vida.

A cultura das letras clássicas tem um papel insubstituível a desempenhar na formação integral do homem, mesmo dos homens que seguem carreiras científicas e se dedicam às profissões técnicas; e é pena que esta verdade tenha sido muitas vezes esquecida nos nossos programas oficiais.

Muito se tem discutido, é certo, recentemente, sobre o estudo do latim, mas creio que não pode haver duas opiniões acerca das vantagens desse estudo nas nossas escolas. Sem ele, não é possível dar aos estudantes o sentido exacto das palavras, a maneira racional de exprimir ideias, a noção da análise e da síntese, a capacidade de pôr em equação os problemas.

Depois, se importa acima de tudo cultivar, valorizar e defender o património de uma pátria, que é a língua, nunca a necessidade de conhecer o idioma do Lácio se imporá mais imperativamente do que nos países de língua portuguesa,

...na qual quando imagina,

Com pouca corrupção crê que é a latina,

como disse o Épico.

E não virá fora de propósito citar aqui, por esse motivo, a opinião do sempre lembrado Mestre da Faculdade de Letras de Coimbra que prestou à

cultura portuguesa o alto serviço da tradução das cartas do grande humanista Nicolau Clenardo, quando lamentava que na nossa terra se viesse desaprendendo o latim, sem o qual (como Rabelais afirmava do grego) ninguém se pode dizer sábio.

\*

Há ainda outra circunstância que deve tornar singularmente bem-vinda para nós a publicação desta nova revista.

Por meio dela e das outras actividades do Instituto de Estudos Clássicos de que ela será mensageira, prolonga a Alma Mater conimbrigense a tradição humanística que deu retumbância ao seu nome e constitui um dos seus melhores títulos de glória.

A essa tradição se referiu largamente o Doutor Rebelo Gonçalves, na oração de sapiência que há quatro anos proferiu em claustro pleno da corporação universitária, onde tão notavelmente dissertou sobre “As humanidades clássicas e a Universidade de Coimbra”. E muito me apraz deixar aqui uma palavra de agradecimento e de estímulo ao incansável professor, que tomou desde então sobre os seus ombros a tarefa de organizar o Instituto de Estudos Clássicos e toma também agora a da publicação da sua revista.

\*

E só mais uma anotação para pôr fim a estas singelas palavras.

Procurando que se acerte o nosso passo pelo de outras nações mais cultas, *Humanitas* vem resgatar Portugal desta bem pouco invejável singularidade: ser o único país latino da Europa onde não existia uma revista de filologia clássica.

É, com efeito, a primeira publicação do género que surge entre nós. Apresenta-se com modéstia, sem alarde, e sem pretensão de fazer obra que possa competir, por ora, com o que se faz no estrangeiro. Mas, porque não falta ao seu organizador a consciência das responsabilidades que assume, não resisto à tentação de deixar aqui, como penhor do melhor êxito na empresa iniciada, a consabida frase do herói antigo: “*Alca iacta est!*”»

189

[Doutor A. de Amorim Girão, Professor de Geografia e então Director da Faculdade de Letras]

1949

Conferências

24 de Fevereiro: Jean Bayet (Universidade da Sorbonne): “Dificuldades de uma literatura nacional em Roma no séc. I antes da nossa Era”.

1952

Sessões culturais

Em virtude de diversas circunstâncias, nas quais avulta a mudança de edifício, o Instituto de Estudos Clássicos teve uma actividade menor do que aquela que desejaria exercer. Ainda assim, conseguiu-se levar a efeito uma sessão que, embora se destinasse em especial aos alunos de Filologia Clássica, atraiu também os de outras secções, e ainda de outras Faculdades. Pretende-se com este género de aulas livres dar uma maior difusão aos conhecimentos da antiguidade clássica, através de exposições orais acompanhadas, sempre que possível, de imagens. Esta primeira lição foi apresentada pela Dra. Maria Helena da Rocha Pereira, a 15 de Maio: “Alguns Aspectos da Tragédia Grega”.

1953

Sessões culturais

O Instituto de Estudos Clássicos continuou a promover sessões culturais destinadas a focar aspectos vários da civilização grega e latina. Estiveram a cargo da Dra. Maria Helena da Rocha Pereira. 19 de Março: “A Roma antiga na Roma de hoje”; 10 de Maio: “A olaria grega: a sua importância artística e documental”.

---

190

1954

Sessões culturais

O Instituto de Estudos Clássicos realizou mais três sessões, apresentadas pela Dra. Maria Helena da Rocha Pereira, que constituíram uma espécie de ciclo de palestras sobre os monumentos da Grécia antiga. 4 de Fevereiro: “A antiga Atenas”; 1 de Abril: “Lugares sagrados da Grécia antiga: Epidauro, Elêusis, Delfos”; 10 de Maio: “De Creta a Micenas”.



### Cursos livres

Durante o mês de Agosto, foi promovido um **Curso Livre sobre Filologia Clássica**, integrado no Curso de Actualização de Conhecimentos (destinado a professores dos liceus e colégios e funcionando paralelamente ao Curso de Férias da Faculdade de Letras). O Doutor Américo da Costa Ramalho iniciou a abertura do ciclo de aulas, proferindo quatro lições sobre teatro grego, que versaram os seguintes temas: “Novas descobertas sobre a tragédia grega”; “Da actualidade do teatro grego antigo”; “O vocabulário da comédia aristofânica”; “A evolução da comédia ática”.

### Visitas de estudo

Sob orientação do Doutor Américo da Costa Ramalho, os alunos do curso de Língua e Literatura Latina I efectuaram uma visita de estudo à estação arqueológica romana de Conimbriga. Os visitantes foram acompanhados pelo Dr. João Manuel Bairrão Oleiro (professor da cadeira de Arqueologia).

1955

### Sessões culturais

Dra. Maria Helena da Rocha Pereira: “Aspectos materiais do teatro grego”.

1957

### CRIAÇÃO DA “ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS”

Por iniciativa dos Professores e Assistentes de Filologia Clássica da Faculdade de Letras, fundou-se a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, cujos estatutos foram aprovados por despacho ministerial a 16 de Maio. Na sua primeira direcção participaram os seguintes membros:

Presidente honorário - Doutor Carlos Simões Ventura

Presidente efectivo - Doutor Américo da Costa Ramalho

Vice-Presidente - Doutora Maria Helena da Rocha Pereira

Secretário - Doutor Walter de Sousa Medeiros

Tesoureiro - Dr. António Matos Zagalo

Vogais: Dr. Joaquim Simão Portugal, Dr. Manuel Paulo e Dr.<sup>ª</sup> Maria Alice Nobre Gouveia.

O primeiro ciclo de conferências iniciou-se em 15 de Novembro de 1957, com a leitura de breves apontamentos sobre a actualidade dos Estudos Clássicos - “O ensino do Grego e do Latim nos currículos liceais” pela Dr.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Flor de Oliveira. Com esta reflexão, a APEC assumia de raiz uma das suas prioridades: a defesa intransigente das línguas clássicas e da cultura que veiculam.

Desde então, reuniu num projecto comum professores e estudantes dispersos por todo o país e provenientes dos diversos graus de ensino e de várias áreas de formação, de Línguas e Literaturas Clássicas e Modernas, de História e de Filosofia principalmente. O lema que se propôs desde o início - “o progresso e a difusão dos estudos greco-latinos” - orientou as múltiplas iniciativas que vem desenvolvendo ao longo destes anos, sob a forma de colóquios, conferências, sessões culturais e visitas de estudo. Mais recentemente, desde 1984, a APEC passou a dispor, em articulação com o Instituto de Estudos Clássicos, do *Boletim de Estudos Clássicos*, um elemento importante de contacto entre os seus sócios, cerca de 250 na actualidade.

Decorridos 48 anos de actividade, a APEC configurou-se dentro de um contexto diverso, sem perder ou abandonar o essencial do seu projecto fundador. Em tempos que continuam de crise e de polémica em torno dos Estudos Clássicos, tem-se procurado consolidar o convívio e a intervenção entre os níveis universitário e secundário de ensino. Uma oferta activa, por parte da Universidade, de acções de formação destinadas às Escolas é testemunho dessa preocupação. Por outro lado, um congresso bienal tornou-se uma saudável rotina. A diversidade de espaço e de iniciativa, visível no caso recente de Viseu, do Algarve, ou brevemente do Minho e de Lisboa, para que apontam as realizações últimas e as já em preparação, mobiliza áreas de sócios determinadas e busca, na mesma diversidade, atrair novos públicos.

Seguindo a ordem dos tempos, a APEC foi também consolidando articulações com várias associações congéneres, no plano internacional, como a FIEC e a EUROCLASSICA. Ganhou, por essa via, uma outra dimensão, correspondendo ao projecto cultural de uma Europa que se quer coerente dentro da diversidade.

### Conferências

2 de Maio (Instituto de Alta Cultura / IEC): B. A. van Groningen: “La tragédie grecque et la douleur humaine”.

14 de Maio (Instituto de Alta Cultura / IEC): Giovanni Battista Pigli (Universidade de Bolonha): “Le origine della letteratura latina”.

15 de Novembro (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Nunes Flor de Oliveira (Universidade de Lisboa): “Breves apontamentos sobre a actualidade dos Estudos Clássicos — O ensino do Grego e do Latim nos currículos liceais”.

5 de Dezembro (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Novos aspectos do horacianismo em Correia Garção”.

## 1958

### Conferências

27 de Janeiro (APEC): Dr. Manuel de Oliveira Pulquério: “A expressão do amor nas *Bucólicas* de Virgílio — análise literária e artística de um tema central na poesia do Mantuano”.

28 de Fevereiro (Instituto de Alta Cultura / APEC): N. I. Herescu (antigo professor catedrático da Universidade de Bucareste): “Le testament d’Ovide”.

10 de Março (APEC): Doutor José Veiga Simão: “A física moderna e a antiguidade clássica”.

10 de Março (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Tentativa de uma biografia do poeta horaciano André Falcão de Resende”.

### Projeções de filmes

25 de Abril (APEC): filmes de arte e arqueologia clássica de Itália, comentados por Giacinto Manupella, que fez uma sucinta exposição sobre a colonização grega na Itália Meridional; foram apresentados oito documentários relativos aos temas seguintes: “Os monumentos da Magna Grécia e da Sicília helénica”; “Os festivais da primavera em Pesto”; “Pompeios”; “Roma” e “Moedas romanas”.

### Visitas de estudo

19 de Julho (APEC): excursão a Conimbriga e ao Acampamento Romano de Antanol, guiada pelo Dr. Bairrão Oleiro, que informou os visitantes sobre os trabalhos arqueológicos efectuados em Conimbriga e sobre os problemas respeitantes ao Acampamento Romano.

## Debates

15 de Dezembro (APEC): “O ensino do Grego nos liceus”, que teve como relator o Dr. Manuel de Oliveira Pulquério.

1959

## Conferências

26 de Janeiro (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Rodrigues: “Antroponímia romana na Lusitânia”.

16 de Fevereiro (APEC): Pe. Dr. António de Brito Cardoso: “Particularidades do Grego do Novo Testamento”.

30 de Abril (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Uma interpretação musical moderna da lírica catuliana”.

4 de Maio (APEC): Manuel Fernández-Galiano (Universidade de Madrid): “La Atenas de Menandro”.

10 de Dezembro (APEC): Dr. Manuel de Oliveira Pulquério: “O significado do riso nos Poemas Homéricos”.

## Visitas de estudo

15 de Junho (APEC): visita ao criptopórtico de Aeminium, situado sob o Museu Machado de Castro, antecedida por uma lição, ilustrada com projecções, pelo Dr. João Manuel Bairrão Oleiro.

1960

## Conferências

194 — 27 de Janeiro (APEC): Pe. Dr. António Freire (presidente do Centro Humanístico Clenardo, filial da Associação em Braga): “Didáctica do Latim”.

17 de Fevereiro (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: desenvolvimento, sob a forma de lição, do tema “A cerâmica grega — seu valor artístico e documental”.

29 de Março (APEC): Pe. Dr. Domingos Maurício: “Jorge Buchanan em Coimbra”.

29 de Abril (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Alguns aspectos do classicismo de António Ferreira”.

11 de Maio (APEC): Doutor Mário Júlio de Almeida e Costa: “Perspectivas da evolução do Direito Romano”.

#### Visitas de estudo

7 de Junho (APEC): visita às antiguidades romanas do Museu Machado de Castro guiada pelo Dr. João Manuel Bairrão Oleiro.

#### Projectções de imagens

13 de Dezembro (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, comentário de imagens relativas aos principais “Monumentos da antiga Atenas”.

### 1961

#### Conferências

31 de Janeiro (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria José de Sousa Pacheco: “O humanista Arnaldo Fabrício e a sua Oração no Colégio das Artes”.

21 de Março (APEC): Dr. Manuel de Oliveira Pulquério: “A evolução do conceito de justiça, de Hesíodo a Píndaro”.

21 de Abril (APEC): Christine Mohrmann (Universidades de Amsterdam e Católica de Nimega): “Innovations sémasiologiques dans le grec et le latin des Chrétiens”.

3 de Maio (APEC): Rev. Dr. Dias Palmeira, O. F. M.: “O formulismo da poesia homérica”.

5 de Dezembro (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “O conceito de poesia na Grécia arcaica”.

#### Visitas de estudo

26 de Junho (APEC): excursão às ruínas de Conimbriga, guiada pelo Dr. Bairrão Oleiro que deu algumas indicações sobre a história da cidade e o plano da estação arqueológica, mostrando os resultados das últimas escavações em diversas áreas da cidade.

#### Audições

8 de Fevereiro (APEC): audição de *Oedipus Rex* de Stravinsky, precedida por uma breve apresentação da tragédia de Sófocles, pela Doutora Maria

Helena da Rocha Pereira, e por uma exposição sobre o lugar ocupado por aquela ópera-oratório do compositor moderno na evolução do seu próprio estilo, a cargo do Dr. Francisco de Faria.

1962

#### Conferências

27 de Fevereiro (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria Alice Nobre Gouveia: “Problemas da iniciação no ensino do Latim”.

29 de Março (APEC): Dr. Manuel de Oliveira Pulquério: “Problemas da actuação do coro na *Antígona* de Sófocles”.

12 de Abril (APEC): Doutor Walter de Sousa Medeiros: “Aires Barbosa: a vida e a obra do «Mestre Grego»”.

18 de Dezembro (APEC): Dr. José Geraldes Freire: “A Santa Sé e os Estudos Clássicos”.

#### Visitas de estudo

18 de Junho (APEC): visita ao Museu Monográfico de Conimbriga, acompanhada pelo Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, director do Museu.

#### Audições

25 de Janeiro (APEC): audição de *Coéforas* de Milhaud, precedida por uma breve exposição da tragédia de Ésquilo, pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, e por uma exposição, feita pelo Dr. Francisco de Faria, sobre as origens e evolução da ópera italiana até às interpretações modernas, de que a obra do compositor francês é um dos mais admirados exemplos.

1963

#### Conferências

22 de Janeiro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Uma bucólica grega em Gil Vicente”.

21 de Fevereiro (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “O mito de Medeia na literatura portuguesa”.

8 de Março (APEC): Rev. Dr. Domingos Maurício dos Santos: “Cataldo Áquila Parísio Sículo e a Princesa Santa Joana”.

30 de Abril (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Cataldo Áquila Sículo e as suas relações italianas”.

27 de Maio (APEC): Rev. Dr. Albino de Almeida Matos: “A Oração de Sapiência de Hilário Moreira, na Universidade (1552)”.

#### Visitas de estudo

Maio (APEC): Visita de estudo à vila romana de Torres Novas, orientada pelo coronel Afonso do Paço, onde recentes escavações trouxeram à luz interessantes mosaicos.

### 1964

#### Conferências

15 de Dezembro (APEC): Dr. José Geraldês Freire: “Experiências Pedagógicas”.

### 1965

#### Conferências

29 de Janeiro (APEC): Doutor Manuel de Oliveira Pulquério: “O problema do Oráculo no *Filoctetes* de Sófocles”.

30 de Março (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “As alusões a Garcia Moniz, no final do *Auto da Barca do Inferno*; o diálogo latino entre a Forneira e a Serra de Sintra no *Triunfo do Inverno*”.

29 de Abril (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “A importância das informações de Pausânias para a história da língua grega”.

5 de Maio (APEC): Dr. José Manuel Pereira de Oliveira: “Algumas reflexões acerca da cidade grega e romana”.

16 de Dezembro (APEC): Dr. João Manuel Bairrão Oleiro: “Trabalhos recentes em Conimbriga”.

#### Visitas de estudo

1 de Julho (APEC): visita a dois antigos Colégios Universitários de Coimbra: o Colégio de Santo António da Pedreira e o Colégio da Sapiência ou de Santo Agostinho (mais conhecido por Colégio Novo). Guiou os visitantes o Doutor Salvador Dias Arnaut.

### Audições

18 de Fevereiro (APEC): audição de alguns fragmentos da ópera *Orfeo ed Euridice* de Christoph Willibald Gluck, apresentados pelo Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca.

1966

### Conferências

12 de Janeiro (APEC): I. M. Panagiatopoulos (escritor grego): “Rapports entre la Grèce et le Portugal”.

13 de Fevereiro (APEC): Doutor Manuel de Oliveira Pulquério: “Problemática da acção nas *Traquínias* de Sófocles”.

26 de Abril (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Relendo o poeta Elpino Duriense”.

16 de Maio (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “O mito de Actéon em Camões”.

15 de Dezembro (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria de Jesus Gomes: “Obras latinas de Dante”.

### Visitas de estudo

30 de Junho (APEC): visita, acompanhada pelo Doutor Salvador Dias Arnaut, aos Hospitais da Universidade, onde se situava o Colégio de S. Jerónimo e o Colégio das Artes. De seguida, visita à igreja do antigo Colégio de Jesus, a actual Sé Nova.

### Audições

29 de Março (APEC): audição comentada de alguns trechos de *Medeia*, de Luigi Cherubini, pelo Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca, que traçou um quadro das interpretações musicais modernas do tema de Medeia, ocupando-se também da posição da ópera homónima no conjunto da produção de Cherubini.

### Concurso de recitação latina

30 de Abril (APEC): Concurso de recitação para os alunos de Língua Latina. Os concorrentes tinham de dizer o carme 51 de Catulo e outro poema à escolha. No final, o júri, constituído pela direcção da APEC e pelos



quintanistas de Clássicas, e ainda pela Dra. Ana Paula Quintela Sottomayor (como elemento do TEUC), atribuiu três prémios e uma menção honrosa.

1967

### CRIAÇÃO DO “CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS”

Criado pelo Instituto de Alta Cultura, a pedido dos professores catedráticos de Filologia Clássica, passou a funcionar, desde 1967, sob a direcção do Doutor Américo da Costa Ramalho, o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, acolhido pela Faculdade de Letras. Na sua história futura, o Centro viria a desempenhar um papel determinante na promoção da investigação científica na área dos Estudos Clássicos.

Actualmente, o Centro desenvolve a sua actividade dentro dos seguintes objectivos fundamentais: o estudo das línguas, literaturas e culturas da Antiguidade Grega (Linha 1, Coordenadora Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva) e da Antiguidade Romana (linha 2, Coordenador Doutor Francisco de S. José Oliveira), o da sua transmissão ao longo da Idade Média e do Renascimento (Linha 3: Estudos Medievais e Renascentistas, Coordenador Doutor Sebastião Tavares de Pinho), bem como a investigação sobre a presença do legado clássico na actualidade, entendido como um dos principais fundamentos da identidade cultural europeia. A linha 4 (Pragmática Teatral, Coordenador Doutor Delfim Ferreira Leão) desenvolve uma política de divulgação do Teatro Antigo através da encenação, com o Grupo Thíasos, em que participam docentes e alunos da Universidade de Coimbra, de teatro grego e latino, ou de inspiração greco-latina, em escolas e festivais de teatro.

Preservando a sua especificidade, as quatro linhas concatenam a sua actividade, como subprojecto em torno de um projecto comum, orientado pela Coordenadora Científica do Centro, Doutora Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho, através da investigação, reuniões científicas e publicação de resultados, com a participação interdisciplinar e internacional. Estes subprojectos têm-se articulado e continuarão a articular-se em três núcleos de actividade científica que conferem um perfil específico à vocação da UI&D: a) Estudos sobre teatro clássico, teatro humanista e sua recepção; b) História das Ideias: a Ideia de Europa, da Antiguidade ao Renascimento, raízes de identidade cultural europeia e recepção de motivos; c) estabelecimento crítico

e tradução de textos clássicos greco-latinos, medievais e renascentistas (muitos deles inéditos) com contextualização cultural.

O Centro conta com uma Comissão de Aconselhamento constituída por especialistas de renome internacional: Presidente, Antonio López Eire (Universidade de Salamanca); Antiguidade Grega, Bernhard Zimmermann (Universidade de Freiburg), Antiguidade Romana, Eckard Lefèvre (Universidade de Freiburg); Estudos Medievais e Renascentistas, Doutor Raul Miguel Rosado Fernandes (Universidade de Lisboa) Pragmática Teatral, Encenador Dr. João Mota (da Comuna).

### Conferências

24 de Fevereiro (APEC): Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Quintela Ferreira Sottomayor: “O problema da misandria nas *Suplicantes* de Ésquilo”.

17 de Março (APEC): Doutor Manuel de Oliveira Pulquério: “Tradição e inovação na *Electra* de Sófocles”.

12 de Abril (APEC): Richard E. Grimm (Universidade de Califórnia): “Andromache and Dido in Vergil’s *Aeneid*”.

12 de Maio (APEC): Robert B. Lloyd (Randolph-Macon Woman’s College de Lynchburg - Virginia): “Vergil’s *Aeneid* and contemporary Augustan sculpture”.

15 de Dezembro (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria Beatriz Silvestre: “Cataldo Sículo e a casa de Vila Real”.

### Audições

31 de Janeiro (APEC): audição comentada de alguns trechos da ópera *Iphigénie en Tauride*, de Gluck; o Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca fez uma breve exposição sobre a luta que opôs, na segunda metade do século XVIII, “gluckistas” e “piccinnistas”; sumariou, de acordo com a versão dos libretos, o entrecho da *Iphigénie en Aulide* e da *Iphigénie en Tauride*, comentando os passos mais significativos desta ópera.

### Visitas de estudo

12 de Julho (APEC): visita aos antigos Colégios Universitários de Coimbra, orientada pelo Doutor Salvador Dias Arnaut.

1968

Conferências

26 de Janeiro (APEC): Dr. José Geraldes Freire: “Contacto com os Estudos Clássicos na Holanda”.

5 de Março (APEC): Giuliano Bonfante (Universidade de Turim): lição sobre “Il latino d’Africa”.

24 de Abril (APEC): Doutor Manuel de Oliveira Pulquério: “Personalidade e destino no *Ájax* de Sófocles”.

16 de Maio (APEC): Dr.<sup>a</sup> Dulce da Cruz Vieira: “O poema *Verus Salomon* de Cataldo Sículo”.

3 de Dezembro (APEC): Doutor Manuel de Oliveira Pulquério: “O motivo da culpa no *Rei Édipo* de Sófocles”.

Audições

20 de Fevereiro (APEC): audição de alguns trechos da ópera *Dido and Aeneas* de Henry Purcell; o Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca facultou uma sucinta informação sobre o tratamento deste tema virgiliano no Cancioneiro de Resende, em Gil Vicente e em Correia Garção. Expôs depois os factos essenciais da vida de Purcell, as condições em que foi composta a ópera, as vicissitudes por que passou e as características nela exemplificadas.

1969

Conferências

25 de Fevereiro (APEC): Dr. José Geraldes Freire: “O pôr-do-sol em Virgílio e nos bucolistas portugueses”.

11 de Março (APEC): Manfred Bambeck (Universidade de Frankfurt): “Petrônio e os dialectos do Sul da Itália”.

15 de Dezembro (APEC): Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Quintela Ferreira Sottomayor: “Os heróis gregos em *Os Persas* de Ésquilo”.

---

201

1970

Conferências

26 de Janeiro (APEC): Doutor Manuel de Oliveira Pulquério: “O problema do sacrifício de Ifigénia no *Agamémnon* de Ésquilo”.

24 de Fevereiro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “*Lucius Andreas Resendius*: porquê *Lucius*?”.

12 de Março (APEC): Dr. José Geraldês Freire: “Aspectos filológicos dos *Apophthegmata Patrum*”.

13 de Abril (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria de Jesus Gomes: “Um classicista cabo-verdiano: José Lopes [da Silva]”.

22 de Maio (APEC): Dr. Mário de Castro Hipólito: “A datação das moedas gregas: critérios e problemas”.

16 de Dezembro (APEC): Dr. Jorge de Alarcão: “As escavações de Conimbriga”.

#### Visitas de estudo

24 de Junho (APEC): visita à Casa de Sobre-Ripas, orientada pelo Doutor Salvador Dias Arnaut. No final, o Doutor Costa Ramalho referiu-se ao licenciado João Vaz, que mandou construir a Casa, e à falta de documentos que permitam considerá-lo pai da famosa humanista Joana Vaz, natural de Coimbra, e dama da Infanta D. Maria, filha de D. Manuel I.

### 1971

#### Conferências

28 de Janeiro (APEC): Doutor Manuel de Oliveira Pulquério: “Um símbolo helenístico: o Ciclope de Teócrito”.

17 de Fevereiro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “O poema *De superstitionibus Abrantinatorum* de Pedro Sanches”.

10 de Março (APEC): José van den Besselaar (Universidade de Nimega): “*Humanitas Romana*”.

Jacqueline Duchemin (Universidade de Paris): “*Hélène dans la légende et dans la pensée*”.

30 de Abril (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria Margarida Pérez Brandão: “Duas orações de Cataldo Sículo”.

28 de Maio (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “O *Prologus* de Estêvão Cavaleiro”.

16 de Dezembro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “A propósito de Luísa Sigecia”.

## Visitas de estudo

20 de Agosto (APEC): visita à Casa de Sobre-Ripas, guiada pelo Dr. António Nogueira Gonçalves, que falou sobre as peculiaridades do manuelino da fachada da Casa de Baixo, na arquitectura civil do séc. XVI.

1972

## Cursos livres

Por iniciativa do Instituto de Estudos Clássicos, realizou-se, de 4 a 7 de Janeiro de 1972, o **I Curso de Actualização para Professores de Filologia Clássica**. Presidiu à sessão inaugural do Curso o Reitor da Universidade, Doutor Coteló Neiva. A um ritmo de cinco aulas diárias, foram versados os seguintes temas:

“O micénico. A questão homérica”, pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira:

A questão homérica: teorias mais antigas.

A questão homérica: principais posições da crítica actual.

A questão homérica e a arqueologia.

O micénico e as consequências da sua decifração.

“A tragédia grega”, pelo Doutor Manuel de Oliveira Pulquério:

Problemas da tragédia esquiliana: análise do *Prometeu*.

Problemas da tragédia esquiliana: análise do *Agamémnon*.

Problemas da tragédia sofocliana: análise da *Antígona*.

Problemas da tragédia sofocliana: análise do *Rei Édipo*.

“A *Cena Trimalchionis* de Petrónio”, pelo Doutor Walter de Sousa Medeiros:

Importância e interesse do episódio.

Caracterização das figuras.

Tradição e inovação na linguagem.

A arte do narrador.

“Metodologia do Latim. Latim cristão. Latim Medieval”, pelo Doutor José Geraldes Freire:

Métodos activos no ensino do Latim.

Técnicas de tradução.

Latim cristão.

Latim medieval.

“Estudos sobre o Humanismo em Portugal”, pelo Doutor Américo da Costa Ramalho:

Introdução do Humanismo em Portugal.

Prosadores novilatinos.

Poetas novilatinos.

Estudos recentes e perspectivas actuais.

### Conferências

8 de Março (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “A elegia a Sílvia, de António Ferreira”.

24 de Abril (APEC): Dr. José Ribeiro Ferreira: “A figura de Andrómaca em Eurípides”.

15 de Dezembro (APEC): participação da Associação nas comemorações nacionais do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas*, com a comunicação apresentada pelo Doutor Américo da Costa Ramalho: “A Ilha dos Amores e o Inferno virgiliano”.

### Projectções de filmes

3 de Maio (APEC): exibição de dois documentários cedidos pela Embaixada da Grécia e intitulados “Rencontre de deux civilisations: Grèce et Byzance” e “The immortal land”, conseguidos em Lisboa pelos alunos Maria de Deus Ramos Pinheiro e José Barata António. O Doutor Walter de Sousa Medeiros deu, antes da projecção, alguns esclarecimentos sobre o conteúdo dos dois documentários.

### Projectções de imagens

27 de Janeiro (APEC): os quintanistas Virgínia da Conceição Soares Pereira e Sebastião Tavares de Pinho (auxiliados, na parte técnica da projecção, pela sua colega Maria Fernanda do Amaral Soares) apresentaram algumas dezenas de imagens relativas aos lugares e monumentos da Ática (Atenas, Pireu, cabo Súnion), que tinham visitado durante a excursão dos finalistas de Filologia Clássica, realizada em Agosto/Setembro de 1971, à Itália e à Grécia.

24 de Fevereiro (APEC): os mesmos quintanistas comentaram uma nova série de imagens, desta vez sobre Creta, Micenas, Epidauro e Delfos.

#### Visitas de estudo

8 de Janeiro (IEC): visita de estudo a Conimbriga e respectivo Museu Monográfico. Os visitantes foram recebidos pelo Dr. Jorge Alarcão, que explicou a importância das escavações desenvolvidas nos últimos anos.

25 a 27 de Julho (APEC): visita a Abrantes, Avis, Pavia, Évora e a Vila Viçosa. A visita de estudo foi dirigida pelo Doutor José Galdes Freire.

### 1973

#### Conferências

30 de Abril (APEC): Dr. Sebastião Tavares de Pinho: “Um poeta novilatino: Lopo Serrão”.

31 de Maio (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Schiappa de Azevedo: “Significado dos discursos de Sócrates e de Alcibiades no *Banquete* de Platão”.

14 de Dezembro (APEC): Doutor José Galdes Freire: “Elementos clássicos das *Viagens na Minha Terra* de Almeida Garrett”.

#### Congressos

Entre 17 e 19 de Maio, realizou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra um **Colóquio sobre o Ensino do Latim**, organizado pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e pelo Instituto de Estudos Clássicos, e patrocinado pelo Instituto de Alta Cultura.

Além das sessões de abertura e de encerramento, da inauguração de uma exposição do material didáctico editado nos últimos anos, com apresentação de livros e revistas ingleses, alemães, franceses e italianos e audição de gravações do *Cambridge School Classics Project*, e das sessões normais de trabalho, não faltou uma visita ao criptopórtico de Aeminiun, orientada pelo Dr. Jorge Alarcão; uma sessão de música com a audição de composições baseadas em assuntos clássicos — mais precisamente o drama sinfónico *Socrate* de Erik Satie e a cantata *Catulli Carmina* de Carl Orff —, de cujo comentário histórico-musical se encarregou o Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca; uma recepção no Paço das Escolas, oferecida pelo Senhor Reitor da

Universidade; um almoço de despedida em Conimbriga, oferecido pela Comissão Executiva do Colóquio.

As sessões de trabalho contaram com os seguintes colaboradores:

Dr. Luís Simões Gomes: “Lugar e necessidade do Latim no currículo liceal”.

Dra. Maria do Céu Novais Faria: “Metodologia do Latim”.

Dra. Maria Alice Nobre Gouveia: “Relação do Latim com o Português”.

Dr. Avelino de Jesus Costa: “Relação do Latim com a História”.

Doutor José Maria da Cruz Pontes: “Relação do Latim com a Filosofia”.

Doutor Manuel de Paiva Boléo: “Relação do Latim com as línguas modernas”.

Doutor Guilherme Braga da Cruz: “Relação do Latim com o Direito”.

Dr. António Dias Miguel: “O Latim e alguns escritores modernos”.

Dra. Maria Ana Almendra: “O Grego como opção no curso complementar do Liceu”.

A exposição destes temas foi seguida de debates com várias intervenções. Desses debates, foram surgindo algumas conclusões que viriam a ser aprovadas por unanimidade na sessão de encerramento com que terminou este Colóquio. São essas conclusões que agora passamos a transcrever:

«Considerando que o Latim é uma língua eminentemente formativa, base da cultura europeia e integradora dos seus valores, e que a essas qualidades alia a sua função de *a)* disciplinar o espírito, *b)* desenvolver o poder de abstracção, *c)* criar uma consciência crítica dos problemas do homem, *d)* contribuir para o perfeito domínio do português e ser útil para o aprendizado de outros idiomas modernos, *e)* facultar o acesso à documentação em que tem de estruturar-se o estudo da História, do Direito, e da História das Ciências e da Filosofia, os participantes no Colóquio entendem que devem ser tomadas as seguintes medidas relativamente ao ensino do Latim:

1. Obrigatoriedade, no curso complementar dos Liceus, para todos os alunos que se destinam às Faculdades de Letras e de Direito e às Escolas Normais Superiores.

2. Criação de condições que permitam o seu alargamento ao curso geral, designadamente, como medida imediata, de uma introdução à cultura clássica nesse grau de ensino.

3. Remodelação urgente dos programas, dos manuais, dicionários e outros instrumentos didácticos, de acordo com as novas orientações da linguística e da pedagogia.

4. Extensão ao ensino liceal da prática da pronúncia restaurada.



Os participantes no Colóquio entendem ainda que o Grego deve manter-se obrigatório, no curso complementar dos Liceus, para os alunos que se destinam a Filologia Clássica, Filologia Românica e Filosofia, e figurar entre as opções, para os demais cursos.»

#### Projectções de imagens

24 de Janeiro (APEC): Os licenciandos Maria de Fátima de Sousa e Silva e Francisco de São José de Oliveira (auxiliados, na parte técnica da projectção, pelas suas colegas Nair de Nazaré Castro Soares e Maria do Céu Fialho) apresentaram e comentaram uma série de imagens sobre Olímpia. Este material fora, na sua maior parte, recolhido durante a viagem de estudo à Itália e à Grécia, realizada pelos finalistas de Filologia Clássica em Agosto/Setembro de 1972.

A 27 de Fevereiro, os mesmos licenciandos ilustraram os principais monumentos de Pompeios.

#### Audições

29 de Março (APEC): audição do drama sinfónico cantado *Socrate*, de Erik Satie; a audição foi precedida de breve introdução da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira sobre o significado cultural da obra (inspirada em trechos do *Banquete*, do *Fedro* e do *Fédon* platónicos) e de um comentário histórico-musical, feito pelo Dr. Francisco de Faria.

#### Visitas de estudo

16 de Julho (APEC): visita ao Panteão dos Silvas, em São Marcos. As explicações de natureza artística e histórica foram dadas pelo Rev. Doutor António Nogueira Gonçalves e pelo Doutor Américo da Costa Ramalho.

1974

#### Conferências

24 de Janeiro (APEC): Dr. Luciano Justo Ramos: “O itinerário de Antonino, de Olisipo a Bracara (primeira jornada: Olisipo - Aeminium)”.

15 de Fevereiro (APEC): Michelle Goby (Leitora de Francês): “Florença medieval e renascentista”.

### Projecções de imagens

22 de Março (APEC): com material recolhido pelos finalistas de Filologia Clássica durante a viagem à Itália e à Grécia em Agosto/Setembro de 1973, Maria de Fátima de Sousa e Silva e Isaltina das Dores Martins organizaram uma sessão de projecções comentadas sobre “Corfu (Corcira): sortilégio de uma ilha iónica”. As duas finalistas foram ajudadas, na parte técnica, pelo Dr. Sebastião Tavares de Pinho e pela quintanista Maria do Céu Fialho. Leu algumas palavras de abertura o Doutor Walter de Sousa Medeiros.

1976

### Conferências

24 de Fevereiro (APEC): Dra. Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho: “A estrutura mítica das personagens na *Aparição* de Vergílio Ferreira”.

31 de Março (APEC): Dr. Jorge Alves Osório (Universidade do Porto): “Crítica e humanismo no Renascimento”.

30 de Abril (APEC): Dr. Francisco de São José de Oliveira: “O *Lásis* de Platão e a actualidade do tema da *philia*”.

2 de Junho (APEC): Dra. Maria de Fátima de Sousa e Silva: “O *Díscolo* de Menandro”.

22 de Junho (APEC): Dr. José de Oliveira Barata: “Reencontro com os clássicos”.

11 de Outubro (APEC): E. Ch. Welskopf (Academia das Ciências de Berlim): “L’attitude des citoyens, des métèques et des esclaves pendant la crise d’Athènes”.

O Akademie Verlag de Berlim prepara uma publicação monumental, em seis volumes, sobre a terminologia política grega e sua permanência nos mais diversos países de todos os continentes. A obra, dirigida pelo E. Ch. Welskopf, deverá ser editada no prazo de dois anos.

Para elaborar a parte portuguesa, foi convidado o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Para esse efeito, cons-

tituiu-se um grupo de trabalho dirigido pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira e composto pelos seguintes bolsеiros do Centro: Ana Paula Quintela F. Sottomayor, Carlos Alberto Louro Fonseca, Francisco S. J. Oliveira, Jorge Alves Osório, José Ribeiro Ferreira, Maria do Céu G. Z. Fialho, Maria de Fátima S. Silva, Maria Teresa Schiappa de Azevedo, Nair N. Castro Soares, Sebastião Tavares de Pinho.

1977

#### Conferências

12 de Janeiro (APEC): Dr. Gabriel de Paiva Domingues: “Uma carta de André de Resende à Infanta Dona Maria de Portugal”.

17 de Fevereiro (APEC): Dr.<sup>a</sup> Aida Maria Lima Medeiros Marques Veloso: “O mito de Narciso na poesia portuguesa moderna”.

22 de Março (APEC): Dr.<sup>a</sup> Regina Teixeira Anacleto: “*Clara Rhodos*: uma excursão à ilha do Sol e dos Cavaleiros”.

13 de Dezembro (APEC): Doutor Manuel de Oliveira Pulquério: “A actuação dos deuses na *Helena* de Eurípides”.

1978

#### LANÇAMENTO DA “COLECÇÃO DE TEXTOS CLÁSSICOS”

A juntar às diversas publicações do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, surgiu, em 1978, uma nova colecção de Textos Clássicos, dirigida pelo Doutor Walter de Sousa Medeiros. É formada por pequenos volumes com traduções muito cuidadas, prefácio e notas, de obras de autores gregos e latinos. Destinada sobretudo à divulgação dos grandes escritores da Antiguidade junto do público não-especializado, contém no entanto matéria de interesse e utilidade para os estudantes universitários, e para os de Clássicas em especial.

---

209

#### Conferências

31 de Janeiro (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria do Céu Fialho: “Édipo - tragédia da condição humana”.

6 de Março (APEC): Doutor Fernando de Mello Moser: “Tomás Moro: itinerário dialéctico de um humanista”.

20 de Abril (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Ditos e sentenças de quinhentistas portugueses”.

11 de Maio (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Schiappa de Azevedo: “Uma réplica a Safo em Fernando Pessoa?”.

1 de Junho (APEC): Drs. Henriques Nunes e Francisco Alves: “As escavações de Bracara Augusta na área de Maximinos”.

11 de Dezembro (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima de Sousa e Silva: “A Assembleia do Povo em Aristófanes”.

### Audições

20 de Fevereiro (APEC): a Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Quintela Sottomayor fez uma breve introdução histórico-literária e artística ao tema do titanismo, apresentou uma síntese do *Prometeu agrilhado* de Ésquilo e deu as linhas gerais da sua interpretação. O Dr. Francisco de Faria tomou a seu cargo o comentário histórico e musical do *Prometheus* de Carl Orff. Seguiu-se a audição de dois trechos desta obra: párodo (Prometeu e as Oceânidas) e 3.<sup>o</sup> episódio (Io).

## 1979

### Conferências

25 de Janeiro (APEC): Doutor José Geraldês Freire: “A centúria como norma literária”.

22 de Fevereiro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Alguns aspectos da introdução do humanismo em Portugal”.

14 de Março (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Os frescos de Tera”.

210 29 de Março (APEC): Paul Teyssier (Universidade de Paris-Sorbonne): “Jerónimo Cardoso, o primeiro lexicógrafo de língua portuguesa”.

26 de Abril (APEC): Dr.<sup>a</sup> Bernardina de Oliveira: “*O Hipólito* de Eurípides”.

17 de Maio (APEC): Doutor José António Ferreira de Almeida: “A fonte do Jardim da Manga”.

13 de Dezembro (APEC): Dr. José Romero de Magalhães: “Descrições de Portugal: 1500-1650”.

## Visitas de estudo

30 de Julho (APEC): visita aos claustros de Santa Cruz, orientada pelo Dr. Nogueira Gonçalves.

1980

## HOMENAGEM DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS AO PRESIDENTE LEOPOLD SENGHOR

Para testemunhar respeito e admiração pela obra do filólogo clássico, do poeta da negritude, do estadista inspirado pelos princípios da *humanitas*, deliberou a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos nomeá-lo sócio *honoris causa* e encarregar o Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra e membro da Direcção, de lhe entregar o diploma, impresso em pergaminho, por ocasião do Doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Évora, em 17 de Junho.

## Conferências

9 de Janeiro (APEC): Vincenzo Ussani: “Remarques sur la théorie et l’histoire du théâtre chez Varron”.

25 de Janeiro (APEC): Doutor Leodegário de Azevedo Filho: “Os Sonetos de Camões: fixação dos critérios de autenticidade”.

1 de Fevereiro (APEC): Dr. Manuel Saraiva Barreto (Universidade do Minho - Braga): “Gramatologia grega: um capítulo da história da linguística”.

13 de Março (APEC): Doutor Jorge Alves Osório (Universidade do Porto): “O testemunho de Garcia de Resende sobre o teatro vicentino”.

30 de Abril (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima de Sousa e Silva: “A posição social da mulher na comédia de Aristófanes”.

13 de Maio (APEC): Dr. Nelson Correia Borges: “Leonardo da Vinci, poeta da pintura”.

5 de Dezembro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “D. Jerónimo Osório e o Humanismo em Portugal”; esta conferência consistiu, ao mesmo tempo, numa comemoração do quarto centenário do falecimento, em 20 de Agosto de 1580, do famoso bispo do Algarve, que foi também, durante algum tempo, professor da Universidade de Coimbra.

1981

### Conferências

21 de Janeiro (APEC): Doutor Walter de Sousa Medeiros: “A apoteose do escravo na cena final do *Epídico* de Plauto”.

19 de Março (APEC): Dr. Joaquim Moreira dos Santos: “Palavra e acção em Eurípidés”.

29 de Abril (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “A vida universitária de Coimbra nos meados do século XVI”.

27 de Maio (APEC): Doutor Amadeu Torres (Universidade do Minho - Braga): “A “Ilha dos Amores” de *Os Lusíadas* na versão de cinco poetas novilatinos”.

Dezembro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Alguns aspectos da leitura camonianiana de Virgílio”.

### Congressos

Entre 17 e 20 de Novembro, por iniciativa do Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, a que se associou o Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, foi celebrado o **Bimilenário da Morte de Públio Virgílio Marão**. As sessões tiveram lugar no Auditório da Biblioteca Nacional de Lisboa, no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra e na Câmara Municipal de Arganil.

Lisboa - dia 17

Doutor Justino Mendes de Almeida: “Traduções Portuguesas da *Eneida*”.

Manuel Díaz y Díaz (Universidade de Santiago de Compostela): “Destino e Sobrevivência de Virgílio na Alta Idade Média”.

Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Reflexos Portugueses da IV Bucólica de Virgílio”.

Lisboa - dia 18

Doutor Américo da Costa Ramalho: “Alguns aspectos da leitura Camonianiana de Virgílio”.

José Manuel Díaz de Bustamante (Universidade de Santiago de Compostela): “Panorama das Interpretações Trans-literais de Virgílio”.

Doutor Joaquim Lourenço de Carvalho: “Traduções Portuguesas das *Geórgicas*”.

Doutor J. de Almeida Pavão Júnior: “O Herói e a História em Virgílio e Camões”.

Lisboa - dia 19

Vandick Londres da Nóbrega: “Liberdade e Paz na Idade de Ouro de Virgílio”.

Doutor Aires Augusto Nascimento (Universidade de Lisboa): “Manuscritos Virgilianos de Bibliotecas Portuguesas e Traduções Portuguesas da *Encida* em Manuscrito”.

Francesco Della Corte (Universidade de Nápoles): “Narrativística Virgiliana in *Os Lusíadas*”.

Na Aula Magna da Universidade de Lisboa houve uma conferência do Maestro Filipe de Sousa sobre “Música Portuguesa do Século XVIII de tema virgiliano”, com o acompanhamento de piano e canto pelos artistas Dulce Cabrita e Fernando Serafim.

Coimbra - dia 20

Doutora Maria Helena Ureña Prieto (Universidade de Lisboa): “Comentadores Portugueses de Virgílio”.

Lorenzo Quilici: “O Mito de Encias no Lácio à Luz das Novas Descobertas Arqueológicas”, conferência seguida do filme “Virgílio 2000 anni” de Italo di Feo e Falco Quilici.

Arganil - dia 20

Doutor Jorge Alarcão: “Introdução a uma visita a Conimbriga”.

Doutor João de Castro Nunes: “Introdução à visita à estação arqueológica da Lomba do Canho”.

Visitas de estudo

27 de Junho (APEC): visita ao Museu Machado de Castro. Orientou a visita ao criptopórtico de Aemimium o Dr. Vasco Mantas; a parte relativa às obras do Renascimento ficou a cargo do Dr. Nelson Borges.

## Audições

26 de Fevereiro (APEC): audição de um disco com o concerto cénico cantado *Trionfo di Afrodite* de Carl Orff. A Doutora Maria Helena da Rocha Pereira explicou o significado cultural da obra, que se baseia em cantos nupciais de Safo e de Catulo.

1982

## Cursos de Mestrado

Em Fevereiro, principiou a funcionar no Instituto de Estudos Clássicos um curso de Mestrado, composto por um seminário principal, sobre “A Épica Novilatina em Portugal”, a cargo do Doutor Américo da Costa Ramalho, e dois seminários complementares, um sobre “A Epopeia Virgíliana”, pelo Doutor Walter de Sousa Medeiros, e outro sobre “A Épica Portuguesa do Renascimento”, pelo Doutor Aníbal Pinto de Castro.

## Cursos Livres

Entre 19 e 20 de Abril, organizado pelo Instituto de Estudos Clássicos e pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, realizou-se o **II Curso de Actualização de Línguas e Literaturas Clássicas**, com a presença de cerca de 200 professores do ensino secundário e superior. O II Curso apresentou o seguinte programa:

Dia 19

Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Literatura Grega: novas orientações na análise dos Poemas Homéricos”.

Doutor Walter de Sousa Medeiros: “Literatura Latina: a outra face de Eneias”.

Doutor José Geraldes Freire: “Latim Cristão: a *Peregrinatio Aetheriac*”.

Doutor Américo da Costa Ramalho: “Prosadores Novilatinos Portugueses: tradução e comentário dum trecho do *De Platano* de João Rodrigues de Sá de Meneses”.

Doutor Walter de Sousa Medeiros: “Literatura Latina: *A comédia dos dois irmãos*”.

Dia 20

Doutor José Geraldes Freire: “Latim Medieval em Portugal”.



Doutor Américo da Costa Ramalho: “Poetas Novilatinos Portugueses: tradução e comentário de dois poemas de *Didacus Pyrrhus Lusitanus*”.

Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Mitos clássicos na poesia portuguesa contemporânea: o mito de Orfeu e Eurídice”.

Mesa-redonda sobre a didáctica das Línguas Clássicas e sobre a situação actual do Latim e do Grego no ensino secundário, moderada pelo Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca.

Durante a realização do curso esteve patente na sala de leitura do Instituto de Estudos Clássicos uma exposição de obras sobre o ensino das Línguas Clássicas com cerca de cem títulos.

No decorrer da mesa-redonda, em que intervieram activamente numerosos participantes com testemunhos e sugestões apreciáveis, foram aprovadas as seguintes conclusões:

1. Que o Latim seja disciplina obrigatória no 10.<sup>o</sup> e 11.<sup>o</sup> anos do ensino secundário para todos os alunos que se destinem às diversas licenciaturas em Letras das Universidades antigas e cursos análogos das Universidades novas e ainda para a licenciatura em Direito.

2. Que tal obrigatoriedade seja extensiva ao 12.<sup>o</sup> ano para os alunos com destino às mesmas licenciaturas.

3. Que o Grego seja disciplina obrigatória, nos três anos do ensino secundário, para os alunos que se destinem à licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas.

4. Que seja constituída uma comissão para analisar a situação das Línguas Clássicas no ensino secundário e superior.

#### Conferências

20 de Janeiro (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Reflexos portugueses da IV Bucólica de Virgílio”.

17 de Fevereiro (APEC): Doutor Joaquim Lourenço de Carvalho (Universidade de Lisboa): “Traduções portuguesas (mais conhecidas) de *As Geórgicas*”.

16 de Março (CECH): Doutor Walter Burkert (Universidade de Zurique): “Les Mythes Grecs: Structure et Histoire”.

17 de Março (CECH): Doutor Walter Burkert (Universidade de Zurique): “Le Papyrus de Derveni: théogonie orphique et allégorie présocratique”.

24 de Março (APEC): Doutor Aires Augusto Nascimento (Universidade de Lisboa): “Manuscritos virgilianos em bibliotecas portuguesas”.

7 de Maio (APEC): Doutor Manuel Augusto Rodrigues: “A obra exegetica de D. Jerónimo Osório”.

13 de Dezembro (APEC): Dr. Mário de Castro Hipólito: “Duas moedas gregas, ditas da serra do Pilar”.

#### Visitas de estudo

(APEC): a visita de estudo à Braga monumental e arqueológica foi o objecto da excursão de encerramento das actividades de 1981-1982. Os participantes foram acolhidos pelo Doutor Amadeu Torres (Universidade do Minho - Braga) e visitaram o Museu Pio XII, instalado no seminário de Sant'Iago; as ruínas de Bracara Augusta, na colina de Maximinos; a Sé Primaz e o seu tesouro; S. Frutuoso de Montélios; o antigo coro renascentista da Sé na igreja de S. Jerónimo de Real; e a fonte do Ídolo.

#### 1983

20 de Janeiro (APEC): Doutor Amadeu Torres (Universidade do Minho - Braga): “Aspectos relevantes do legado greco-latino em ‘artes de gramática’ modernas”.

28 de Fevereiro (APEC): Doutor Jorge Alves Osório (Universidade do Porto): “Um contributo francês para o ensino coimbrão no século XVI: a edição do *Organon* de Aristóteles”.

16 de Março (APEC): Doutor José Geraudes Freire: “Os nossos mais antigos documentos em Latim após a invasão árabe”.

13 de Abril (APEC): Doutor Jorge de Alarcão: “Raízes do Alentejo: as escavações de São Cucufate”.

25 de Maio (APEC): Doutor Pedro Dias: “A presença de arquitectos e engenheiros italianos no Renascimento peninsular”.

15 de Dezembro (APEC): Doutor Walter de Medeiros: “A Lua Negra do poeta”.

1984

## LANÇAMENTO DO “BOLETIM DE ESTUDOS CLÁSSICOS”

Para corresponder ao desejo manifestado por muitos antigos alunos, hoje professores do ensino secundário, o Instituto de Estudos Clássicos, em colaboração com a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, principiou a publicar, em Junho de 1984, um boletim semestral, o *Boletim de Estudos Clássicos*.

A finalidade da pequena revista é, como se lê na nota de apresentação, manter os classicistas informados acerca de novos métodos ou tendências no campo da didáctica das línguas antigas, das descobertas arqueológicas que vão sendo feitas, das iniciativas tomadas em diversos países, da bibliografia, bem como fornecer textos comentados que possam servir de modelos para aulas.

De acordo com as respostas a um inquérito previamente enviado, estabeleceram-se logo as seguintes secções: textos anotados, gregos e latinos; notas críticas sobre livros de didáctica das línguas antigas; bibliografia selecta; noticiário sobre descobertas arqueológicas no país e no estrangeiro e sobre congressos da especialidade. A primeira destas secções abrange exemplos de Grego e Latim clássico, mas também textos expressamente compostos, no estilo e no espírito de Luciano, e amostras de “Língua Latina Rediviva”, bem como espécimes de Latim Renascentista devidamente enquadrados na sua época.

O aplauso com que a nova publicação foi recebida demonstra claramente que veio preencher uma necessidade do ensino.

### Conferências

26 de Janeiro (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “*Vile dulci* nas *Recreações Botânicas* da Marquesa de Alorna”.

8 de Fevereiro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Coimbra quinhentista em dois epigramas latinos”.

21 de Março (APEC): Doutor Manuel Augusto Rodrigues: “Lutero e a Bíblia”.

4 de Abril (APEC): Dr. Carlos Ascenso André: “A dimensão visual da epopeia camoniana”.

9 de Maio: Doutor José Geraldês Freire: “Problemas literários da *Vita Sancti Theotoni*”.

29 de Junho (APEC): Doutor Sebastião Tavares de Pinho: “Poética e poesia em D. Jerónimo Osório”.

17 de Dezembro (APEC): Doutor José Geraudes Freire: “Factores de individualidade do Ocidente hispânico: civilização e letras”.

#### Visitas de estudo

Junho (APEC): visita ao Colégio Novo, orientada pelo Doutor Pedro Dias.

### 1985

#### Conferências

11 de Janeiro (APEC): Doutora Nair de Nazaré de Castro Soares: “A originalidade de *Castro* de António Ferreira: novos dados”.

6 de Fevereiro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Portugal em dois epigramas de Jorge Buchanan”.

2 de Maio (APEC): Doutor José d’Encarnação: “O latim da Epigrafia”.

#### Visitas de Estudo

26 de Junho (APEC): excursão às ruínas de Villa Cardílio e ao museu de Torres Novas, orientada pelo arqueólogo Dr. António João Nunes Monteiro.

#### Audições

19 de Março (APEC): audição de alguns trechos da ópera *Les Troyens* de H. Berlioz, comentada pelo Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca.

### 1986

#### Conferências

Janeiro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “A Itália nos primórdios do Humanismo em Portugal”.

7 de Fevereiro (APEC): Dr. Vasco Gil Mantas: “Novas descobertas em Idanha-a-Velha: epigrafia e arquitectura”.

12 de Março (APEC): Silva Belkior (Universidade Federal do Rio de Janeiro): “Horácio - Ricardo Reis: confluências formais”.

15 de Abril (APEC): Doutor Jorge Alves Osório (Universidade do Porto): “O diálogo no Humanismo português”.

5 de Maio (APEC): Doutor José Ribeiro Ferreira: “A guerra e a paz nas *Suplicantes* de Eurípidés”.

24 de Junho (APEC): Doutor Sebastião Tavares de Pinho: “Correspondência latina de D. Jerónimo Osório: o ponto da situação e alguns aspectos do seu humanismo”.

9 de Dezembro (APEC): Doutor José Ribeiro Ferreira: “Os hectêmoros e a sua situação social”.

#### Visitas de estudo

Junho (APEC): Visita às ruínas de Egitânia e ao museu arqueológico de Castelo Branco, orientada pelo Doutor José Galdes Freire e pelo arqueólogo Dr. Vasco Mantas.

### 1987

21 de Janeiro (APEC): Doutor Walter de Medeiros: “Uma história de sogras e cortesãs ou o drama da incomunicabilidade em uma comédia antiga”.

19 de Fevereiro (APEC): Dr. Simão Pires Diz: “As cartas de Cataldo, como documento do primeiro humanismo em Portugal”.

23 de Março (APEC): Doutor Sebastião Tavares de Pinho: “André de Resende ao serviço do cardeal-infante D. Afonso”.

5 de Maio (APEC): Doutora Maria de Fátima de Sousa e Silva: “Ruínas romanas na Jugoslávia: o palácio de Diocleciano em Split”.

21 de Maio (APEC): escritor Fernando Campos (antigo aluno de Filologia Clássica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra): “A propósito de Frei Pantaleão de Aveiro e de *A casa do pō*”.

Julho (APEC): Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “O Jardim das Hespérides”.

#### Visitas de estudo

15 de Julho (APEC): visita à casa de Sobre-Ripas, onde se encontra instalado o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, orientada pelo Doutor Jorge de Alarcão, director do referido Instituto.

## Conferências

20 de Janeiro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “António Luís, crítico de Erasmo”.

2 de Março (APEC): Doutor João Pedro Mendes: “A retórica e a educação: dos antigos aos modernos”.

27 de Abril (APEC): Dr.<sup>a</sup> Regina Anacleto: “A arquitectura neoclássica em Portugal”.

31 de Maio (APEC): Dr.<sup>a</sup> Virgínia Soares Pereira: “Uma carta de André de Resende reconstituída”.

13 de Dezembro (APEC): Doutor José Ribeiro Ferreira: “A hegemonia ateniense”.

## Congressos

Entre 11 e 16 de Abril, realizou-se em Coimbra o Congresso Internacional **As Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do Universal**, que teve como presidente de honra a grande personalidade de humanista Leopold S. Senghor. A organização, a cargo do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra e da Association Archives du XX<sup>e</sup> Siècle de Paris, teve como presidente da Comissão Executiva a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira. Esteve presente na sessão de abertura o Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares. No encerramento, discursou o Senhor Ministro da Educação, Dr. Roberto Carneiro.

Foram apresentadas comunicações por especialistas das mais variadas partes do mundo, num vasto programa que incluiu uma Exposição Bibliográfica na Biblioteca Geral da Universidade, uma visita às ruínas romanas de Conimbriga e um concerto de órgão no Palácio de S. Marcos (por G. Doderer). Comunicações:

M. Amorós (Universidade de Tóquio): “Cultura greco-latina e o Japão”.

Pinto Bull (Guiné-Bissau): “Humanismo Greco-Latino face à África”.

C. Montemayor (México): “Humanidades greco-latinas e o México”.

Gladstone Chaves de Melo (Universidade Federal Fluminense): “Presença da Antiguidade na obra de Machado de Assis”.

G. Pascucci (Universidade de Florença): “Contribution du XIX<sup>e</sup> siècle au progrès des humanités greco-latines”.

C. Minguet (Universidade de Paris X): “Le monde antique et l'Amérique Latine au XIX<sup>e</sup> siècle”.

Doutor Américo da Costa Ramalho: “A literatura novilatina em Portugal entre 1485 e 1537”.

Doutor Amadeu Torres (Universidade do Minho - Braga): “O historiógrafo latino peninsular Paulo Osório”.

Doutor José Geraldês Freire: “Da filologia clássica à filologia cristã e ao Latim tardio”.

Doutor Raul Rosado Fernandes (Universidade de Lisboa): “O homem antigo e o homem de hoje perante a natureza, a técnica e o progresso”.

J. Imbert (Universidade de Paris): “O lugar do direito romano no pensamento jurídico moderno”.

V. Pöschl (Universidade de Heidelberg): “Causas da recessão das línguas antigas”.

Pierre Grimal (Universidade da Sorbonne): “Óptica contemporânea no estudo dos clássicos”.

Quanto às relações entre a igreja e a latinidade foram apresentadas comunicações por R. Schilling (Universidade de Estrasburgo), A. Melloni (Universidade de Bolonha), G. Dorival (Universidade de Tours) e Dom J. Claire (Abadia de Solesmes).

A. Adkins (Universidade de Chicago): “Filosofia greco-latina e suas influências em filósofos posteriores”.

Doutor Miguel Baptista Pereira: “Modos de presença da filosofia antiga no pensamento contemporâneo”.

O. Tsagarakis (Universidade de Creta): “Homer and classical studies”.

E. Cizek (Universidade de Bucareste): “Pour une nouvelle histoire de Rome. Pour une nouvelle histoire de la littérature latine”.

Outras comunicações foram ainda apresentadas por A. Dovi N’Danu-Alipui (Conferência Episcopal do Togo), J.-P. Basseme (do Senegal), U. Bauzá (Universidade de Buenos Aires), Doutora Maria Helena Ureña Prieto (Universidade de Lisboa).

Sophia de Mello-Breyner recitou alguns dos seus poemas onde a remiscência clássica é mais notória.

### Visitas de estudo

29 de Outubro (APEC): visita às zonas arqueológicas de Lisboa e de Sintra. Ao Doutor José d’Encarnação coube o trabalho de organização e direcção geral da visita.

## Debates

10 de Fevereiro (APEC): debate sobre o Projecto de Reforma do Ensino, especialmente no tocante à posição do Latim e do Grego.

## 1989

### Conferências

27 de Janeiro (APEC): Paul Mackendrick: “Cícero, um humanista asediado”.

20 de Fevereiro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Mem de Sá, herói renascentista”.

15 de Março (APEC): G. Lehmann: “Queda da democracia ateniense em 411 a.C.”.

22 de Maio (APEC): A. Scarcella: “La polémologie des romans grecs”.

15 de Dezembro (APEC): Doutor José Ribeiro Ferreira: “Influência da Grécia e de Roma na Revolução Francesa”.

## 1990

### Conferências

22 de Janeiro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Cataldo em Bolonha”.

23 de Fevereiro (APEC): Doutor Sebastião Tavares de Pinho: “Portugal e os Descobrimentos num poema novilatino de Baptista Mantuano”.

27 de Março (APEC): Doutor José Geraldes Freire: “A inscrição sepulcral do bispo de Coimbra, D. Nausti (867-912)”.

27 de Junho (APEC): Doutor José Geraldes Freire: “De uictoria Christianorum in Salato”.

10 de Dezembro (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Uma embaixada japonesa em Portugal (1585)”.

### Congressos

Entre 18 e 20 de Outubro, decorreu em Coimbra o **II Congresso Peninsular de História Antiga**, organizado pelo Instituto de Estudos Clássicos e pelo Instituto de Arqueologia.



A sessão de abertura realizou-se no Museu Monográfico de Conimbriga, tendo sido oradores os Doutores José Ribeiro Ferreira, Presidente da Comissão Organizadora do Congresso, Jorge de Alarcão, que proferiu a conferência inaugural, sobre “Alguns problemas de Conimbriga”, e a Directora do Museu, Dra. Adília Alarcão, que apresentou o tema “Conimbriga – a musicalização do sítio”.

O Congresso dividiu-se em três secções: “O estudo da História Antiga na Península Ibérica”, “A História Antiga na Península Ibérica” (com as subdivisões “A conquista”, “Fontes-economia-religião”, “Aspectos da organização”) e “O ensino da História Antiga”.

Dias 18 e 19: na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com três secções em funcionamento simultâneo, foram apresentadas cerca de sete dezenas de comunicações, de especialistas espanhóis na maioria, mas também de portugueses, e ainda de um grupo de professores brasileiros.

Dia 20: em mesa-redonda havida no Salão dos Bombeiros de Anadia, foi discutido o ensino da história antiga, com intervenientes brasileiros, espanhóis e portugueses. Ainda no decurso deste dia, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira encerrou os trabalhos, proferindo “Breves reflexões”.

#### Visitas de estudo

26 de Maio (APEC): excursão a Bragança; o Doutor Américo da Costa Ramalho proferiu uma conferência sobre “O humanista Inácio de Moraes, natural de Bragança”.

#### Espectáculos musicais

13 de Março (APEC): espectáculo pelo Curso de Línguas e Literaturas Clássicas (1988-92), na Universidade Católica – Viseu: “O tema do *Carpe Diem* na poesia grega, latina e portuguesa”.

15 de Março (APEC): espectáculo pelo mesmo grupo, que apresentou, no Teatro Paulo Quintela, da Faculdade de Letras, algumas interpretações musicais de autores gregos, latinos e portugueses.

#### Programa ERASMUS

O Instituto de Estudos Clássicos vem desenvolvendo, com o patrocínio ERASMUS, um intercâmbio de estudantes com Caen e Granada. Basicamente, é objectivo deste programa a permuta de estudantes entre as três Universida-

des, de modo a permitir a frequência de cursos, no plano da licenciatura, mestrado e doutoramento em Estudos Clássicos nessas Universidades. O primeiro intercâmbio fez-se no ano lectivo de 89/90 entre Coimbra e Caen, tendo sido o projecto alargado a Granada no ano lectivo seguinte.

1991

#### Conferências

21 de Janeiro (APEC): Doutor Walter de Sousa Medeiros: “Em demanda de uma rosa. Crónica de uma redenção anunciada”.

6 de Fevereiro (APEC): Doutor Francisco de Oliveira: “Tipologia da invectiva política nos *Cavaleiros* de Aristófanes”.

4 de Março (APEC): Doutora Maria do Céu Fialho: “Sólón e Ésquilo: duas concepções de tempo afins”.

15 de Abril (APEC): Doutor José Geraldes Freire: “S. Frei Gil de Santarém, escritor”.

16 de Maio (APEC): H. Bauzá (Universidade de Buenos Aires): “Notas sobre o epicurismo latino”.

17 de Junho (APEC): Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva: “Ciro, um herói trágico em Heródoto”.

#### Congressos

Entre 11 e 12 de Abril, foi promovido, pelo Instituto de Estudos Clássicos, o colóquio **Medeia no Drama Antigo e Moderno**, com o patrocínio da Direcção-Geral dos Assuntos Culturais da Secretaria de Estado da Cultura, onde houve oportunidade para escutar diversos professores da Faculdade, quer da área de Literaturas Clássicas, quer da de Literaturas Modernas, que dissertaram sobre algumas das mais célebres dramatizações do mito da princesa da Cólquida. Assim, sobre:

- a Medeia de Eurípides, falou o Doutor Manuel de Oliveira Pulquério;
- a de Séneca, o Doutor Walter de Sousa Medeiros;
- as de Corneille e Anouilh, a Doutora Ofélia Paiva Monteiro;
- o Doutor José Oliveira Barata ocupou-se da de António José da Silva;
- o Doutor Ludwig Scheidl da de Grillparzer;
- o Doutor Aníbal Pinto de Castro da de Alvaro;
- a Doutora Aparecida Ribeiro da de Chico Buarque e Paulo Pontes.

Entre as Medeias antigas e as modernas o professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, e antigo professor desta Faculdade, o Doutor Manuel Viegas Abreu, tratou de «Mito, ciência e vida: reflexões a propósito de Medeia».

Na mesa-redonda com que se encerraram os trabalhos, coordenada pela Doutora Yvette Centeno (Universidade Nova de Lisboa), outros autores foram ainda considerados:

Doutor Jorge Osório (Universidade do Porto): “Ressonâncias medievais e renascentistas”.

Doutor J. Segurado Campos (Universidade de Lisboa): “*Miss Sara Simpson*, de Lessing”.

Doutora Maria Manuela Gouveia Delille: “*Medea* de Hans Henry Jahn e *Der Besuch der alten Dame* de Friedrich Dürrenmatt”.

A esta mesa-redonda deram o imprescindível complemento interdisciplinar da Psicologia e da Filosofia, respectivamente, o Doutor Manuel Viegas Abreu (reflexões complementares) e o Doutor Miguel Baptista Pereira (sobre o trágico).

O congresso contou ainda com a representação (incluindo parte da música original, recuperada havia pouco) de *Os Encantos de Medeia* de António José da Silva, pelas Marionetas de S. Lourenço, de Lisboa.

Entre 9 e 12 de Outubro, foi promovido o Congresso Internacional **Humanismo Português na Época dos Descobrimentos**, pelo Instituto de Estudos Clássicos e pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Constituiu uma ocasião única de pôr em relevo o contributo de uma literatura de recepção internacional, porque escrita na língua científica e diplomática do séc. XVI, e de reunir em esforço colectivo um conjunto de testemunhos sobre a Expansão Portuguesa, até aqui dispersos e não traduzidos. Acresce que esta literatura em Latim está intimamente relacionada com a literatura em português da mesma época.

Realizado em Coimbra, teve o seguinte programa:

#### Dia 9

Doutor Américo da Costa Ramalho: “Os humanistas e a divulgação dos Descobrimentos”.

Doutor Amadeu Torres (Universidade do Minho - Braga): “Os Descobrimentos portugueses nos escritos latinos goisianos”.

Doutor Luís Adão da Fonseca (Universidade do Porto): “A formação clássica e literária de um intelectual português em meados do século XV: o Condestável D. Pedro”.

Dr. Belmiro Fernandes Pereira (Universidade de Aveiro): “A fama portuguesa no ocaso do Império: a divulgação europeia dos feitos de D. Luís de Ataíde”.

Dietrich Briesemeister (Director do Ibero-Amerikanisches Institut, Berlim): “A Glória como forma de vida: análise de Jerónimo Osório, *De Gloria*”.

Dr.<sup>a</sup> Virgínia da Conceição Soares Pereira (Universidade do Minho - Braga): “André de Resende e os Portugueses, segundo Frías de Albornoz”.

#### Dia 10

Jozef Ijsewijn (Universidade de Lovaina): “Achilles Statius and Latin poetry in late 16<sup>th</sup> century Rome”.

Sylvie Deswarte Rosa (CNRS, França): “Egidio da Viterbo et les Découvertes Portugaises”.

Dr. Manuel Cadafaz de Matos (Universidade Católica - Lisboa): “A tipografia quincentista de expressão cultural portuguesa no Oriente e a difusão dos ideais do Humanismo”.

Doutor Aníbal Pinto de Castro: “As cartas dos Jesuítas do Japão, documento de um encontro de culturas”.

Doutor Isaías da Rosa Pereira (Universidade de Lisboa): “Os sermões de André de Resende e de Francisco de Melo no sínodo de Évora de 1534”.

Luís de Sousa Rebelo (King's College, Londres): “Damião de Góis, Diogo de Teive e os arbitristas do século XVII”.

Doutor Carlos Ascenso André: “Luz e penumbra na visão humanista dos Descobrimentos”.

José A. de Sánchez Marín (Universidade de Granada): “Características de la obra poética de Manuel da Costa”.

Doutor João Manuel Nunes Torrão: “A China na obra de Jerónimo Osório”.

Jonh Martyn (Austrália): “Discoveries on Pedro Nunes”.

Nesse dia, realizou-se ainda o espectáculo de teatro: “Clérigos e almocreves”, de Gil Vicente, pelo Centro Cultural de Évora, com encenação de Mário Barradas e Fernando Mora Ramos (organização conjunta com o Teatro Académico Gil Vicente, no âmbito das comemorações do seu trigésimo aniversário).

## Dia 11

Tom F. Earle (Universidade de Oxford): “Nosso edifício de escritura’: a linguagem da arquitectura na Ásia de João de Barros”.

Rita Biscetti (Universidade de Roma): “Ainda sobre as epístolas a D. João II de Angelo Poliziano”.

Doutor Sebastião Tavares de Pinho: “D. Jerónimo Osório e a crise sucessória de 1580”.

R. W. Truman (Universidade de Oxford): “Jean Matal (Ioannes Matalius Metellus), ami fidèle de Jerónimo Osório et son *De Rebus Emmanuelis* à Cologne”.

Doutor Manuel Augusto Rodrigues: “D. Jerónimo Osório e os seus comentários bíblicos”.

Doutor Raul Miguel Rosado Fernandes (Universidade de Lisboa): “Uma informação de André de Resende sobre a Guiné”.

Doutor Artur Anselmo (Universidade Nova de Lisboa): “O livreiro Luís Rodrigues, editor português de textos humanísticos (1539-1549)”.

Doutora Nair de Nazaré Castro Soares: “A literatura de sentenças no Humanismo português: *res et uerba*”.

Doutor Jorge Borges de Macedo (Universidade de Lisboa): “Fortuna e Providência como guia de interpretação do pensamento português no séc. XVI”.

João Pedro Mendes (Universidade de Brasília): “Retórica e Descobrimientos”.

## Dia 12

Doutor José V. de Pina Martins (Universidade de Lisboa): “Descobertas filológicas e Descobrimientos Portugueses numa carta de Aldo Manuzio a Leão X (1513)”.

Carlos Tannus (Universidade Federal do Rio de Janeiro): “António de Cabedo: a cara e a coroa”.

Doutor Jorge Alves Osório (Universidade do Porto): “Humanismo e História”.

## COLABORAÇÃO COM A UNIVERSIDADE DA MADEIRA

No âmbito de um protocolo celebrado entre as Universidades de Coimbra e da Madeira, dois professores do Instituto de Estudos Clássicos de

Coimbra - Doutores Sebastião Tavares de Pinho e Maria de Fátima Silva - têm desempenhado naquela Universidade, a partir do ano lectivo de 1991/1992, funções de coordenação na área dos Estudos Clássicos e Portugueses. Por se tratar de uma escola jovem, com um corpo docente ainda em formação, a Universidade da Madeira espera dos professores visitantes um trabalho de organização e acompanhamento de um conjunto de disciplinas, que se situam no domínio das línguas, literaturas e culturas gregas e latinas; esse grupo, que inclui cerca de dez assistentes e setenta estudantes, apresenta já, no plano de cursos da Universidade da Madeira, uma apreciável dimensão.

1992

#### Conferências

22 de Janeiro (APEC): Dr. António Jorge Silva: "*Epitome Rerum Gestarum in India* (1530): uma intervenção na Europa".

24 de Fevereiro (APEC): Pascal Thiery (Universidade de Brest): "Le 'Nez' d'Aristophane".

18 de Março (APEC): Doutor José Geraldês Freire: "O Latim dos primeiros documentos da Universidade (1288-1309)".

19 de Maio (APEC): Doutor Carlos Ascenso André: "Uma planura ressequida: Ovídio e a poética do exílio".

22 de Junho (APEC): Dr. Belmiro Fernandes Pereira (Universidade de Aveiro): "A Livraria de Aquiles Estaço, *Librorum Venator et Helluo*".

#### Ciclo de lições

Sob o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, em cujo Museu tinha decorrido um ciclo de lições sobre **A Grécia Antiga. Sociedade e Moeda**, pôde repetir-se parte dessa realização no Instituto de Estudos Clássicos, entre os meses de Março e Maio. Deste modo, efectuaram-se oito conferências, assim distribuídas:

Doutor José Ribeiro Ferreira

9 de Março "A pólis grega: sistema de vida e mestra do homem".

16 de Março "A época arcaica: crises de crescimento".

27 de Abril "A democracia grega: a procura da igualdade".

11 de Maio "O período helenístico: uma época de refinamento, fusão e difusão cultural".

Dr. Mário de Castro Hipólito

23 de Março “A questão da origem da moeda: dados e problemas”.

30 de Março “As moedas dos séculos VI e V: da arte arcaica ao classicismo”.

4 de Maio “As moedas dos finais da Época Clássica: tradição e inovação”.

11 de Maio “A moeda da Época Helenística: características gerais”.

### Congressos

Nos dias 31 de Março e 1 de Abril de 1992, os alunos do 4.º ano do curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa organizaram um congresso sobre **O Amor desde a Antiguidade Clássica**, que decorreu no Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Os responsáveis mais directos por este evento foram os estudantes Delfim Leão, João Madeira, Maria do Rosário Madeira e Jorge Manuel Pereira.

O objectivo dos organizadores era tratar um aspecto fundamental da vida do homem em todos os tempos, cuja riqueza e profundidade nos une enquanto humanos e nos distingue de todos os demais seres da criação. Para surpreender o variadíssimo leque conceitual que este tema abarca, foi escolhida uma perspectiva diacrónica sugerida já pelo próprio nome do congresso.

Assim, na parte de manhã dos dois dias, foram proferidas diversas comunicações, cada uma delas salientando um marco da história da civilização:

Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Amizade, amor e eros na *Iliada*”.

Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Schiappa de Azevedo: “Perspectivas do conceito de amor platónico”.

Doutora Nair de Nazaré Castro Soares: “O tema do amor na tragédia humanista”.

Doutor Aníbal Pinto de Castro: “*Amor é um brando afeito que Deus no mundo pôs* – Do Renascimento ao Barroco”.

Doutor Walter de Medeiros: “A Água e o Fogo – uma revivência de *A Cidade Morta*”.

Na tarde do primeiro dia, decorreu um debate sobre o futuro das Línguas Clássicas, que contou com a presença do Doutor João Manuel Nunes Torrão, e das Dras. Isaltina Martins e Maria Manuela Pimentel, e do estudante Manuel Ramos.

A agenda de trabalhos para esse dia foi encerrada com a representação de parte da peça plautina *O Soldado Fanfarrão*. Os actores eram alunos do curso de Estudos Clássicos preparados pelo trabalho paciente e imaginação fecunda do Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca, responsável igualmente pela tradução do original latino.

A tarde do segundo dia foi preenchida por uma mesa redonda subordinada ao tema “A Fortuna do Amor”, contando com a presença de vários especialistas em Literaturas Modernas: a Doutora Ofélia Paiva Monteiro e os Drs. José Carlos Seabra Pereira e José Augusto Cardoso Bernardes, além de um estudioso de Psicologia, o Doutor Álvaro Miranda Santos. O debate foi moderado pelo Doutor Aníbal Pinto de Castro.

A Doutora Maria Helena da Rocha Pereira encerrou o congresso, com uma jocosa improvisação que se associou, perfeitamente, ao carácter jovial do encontro. Os trabalhos programados, contudo, só terminaram verdadeiramente com o espectáculo musical dedicado a Catulo. O responsável pelos cantores e compositor dos temas musicais foi o quartanista Paulo Pedrosa, que veio embelezar, com a sensibilidade e arte que lhe são peculiares, este conjunto de actividades.

Entre 25 e 27 de Novembro, o Instituto de Estudos Clássicos, em conjunto com o Instituto de Historia Económica e Social, organizou as comemorações do **VI Centenário do Infante D. Pedro**, daquele que foi, além de Regente do Reino, escritor, primeiro tradutor de um autor clássico para português e incentivador de outras traduções, e 1.<sup>o</sup> Duque de Coimbra. Não surpreende, portanto, que tais comemorações tenham recebido dimensão nacional, que acentuaram a presença e intervenção de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares, na sessão inaugural, e a de Sua Excelência o Senhor Presidente da Assembleia da República, Dr. Barbosa de Melo, na de encerramento.

O Congresso contemplou as seguintes vertentes:

“A figura histórica do Infante D. Pedro”;

“D Pedro e a língua”;

“D. Pedro e a acção política”;

“D. Pedro: o livro e os livros”

“O pensamento de D. Pedro”;

“A memória de D. Pedro”;



“D. Pedro e a arte”;

“D. Pedro: a morte e o símbolo”.

Os próprios temas sugerem a pluridisciplinaridade das abordagens, que foram feitas por latinistas, linguistas, historiadores da literatura, da arte e da música, e por juristas. E, se muitos dos especialistas que apresentaram comunicações eram da Universidade de Coimbra, não foi menos importante a colaboração de outras Universidades nacionais (Lisboa, Porto, Nova de Lisboa, Católica) e estrangeiras (Londres, Budapeste).

Complementaram esta manifestação cultural uma exposição bibliográfica organizada pela Biblioteca Geral, onde o seu Director, Doutor Aníbal Pinto de Castro, proferiu uma lição sobre a cultura dos Príncipes de Aviz; e dois serões musicais, oferecidos pelas Câmara Municipal de Coimbra, um com o grupo de música antiga “La Battaglia”, de Pedro Caldeira Cabral, e outro pelo grupo “Foral”; e ainda uma visita orientada pelo Doutor Pedro Dias e pelo Dr. F. Pato de Macedo às ruínas dos Paços do Infante D. Pedro em Tentúgal e a outros monumentos de Montemor-o-Velho.

#### CENTRE FOR STUDY AND PRACTICAL REALIZATION OF THE ANCIENT GREEK DRAMA

Por iniciativa do Centre for Study and Practical Realization of the Ancient Greek Drama, realizou-se em Komotini, na Trácia, em Setembro de 1992, um congresso sobre “O coro no Teatro Grego”, em que participaram, além de especialistas de diversas universidades, conhecidos responsáveis pela actividade teatral, como musicólogos, coreógrafos, produtores e actores. Neste encontro, o Instituto de Estudos Clássicos esteve representado pela Doutora Maria de Fátima Silva, que aí fez um balanço da presença e actualidade do teatro grego nos palcos portugueses. Além dos contactos pessoais entretanto estabelecidos, o Centre for Study and Practical Realization of the Ancient Greek Drama pôde conhecer igualmente os trabalhos de investigação e as traduções publicadas pelos docentes do Instituto Estudos Clássicos e pelos investigadores do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos de Coimbra.

Por isso, o Instituto de Estudos Clássicos foi considerado o representante natural do nosso país num programa de Informação e Documentação sobre o Drama Grego Antigo, promovido por aquele Centro ateniense. Propõe-se este projecto recolher e organizar informação bibliográfica na sua

área específica, documentação sobre as realizações modernas do drama antigo e fazer o levantamento da pesquisa científica de que aquele tem sido objecto. Desta iniciativa pode esperar-se, no futuro, uma intervenção poderosa no que respeita ao conhecimento do muito que se tem feito pela animação e constante revitalização da produção dramática que imortalizou o universo de Dioniso.

### Representação teatral

A 22 de Outubro, fez-se a representação integral e em Latim de uma peça de Plauto, os *Menaechmi*, coisa que, segundo julgamos, não se ouvia em Coimbra desde o séc. XVI (quanto a autores clássicos). Os jovens actores eram do Grupo de Teatro Latino da Universidade de Trier. A numerosa assistência que enchia o Teatro Paulo Quintela, essa era mais jovem ainda, pois era constituída, em grande parte, por turmas de Latim de Escolas Secundárias de várias localidades. A comunicação estabeleceu-se admiravelmente por intermédio de um prólogo em português, composto pelo Dr. Louro Fonseca, em que, à maneira do próprio Plauto, se explicava o argumento. O mesmo professor ensaiou o actor que o proferiu, António Manuel Gonçalves Mendes, recém-licenciado em Estudos Clássicos e Portugueses.

1993

### Conferências

3 de Janeiro (IEC, em colaboração com a Associação de Literatura Comparada): Carlos Garcia Gual (Universidad Complutense de Madrid): “Ulises en la literatura española del siglo XX (y especialmente en la obra de Jorge Luis Borges)”.

22 de Janeiro (APEC): Doutor José Geraudes Freire: “As ‘Constituições’ da Universidade de 1317: análise filológica”.

26 de Janeiro (IEC, em colaboração com o Instituto de Arqueologia): Pierre Carlier (Universidade de Nancy): “La politique de Démosthène sous le règne d'Alexandre”.

12 de Março (APEC): Dr. Aires Pereira do Couto (Universidade Católica - Viseu): “O Poema *Fontellum* de António Cabedo”.

30 de Março (APEC): Doutora Marília Pulquério Futre (Universidade de Lisboa): “Heróis e sábios nas *Etiópicas* de Heliodoro”.

19 de Abril (IEC): José Antonio Sánchez Marín (Universidade de Granada): “La elegía latina y su reflejo en la literatura del Renacimiento”.

5 de Maio (APEC): Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Schiappa de Azevedo: “Cloc em Ricardo Reis”.

2 de Junho (APEC): Rodriguez Nella: “Dos hispanos en la Roma de César: los Balgos de Cádiz”.

8 de Junho (APEC): Jean-François Rossy: “La culture: transmission et imitation”.

29 de Novembro (APEC): Doutor Carlos Ascenso André: “Sementes de tristeza: Cícero, precursor das lágrimas ovidianas”.

### Participação no Programa FOCO

Neste programa, iniciado na Faculdade em 1993, para actualização de docentes do Ensino Secundário, participaram diversos professores do Instituto de Estudos Clássicos, proferindo lições sobre os seguintes temas:

Doutor Walter de Sousa Medeiros: “O teatro latino”.

Doutor José Ribeiro Ferreira: “História Antiga: Unidade Helénica”.

Doutoras Maria de Fátima Silva, Maria do Céu Fialho e Nair de Castro Soares: “Tragédia Portuguesa: suas fontes clássicas”.

### Congressos

Entre 10 e 11 de Fevereiro, o Instituto de Estudos Clássicos promoveu o colóquio **As Línguas Clássicas: Investigação e Ensino**, presidido pelo Doutor João Nunes Torrão. Foi parte central dos trabalhos a questão didáctica, bem como uma que lhe está adjacente sobre “Manuais escolares” (em mesa-redonda) e outra não menos útil para os participantes, “Experiências pedagógicas”. Objecto de comunicações foram ainda “Autores e temas dos programas”.

Singularizou-se ainda este colóquio pelo facto de ter tido a colaboração, não só da maioria dos professores do Instituto de Estudos Clássicos, como de outras Universidades portuguesas onde o curso funciona (Lisboa, Aveiro, Católica), de várias escolas secundárias e de um representante da Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário. E ainda por a variedade de métodos preconizados abrir um largo crédito à exemplificação dos chamados “suportes lógicos” do ensino.

A 6 de Dezembro, exactamente dois dias antes de se completar o ano durante o qual o mundo culto comemorou o **Bimilenário da Morte de Horácio**, organizou o Instituto de Estudos Clássicos uma sessão de homenagem ao Poeta. Presidida pelo Ex.<sup>mo</sup> Vice-Reitor da Universidade, Doutor Fernando Rebelo, em representação do Magnífico Reitor, em mesa de que também faziam parte os Presidentes do Conselho Directivo e do Conselho Científico, respectivamente, Doutor João Lourenço Roque e Doutor Ludwig Franz Scheidl, teve a presença de um numeroso público de professores, antigos e actuais alunos, que enchiam o Teatro Paulo Quintela, na tarde de 6 de Dezembro de 1993.

Constou a sessão de duas partes. Depois de justificada a simplicidade de tão breve homenagem para tão grande e influente poeta, por parte da Directora do Instituto, Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, a primeira compreendeu uma conferência pelo Doutor Walter de Sousa Medeiros, que veio a ser publicada no vol. LXX da revista *Biblos*. A segunda, formava-a um espectáculo musical com a designação *Aere perennius*, organizado pelo Dr. Delfim Ferreira Leão com a colaboração do Dr. Paulo Jorge Pedrosa, que fez o arranjo musical para três carmes de Horácio (I.11; II.14; III.30), para duas odes de Ricardo Reis (*Vem sentar-te comigo, Lúcia e Mestre, são plácidas*), e para um poema de Delfim Leão (*Carpe diem*).

## 1994

### Conferências

18 de Janeiro (APEC): Doutor José Geraldês Freire: “Duas cartas latinas ao Dr. Luís da Silva de Brito (séc. XIV)”.

23 de Março (APEC): Fernanda Vicente e Cristina Cortesão: “Os mitos clássicos no Museu do Prado”.

30 de Maio (APEC): Doutor Américo da Costa Ramalho: “Japoneses e Portugueses nos *Diálogos de Duarte de Sande*”.

### Projectões de filmes

O teatro clássico foi apresentado, em versão cinematográfica, em duas ocasiões distintas. Assim, a 4 de Maio, o Dr. Delfim Leão fez uma introdução ao *Agamémnon* de Ésquilo, dirigido por Peter Hall em Epidauro. A 11 de Julho, e com a colaboração da Sala de Estudos Cinematográficos, Pascal

Thiercy (Universidade de Brest) apresentou *As Nuvens* de Aristófanes. Esta produção oferecia a particularidade de ter sido dirigida por aquele especialista em teatro grego, que também desempenhava o papel de Sócrates. Os outros actores eram todos docentes ou estudantes universitários de diversos países, que davam a réplica cada um na sua língua materna. Ao Dr. Delfim Leão couberam alguns papéis.

#### Visitas de estudo

A 8 de Outubro, foi promovida, pelo Instituto de Estudos Clássicos, uma visita de estudo à Lisboa romana, de modo a aproveitar a exposição que englobava esse tema sob o título “Lisboa subterrânea” e se encontrava no Museu Nacional de Arqueologia. A própria arqueóloga que a montou, Dra. Ana Margarida Arruda, se encarregou de orientar os numerosos participantes neste acto. Aproveitou-se a deslocação para ver também as chamadas “Termas Romanas da Rua da Prata”, na verdade um criptopórtico. Esta parte da visita, assim como a ida às ruínas do Teatro Romano, foi conduzida pelo arqueólogo Dias Diogo, da Câmara Municipal de Lisboa. O ciclo encerrou-se no limiar da Idade Moderna, com uma exposição, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sobre o Tratado de Tordesilhas.

1995

Homenagem do Instituto de Estudos Clássicos à Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, por altura da sua jubilação. A homenagem teve dois momentos distintos, mas ligados ambos pelo facto de constituírem actos culturais.

29 de Julho: oferta de uma Miscelânea de estudos em honra da docente jubilada, o número 47 da revista *Humanitas*.

Representação, no serão do mesmo dia, da *Antígona* de Sófocles, em tradução da homenageada, pelo Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra.

---

235

#### Conferências

25 de Outubro (IEC): K. Dover (Chancellor da Universidade de St. Andrews): “Gravity and levity in Aristophanes”.

26 de Outubro (IEC): K. Dover (Chancellor da Universidade de St. Andrews): “Poetic ingredient in Greek prose literature”.

## Sessões culturais

A Associação Portuguesa de Estudos Clássicos promoveu várias sessões culturais, ao longo deste ano, dedicadas a temas previamente escolhidos:

14 de Março (Aveiro), com o tema: **Recepção da Tradição Clássica**

Doutor Aníbal Pinto de Castro: “A recepção das literaturas clássicas e a periodização da Literatura Portuguesa”.

Doutor José Ribeiro Ferreira:” O tema do labirinto em três poetas: David Mourão-Ferreira, José Augusto Seabra e Sofia de Mello Breyner”.

Doutor Vítor Jabouille (Universidade de Lisboa): “Tragédia e Literatura Portuguesa”.

21 de Março (Coimbra), com o tema: **Renascimento**

Doutor Américo da Costa Ramalho: “A missão japonesa em Coimbra no Natal de 1585”.

Doutor R. M. Rosado Fernandes (Universidade de Lisboa): “Geografia e História Antiga em André de Resende”.

Doutor Sebastião Tavares de Pinho: “Problemas de crítica textual no Humanismo”.

29 de Abril (Coimbra), com o tema: **Romance Grego**

Bryan Reardon (Univ. de Irvine, Califórnia): “Le roman grec antique: vue d’ensemble”.

Jacyntho Lys Brandão (UFMG - Belo Horizonte): “O mundo do espectáculo no romance grego antigo”.

Doutora Marília Pulquério Futre (Universidade de Lisboa): “A recepção do romance grego na literatura do Renascimento”.

8 de Maio (Coimbra), com o tema: **Romance Latino**

David Konstan (Universidade de Brown): “Amor e amizade no romance antigo”.

Doutor Walter de Medeiros: “Do desencanto à alegria: o *Satyricon* de Petrónio e o *Satyricon* de Fellini”.

Dr. Delfim Ferreira Leão: “Trimalquião. A *humanitas* de um novo-rico”.

## Encontros com escritores

Tendo em conta a permanência da cultura clássica na literatura moderna, o Instituto de Estudos Clássicos, em colaboração com o Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, promoveu um conjunto de encontros com

escritores, poetas e ficcionistas, que mostram um contacto assíduo com o imaginário greco-romano. Para cada encontro, foi convidado um especialista que procedeu à apresentação da obra do autor em causa.

26 de Outubro de 1996: Dr. José Carlos Seabra Pereira: “José Augusto Seabra”.

26 de Novembro de 1996: Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Manuel Alegre”.

## 1997

### Congressos

Entre 11 e 14 de Março, por iniciativa do Instituto de Estudos Clássicos, realizou-se o congresso internacional subordinado ao tema **A Retórica Greco-latina e a sua Perenidade**, presidido pelo Doutor José Ribeiro Ferreira, que contou com a colaboração de especialistas nacionais e estrangeiros.

Era propósito deste encontro motivar a reflexão e a discussão sobre a função e arte da palavra, avaliando-lhe a capacidade de intervenção humana e social. Desejou-se que o fenómeno fosse apreciado numa perspectiva diacrónica, desde a antiguidade grega e latina até aos nossos dias, e dentro de um plano de utilização o mais alargado possível. Nessa interdisciplinaridade residiu o atractivo principal da proposta, dela resultando a riqueza, tradição e actualidade da retórica. Das múltiplas conferências apresentadas (traduzidas em dois volumes de actas), podem destacar-se as seguintes:

Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Os caminhos da persuasão na *Ilíada*”.

Antonio López Eire (Universidade de Salamanca): “Innovación y modernidade de la retórica aristotélica”.

Doutor Manuel Alexandre Júnior (Universidade de Lisboa): “Complementaridade e expansão na retórica helenística”.

Alain Michel (Universidade de Paris-Sorbonne): “Cicéron et la rhétorique”.

Colette Nativel (Universidade de Paris-Sorbonne): “Quintilien, lecteur de Cicéron”.

Doutor Walter de Medeiros: “A retórica do naufrágio e da morte no romance de Petrónio”.

Luciana Sparisci (Universidade da Costa Rica): “Recursos retóricos de los *Carmina Burana*”.

Henrique Pinto Rema (O. F. M.): “A retórica em Santo António de Lisboa no contexto português e europeu da Idade Média”.

Doutor Américo da Costa Ramalho: “Entre a gramática e retórica: ‘as figuras’ no séc. XVI”.

E. Sánchez Salor (Universidade de Extremadura): “La retórica en Francisco Sánchez, el Brocense”.

Doutor Aníbal Pinto de Castro: “Do Renascimento ao Barroco - de Cícero a Aristóteles”.

Doutor Vítor Manuel de Aguiar e Silva (Universidade do Minho - Braga): “A retórica e as teorias formalistas da literatura do século XX”.

Doutor F. J. Pinto Bronze: “As margens e o rio (da retórica jurídica à metodonomologia)”.

Doutor Mário Mesquita: “Retóricas da televisão cerimonial”.

Dr. António Almeida Santos (Presidente da Assembleia da República): “O uso da retórica na vida política e parlamentar”.

#### Audições

28 Maio (IEC e APEC): sessão dedicada à ópera *Les Troyens* de Hector Berlioz; o Doutor Sebastião Tavares de Pinho reflectiu sobre o “libretto” desta ópera de assunto clássico; o Dr. José Maria Pedrosa Cardoso abordou a problemática da música e da forma.

#### Encontros com escritores

15 de Janeiro de 1997: Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Arnaut: “João Aguiar”.

24 de Janeiro de 1997: Doutora Maria Fernanda Abreu: “Hélia Correia”.

23 de Abril de 1997: Doutor Carlos Reis: “Fernando Guimarães”.

22 de Outubro de 1997: Dr. Mário Garcia: “Nuno Júdice”.

21 de Novembro de 1997: Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “Eugénio de Andrade”.

16 de Dezembro de 1997: Doutora Isabel Pires de Lima (Universidade do Porto): “Vasco Graça Moura”.



## Congressos

Entre 4 e 6 de Junho, a APEC promoveu o seu primeiro congresso, subordinado ao tema **Raízes Greco-latinas da Cultura Portuguesa**. O grande objectivo do congresso, presidido pelo Doutor Francisco Oliveira, foi a apresentação de uma visão geral da influência da cultura greco-latina na cultura portuguesa, em todas as suas formas de expressão (literatura, arte, política, filosofia, ciência, etc.), numa perspectiva, portanto, interdisciplinar.

Do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, proveio a colaboração activa dos seus investigadores, que intervieram com um número de conferências elevado. De igual modo, a Faculdade de Letras, em reunião do Conselho Directivo, entendeu dar um apoio firme, tendo em conta a natureza interdisciplinar do congresso. Um bom acolhimento foi obtido igualmente junto da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação Engenheiro António de Almeida e da Secretaria de Estado do Ensino Superior.

A organização deste evento teve ainda o apoio científico das Associações Internacionais congéneres, com a presença das confederações mais representativas dos estudos clássicos, a nível europeu e mundial, através dos Professores Edouard Wolter (Presidente da Euroclassica) e Marcos Mayer Olivè (Reial Academia de Bonés Lletres da Catalunha), em representação da Fédération Internationale des Études Classiques - FIEC, de que é Vice-Presidente. Contou-se também com a participação de um nome importante no campo editorial da especialidade, Bernhard Zimmermann (Universidade de Freiburg), editor de *Neue Pauly*, a conhecida enciclopédia de Estudos Clássicos.

Programa do congresso:

## Dia 4

Doutor Jorge de Alarcão: "As raízes históricas da paisagem portuguesa".

Doutor José d'Encarnação: "Estudo da História Antiga em Portugal".

Doutora Regina Anacleto: "O Neoclassicismo na Arte Portuguesa".

Doutor José Galdes Freire: "Influências clássicas no Latim Cristão da Antiguidade Tardia nos autores do Ocidente Hispânico e no Latim Medieval em Portugal".

Doutor Aires do Nascimento (Universidade de Lisboa): "Tradução como alargamento de comunidade textual. Os textos clássicos na Idade Média".

- Doutora Clarinda Maia: “A herança latina na Língua Portuguesa”.
- Doutor José Antunes: “A cultura erudita em Portugal nos séc. XIII-XIV”.
- Doutor Sebastião Pinho: “Os Príncipes de Avis”.
- Doutor Pedro Dias: “Raízes clássicas da arquitectura portuguesa do séc. XVI”.
- Dr. Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa): “Camões e a História da Roma Antiga”.
- Dra. Cláudia Teixeira (Universidade de Évora): “O clássico no moderno: coreografia de uma herança”.
- Dra. Susana Pereira: “A presença da mitologia clássica num epitalâmio de Manuel da Costa”.
- Dra. Reina Marisol Troca Pereira: “Influências das civilizações greco-latinas na prática musical portuguesa”.
- Doutor Aires Pereira: “Terminologia grega em obras de teoria musical”.

#### Dia 5

- Doutor Américo da Costa Ramalho: “O humanismo em Portugal”.
- Doutor Jorge Alves Osório (Universidade do Porto): “Temas clássicos na Literatura Medieval e Clássica em Portugal”.
- Doutora Nair de Castro Soares: “Séneca e António Ferreira”.
- Doutora Rita Marnoto: “Raízes do Bucolismo de Pêro de Andrade Caminha”.
- Doutor Aníbal Pinto de Castro: “Estudos retóricos em Portugal”.
- Doutora Maria Helena Ureña Prieto (Universidade de Lisboa): “A recepção da mitologia greco-latina em Portugal”.
- Doutor Amândio Coxito: “Filosofia Grega em Portugal”.
- Doutor António Santos Justo: “Direito Romano em Portugal”.
- Doutor Rui Pita: “A tradição galénica em Portugal”.
- Doutor Vítor Jabouille (Universidade de Lisboa): “O ensino das Línguas Clássicas em Portugal”.
- B. Zimmermann (Universidade de Freiburg): “Friedrich Schiller e il tragico”.
- Apresentação do livro *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo* (Doutora M. F. Silva et alii).

### Comunicações simultâneas

Dra. Maria Teresa Schiappa de Azevedo: “*Magister pecoris*: Dáfnis e Caeiro”.

Dra. Marta Várzeas (Universidade do Porto): “Virgílio Ferreira: *Em Nome de Flora*”.

Dr. Delfim Leão: “Nausica de Monte-Faro (a propósito de A. Bessa-Luís)”.

Dra. Carmen Soares: “O exílio afectivo de Antígona na *Perdição* de Hélia Correia”.

Dra. Paula Dias: “*As memórias de Agripina* de Seomara da Veiga Ferreira, ou como reabilitar uma personagem”.

Dra. Luísa Ferreira: “Medeia em *Antes que a noite venha*, de Eduarda Dionísio”.

Representação da *Andrómaca* de Eurípides, pelo Grupo de Teatro Clássico Griego “Selene”, dirigido pelo José Luis Navarro – Madrid (Igreja de São João de Almedina – Museu Machado de Castro).

### Dia 6

Doutor Walter de Medeiros: “A ressurreição dos Faunos e um acaso pseudomantuano em Aquilino”.

Doutora Maria do Céu Grácio Z. Fialho: “Presença da Antiguidade como referência estruturadora no romance de Vergílio Ferreira”.

Doutor José Ribeiro Ferreira: “Temas clássicos na Literatura Portuguesa contemporânea”.

Doutora Maria Helena Rocha Pereira: “Os Estudos Clássicos entre a I República e a Actualidade: evolução e novas perspectivas”.

Entre 25 e 29 de Outubro, realizou-se o congresso internacional **Anchieta em Coimbra – 450 anos – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)**. A iniciativa, presidida pelo Doutor Sebastião T. de Pinho, foi do Instituto de Estudos Clássicos, em colaboração com o Instituto de Estudos Brasileiros e o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, com o objectivo de comemorar um duplo aniversário: os 450 anos da matrícula de José de Anchieta no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra e os 450 anos do próprio Colégio das Artes.

Os vários aspectos da actividade de Anchieta, assim como a iconografia e a permanência da sua imagem na literatura do Brasil e de Portugal deram

enjoy a 27 sessions involving 100 exhibitors, in a meeting that involved about 600 participants from more than 50 universities of foreign countries, among which Germany, Argentina, Brazil, France, Spain, Italy and England. In addition to professors of Literature and of Portuguese, Latin, Spanish and Tupi, participated in the work professors of History of Music, theologians and missionaries.

The main objectives of the Congress - the one to call attention of researchers and the public in general for the importance that they had in the intellectual formation of José de Anchieta his studies made in Coimbra, in the best university college of then and in a decisive period of his life, and the one to rescue the strange and unjust forgetting in Portugal his literary work and of missionary - were fulfilled: created a commission, of which made part the Doctors Sebastião de Pinho, César Augusto dos Santos and Francisco González Luís, with the objective of forming an International Association of Anchieta Studies.

#### Encontros com escritores

16 de Janeiro de 1998: Dr. Fernando Guimarães: “Pedro Tamen”.

18 de Março de 1998: Dr. Osvaldo Silvestre: “Mário de Carvalho”.

19 de Abril de 1998: Doutor Carlos Reis: “Albano Martins”.

27 de Abril de 1999: Micaela Ghitesco: “Lucian Braga”.

#### CRIAÇÃO DO THÍASOS – GRUPO DE TEATRO DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

O projecto de criar um grupo de teatro era já antigo, no IEC. Assim, já em Novembro 1991, algumas das pessoas que agora integram o corpo de docentes deste Instituto – então colegas de curso – encenavam, na cerimónia comemorativa da sagração da Sé Velha de Coimbra, um texto original, da autoria de Delfim Leão, intitulado *Sé Velha – Pedras Vivas*. Em Março do ano seguinte, foi possível assistir à representação de parte do *Soldado fanfarrão* plautino, levado à cena pelo autor da versão portuguesa da comédia, o Dr. C.A. Louro Fonseca, grande impulsor da pragmática teatral.

Foi apenas em 1996 que se retomou o projecto de teatro, com a rodagem, em Conimbriga, da versão video da comédia de Aristófanes, *Mulheres no Parlamento*, sob a direcção de Delfim Leão. Seguiram-se o *Auto*

*da Alma* de Gil Vicente, peça dirigida por José Luís Brandão, em 1997, e o *Epídico* de Plauto, encenado por Paulo Sérgio Ferreira, em 1998. A partir desta altura, com o empenho expresso do então Director do IEC (Doutor José Ribeiro Ferreira) e de outros docentes do Instituto que trabalhavam directamente na pragmática teatral (Delfim F. Leão, José Luís Brandão, Luísa de Nazaré Ferreira, Paulo Sérgio Ferreira e Cláudia Cravo) a Associação Cultural Thíasos foi oficialmente criada como entidade jurídica. Desde então, o Thíasos (que integra também funcionários e estudantes, maioritariamente da Faculdade de Letras), tem apresentado regularmente propostas de encenação de obras clássicas ou de tema clássico, vistas já por mais de vinte e cinco mil espectadores, repartidos entre Portugal, Espanha, França e Itália.

## 1999

### Cursos livres

Entre 15 e 19 de Fevereiro, decorreu um curso sobre **Teoria y Práctica del Teatro Griego**, organizado pelo Instituto de Estudos Clássicos e dirigido por José Luís Navarro (Universidade Complutense de Madrid) e Gemma López Martínez.

### Conferências

24 e 25 de Maio: Helmut Flashar (Universidade de Munique): “Aristophanes: Men and birds”; “Aspects and problems of performing ancient drama on the modern stage”.

24 e 25 de Maio: Oliver Taplin (Universidade de Oxford): “The spread of tragedy from Athens: When, how and why”; “Performances of ancient Greek drama”.

### Congressos

Entre 11 e 12 de Novembro, realizou-se, no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, o congresso internacional **Plutarco Educador da Europa**. Foi promovido por iniciativa conjunta do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras e do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, tendo presidido o Doutor José Ribeiro Ferreira. Nele participaram, com a apresentação de resultados da sua investigação, vários especialistas, quer nacionais quer estrangeiros, não apenas da área dos Estudos

Clássicos, mas de outras culturas europeias que atestam a presença de uma recepção de Plutarco viva e actuante.

Dos trabalhos do congresso, resultou bem clara a ideia de que Plutarco é um vulto de perene modernidade e, por isso, recrudescer na actualidade o interesse que o Ocidente sempre cultivou por esta figura multifacetada. Tal facto encontra-se bem patente na imensa bibliografia específica publicada nos últimos quinze anos, como salientou, na conferência de encerramento, A. Pérez Jiménez, presidente da Associação Espanhola de Estudos Plutarquianos, que convidou os investigadores portugueses de Plutarco a constituírem uma Associação Portuguesa congénere, que seria integrada na International Plutarch Society.

Tal exortação foi acolhida e a Associação Portuguesa de Plutarco haveria de nascer em breve, sob a égide do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras, contando com a colaboração de investigadores de outros institutos e de outras universidades.

#### Encontros com escritores

12 de Janeiro de 1999: Doutor Walter de Medeiros: “Fernando Campos”.

27 de Abril de 1999: Dr. José Carlos Seabra Pereira: “José Blanc de Portugal”.

3 de Maio de 1999: mesa-redonda sobre a permanência da cultura clássica na poesia contemporânea, sendo abordados os seguintes temas:

Dr. Osvaldo Silvestre: “Poesia de tradição hoje”.

Dr. Fernando Pinto Amaral: “O legado clássico na poesia contemporânea”.

Doutor José Ribeiro Ferreira: “O legado clássico em Paulo Teixeira”.

18 de Maio de 1999: Doutora Maria Aparecida Ribeiro: “Fiamma Hasse Pais Brandão”.

Na sequência da proposta – votada, no ano anterior, por unanimidade, pelos participantes no Congresso Internacional **La Latinité: l’avenir d’un passé**, organizado na Universidade de Cluj pela Fundatia Culturala Romana – de criação de um Centro Internacional de Latinidade, o qual, na sua primeira fase, ficaria sediado no Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras,

realizou-se a primeira reunião em Coimbra, em 5 e 6 de Novembro, para elaborar os estatutos e eleger a direcção. A essa reunião, convocada pelo Director do Instituto de Estudos Clássicos, Doutor J. Ribeiro Ferreira, e pela Doutora M. H. Rocha Pereira, estiveram presentes a Pró-Reitora da Universidade para a cultura, o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade, o Embaixador de Portugal na Roménia e delegados de vários países de línguas românicas: Argentina (Hugo Bauzá, Universidade de Buenos Aires), Brasil (Jacyntho Lins Brandão, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte; Carlos Jorge Appel, Universidade de Porto Alegre), Espanha (Antonio López Eire, Universidade de Salamanca), Suíça (André Hurst, Universidade de Genève). Não puderam comparecer, embora manifestassem a sua adesão, os delegados da Bélgica (J. Poucet, Universidade de Lovaina), da França (Michèle Ducos, Société des Études Latines, Paris), da Itália (Antonio Garzya, Universidade Frederico II de Nápoles) e da Roménia (Ianku Fischer, Universidade de Bucareste).

Serão objectivos principais do Centro, que tomou por patrono Léopold S. Senghor, e que estará aberto a pessoas singulares e colectivas de outros países também, os seguintes: promover a aproximação entre países, instituições e pessoas interessadas na herança linguística e cultural da Latimidade; favorecer pela sua acção o diálogo de todas as culturas; introduzir nesse diálogo a voz da cultura greco-romana, concebida como voz de uma cultura viva e carregada, ao mesmo tempo, de um passado milenar; levar a efeito actividades de extensão cultural, colóquios, conferências, exposições e representações de teatro antigo.

## 2000

### Congressos

Entre 25 e 28 de Outubro, realizou-se o congresso internacional do Humanismo português **Cataldo Sículo e André de Resende – 500 Anos**. Foram seus promotores o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e o Instituto de Estudos Clássicos (Universidade de Coimbra); o Centro de Estudos Clássicos e Instituto de Estudos Clássicos André de Resende (Universidade de Lisboa); o Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Humanas e Sociais (Universidade de Évora). As sessões distribuíram-se pelas três cidades; iniciaram-se em Coimbra no dia 25 de Outubro, foram transferidas para Lisboa no dia seguinte e concentraram-se em Évora nos dois últimos dias.

No ano 2000, ocorria o quinto centenário de duas grandes figuras do Renascimento português: Cataldo Parisio Sículo, considerado pelos especialistas como o introdutor do humanismo em Portugal, e André de Resende, um dos humanistas e polígrafos mais fecundos no nosso século XVI. Do primeiro pretendiam os organizadores comemorar os quinhentos anos da publicação das *Epistolae et Orationes I*, a 21 de Fevereiro de 1500, na oficina de Valentim Fernandes, em Lisboa. Do segundo celebrava-se o quinto centenário do seu nascimento em Évora.

#### Coimbra

Doutor Américo da Costa Ramalho: “Cataldo Parisio Sículo em Portugal: alguns tópicos”.

João Pedro Mendes (Universidade de Brasília): “Cataldo: o homem, a vida, e a poesia”, comunicação lida pelo Doutor Sebastião Tavares de Pinho.

Kalil Tannus (Universidade Federal do Rio de Janeiro): “Cataldo, *orator regius*”.

Doutor Hélio J. S. Alves (Universidade de Évora): “Nas origens da poética do humanismo renascentista em Portugal: o sobrenatural na *Arcítinxe* de Cataldo”.

Doutor Aníbal Pinto de Castro: “Mestre André de Resende um *orator* de proveito e exemplo”.

Jean Claude Margolin (Universidade de Paris): “À l’approche de la mort: Rhétorique et émotion dans deux poèmes d’André de Resende”.

Doutora Elisa Nunes Esteves (Universidade de Évora): “Os humanistas e o espólio literário medieval”.

Doutor Aires Pereira do Couto (Universidade Católica - Viseu): “André de Resende e Inácio de Moraes na questão dos ‘causíficos’”.

Recepção dos congressistas na Biblioteca Joanina, pelo seu director Doutor Aníbal Pinto de Castro, com uma exposição de obras dos dois humanistas. Ainda na biblioteca, apresentação do fac-simile dos “Autos do Sínodo de Évora de 1534”, pelo Doutor Sebastião Pinho, cujo lançamento oficial foi feito em Évora.

Actuações do grupo “Ançãble” e do Coral das Letras, executando peças de Polifonia Renascentista, na Capela da Universidade.



## Lisboa

Doutor José V. de Pina Martins (Universidade de Lisboa): “André de Resende e a Universidade”.

Doutor Raul M. Rosado Fernandes (Universidade de Lisboa): “Raízes do nacionalismo português em André de Resende”.

Cármen Codoñer (Universidade de Salamanca): “Literatura pedagógica hispana del siglo XVI”.

José María Maestre y Maestre (Universidade de Cádiz): “La adscripción a Portugal de Juan Guinés de Sepúlveda en el Ciceronianus de Erasmo: *lapsus* o error deliberado?”.

Luís de Sousa Rebelo (King’s College, Londres): “André de Resende: das Tágides ao Tamisa”.

Doutor Joaquim Lavajo (Universidade de Évora): “André de Resende e a história religiosa portuguesa”.

## Évora

E. Sánchez Salor (Universidade de Extremadura - Cáceres): “Nebrija contra Pastrana en la Universidad Portuguesa (1500-1517)”.

María Nieves M. Martín (Universidade de Granada): “Humanismo y epístola en verso en André de Resende”.

Doutor José Geraldes Freire: “Os primeiros hinos em métrica quantitativa aos Santos portugueses (séc. XVI-XVIII)”.

Doutor Sebastião Tavares de Pinho: “O manuscrito do primeiro sermão de André de Resende”.

Doutor Aires Augusto do Nascimento (Universidade de Lisboa): “Aspectos da piedade de André de Resende”.

Doutora Virgínia Soares Pereira (Universidade do Minho - Braga): “As cartas-prefácio de André de Resende”.

Doutor Carlos Ascenso André (Universidade de Coimbra): “André de Resende, um poeta de afectos”.

Doutor José d’Encarnação: “André de Resende, epigrafista”.

Doutora Nair de Castro Soares: “Da Pedagogia humanista do Quattrocento à influência de Erasmo: Cataldo e Resende”.

Inauguração da exposição “Cataldo Sículo e André de Resende na Biblioteca Pública de Évora”.

Inauguração, no Largo de São Mamede, do busto de André de Resende, da autoria de escultor João Cutileiro.

Lançamento oficial do fac-símile dos “Autos do Sínodo de Évora de 1534”.  
Representação de *Caminho Marítimo*, pelo Centro Dramático de Évora,  
no teatro Garcia de Resende.

Festivais de teatro

2 a 5 Maio: **I Festival Escolar de Teatro de Tema Clássico**.  
Decorreu no Museu Monográfico de Conimbriga e no Museu Machado de  
Castro, com os seguintes espectáculos:

*Samia* de Menandro, pelo Helios Teatro de Madrid.

*Andrómaca* de Eurípides, pelo Grupo Selene de Madrid.

“Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea”, pelo Grupo de  
Teatro Clássico de Conimbriga.

*Epídico* de Plauto, pelo Thíasos do IEC.

*Gorgulho*, de Plauto, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Troianas*, de Eurípides, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

Junho a Setembro: **II Encontros de Verão de Teatro de Tema  
Clássico**. As representações decorreram em locais diversos, como Conim-  
briga, Pátio da Universidade, Praça 8 de Maio e Museu Machado de Castro,  
em Coimbra, mas também em Viseu e Braga. Foram apresentados os  
seguintes espectáculos:

*Comédia da Marmita* de Plauto, pelo grupo de teatro Fatias de Cá, de  
Tomar.

*Soldado Fanfarrão* de Plauto, pelo Grupo de Teatro da Escola  
Secundária de Cantanhede.

*Andrómaca* de Eurípides, pelo Grupo Selene de Madrid.

“Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea”, pelo Grupo de  
Teatro Clássico de Conimbriga.

*Epídico* de Plauto, pelo Thíasos do IEC.

*Gorgulho* de Plauto pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Troianas* de Eurípides pelo Grupo Balbo de Cádiz.

## Sessões culturais

7 de Março: sessão, realizada no Museu Machado de Castro, sobre as *Sátiras* de Horácio, em organização conjunta com o Thíasos, constituída por uma conferência proferida por Walter de Medeiros e pelo espectáculo “O Poeta e o Maçador” (dramatização de *Sátiras*, 1.9 de Horácio).

9 de Março: mesa-redonda sobre “O fogo de Prometeu - a tragédia grega e a sua recepção”. A sessão foi acompanhada por leituras dramatizadas de alguns passos, feitas por Actores da Escola da Noite. Conferências apresentadas:

Dra. Ana Paula Quintela (Universidade do Porto): “O *Prometeu Agrilhoado*”.

Doutor José Maria Pedrosa Cardoso: “Presença de Prometeu em obras musicais de Beethoven e de Carl Orff”.

Dr. Carlos Guimarães “Análise da dramatização de um texto de Heiner Müller”.

20 de Março: sessão “Labirintos do Mito”, com as seguintes comunicações:

Doutora Maria Helena da Rocha Pereira: “O mito na Antiguidade Clássica”.

Doutor Aníbal Pinto de Castro: “O mito na literatura portuguesa”.

Doutor Ludwig Scheidl: “O mito na literatura de língua alemã”.

Doutor Manuel Viegas Abreu: “A Psicologia e o mito”.

## Festivais de teatro

23 de Abril a 18 de Maio: **II Festival Escolar de Teatro de Tema Clássico**. Decorreu no Museu Monográfico de Conimbriga; no Museu Machado de Castro, em Coimbra; na Universidade Católica de Viseu; e no Convento de Cristo, em Tomar. Teve a participação de cinco grupos teatrais, dois espanhóis e três portugueses, com a representação das seguintes peças:

*Heraclidas* de Eurípides, pelo Thíasos do IEC.

“Mitos Clássicos na poesia Portuguesa Contemporânea”, pelo Grupo de Teatro Clássico de Conimbriga.

*Orfeo ed Euridice* - acção dramática em três actos”, de Gluck, pelo grupo “O Canto e o Drama” do Conservatório de Música de Coimbra.

*Comédia da Marmita*, de Plauto, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Coéforas*, de Ésquilo, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Troianas*, de Eurípides, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Édipo em Colono* de Sófocles, pelo Helios Teatro de Madrid.

*Samia* de Menandro, pelo Helios Teatro de Madrid.

Nos meses de Junho e Julho: **III Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico**. Decorreu em diversos espaços monumentais, como Conimbriga; o Claustro de Santa Cruz, o Pátio da Universidade, o Museu Machado de Castro, em Coimbra; o Claustro do Seminário de Viseu; as Termas Romanas de Braga; a Citânia de Sanfins; Nelas, Castelo Rodrigo e Meda. Actuaram cinco grupos teatrais (dois espanhóis e três portugueses) que apresentaram seis peças:

*Heraclidas* de Eurípides, pelo Thíasos do IEC.

*Íon* de Eurípides, pelo Grupo Selene de Madrid.

*Comédia da Marmita*, de Plauto, pelo grupo de teatro Fatias de Cá, de Tomar.

“Mitos Clássicos na poesia Portuguesa Contemporânea”, pelo Grupo de Teatro Clássico de Conimbriga.

*Coéforas* de Eurípides, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Gorgulho* de Plauto, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Comédia da Marmita* de Plauto, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

Participação do Thíasos em projectos de teatro internacionais

12 a 15 de Março, com a dramatização de Horácio “O poeta e o maçador”: “Encontro Internacional de Teatro Universitário”, em França (Besançon).

30 de Abril, com os *Heraclidas* de Eurípides: “XVIII Festival Juvenil Europeo de Teatro Grecolatino de Segóbriga”.

27 de Maio, com os *Heraclidas* de Eurípides (espectáculo incluído na geminação recentemente celebrada entre Coimbra e Pádua): “XVI Rassegna Internazionale del Teatro Classico Antico ‘Tito Livio’ – Città di Padova”.

## Oficinas de teatro

Além das produções que integraram os festivais de teatro, os elementos do Thíasos participaram ainda em duas oficinas de teatro:

9, 10 e 12 de Fevereiro de 2001: curso **El Coro en la Tragedia Griega**, organizado pelo Instituto de Estudos Clássicos e pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, em Coimbra, e ministrado por José Luis Navarro, Gemma López Martínez (encenadores e directores artísticos dos grupos Helios e Selene de Madrid) e por Alfonso Martínez (Universidade Complutense de Madrid).

2 a 6 de Julho de 2001: **II Curso de Iniciação à Técnica do Actor**, organizado pela Pró-Reitoria para a Cultura da Universidade de Coimbra e ministrado pelo Dr. João Mota (Director da Escola Superior de Teatro e Cinema do IP de Lisboa e responsável artístico da Comunidade).

## 2002

### Congressos

Entre 4 e 5 de Março, realizou-se o colóquio **O Retrato Literário e a Biografia como Estratégia de Teorização Política**, uma organização conjunta do Instituto de Estudos Clássicos e do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, com os seguintes participantes e conferências:

J. S. Rusten (Universidade de Cornell): “O retrato de Péricles em Tucídides”.

Doutora Maria de Fátima Silva: “O retrato cómico do político: uma caricatura”.

José Luis Calvo (Universidade de Granada): “Oratoria y biografía. El retrato de Alcibíades en Lisias e Isócrates”.

Aurelio Pérez Jiménez (Universidade de Málaga): “As biografias de Plutarco como meio de teorização política”.

Doutora Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa): “O retrato literário em Tácito”.

Doutor José Luís Brandão: “Os retratos dos Césares em Suetónio”.

Doutor António Ribeiro Rebelo: “A estratégia política através da hagiografia”.

Doutora Nair de Nazaré Castro Soares: “O retrato de príncipes como modelo de educação no Renascimento”.

Doutora Rita Marnoto: “*O Príncipe de Maquiavel*”.

Doutora Helena Santana: “Retrato e anti-retrato: o ‘grande homem’ em Eça de Queirós”.

Doutor Fernando Catroga: “A biografia no discurso historiográfico do séc. XIX: o exemplo de Oliveira Martins”.

O colóquio encerrou com a representação de *Mulheres no Parlamento* de Aristófanes, pelo Grupo Sêmele do Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Málaga.

Entre 18 e 20 de Abril, realizou-se o congresso internacional **Penélope e Ulisses**, presidido pelo Francisco Oliveira e coorganizado pela Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, o Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade e Coimbra, sob os auspícios da Euroclassica – Fédération Européenne des Associations de Professeurs de Langues et de Civilisations Classiques.

#### Dia 18

Sir John Boardman (Cast Gallery, Ashmolean Museum, Oxford): “Odysseus’ travels: real and mythical geography”.

Doutor Carlos Reis: “Eça de Queirós e o motivo do regresso”.

Hans-Joachim Gluecklich (Universidade de Heidelberg): “What makes Penelope faithful? Is Penelope a Roman or a Greek heroine?”.

Dieter Lohmann (Universidade de Tuebingen): “Untypical typical scenes: the love affairs of Ulysses”.

López Férez (UNED, Madrid): “Penélope y Ulises en la Odiseia. Desde el primer encuentro hasta el reconocimiento mutuo”.

A. Bagordo (Universidade de Freiburg): “Odiseo nell’*Aiace* e nel *Filottete* di Sofocle”.

252

Doutor Vasco Mantas: “Penélope e Ulisses na Lusitânia”.

Doutor José António Segurado e Campos (Universidade de Lisboa): “*A Ulisseia* de Gabriel Pereira de Castro”.

Doutora Marta Teixeira Anacleto: “Regressos e errâncias estéticas: Ulisses na literatura francesa do final do séc. XVII”.

Doutor Abílio Hernández Cardoso: “*Ulisses* de James Joyce”.

Doutora Ana Maria Moreira (Universidade de Lisboa): “A literatura do Império Médio Egípcio e a *Odiseia*”.

Doutora Maria de Lurdes Palma (Universidade de Lisboa): “A intervenção divina na Epopeia de Gilgamesh e na *Odisseia*”.

Dr. Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa): “Ulisses e Gilgamesh. Elementos para uma caracterização do paradigma do herói épico”.

Doutora Maria Leonor Santa Bárbara (Universidade Nova de Lisboa): “Astúcia versus virtude: Ulisses e Ájax e as armas de Aquiles”.

James Neville (UK): “Odysseus and Ithaka”.

Gabriela Cretia (Universidade de Bucareste): “Ulysse et Pénélope dans la littérature roumaine”.

Elisabeth Berkvens (Euroclassica, Amsterdam): “Who wants to be Penelope?”.

Dra. Ana Pinheiro (Universidade Católica - Viseu): “Ulisses e Penélope em *A Filha de Homero* de Robert Graves”.

Alberto Prieto Arciniega (Universidade Autónoma de Barcelona): “Penélope en el cine”.

Dr. Luís Cerqueira (Universidade de Lisboa): “Ulisses na poesia latina da época clássica”.

Doutor António Moniz (Universidade Nova de Lisboa): “O mito ulisseico da fundação de Lisboa na Literatura Renascentista Portuguesa”.

Doutora Carmen Soares: “A teia de Ulisses: *A canção de Tróia* de Collen McCullough”.

Pascal Thiery (Universidade de Brest): “Ulysse et Pénélope dans *Naissance de l’Odyssée* de J. Giono”.

Doutor Pedro Serra (Universidade de Lisboa): “O poema *Ítaca* de Constantin Cavafy”.

John Bulwer (Euroclassica, Londres): “Penelope in Modern English Poetry”.

Dra. Luísa de Nazaré Ferreira: “O tema de Ulisses em Hélia Correia”.

Doutora Maria de Fátima Silva: “*A Aventura de Ulisses*. Uma história para crianças”.

Dr. Adriano Cordeiro (ESE Torres Novas): “Penélope e Ulisses nos itinerários do maravilhoso mundo da Literatura Infanto-Juvenil”.

Museu Nacional de Machado de Castro - Igreja de São João de Almedina: representação do *Anfitrião* de Plauto pelo Grupo de Teatro Thíasos.

Dia 19

Concepción López Rodríguez (Universidade de Granada): “Penélope en *La tejedora de sueños*, de Antonio Buero Vallejo”.

Doutor José Ribeiro Ferreira: “Penélope e Ulisses na poesia portuguesa contemporânea”.

Ignacio Alfageme (Universidade Complutense de Madrid): “Aspectos de la imagen de Penélope en la poesía española”.

José Luís Navarro (UNED, Madrid): “Penélope y Nausícaa en la obra de António Gala *Porqué corres, Ulises?*”.

Doutora Rita Marnoto: “O Ulisses de Dante na cultura italiana do séc. XX”.

“Encontro sobre o Ensino do Latim na Europa”, coordenado por Eva Tarandi (Euroclassica, Estocolmo).

“Encontro sobre o Ensino do Grego na Europa”, coordenado por Elizabeth Berkvens (Euroclassica, Amsterdam).

Doutor Maria Aparecida Ribeiro: “Nem tanto a Ulisses nem tanto a Penélope. Uma leitura do mito em Cleonice Lispector”.

Maria Eleftheria Giatrakou (Universidade de Atenas): “Ulysses in Modern Greek Literature”.

Doutor Aníbal Pinto de Castro: “O tema de Ulisses e Penélope do Renascimento ao Barroco em Portugal”.

Doutor Maria Helena da Rocha Pereira: “A teia de Penélope”.

Dia 20

Assembleia Geral da Euroclassica.

Visita às ruínas e ao Museu Monográfico de Conimbriga.

Entre 27 e 28 de Setembro, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra acolheu um encontro internacional integrado nas actividades da International Plutarch Society, subordinado ao tema **Os fragmentos de Plutarco e a recepção da sua obra**, em iniciativa conjunta do Instituto de Estudos Clássicos, da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e da SoPlutarco - Sociedade Portuguesa de Plutarco, presidido pelo Doutor José Ribeiro Ferreira..

O encontro reuniu especialistas das Universidades que integram a Rede Temática de Plutarco: Lovaina, Lille, Montpellier, Málaga, Complutense e



Coimbra, tendo também estado presentes, a título de observadores, representantes das Universidades de Florença e de Salerno. Foram apresentadas as seguintes comunicações:

Jacques Boulogne (Universidade de Lille): “Les fragments 173-178 (Sandbach) du *Peri Psyche* de Plutarque”.

Françoise Frazier (Universidade de Montpellier): “*L’Erotikos* et les fragments sur l’amour de Stobée”.

Francesco Becchi (Universidade de Florença): “La pensée morale de Plutarque et le fragment du *Peri Orges*: une nouvelle interprétation”.

Eleonora Menandri (Universidade de Florença): “I cosiddetti frammenti dell’opera *An Virtus docenda sit*”.

Rosa Giannattasio (Universidade de Salerno): “I frammenti biografici”.

Rosa María Aguilar (Universidade Complutense de Madrid): “Los supuestos fragmentos del *De Anima* plutarqueo in Olimpiodoro”.

Luc Van der Stockt (Universidade de Lovaina): “Plutarch’s anger in Aulus Gellius I, 26”.

Geert Roskam (Universidade de Lovaina): “Being the physician of one’s own soul. On a Plutarchean fragment *On Anger* (frg. 148 Sandbach)”.

Paola Volpe (Universidade de Salerno): “Un opuscolo plutarqueo nella lettura di Torquato Tasso”.

Simon Verdegem (Universidade de Lovaina): “Plutarch anno 2000: Steven Pressfield’s use of Alcibiades in *Tides of War*: a novel of Alcibiades and the Peloponnesian War”.

Doutora Nair de Castro Soares: “Plutarco no humanismo português”.

Dra. Paula Barata Dias: “Plutarco nos autores cristãos da Antiguidade Tardia: notas sobre os limites e possibilidades de uma recepção”.

Aurelio Pérez Jiménez (presidente da International Plutarch Society (Universidade de Málaga): “Las Vidas Paralelas de Plutarco en la literatura emblemática española del XVI y XVII”.

Os trabalhos encerraram com um convívio, durante o qual o grupo Thíasos apresentou a dramatização de Horácio “O poeta e o maçador” e uma sessão de música (fados e composições gregas e latinas). Na tarde de sábado, decorreu uma visita guiada a Conimbriga.

20 de Dezembro (Centro de Internacional de Latinidade): sessão de **Homenagem a Léopold S. Senghor**, patrono do Centro, no primeiro aniversário do seu falecimento, com a presença do Secretário-Geral da União

Latina, da senhora Cônsul do Senegal em Lisboa, dos Presidentes da Câmara Municipal de Coimbra, da Fundação Eng<sup>o</sup> António de Almeida e dos Conselhos Directivo e Científico da Faculdade e do Director do Instituto de Estudos Clássicos. Sua Excia. o Senhor Presidente da República enviou uma mensagem em que exaltava o grande poeta e humanista e o estadista e lembrava o seu amor pelos Estudos Clássicos.

Foram conferencistas:

Doutor Benjamim Pinto Bull: “Léopold Senghor: o humanista e o homem de cultura”.

Embaixador José Augusto Seabra: “Senghor e Portugal”.

Doutora Ofélia Paiva Monteiro: “Relações de Senghor com outros escritores da Francofonia”.

Doutor Mário Soares: “Senghor, Homem de Estado”.

A Doutora Maria Helena da Rocha Pereira fez a apresentação de uma antologia de poemas de Senghor, *A Negritude e a Saudade*, traduzida do francês por José Augusto Seabra.

#### Festivais de teatro

Entre 11 de Abril e 3 de Maio (para integrar a comemoração do Dia da Latinidade e do Dia dos Museus): **III Festival Escolar de Teatro de Tema Clássico**. Teve por palco o Museu Monográfico de Conimbriga; o Museu Machado de Castro, em Coimbra; o Instituto Português da Juventude e o Teatro Viriato, em Viseu; o Museu de Odrinhas, em Sintra; o Pátio Grego da Faculdade de Letras de Lisboa; e o Vale do Coa (Meda e Vila Nova de Foz Coa). Foram apresentados os seguintes espectáculos:

*Heraclidas* de Eurípides, pelo Thíasos do IEC.

*Anfitrião* de Plauto, pelo Thíasos do IEC.

\_\_\_\_\_ 256 *As Bodas de Fígaro* de Mozart, ópera pelo grupo “O Canto e o drama” do Conservatório de Música de Coimbra.

*Electra* de Sófocles, pelo Grupo Calatalifa de Madrid.

*Lisístrata* de Aristófanes, pelo Grupo Calatalifa de Madrid.

*Electra* de Eurípides, pelo Grupo Sardiña da Corunha.

*Menecmos* de Plauto, pelo Grupo Sardiña da Corunha.

*Eunuco* de Terêncio, pelo Grupo Calatalifa de Madrid.

Nos meses de Junho e Julho: **IV Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico**. Decorreu em diversos espaços monumentais, como Conim-briga; a Praça 8 de Maio, o Pátio da Universidade e o Museu Machado de Castro, em Coimbra; o antigo Mercado de Viseu; as Termas Romanas de Braga; o Claustro do Mosteiro de Tibães; a Citânia de Sanfins; e várias localidades do Vale do Coa, como Vila Nova de Foz Coa, Castelo de Pinhel, Castelo Rodrigo e Meda. Foram apresentados os seguintes espectáculos:

*Antígona* de António Pedro, pelo Teatramus do Colégio de Nossa Senhora da Apresentação de Calvão.

*Anfitrião* de Plauto, pelo Thíasos do IEC.

*Íon* de Eurípides, pelo Grupo Selene de Madeid.

*Comédia do Fantasma* de Plauto, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Coéforas* de Eurípides, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Troianas* de Eurípides, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Comédia da Marmita* de Plauto, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Lisístrata* de Aristófanes, pelo Grupo Calatalifa de Madrid.

“Uma Experiência sobre As Mulheres no Parlamento” de Aristófanes, pelo Grupo de Teatro da Escola Secundária de Trancoso.

2003

Congressos

Entre 14 e 16 de Maio, realizou-se a **Celebração do Dia da Latini-dade**, em organização conjunta do Instituto de Estudos Clássicos e do Centro Internacional de Latini-dade com o Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, o Instituto Camões e a União Latina, e sob o patrocínio dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Educação.

Em Coimbra, e com a presença do Ministro dos Negócios Estrangeiros, realizou-se a sessão solene do dia 15, que incluiu, além da apresentação, pela Doutora Anabela Rita (Universidade de Lisboa), da antologia de Casimiro de Brito, *Labirinto Sensível* (prémio de poesia L. Senghor), uma palestra comemorativa de Gil Vicente, pelo Doutor Aníbal Pinto de Castro, e a entrega de prémios do concurso “Diálogo Latino”.

Houve ainda quatro representações, três pelo grupo Thíasos do Instituto de Estudos Clássicos (*Anfitrião* de Plauto, em Conimbriga, no dia 15, e no Museu Arqueológico de Odrinhas, Sintra, no dia 16; e, em Coimbra, no dia

15, o *Monólogo do Vaqueiro*, como parte da comemoração de Gil Vicente); e uma, do *Rei Édipo* de Sófocles, pelo Grupo Teatramus do Colégio de Calvão, no dia 14, no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas.

Entre 27 de Novembro e 18 de Dezembro, foram celebrados os **2500 anos do Nascimento de Sófocles**. A promoção desta iniciativa coube ao Instituto de Estudos Clássicos e ao Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, e ao Departamento de Estudos Clássicos e ao Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Mas procurou-se criar condições no sentido de que, ao núcleo organizador, pudesse aderir uma participação numerosa e diversificada de interessados.

Coimbra - dia 27 de Novembro

Carles Miralles (Universidade Autónoma de Barcelona): “Sófocles como poeta en el siglo XX”.

Doutor Pedro Serra (Universidade de Lisboa): “Construção do trágico em Sófocles”.

Mesa-redonda sobre a perenidade de Sófocles: Doutora Maria do Céu Fialho: “A tradução”; José Luís Navarro (Director dos grupos Helios e Selene, de Madrid): “A produção”; Hélia Correia (escritora): “A reescrita”.

Inauguração da Exposição de Máscaras de Tragédia, organizada pelo FESTEIA (Festival de Teatro de tema Clássico), com o apoio da Coimbra Capital Nacional da Cultura e da Pró-Reitoria para a Cultura.

Representação de *Traquínias* pelo Thíasos do IEC, com encenação de Delfim Leão e direcção de Victor Torres.

Lisboa - a partir do dia 27 de Novembro

Projecção de filmes, em colaboração com a Cinemateca Portuguesa: filmes de temática sofocliana e sua discussão.

Lisboa - dias 4, 5 e 11 de Dezembro

Dr. Jorge da Silva Melo (Director artístico da Sociedade Artistas Unidos) e Francisco Frazão (Sociedade Artistas Unidos): “Linguagem cinematográfica e teatro sofocliano: contrapontos - presenças e ausências clássicas no cinema”.

Dr. João Bénard da Costa (Director da Cinemateca Portuguesa): “Do mito ao cinema”.

Pedro L. Cano (Universidade Autónoma de Barcelona): “Aspectos de la obra de Sófocles en el cine”.

J. M. Díaz de Bustamante (Universidade de Santiago de Compostela): “Sófocles na ópera”.

Freddy Decreus (Universidade de Gand): “Sófocles na cena contemporânea”.

Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva: “Sentido da permanência e risco de esquecimento de Sófocles: um convite à leitura”.

Doutora Maria do Céu Fialho: “O perfil dos coros em Sófocles”.

Doutor Luís de Sousa Rebelo (King’s College, Londres): “*Os Maias* em leitura sofocliana”.

Richard Hunter (Universidade de Cambridge): “Temática sofocliana”.

Coimbra - 18 de Dezembro

Lançamento das *Tragédias de Sófocles*, com introdução e tradução dos Doutores Maria Helena da Rocha Pereira, Maria do Céu G. Z. Fialho e José Ribeiro Ferreira. Iniciativa promovida pelo Instituto de Estudos Clássicos e pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, com o apoio da Coimbra Capital Nacional da Cultura, da Pró-Reitoria para a Cultura, da MinervaCoimbra e do FESTEIA.

#### Sessões culturais

4 de Novembro: sessão de poesia sobre o mar, em organização da Livraria Minerva, com o apoio do Instituto de Estudos Clássicos.

#### FESTEIA - FESTIVAL DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO ASSOCIAÇÃO PROMOTORA

Esta Associação deu os primeiros passos em 1998 com a organização de um festival de verão, a que foi atribuída a designação de “Encontros de Teatro de Tema Clássico Conimbriga - Aeminium - Sellium”. Foram seus promotores o Instituto de Estudos Clássicos, a Liga de Amigos de Conimbriga e o Thíasos do IEC, os mesmos que ainda hoje estão na base da entidade Festival de Teatro de Tema Clássico - Associação Promotora, criada em 5 de Março de 2002. Já em 2003, adoptou a sigla FESTEIA - Tema Clássico. O grande

promotor dos festivais de teatro e do FESTEIA tem sido, desde o início, o Doutor José Ribeiro Ferreira.

#### Festivais de teatro

Entre 10 de Abril e 18 de Maio (para integrar a comemoração do Dia da Latinidade e do Dia dos Museus): **IV Festival Escolar de Teatro de Tema Clássico**. Foi apresentado no Museu Monográfico de Conimbriga; no Teatro Académico Gil Vicente e no Teatro S. Teotónio, em Coimbra; no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, em Sintra. Teve a participação de cinco grupos teatrais, dois de Espanha e três portugueses, que levaram à cena seis peças, num total de onze espectáculos:

*Édipo em Colono* de Sófocles, pelo Helios Teatro de Madrid.

*Traquínias* de Sófocles, pelo Grupo Thíasos do IEC.

*Rei Édipo* de Sófocles, pelo Grupo Teatramus do Colégio Nossa Senhora da Apresentação (Calvão, Vagos).

*Anfitrião* de Plauto, pelo Grupo Thíasos do IEC.

*Comédia da Marmita* de Plauto, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Dido e Encíias* de H. Purcell, ópera pelo grupo “O Canto e o Drama” do Conservatório de Música de Coimbra.

Nos meses de Junho e Julho: **V Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico**. Nesta edição do Festival, procurou-se assinalar também o XXV Centenário do nascimento de Sófocles. Decorreu nos seguintes espaços: Conimbriga; Praça 8 de Maio, Pátio da Universidade, Museu Machado de Castro, em Coimbra; antigo Mercado de Viseu; Museu D. Diogo de Sousa, em Braga. Foram apresentadas quatro produções:

*Traquínias* de Sófocles, pelo Grupo Thíasos do IEC.

*Antígona* de Sófocles, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Anfitrião* de Plauto, pelo Grupo Thíasos do IEC.

*Comédia do Fantasma* de Plauto, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

#### Cursos Livres

Entre 28 de Junho e 9 de Julho: Curso de Verão **Multiculturalismo – Bases de uma Consciência Europeia**. Cumprindo a sua missão de

entidade responsável pela formação contínua de professores e abrindo-se, em simultâneo, a uma comunidade extra-universitária, nacional e estrangeira, a Faculdade de Letras de Coimbra, através do Grupo de Estudos Clássicos, proporcionou pela primeira vez um curso de Verão numa área temática fundamental, a da educação para a cidadania. O curso, com uma duração de 30 horas (6 horas / dia), procurou reflectir sobre a problemática do diálogo multicultural no mundo antigo e facultar, assim, um contributo indispensável à compreensão da realidade europeia contemporânea.

Teve como principais destinatários os docentes dos ensinos básico (2º e 3º ciclos) e secundário de todos os grupos disciplinares. Pôde, no entanto, ser frequentado por outras pessoas, desde que preenchessem os seguintes pré-requisitos: posse do grau de Licenciado ou Bacharel ou, na ausência destes, de um *curriculum* que evidenciasse manifesto interesse na área de formação oferecida. A coordenação do Curso esteve a cargo da Doutora Carmen Soares.

Plano do curso (4 módulos temáticos)

#### A. Fronteiras geográficas e culturais: retratos de identidade e alteridade

Docente: Doutora Carmen Soares

1. O Mediterrâneo: espaço de contacto e relacionamento pluricultural.
2. A distinção Ocidente/Oriente: principais motivos de diferenciação étnico-cultural.
3. A identidade europeia: padrões culturais comuns.

#### B. Cidadania e exclusão - à luz da lei ateniense

Docente: Doutor Delfim Leão

1. A conquista da cidadania: marcos na evolução do conceito.
2. Direito natural de cidadania: transmissão, registo, derrogação.
3. Estatuto de estrangeiros e de escravos: obrigações e prerrogativas.

#### C. O Império Romano: uma experiência de globalização

Docente: Doutor José Luís Brandão

1. Transformações políticas, sociais e culturais decorrentes da existência de um império.
2. Roma, metrópole cultural.
3. Os jogos e a propaganda imperial.
4. O império e a língua.

#### D. Hércules, um mito sem fronteiras.

Docente: Doutor José Ribeiro Ferreira

1. Introdução: principais teorias sobre o termo 'mito' na Grécia antiga.
2. O mito de Hércules: os chamados Doze Trabalhos de Hércules, seu significado.
3. Repercussão na actualidade do mito de Hércules.

#### Congressos

A 20 de Fevereiro, realizou-se o colóquio **Éticas: diálogo com Aristóteles**, realizado no âmbito da Pós-graduação e Mestrado em Poética e Hermenêutica, do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e do Centro de Linguagem, Interpretação e Filosofia, com o apoio do Instituto de Estudos Clássicos. Foram apresentadas as seguintes comunicações:

Doutor José Ribeiro Ferreira: "Ética do trabalho e da justiça em Hesíodo".

Herman Altena: "Translating *Bacchae*".

Tomás Calvo Martínez (Universidade Complutense de Madrid): "El concepto de amistad en la ética aristotélica".

Doutor António Pedro Mesquita (Universidade de Lisboa): apresentação do projecto de tradução global de Aristóteles, do teor do volume introdutório e da versão portuguesa dos *Económicos* (Delfim F. Leão). Na mesma sessão, foi apresentada ainda a *Constituição dos Atenienses*, traduzida por D. F. Leão para a Fundação Calouste Gulbenkian.

Doutora Margarida Miranda: "*Ethos e praxis* na tragédia jesuítica".

Doutora Maria Luísa Portocarrero: "Pertinência hermenêutica da ética aristotélica em Gadamer"

Entre 1 e 2 de Março, realizou-se, em Lisboa e Coimbra, o congresso internacional **Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte [Toto notus in orbe Martialis]**. O Departamento e o Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, e o Instituto e o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras de Coimbra pretenderam, assim, evocar, em duas jornadas científicas, aquele que foi o poeta do quotidiano da Roma do séc. I, conhecedor como ninguém das personagens e situações que o caracterizavam, e que, aliando *ingenium* e *ars*, soube dar ao epigrama o estatuto e as regras que, depois dele, todos lhe



reconhecem. Entre os trabalhos, foi lançado ainda o IV e último volume dos *Epigramas* de Marcial.

#### Lisboa - dia 1

Doutor Walter de Medeiros: “Celebrar Marcial”.

Jean-Noël Robert (Faculté Libre de Paris): “Société et culture à l’époque de Martial”.

Doutor José Luís Brandão: “Amor e morte em Marcial”.

Doutor João Manuel Torrão (Universidade de Aveiro): “Autores de referência na obra de Marcial”.

Dr. Paulo Sérgio Ferreira: “Marcial e o teatro”.

#### Coimbra - dia 2

Paolo Fedeli (Universidade de Bari): “Marziale catulliano”.

Dra. Isabel Graça (Universidade de Aveiro): “Marcial e os banhos em Roma”.

Doutora Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa): “Política e história nos *Epigramas* de Marcial”.

Doutor Delfim F. Leão: “Zoilos e Trimalquião: duas variações sobre o tema do novo-rico”.

Doutor Arnaldo do Espírito Santo (Universidade de Lisboa): “*Toto notus in orbe Martialis*: a recepção de Marcial na Idade Média e no Renascimento”.

O colóquio encerrou com uma dramatização de poemas de Marcial, pelo grupo Thíasos.

Entre 13 e 20 de Maio, com o intuito de celebrar o **Dia da Latini-  
dade**, foram realizadas várias iniciativas, promovidas pelo Centro Interna-  
cional de Latini-  
dade Léopold Sedar Senghor, Instituto de Estudos Clássicos  
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Departamento de  
Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o  
apoio especial da Pós-graduação em Ensino do Latim e do FESTEIA.

#### Coimbra - dias 13 e 14: Colóquio sobre **Horácio e a sua Permanência**

Doutor Walter de Medeiros: “A figura de Horácio”.

Doutor Raul Miguel Rosado Fernandes (Universidade de Lisboa):  
“Variedade temática e formal da obra de Horácio”.

Doutor Aníbal Pinto de Castro: “Horácio em Portugal: presença nas Cartas de António Ferreira”.

Doutora Isabel Almeida (Universidade de Lisboa): “Horácio em Itália - Ariosto”.

Doutora Cristina Robalo Cordeiro: “Horácio em França: complexo escolar e sabedoria poética”.

Hugo Bauzá (Universidade de Buenos Aires): “Horacio y el tópos de la gloria poética”.

Doutor Francisco Oliveira: “Ensino das Línguas Clássicas em Portugal” (apresentação pública de documentário).

Doutor Sebastião Tavares de Pinho: síntese dos trabalhos apresentados.

Lisboa (Reitoria da Universidade de Lisboa) - dia 20

Sessão solene presidida pela Senhora Ministra dos Negócios Estrangeiros e das Comunidades Portuguesas, Dra. Teresa Gouveia. Entrega do Prémio da Latinidade “Troféu Latino” ao Arq. Álvaro Siza Vieira pelo Secretário Geral da União Latina, Embaixador Bernardino Osio. Distribuição do Diploma Diálogo Latino.

Espectáculos de teatro associados à comemoração do Dia da Latinidade, pelo Grupo Arthistrión/Calatalifa (Madrid):

14 de Maio de 2004 (Coimbriga): *Electra* de Sófocles.

14 de Maio de 2004 (Coimbriga): *O Soldado Fanfarrão* de Plauto.

15 de Maio de 2004 (Viseu, Teatro Viriato): *Comédia da Cestinha* de Plauto.

A 28 de Maio, efectuou-se o colóquio **Sob o signo de Medeia**, realizado no âmbito da Acção Integrada Valladolid-Coimbra e dos Mestrados em Poética e Hermenêutica e Literaturas Clássicas; organização do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e do Centro de Linguagem, Interpretação e Filosofia, com o apoio do Instituto de Estudos Clássicos. Foram apresentadas as seguintes comunicações:

Henar Zamora Salamanca (Universidade de Valladolid): “Medea y la reflexión ética de la filosofía griega”.

Emilio Suárez de la Torre (Universidade de Valladolid): “Medeia em Ovídio: a magia como metamorfose”.

Cármem Barrigón Fuentes (Universidade de Valladolid): “Lecturas alegóricas de Medea”.

Cármem Morán (Universidade de Valladolid): “Medea en la música”.

Entre 11 e 12 de Junho, realizou-se o II Colóquio Internacional Língua, Escrita e Cultura na Idade Média, subordinado ao tema **Santo António - de Coimbra a Pádua**. Foi um congresso organizado no âmbito do Curso de Pós-Graduação e Mestrado em Língua Escrita e Cultura na Idade Média, com o apoio do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Centro de História da Sociedade e da Cultura; Centro Linguagem, Interpretação e Filosofia; Câmara Municipal de Coimbra; Centro Académico de Democracia Cristã; Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais.

#### Dia 11

Luciano Bertazzo (Centro de Estudos Antonianos de Pádua): “Dopo il centenario antoniano: linee per un bilancio delle acquisizioni e degli studi (1995-2003)”.

Doutor Saul António Gomes: “Os Cónegos Regrantes de S<sup>o</sup> Agostinho em Portugal no tempo de Santo António”.

Dr. Agostinho F. Frias (Gabinete de Filosofia Medieval): “Natureza e cultura nos sermões antonianos”.

#### Dia 12

Doutora Maria Cândida M. Pacheco (Universidade do Porto): “Nas origens da escola franciscana: o pensamento de António de Lisboa”.

Doutor José Geraldes Freire: “Comentário ao princípio do prólogo e à conclusão de um dos Sermões de António de Lisboa”.

Dentro do colóquio, procedeu-se também à cerimónia de entrega do Prémio de Latim Medieval pelo Doutor José Geraldes Freire, na Sala dos Conselhos da Faculdade de Letras, com uma breve alocução proferida pelo Doutor António Manuel Rebelo.

Entre 11 e 12 de Outubro, realizou-se o Colóquio Internacional **O teatro neolatino em Portugal, no contexto da Europa. 450 anos de Diogo de Teive**, organizado pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, com o apoio do Instituto de Estudos Clássicos.

## Dia 11

Doutor Américo da Costa Ramalho: “Ainda os quatro daímios japoneses em Coimbra (1585): os espectáculos”.

Nigel Griffin (Universidade de Oxford): “Adaptations, in northern and central Europe, of plays and themes first used by Spanish and Portuguese Jesuit dramatists”.

Vicente Picón Garcia (Universidade Complutense de Madrid): “El teatro neolatino escolar de los jesuitas en España”.

Jesús Menéndez Peláez (Universidade de Oviedo): “Propaganda ideológica del teatro latino-español de los jesuitas en el Siglo de Oro español”.

Dietrich Briesemeister (Universidade de Bona): “A tragicomédia novilatina do Rei Dom Duarte (1621)”.

Doutor Manuel José de Sousa Barbosa (Universidade de Lisboa): “Teatro jesuítico e estética barroca: o testemunho dum drama truncado, anónimo e sem título (BPE, cod. CVIII/2-7, 61r-85v)”.

Ivg Jean-Marie Valentin (Universidade da Sorbonne): “Les humanistes allemands et le théâtre latin. Entre l’héritage, la morale et l’éloge princier”.

Doutora Nair de Nazaré Castro Soares: “A Tragédia do Príncipe João, de Diogo de Teive”

Apresentação, pela Doutora Maria Cristina Pimentel, do livro *Medeas. Versiones de un mito desde Grecia hasta hoy*, coordenado por Aurora López e Andrés Pociña

Apresentação do projecto “Terencio” por Andrés Pociña.

Leitura dramática de textos de *A Tragédia do Príncipe João*, de Diogo de Teive.

## Dia 12

Santiago López Moreda (Universidade de Extremadura): “Teatro y retórica neolatina hispana. La *Fabella Aenaria* de Juan Lorenzo Palmireno”.

266

Doutor Sebastião Tavares de Pinho: “Bucolismo e teatro neolatino em Portugal”.

Doutor António Maria Martins Melo: “O elemento feminino no teatro jesuítico em Portugal, no século XVI”.

Doutora Maria Margarida Lopes de Miranda: “O teatro de Miguel Venegas e o início de um género trágico na Europa”.

## Sessões culturais

A Associação Portuguesa de Estudos Clássicos quis, na sequência de iniciativas anteriores dedicadas a um género literário, propor desta vez uma **Reflexão sobre a Épica**. Para além de um modelo poético de excelência, a épica conheceu na literatura greco-latina versões de referência eterna, que deixaram marca profunda em toda uma extensa tradição posterior. Foi portanto aos entusiastas de todas as literaturas, para além dos estritamente classicistas, que esta reflexão se destinou.

31 de Março

Doutor Frederico Lourenço (Universidade de Lisboa): “A *Odissia* homérica: novas visões, velhos problemas”.

Doutora Cláudia do Amparo Teixeira (Universidade de Évora): “A *Eneida* e a dinâmica do género”.

Doutora Carlota Miranda: “Epopéia novilatina e hagiografia”.

21 de Abril

Doutor Sebastião Tavares de Pinho: “José de Anchieta épico”.

Doutor Hélio Alves (Universidade de Évora): “Diferenças fundamentais de *Os Lusíadas* em relação à *Eneida*”.

## Festivais de teatro

Entre 27 de Abril e 18 de Maio (para integrar a comemoração do Dia da Latinidade e do Dia dos Museus): **V Festival Escolar de Teatro de Tema Clássico**. Decorreu no Museu Monográfico de Conimbriga; no Antigo Con-vento de Sant’Ana (actual Quartel General), em Coimbra; no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, em Sintra; no Museu de S. Martinho de Tibães, em Braga; e no Teatro Viriato, em Viseu. Teve a participação de seis grupos teatrais, um de Espanha e cinco portugueses, que levaram à cena oito peças, num total de catorze espectáculos:

*Traquínias* de Sófocles, pelo Grupo Thíasos do IEC.

*Rei Édipo* de Sófocles, pelo Grupo Teatramus (Calvão).

*Electra* de Sófocles, pelo Grupo Arthistrión/Calatalifa (Madrid).

*Rãs* de Aristófanes, pelo Grupo Batrakhoi (Faculdade de Letras de Lisboa).

*Anfitrião* de Plauto, pelo Thíasos do IEC.

*Soldado Fanfarrão* de Plauto, pelo Grupo Arthistrión/Calatalifa (Madrid).

*Dois Menecmos* de Plauto, pelo Grupo Agon (Caldas da Rainha).

*Comédia da Cestinha* de Plauto, pelo Grupo Arthistrión/Calatalifa (Madrid).

“*Marcial em Traje de Cena* - dramatização de epigramas de Marcial”, pelo Thíasos do IEC.

“Mozart & Mozart (excertos das obras mais significativas)”, pelo Grupo O Canto e o Drama (Conservatório de Música de Coimbra).

Nos meses de Junho e Julho: **VI Festival Internacional de Verão de Teatro de Tema Clássico**. Houve representações no Museu Monográfico de Conimbriga; Teatro Académico Gil Vicente, Átrio do Colégio das Artes (Pátio da Inquisição), Claustro da Sé Velha, em Coimbra; Teatro Viriato e Museu Grão Vasco, em Viseu; Museu D. Diogo de Sousa em Braga e Centro de Artes e Espectáculos na Figueira da Foz. Movimentou seis grupos teatrais (um de Espanha e cinco portugueses), que apresentaram 11 peças, num total de 14 espectáculos.

*Coéforas* de Ésquilo, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Traquínias* de Sófocles, pelo Grupo Thíasos do IEC.

*Electra* de Sófocles, pelo Grupo Thíasos do IEC.

*Antígona* de Sófocles, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Troianas* de Eurípides, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Paz* de Aristófanes, pelo Grupo de Teatro de Almada.

*Lisístrata* de Aristófanes, pelo Grupo Meia Via de Torres Novas.

*Mulher de Samos* de Menandro, pelo Grupo de Theatro do Lyceu, Escola Joaquim de Carvalho (Figueira da Foz).

*Anfitrião* de Plauto, Grupo Thíasos do IEC.

*Comédia do Fantasma* de Plauto, pelo Grupo Balbo de Cádiz.

*Menecmos* de Plauto, pelo Grupo Agon de Caldas da Rainha.

Participação do Thíasos em festivais de teatro internacionais

3 de Abril de 2004, em Tours (França): *Traquínias* de Sófocles.

22 de Julho de 2004, Puerto de Santa María (Cádiz): *Traquínias* de Sófocles.

## PUBLICAÇÕES

(Página deixada propositadamente em branco)



## NOTA PRÉVIA

Os títulos que nas páginas seguintes se apresentam não constituem - nem era esse o objectivo - uma relação completa das publicações dos membros do Instituto de Estudos Clássicos. De facto, procedeu-se ao registo, essencialmente, de traduções comentadas, estudos e actas editados directamente pelo Instituto de Estudos Clássicos (quase sempre em estreita articulação com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos) ou integrados na colecção promovida pelo extinto INIC, de que resultaram reedições e novos contributos publicados, sobretudo, pelas Edições 70 e pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Este critério - embora discutível e redutor, como todos os critérios de selecção - pretendeu somente facultar uma amostra da investigação desenvolvida de forma sistemática pela escola dos Estudos Clássicos em Coimbra. Ainda assim, ficaram de fora várias dezenas de monografias, levadas à estampa noutros editores (nacionais e estrangeiros). O leitor que desejar conhecer a totalidade das publicações (que comporta vários milhares de entradas) poderá consultar a página WEB do Grupo de Estudos Clássicos ([www.uc.pt/classicos](http://www.uc.pt/classicos)).

Reservou-se, na parte final do documento, uma secção para os livros-bilhete editados pelos Festivais de Teatro de Tema Clássico, como exemplo do esforço desenvolvido para colaborar com a sociedade civil e para levar a cultura clássica ao público variado e maioritariamente jovem que, todos os anos, tem assistido, aos milhares, às representações dramáticas promovidas pelo FESTEIA.

(Página deixada propositadamente em branco)

## TRADUÇÕES COMENTADAS E COLECTÂNEAS DE TEXTOS

- ARISTÓFANES, *Os Acarnenses*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva (Coimbra, INIC, 1980. 2.ª edição, 1988).
- ARISTÓFANES, *As Aves*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva (Lisboa, Edições 70, 1989).
- ARISTÓFANES, *Os Cavaleiros*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva (Coimbra, INIC, 1985. 2.ª edição, 1991. Reed. Lisboa, Ed. 70, 2004).
- ARISTÓFANES, *As mulheres no Parlamento*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva (Coimbra, INIC, 1988).
- ARISTÓFANES, *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva (Coimbra, INIC, 1978. Reed. Lisboa, Ed. 70, 2001).
- ARISTÓFANES, *A Paz*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva (Coimbra, INIC, 1984. 2.ª edição, 1989).
- ARISTÓFANES, *Pluto*. Introdução, versão do grego e notas de Américo da Costa Ramalho (Coimbra, INIC, 1982. 2.ª edição, 1989).
- ARISTÓFANES, *As Rãs*. Introdução, versão do grego e notas de Américo da Costa Ramalho (Lisboa, Edições 70, 1996).
- ARISTÓTELES, *Os Económicos*, introdução, notas e tradução do original grego e latino de Dellim F. Leão (Lisboa, INCM, 2004).
- AVIENO, *Orla marítima*. Introdução, versão do latim e notas de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, INIC, 1985. 2.ª edição, 1992).

- CATALDO PARÍSIO SÍCULO, *Martinho Verdadeiro Salomão*. Prólogo, tradução e notas de Dulce da C. Vieira. Introdução e revisão de Américo da Costa Ramalho (Coimbra, IEC, 1974).
- CATALDO PARÍSIO SÍCULO, *Duas orações*. Prólogo, tradução e notas de Maria Margarida Brandão Gomes da Silva. Introdução e revisão de Américo da Costa Ramalho (Coimbra, CECH, 1974).
- CÍCERO, *A Amizade*. Introdução, versão do latim e notas de Sebastião Tavares de Pinho (Coimbra, INIC, 1993).
- CÍCERO, *A Catilinárias*. Introdução, versão do latim e notas de Sebastião Tavares de Pinho (Lisboa, Verbo, 1974. Reed. Edições 70, 1990).
- ÉSQUILO, *A Oresteia*. Introdução, versão do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério (Lisboa, Edições 70, 1992).
- ÉSQUILO, *Persas*. Introdução, versão do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério (Coimbra, INIC, 1992. Reed. Lisboa, Ed. 70, 1998).
- ÉSQUILO, *Prometeu Agrilhoado*. Introdução, tradução do grego e notas de Ana Paula Quintela F. Sottomayor (Lisboa, Edições 70, 3ª edição revista 1992).
- ÉSQUILO, *As Suplicantes*. Introdução, tradução do grego e notas de Ana Paula Quintela F. Sottomayor (Coimbra, IEC, 1968).
- EURÍPIDES, *Andrómaca*. Introdução, tradução do grego e notas de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 1971).
- EURÍPIDES, *As Bacantes*. Introdução, tradução do grego e notas de Maria Helena da Rocha Pereira (Lisboa, Edições 70, 1992).
- EURÍPIDES, *As Fenícias*. Introdução, tradução do grego e notas de Manuel dos Santos Alves (Coimbra, CECH, 1975).
- EURÍPIDES, *Ifigénia em Aulide*. Introdução e tradução do grego de C. A. Pais de Almeida (Coimbra, CECH, 1974).
- EURÍPIDES, *Os Heraclidas*. Introdução, versão do grego e notas de Cláudia Raquel Cravo da Silva (Lisboa, Edições 70, 2000).
- EURÍPIDES, *Hipólito*. Introdução, versão do grego e notas de Bernardina de Sousa Oliveira (Coimbra, INIC, 1979).
- EURÍPIDES, *Orestes*. Introdução, versão do grego e notas de Augusta Fernanda de Oliveira e Silva (Coimbra, INIC, 1982).

- EURÍPIDES, *Medeia*. Introdução, versão do grego e notas de Maria Helena da Rocha Pereira (Coimbra, INIC, 1991).
- EURÍPIDES, *As Troianas*. Introdução, tradução do grego e notas de Maria Helena da Rocha Pereira (Lisboa, Edições 70, 1996. 2.<sup>a</sup> edição 2000).
- HERÓDOTO. *Histórias*, Livro 1.<sup>o</sup> introdução geral de M. H. da Rocha Pereira; tradução do grego e notas de J. Ribeiro Ferreira e M. Fátima Silva; Livro 3.<sup>o</sup> e Livro 4.<sup>o</sup> M. Fátima Silva e Cristina Abranches; Livro 6.<sup>o</sup> J. Ribeiro Ferreira e D. F. Leão; Livro 8.<sup>o</sup> J. Ribeiro Ferreira e Carmen Soares (Lisboa, Edições 70, 1994-2002).
- LUCIANO, *Diálogo dos mortos*. Introdução, versão do grego e notas de Américo da Costa Ramalho (Coimbra, INIC, 1989).
- MARCIAL. *Epigramas* vol. I-IV, introdução e notas de Cristina de Sousa Pimentel, tradução de Delfim F. Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira (Lisboa, Edições 70, 2000-2004).
- MENANDRO, *O díscolo*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva (Coimbra, INIC, 1989).
- PLATÃO, *Apologia de Sócrates. Críton*. Introdução, versão do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério (Coimbra, INIC, 1984. 2.<sup>a</sup> edição, 1990. Reed. Lisboa, Ed. 70, 1997).
- PLATÃO, *O Banquete*. Introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo (Lisboa, Edições 70, 2001).
- PLATÃO, *Cármides*. Introdução, versão do grego e notas de Francisco de Oliveira (Coimbra, INIC, 1981. 2.<sup>a</sup> edição, 1988).
- PLATÃO, *Fédon*. Introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo (Coimbra, INIC, 1983. Reed. Coimbra, Liv. Minerva, 1998).
- PLATÃO, *Fedro*. Introdução, versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira (Lisboa, Editorial Verbo, 1973. Reed. Edições 70, 1997).
- PLATÃO, *Górgias*. Introdução, versão do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério (Lisboa, Edições 70, 1991).
- PLATÃO. *Hípias Maior*. Introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo (Coimbra, INIC, 1985. 2.<sup>a</sup> edição, 1989. Reed. Lisboa, Ed. 70, 2000).
- PLATÃO, *Hípias Menor*. Introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo (Coimbra, INIC, 1990. Reed. Lisboa, Ed. 70, 1999).

- PLATÃO, *Laques*. Introdução, versão do grego e notas de Francisco de Oliveira (Coimbra, INIC, 1987. Reed. Lisboa, Ed. 70, 1989).
  - PLATÃO, *Lísis*. Introdução, versão do grego e notas de Francisco de Oliveira (Coimbra, INIC, 1980).
  - PLAUTO, *Aufitrião*. Introdução, versão do latim e notas de Carlos Alberto Louro Fonseca (Coimbra, INIC, 1978. 3.ª edição, 1988. Reed. Lisboa, Ed. 70, 1993).
  - PLAUTO, *A comédia da marmita*. Introdução, versão do latim e notas de Walter de Medeiros (Coimbra, INIC, 1985. 2.ª edição, 1989. Reed. Lisboa, Ed. 70, 1999).
  - PLAUTO, *A comédia dos burros*. Introdução, versão do latim e notas de Aires Pereira do Couto (Lisboa, Edições 70, 2003).
  - PLAUTO, *O Gorgulho*. Introdução, versão do latim e notas de Walter de Medeiros (Coimbra, INIC, 1978. 3.ª edição, 1991).
  - PLAUTO, *Epídico*. Introdução, versão do latim e notas de Walter de Medeiros (Coimbra, INIC, 1980. 2.ª edição, 1988. Reed. Lisboa, Ed. 70, 1999).
  - PLAUTO, *Os dois Menecmos*. Introdução, versão do latim e notas de Carlos Alberto Louro Fonseca (Coimbra, INIC, 1983. 2.ª edição, 1989).
  - PLAUTO, *O soldado fanfarrão*. Introdução, versão do latim e notas de Carlos Alberto Louro Fonseca (Coimbra, INIC, 1980. 2.ª edição, 1987).
  - SÓFOCLES, *Antígona*. Introdução, versão do grego e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. (Coimbra, INIC, 1984. 2.ª edição, 1987. 3.ª edição, 1992. Reed. Lisboa, JNICT/FCT, 1998).
  - SÓFOCLES, *Filoctetes*. Introdução, versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, INIC, 1979. 2.ª edição, 1988).
- 
- 276
- SÓFOCLES, *Rei Édipo*. Introdução, versão do grego e notas de Maria do Céu Zambujo Fialho (Coimbra, INIC, 1979. 2.ª edição, 1986. Reed. Lisboa, Ed. 70, 1991).
  - SÓFOCLES, *As Traquínias*. Introdução, versão do grego e notas de Maria do Céu Zambujo Fialho (Coimbra, INIC, 1984. 2.ª edição, 1989).
  - SÓFOCLES. *Tragédias*, prefácio geral de Maria do Céu Fialho, introdução e tradução do grego de Maria Helena da Rocha Pereira, José Ribeiro Ferreira

- e Maria do Céu Fialho (Coimbra Capital Nacional da Cultura, MinervaCoimbra, 2003).
- TERÊNCIO, *Os dois irmãos*. Introdução, versão do latim e notas de Walter de Medeiros (Coimbra, INIC, 1983. 2.ª edição, 1988).
  - TERÊNCIO, *O eunuco*. Introdução, versão do latim e notas de Aires Pereira do Couto (Lisboa, Edições 70, 1993).
  - TERÊNCIO, *Formião*. Introdução, versão do latim e notas de Aires Pereira do Couto (Lisboa, Edições 70, 1999).
  - TERÊNCIO, *O homem que se puniu a si mesmo*. Introdução, versão do latim e notas de Walter de Medeiros (Lisboa, Edições 70, 1996).
  - TERÊNCIO, *A moça que veio de Andros*. Introdução, versão do latim e notas de Walter de Medeiros (Coimbra, INIC, 1988).
  - TERÊNCIO, *A sogra*. Introdução, versão do latim e notas de Walter de Medeiros (Coimbra, INIC, 1987).
  - *Poesia grega arcaica*, antologia elaborada por Maria Helena da Rocha Pereira (Coimbra, IEC, 1980).
  - *Hélade. Antologia da cultura grega*, selecção de textos e tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (Coimbra, IEC, 1959. 8ª edição, Porto, Asa, 2003).
  - *Romana. Antologia da cultura romana*, selecção de textos e tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (Coimbra, IEC, 1976. 4ª edição 2000).

#### Estudos

- ALBINO DE ALMEIDA MATOS, *A Oração de Sapiência de Hilário Morcira* (Coimbra, INIC, 1990).
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO e J. CASTRO NUNES - *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra, relativos à Antiguidade Clássica* (Coimbra, IEC, 1945).
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Estudos camonianos* (Coimbra, CECH, 1980).
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Latim renascentista em Portugal*. Introdução, selecção, versão do latim, comentário e notas (Coimbra, INIC, 1985).

- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Para a história do Humanismo em Portugal* – vol. I. (Coimbra, INIC, 1988); vol. II (FCG/JNICT, Lisboa, 1994); vol. III (Lisboa, INCM, 1998); vol. IV (Lisboa, INCM, 2000).
- ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO, *Pedipaper pelas inscrições latinas da alta Coimbrã* (Coimbra, IEC/APEC, 2004).
- BELMIRO FERNANDES PEREIRA, *As Orações de Obediência de Aquiles Estaco* (Coimbra, INIC, 1991).
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA, *Sic itur in Urbem. Iniciação ao latim* (Coimbra, IEC, 1977. 6ª edição 1993).
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA, *Iniciação ao grego* (Coimbra, IEC, 1984. 2ª edição 1987).
- CARLOS ASCENSO ANDRÉ, *Diogo Pires – Antologia poética*. Introdução, tradução do latim, comentário e notas (Coimbra, INIC, 1983).
- CARLOS ASCENSO ANDRÉ, *Um judeu no desterro. Diogo Pires e a memória de Portugal* (Coimbra, INIC, 1992).
- CARLOS MORAIS, *Expectativas e movimento no “Filoctetes”* (Coimbra, INIC, 1991).
- FRANCISCO DE OLIVEIRA, *Ideias morais e políticas em Plínio-o-Antigo* (Coimbra, INIC, 1986).
- FRANCISCO DE OLIVEIRA, *Les idées politiques et morales de Pline l’Ancien* (Coimbra, INIC, 1992).
- ISALTIÑA DAS DORES FIGUEIREDO MARTINS, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no século XVI* (Coimbra, INIC, 1986).
- JORGE ALVES OSÓRIO – *M. João Fernandes: A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)*. Prefácio, introdução, tradução e notas (Coimbra, IEC, 1967).
- JOSÉ GERALDES FREIRE – *A versão latina por Pascásio de Dume dos “Apothegmata Patrum”*. 2 vols. (Coimbra, CECH, 1971).
- JOSÉ GERALDES FREIRE – *Commonitiones Sanctorum Patrum. Uma nova coleção de apotegmas*. Estudo filológico. Texto crítico (Coimbra, CECH, 1974).
- JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, *O drama de Filoctetes* (Coimbra, INIC, 1989).



- MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO, *Problemática da tragédia sofocliana*. (Coimbra, INIC, 2ª edição 1987).
- MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA, *Crítica do teatro na comédia antiga* (Coimbra, INIC, 1987. Reed. Lisboa, FCG JNICT, 1997).
- MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO, *Luz e trevas no teatro de Sófocles* (Coimbra, INIC, 1992).
- MARIO SANTORO, *Amato Lusitano ed Ancona* (Coimbra, INIC, 1990).
- NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, *Diogo de Teive - Tragédia do Príncipe João* (Coimbra, CECH, 1977).
- SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO, *Lopo Serrão e o seu poema "Da velhice"*. Estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, tradução e notas (Coimbra, INIC, 1987).
- VIRGÍNIA SOARES PEREIRA, *André de Resende - Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução, texto latino, versão e notas (Coimbra, INIC, 1988).

#### Actas de Congressos

- *Colóquio sobre o Ensino do Latim* (Coimbra, IEC/CECH/Instituto de Alta Cultura, 1973).
- *As Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do Universal* (Coimbra, IEC/Association Archives du XX<sup>o</sup> Siècle/Livraria Minerva, 1988).
- *Medeia no Drama Antigo e Moderno* (Coimbra, INIC/CECH/Secretaria de Estado da Cultura, 1991).
- *Humanismo Português na Época dos Descobrimentos* (Coimbra, IEC/CECH/JNICT, 1993).
- *As Línguas Clássicas: investigação e ensino - I* (Coimbra, IEC, 1993).
- *As Línguas Clássicas: investigação e ensino - II* (Coimbra, IEC, 1995).
- *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa - Actas do I Congresso da APEC* (Coimbra, APEC/IEC/FCG/Fundação Eng.<sup>o</sup> António de Almeida, 1999).
- *A Retórica Greco-latina e a sua Perenidade* (Porto, Fundação Eng.<sup>o</sup> António de Almeida/CECH/FCG, 2000).
- *Anchieta em Coimbra - Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)* (Porto, Fundação Eng.<sup>o</sup> António de Almeida/IEC/IEB/CECH, 2000).

- *O Espírito Olímpico no novo milénio* (Coimbra, Imprensa da Universidade/Fundação Eng.º António de Almeida/APEC/Núcleo do Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira da Universidade Católica Portuguesa, 2000).
- *Plutarco Educador da Europa* (Porto, Fundação Eng.º António de Almeida/IEC/CECH, 2002).
- *Os fragmentos de Plutarco e a recepção da sua obra* (Coimbra, IEC, 2003).
- *Som e Imagem no ensino das Línguas Clássicas* (Coimbra, IEC/CECH/FCG, 2003)
- *Penélope e Ulisses* (Coimbra, APEC/IEC/CECH/Euroclassica/FCG/FCT, 2003).
- *Toto notus in orbe Martialis. Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte* (Coimbra e Lisboa, IEC/CECH e DEC/CEC, 2004).

Livros-bilhete - edição dos Festivais de Teatro de Tema Clássico

- ARISTÓFANES, *As Rãs*, tradução de Américo da Costa Ramalho (Coimbra, FESTEIA, 2004).
- ARISTÓFANES, *Lisístrata*, tradução de Maria de Fátima Silva (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2002).
- ÉSQUILO, *As Coéforas*, tradução de Manuel de Oliveira Pulquério (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2001).
- EURÍPIDES, *Andrómaca*, tradução de José Ribeiro Ferreira (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2000).
- EURÍPIDES, *Electra*, tradução de Fernanda Brasete (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2002).
- EURÍPIDES, *Íon*, tradução de Manuel de Oliveira Pulquério e Maria Manuela da Silva Álvares (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2001).
- EURÍPIDES, *Os Heraclidas*, tradução de Cláudia Raquel Cravo da Silva (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2001).
- EURÍPIDES, *As Troianas*, tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2000).
- *Marcial em Traje de Cena*, selecção de textos de José Luis Brandão (Coimbra, FESTEIA, 2004).

- MENANDRO, *A Rapariga de Samos*, tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2000).
- *Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea*, dramaturgia de José Geraldo (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2000).
- *Orfeu e Eurídice - Acção dramática em três actos*, tradução de Lino Mioni (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2001).
- PLAUTO, *Anfitrião*, tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2002).
- PLAUTO, *A Comédia da Cestinha*, tradução de Aires Pereira da Costa (Coimbra, FESTEIA, 2004).
- PLAUTO, *A Comédia do Fantasma*, tradução de Reina Marisol Troca Pereira (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2002).
- PLAUTO, *A Comédia da Marmita*, tradução de Walter de Medeiros (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2001).
- PLAUTO, *Os Dois Menecmos* de Plauto, tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2002).
- PLAUTO, *Epídico*, tradução de Walter de Medeiros (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2000).
- PLAUTO, *O Gorgulho*, tradução de Walter de Medeiros (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2000).
- PLAUTO, *O Soldado Fanfarrão*, tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca (Coimbra, FESTEIA, 2004).
- SÓFOCLES, *Antígona*, tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (Coimbra, FESTEIA, 2003).
- SÓFOCLES, *Édipo em Colono*, tradução de Maria do Céu Zambujo Fialho (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2001).
- SÓFOCLES, *Electra*, tradução de Maria do Céu Zambujo Fialho (Coimbra, FESTEIA, 2004).
- SÓFOCLES, *Rei Édipo*, tradução de Maria do Céu Zambujo Fialho (Madrid, FESTEIA, 2003).
- SÓFOCLES, *Traquínias*, tradução de Maria do Céu Zambujo Fialho (Madrid, FESTEIA, 2003).
- TERÊNCIO, *O Eunuco*, tradução de Aires Pereira do Couto (Madrid, Liga de Amigos de Conimbriga, 2002).

(Página deixada propositadamente em branco)

ANEXO FOTOBIOGRÁFICO

(Página deixada propositadamente em branco)



Foto 1 – Aspecto da fachada principal do antigo edifício da Faculdade de Letras, onde começou por funcionar o Instituto de Estudos Clássicos.



Foto 2 – Imagem do grupo de investigadores que, em 1976, já nas novas instalações da Faculdade, se encontrava a colaborar no projecto sobre termos políticos de origem grega em português (um trabalho do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, solicitado pelo Akademie Verlag de Berlim).

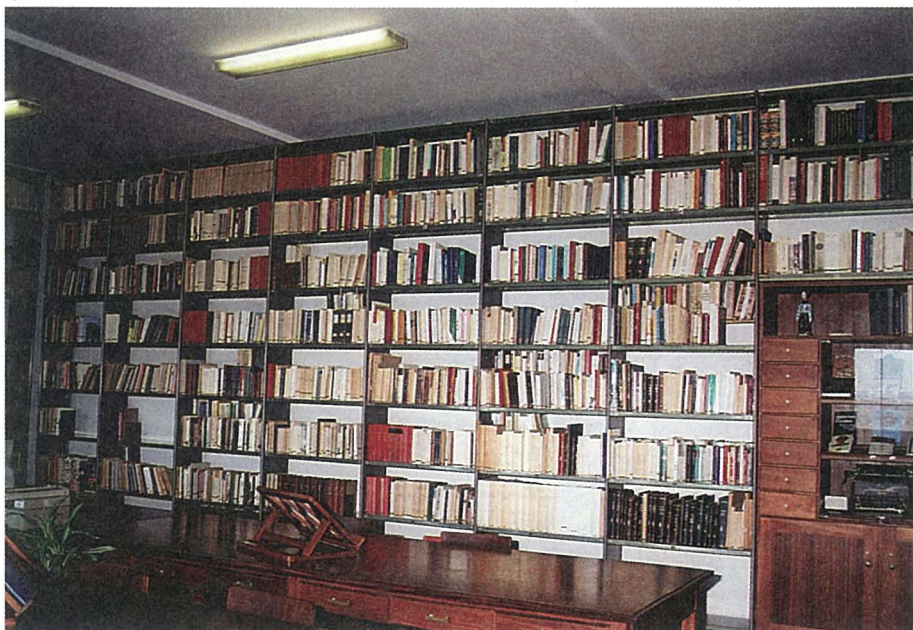


Foto 3 – Aspecto actual da sala principal do Instituto.



Foto 4 – Aspecto actual da sala de leitura do Instituto.





Foto 5 – Foto de grupo, no jantar de Natal, realizado em Conimbriga, em 2004.

Série

Documentos

•

Coimbra  
Imprensa da Universidade

2005